

Casa





Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras



131777404X

1

39
4

(6) - 9 - 15

8

ULYSSEA,
OU
LISBOA
EDIFICADA,
GABRIEL PEREIRA
DE LUSTRO
LISBOA
EDIFICADA,
A BELLA VISÃO
DE NOSTRO SENHOR
JESUS CRISTO
ENB O A
MIGUEL RODRIGUES
do Souto da Liberdade
M. DC. XLV

Sala	EF
Est.	10
Tab.	8
N.º	2

ULYSSES

OF

ULYSSES

REPLICADA



U L Y S S E A,
O U
L I S B O A
E D I F I C A D A.

POEMA HEROICO,

COMPOSTO PELO INSIGNE DOUTOR

GABRIEL PEREIRA
DE CASTRO,

Corregedor que foy do Crime da Corte, e
nomeado por Sua Magestade para Chan-
celler mór do Reyno de Portugal.

OFFERECIDO

4763

A EL REY D. JOAM V.

NOSSO SENHOR.

*Da Secretaria do Real Monestrio
de S. Lourenço de Coimbra.*



L I S B O A.

= N.º 8.092 =

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Im-
presor do Senh. Card. Patriarc.

M. DCC. XLV.

Com as licenças necessarias

ULYSSEA,

OU

LISBOA

EDIFICADA.

POEMA HEROICO,

COMPOSTO PELO INSIGNE DOUTOR

GABRIEL PEREIRA

DE CASTRO,

Corregedor que foy do Crime da Corte, e
nomeado por Sua Magestade para Chan-

celler mór do Reyno de Portugal.

OFFERECIDO

A EL REY D. JOAQUIM V.

NOSSO SENHOR.



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Im-

pressor do Senh. Card. Patriar.

M. DCC. XLV.

Com as licenças necessarias



SENHOR.



*Insigne Jurisconsulto Gabriel
Pereira de Castro havendo
louvavelmente empregado o tempo nas A-
cademias, e nos Areopagos, mostrando tam-
bem*

6
bem a sua fecunda sciencia na composiçaõ
de alguns livros de Direito, que correm
com geral applauso, se naõ descuidou com
tudo de cultivar as Musas, e taõ feliz-
mente, que dellas conseguiu a doçura, ele-
gancia, e magestade, com que compoz este
grande, e singular Poema. Foy sua em-
preza a mayor acçaõ de Ulysses na edifi-
caçaõ, ou reedificaçaõ de Lisboa, que
delle conserva a memoria no seu nome, im-
mortalizando assim o deste invicto Capi-
taõ em reconhecimento de tamanho bene-
ficio. Elegeo por Mecenas deste seu Poema
ao Senhor Rey D. Philippe IV. de Castella,
entaõ reynante em Portugal por occultas
disposiçoens do Ceo; porẽm se o Auçtor al-
cançara os presentes tempos, nem este
Principe fora o Mecenas do seu canto,
nem o heroe delle aquelle General, porque
em V. Magestade teria mais alto assum-
pto, e a mais propria protecçaõ.

Menos deve Lisboa a Ulysses do que a
V. Magestade; pois se aquelle heroe lhe
deo hum limitado, e humilde principio, V.
Magestade a tem exaltado ao cume da ma-
yor grandeza, e felicidade, como testi-

munhaõ tantos edificios sumptuosos, e magnificos, com que se acha novamente engrandecida esta inclyta Cidade, e sobre tudo ornada de politica, defendida de justas leys, e santificada com tantos augmentos no culto divino, que a piedade, e grandeza de V. Magestade tem promovido com ardente zelo, e dispendio de immensos thesouros.

Esta he a mayor gloria de Lisboa, e fora tambem a do Auçtor, se este seu Poema sabira á luz publica debaixo dos gloriosos auspicios de V. Magestade, como Senhor natural, e Numen soberano das letras, e sciencias. Esta felicidade porém, que elle não conseguiu, lhe solicito eu agora do modo possivel, offerecendo a V. Magestade este livro, que fiz reimprimir por não se perder a memoria de taõ excellentes obra; e estampado nelle o Augusto nome de V. Magestade, ficará recobrando a graça, que lhe faltava, e Lisboa adquirindo novos timbres, e mais esclarecida fama, quando assim honrada a sua historia. Deos guarde a V. Magestade por muitos annos para bem destes Reynos, augmento desta

*nobre Cidade, e complemento dos desejos
de seus fieis, e amantes vassallos.*

Mathias Pereira da Silva.



DISCURSO POETICO

DE MANOEL DE GALHEGOS.

E Aço este juizo naõ só porque obedeço a quem me manda, mas porque me acredito mostrando, que sey conhecer as excellencias, e prerogativas deste insigne Poema; e porque sirvo aos curiosos fazendolhe hum compendio das finezas, e primores da arte, que nelle observará quem o ler com a applicaçõ, que pede a altivez, e soberania de seu estilo.

O Poema heroico he huma poesia levanta-

tada, que tem por fim celebrar das acções do heroe valeroso a que foy mais digna de memoria. He taõ difficil este modo de poetar, que de infinitos Poemas, que se haõ escrito no mundo, ha muito poucos, que mereçaõ o nome de perfeitos. Como difficil, como grande, e como obra, que redunda em louvor da patria, elegeo esta acção o Doutor Gabriel Pereira de Castro. Procurou nella chegar á mayor perfeição; e como Deos o dotou de hum engenho unico para todas as faculdades, alcançou o primeiro lugar entre os heroicos, e collocou este soberano Poema diante de todos os que celebra a antiguidade. Em prova do qual digo, que na fabula concorrem todas as propriedades, que dispoem as regras, porque a fundação de Lisboa he huma só acção, he de hum só heroe, he maravilhosa, he verosimil, he de huma Cidade celebre no mundo, he em honra da patria, he em gloria dos Monarcas, Príncipes, e Senhores de Portugal, e o heroe he vencedor, e o mais celebrado entre os Capitaens valerosos, que em Grecia florece-
raõ.

Na propoſta ſe ajusta felicemente com o que manda a arte, dando *Non lucem ex fumo, ſed fumum ex luce*, diz Varrão; porque he ſolemne entre os heroicos não nomearem no proemio o heroe por ſeu nome, e não fartarem ao Leitor de noticias. O epiteto: Mal ſeguros, tem muito enfaſe, que não ſó determina em geral os perigos, que no mar ha para todos, mas em particular os que Neptuno fez paſſar a Ulyſſes em vingança de Polifemo. Por eſte meſmo eſtilo inſinua Virgilio o pezar, que teve Juno de Paris não dar a ſentença em ſeu favor: *Sæva memorem &c.* Deſte modo dá a entender Lucano, que Ceſar, e Pompeyo tomaraõ as armas, hum com pretexto de defender o direito do Senado, outro o dos Tribunos, ſendo o animo fazerem ſe Imperadores: *Fuſque datum &c.* Aſſim toca tambem Eſtacio varias circumſtancias da materia: *Alternaque regna &c.* Dá muita graça a eſte exordio o acabar o primeiro verſo com huma total dependencia do ſegundo: galhardia, ou figura, a que os Rhetoricos chamaõ Aporia, id eſt dependurado. Uſaraõ della alguns Poetas

inſi-

fignes. Estacio : *Formidatamque Tonantis Progoniem.* Ovidio : *In nova fert animus mutatas dicere formas Corpora.* Claudiano : *Afflataque curru Sidera.* Silio : *In cælo se gloria tollit Æneiadum.* Nomease a terra por seu nome proprio a fim de variar a oração , que havendose declarado o heroe por perifraxe , era conveniente , que a terra se expressasse pelo nome genuino , e dominante. Virg. *Atque altæ mænia Romæ.* Silio : *Oenotria jura Carthago.* Estac. *Sontesque evolvere Thebas.* Tem mais a excellencia de propor em huma só oitava incluindo nella as circumstancias todas , que devia observar na sua acção. A harmonia , e a elegancia dos versos he igual ao hiperbole da clausula ultima , e acaba felizmente com a Assyndethon , de que usa tirando as conjunçoens a este verso : A patria , ao mundo , á eternidade canto. Na invocação se ajusta com Virgilio , e na Dedicatoria mostrou boa eleição ; pois sendo o Poema em gloria da mayor Cidade , que incluye o Imperio del Rey de Hespanha , era justo , que elle fosse o Protector , e quando não houvera nesta obra outro verso

fo mais que este : De ambas as Indias, de ambas as Hespanhas, bastava para que alcançasse no mundo eterna fama. A melhor Dedicatoria, q̄ se lê nos escritos dos Poetas Latinos, he a de Lucano a Nero, e depois desta a de Estacio a Domiciano. Parece-me, que he taõ manifesta a vantagem, que leva a nossa a ambas, que querer provala com razoes seria dar lugar a que se duvidasse.

Em nenhuma cousa mostrou mais o nosso Poeta seu talento, que no exordio da narraçãõ, pois começa do principio da fabula, que he o ponto, donde deve começar o Poema heroico, e naõ no meyo, como fez Camoens, vendo, que Virgilio dá principio ao seu Poema com Eneas á vista de Carthago, e que logo conta a guerra de Troya, e tudo o mais, que passara no caminho; o que seria truncar a acçãõ, e começar no meyo della, se o intento fora cantar do incendio Troyano, da fugida de Eneas, e da guerra de Italia; porém naõ podia ser, porque se o Poeta da pequena Iliada errou, (como quer Aristoteles) porque cantou de toda a guerra de Troya; e
se

se Homero elegeo sómente huma parte della , por não incluir muitas acçoens , absurdo inexcusavel seria o de Virgilio , se cantasse da destruição dos Troyanos , da peregrinação de Eneas , e da conquista de Italia ; porque neste progresso ha materia para tantos Poemas , que só no que pertence a Troya conta Aristoteles nove acçoës , a saber *Philoctetes*, *Neoptolemus*, *Eurypilus*, *Emendicatio*, *Lacena*, *Ilii excidium*, *Reditus*, *Synon*, e *Troiades*. Além do que a proposta da Eneida está dizendo claramente , que a acção he só a guerra de Italia ; e se no primeiro verso se falla em Troya , he appositivo para formar a perifraste do heroe , que se em lugar de *Virum*, *qui primus ab oris Troiae* &c. dissera : *Aeneam*, *qui fato profugus venit ad Italiam*, era o mesmo *quoad significatum* , e escusavase o fallar em Troya ; e não obsta , que a destruição de Priamo , e os trabalhos todos , que passou Eneas antes de chegar a Carthago , se refraão no Poema , porque tambem na Odissea de Homero se conta a guerra de Troya , e tudo o q̃ o heroe passou até chegar á Ilha de Calypso , e mais a acção

ção he sómente a vingança de Ulyffes, como diz Aristoteles: *Inimicos autem perdidit, hoc itaque proprium ejus poematis est, nam cætera ad episodica pertinent.* Assim tambem na Eneiada tudo o que ha entre desembarcar, e sahir de Carthago, he accessorio no Poema. Bem o mostra aquelle verso: *Hinc me digressum vestris Deus appulit oris,* donde Escaligero diz: *Quare summus Poeta ad eum modum digessit, ut Aeneæ enarrationis finis fuerit operis initium.* Imitou o nosso Poeta na textura deste Poema a da Eneiada, ensinandonos a entender o que muitos modernos não alcançaraõ. Desembarca Ulyffes, admitte-o Circe, dalhe hum esplendido convite, perguntalhe pela guerra de Troya, conta-lha elle por extenso; e da mesma maneira, que em Carthago deliberou Eneas sujeitar a Italia, assim tambem Ulyffes nas terras de Circe se dispoz a vir á Lusitania, e não sómente achou favor, e poder, mas galhardos, e maravilhosos motivos, que forão o primeiro mobil da fundação da Cidade de Lisboa. No principio da acção começaõ todos os Poemas, q̃ celebraõ Grecia,

cia, e Roma. Homero porque na Odissea tomou por sujeito a entrada de Ulysses em Ithaca, começou em Ogigia, que foy onde os deoses compadecidos dos trabalhos de Ulysses ordenaraõ restituillo a sua esposa. E ainda que vejamos começar a Iliada com os Gregos já cercando a Troya de muitos annos, nem por isso se ha de presumir, que se truncou a acção do Poema, porque Homero elegeo sómente a ultima parte da guerra: *Nunc vero* (diz Arist.) *ejus recte una dumtaxat parte suscepta pluribus in ea episodiis usus est.* E se o seu intento fora incluir tudo o que Achilles obrou em favor de Menelao, houvera de começar na primeira causa, que foy o roubo de Helena. Assim o fez Estacio, que porque determinou celebrar as acçoens todas deste heroe, (*nos ire per omnem heroa &c.*) começou quando Paris sahio de Ebalia com Helena. Valerio Flacco no seu Poema dos Argonautas (que he quasi a mesma acção, que a de Luiz de Camoões) não começou com Jafão perto de Colcos, mas imitando a Apollonio dá principio á narraçãõ no odio de Pelias, que foy a

cau-

causa da jornada. Este mesmo estilo segue Lucano, pois declara primeiro que tudo, quaes foraõ as causas da guerra civil, logo começa com Cesar á vista do rio Rubicon. Silio Italico tendo o sujeito do seu Poema a victoria, que Scipiaõ Africano alcançou de Anibal, entra declarando a origem, e fundaçãõ da Cidade de Carthago. O principio da Proserpina he a queixa, que teve Plutaõ de os deoses lhe naõ darem esposa. E o da Metamorfose he o caos, que os Filósofos antigos imaginaraõ antes da creaçãõ do mundo. E finalmente parece isto taõ posto em razãõ, e he esta verdade taõ manifesta, e taõ seguida de todos os bons engenhos, que no exordio de Thebaiada olhou o Poeta para a fabula, e querendo que tivesse principio no primeiro motivo da guerra, perguntou á Musa se começaria na origem da Cidade de Thebas: e a razãõ disto foy; porque entendeo, que devia começar naõ só no principio da contenda de Etheocles, e Polynices, mas na causa, ou na razãõ natural, que entre elles houve para o grande odio, que se tiveraõ, suppondo que eraõ taõ ty-

ran-

rannos, taõ impios, e taõ melevolos, porque descenderaõ (segundo a fabulosa fundação de Thebas) da serpente de Cadmo. E começa a narração com Edipo cego, e com o concerto, que fizeraõ os dous irmãos de que ambos governariaõ cada hum seu anno, que foy o principio, e a causa da guerra. Sobre tudo a mayor razão, que ha, para que o Poema comece a narrar no principio da acção, he considerar, que a arte (como diz Quintil.) deve imitar a natureza, e sendo isto assim, o modo natural de contar as cousas pede, que primeiro se digaõ as que preferem, e logo as que se seguem: *Initio secundum naturam sumpto primum à primis*, (diz Aristot. no cap. 1. da Poetica) de modo que as partes do que se conta haõ de observar na relação a mesma ordem, que ellas guardaõ entre si. Seja pois principio do Poema o que o he da fabula; que de outra sorte será perverter a ordem, a qual importa muito para a apprehensão da memoria, como diz S. Clement. no 1. liv. do seu reconhecimento: *Multum namque ad recordandum prodest ordo dictorum.* E nenhuma arte ama

ama tanto a ordem, como a Poesia, porque o verso não he outra cousa mais que huma boa ordem de vozes; e por isso os Gregos lhe chamaraõ Estichis, que quer dizer boa disposição, ou boa ordem; donde veyo Xenofonte a dizer, fallando do campo, que humas arvores estavaõ dispostas em 15. estichios, que quer dizer em 15. versos, e alguns querem tambem que o mesmo fizesse Virgilio naquelles dous lugares: *In versum distulit ulmos: Triplici pubes, quam Dardana versu. Imitetur igitur* (como diz Cicero ad Heren.) *ars naturam, & quod ea desiderat, inveniatur, quod ostendit, sequatur.* Não haja obra, cujo meyo seja principio, e cujos effeitos sejaõ primeiro que as causas, que será monstro, e cousa alheya do natural, porque segundo a ordem das cousas creadas todo o principio he primeiro que o meyo: *Et à causis progredimur ad effectus.* Vejase o livro 2. de Oratore, onde fallando Cicero da narração, diz, que será *Perspicua, si ordinum temporum conservato narratur.* Alarguei me neste ponto mais do que permite a brevidade, que procuro, porque como o nos

§

so

so Poema nesta circumstancia se apartou do
commum dos modernos, era necessario dar
parte das muitas razoes, em que o Poeta
se fundou. E não se entenda, que o meu
animo he reprovar a Luiz de Camoens;
que isto, em que elle se não ajustou com a
arte, he cousa, em que muitos se engana-
rao, e não lhe tira a autoridade; que tem
tanta, que não será reprehendido quem o
seguir, porque a Lusíada merece, que a
tenhamos por texto, e eu reconheço nella
toda a grandeza, e excellencia, que com
tanta erudição observa em seus discursos
politicos o Doutor Manoel Severim de Fa-
ria Chantre, e Conego da Sé de Evora.

Amplificase a acção com maravilhosos
episodios, e com peregrinas digressões,
tudo de cousas pertencentes ao sujeito, e
ao intento do Poeta. O primeiro episodio
(que he o de Circe) iguala ao de Dido, e
a primeira digressão (que he a jornada)
fezse por competir a Virgilio, e porque
dêsse conta Ulysses de tudo o que passou
antes de chegar a este porto, e tivesse mais
lugar de pedir a Circe, que em paga do
que referira, lhe vaticinasse o que havia de

suc-

fuccederlhe , com o que acudio o Poeta a huma figura , cujo nome he Peripefia , que quer dizer mudança das cousas em contrario , e em diverso , ou acontecimento maravilhoso : propriedade taõ natural nos Poemas heroicos , que Estrabo chamou á Iliada Alithis Peripefias , que he o mesmo que verdades , ou relaçoens , em que concorrem as circumstancias , que acima dissemos. Ha nesta digressão muito de maravilhoso em quanto Ulysses refere todos os trabalhos , que passou ; e ha tambem huma agradavel mudança das cousas em diverso , e em contrario ; pois sendo que Ulysses esperava de Circe puramente hospicio , e favor , com que podesse seguir sua derrota , aconteceo , que naõ só ella se lhe affeioou , (o que foy diverso) mas lhe fez a saber , que os deoses o guardavaõ para fundador de huma das grandes Cidades do mundo , e ultimamente fez , que elle viesse á Lusitania com animo de conquistar o melhor de seu sitio , e dar principio ao Reyno de Portugal ; o que foy contrario ao intento , com que entrou neste porto , que era de reformar a sua armada , e irse para a

fua terra. Começa a contar a jornada desde a sahida de Troya para meter no meyo do caminho o vaticinio de Proteo, imitando galhardamente de quando lá na quarta rapsodia da Odissea de Homero conta Menelao a Telemaco o que em Egypto lhe acontecera. Na descida de Ulysses ao inferno não segue a Homero, e foy acerto, porque supposto que era bem que o fim desta ficção fosse para saber Ulysses, não dos Capitaens Gregos, mas dos Monarcas, e heroes valerosos, que haviaõ de florecer na Cidade, que queria edificar, sendo força variar no fim, não sómente lhe era licito variar nas circumstancias, mas convinha, que Ulysses entrasse no inferno acompanhado de Circe; porque se ella era taõ grande magica, e estava namorada de Ulysses, parecia acção natural, e forçosa acompanhallo até o pôr em seguro, e não deixallo ir só, como nas Ilhas Cimerias, e sobre tudo he costume entre os Poetas quando usaõ da figura, a que as artes chamaõ Magthacnia, (que quer dizer Poesia magica) valeremse ou de huma sibilla, como fez Virgilio, ou de huma feiticeira,

como Lucano, ou de hum Mago, como Torcato. E isto para acudir ao verosimil, porque não he proprio do heroe fazer conjuros, roubos, circulos, caracteres, e as demais ceremonias diabolicas, de que usa a Magica. Ariosto porque vio que depois de pintar hum cavalleiro armado voando pelos ares, conyinha accrescentar, que era feiticeiro, diz: Quel era un Nigromante &c. e se os Poetas buscaraõ de fóra da fabula pessoas, a que attribuir esta acção, descuido seria muito grande, havendo neste Poema a Circe, deixar de a fazer autora de tudo o que pertencia a esta arte, pois foy por ella taõ celebre no mundo, que de Circeo (que he o mesmo que escrever caracteres magicos) lhe chamaraõ Circe; e tudo o que se conta de magos, e feiticeiras, se attribue a ella. Tanto que Rafael Volaterrano, traduzindo a Odissea; quando Minerva diz a Jupiter, que havia muitos annos que Calypso tinha a Ulysses em sua terra, onde o texto Grego diz: *Atlantos tigatir oloophronos*, (que quer dizer a Magica filha de Atlante) traduzio: *Quam filia divi Atlantis Circe retinet.*

Sen-

Sendo que o Poeta falla aqui de Calypso, e he notorio nas fabulas ser esta a filha de Atlante; porém como fallandose de feitiçarias se entende Circe, enganouse na versãõ do lugar parecendolhe, que só a ella convinha directe o epiteto. Oloophronos, que aqui per Hypallage convem a Calypso, he o mesmo que *Venefica sciens*. Tambem andou com muito acordo em fazer que Mercurio dêsse a Ulysses em lugar da raiz do molio hum anel, porque para o effeito o mesmo he huma cousa, que outra: além disto da parte do heroe não he tão autorizado trazer por defensivo huma herba, como hum anel, e da parte de Mercurio parece remedio de sigana. Em hum anel trazia Anibal o veneno, com que se matou; donde Ariosto teve motivo para a ficção do anel de Bradamante. Vayse divertindo felizmente a conclusãõ do Poema com agradaveis figuras, e varias fantasias poeticas. Não he mais vistoso, nem mais necessario na Farsalia o sonho de Pompeo quando lhe apparece a alma de Julia, que o de Ulysses quando vê a Idotea; e nos campos do Tejo a Ninfa Legea. Que agrada-

davel he a refenha, que faz do exercito no
livro oitavo! Não pinta nenhum Capitaõ,
em que não observe circumſtancias diffe-
rentes, e dignas de admiração. Os vaticí-
nios redundão em numero, e em bondade,
e com serem muitos eſtaõ enxeridos com
tal artificio na fabula, que todos ſão ne-
ceſſarios. As figuras allegoricas, Lanoso,
Valinferno, Volaõ, e outras, que deixo
por não canſar, daõ notavel graça ao Poe-
ma, aſſim pela diſcrição das peſſoas, como
pelo que obraõ. No diſcurſo da guerra,
que de ruinas ha taõ eſpantofas, e taõ va-
rias! Nos acontecimentos parece que eſ-
gotou toda a variedade, todo o artificio,
toda a prudencia, e toda a novidade. Que
peregrino, que ſuave, que brando, que
elegante, que cortez, e que affectuoſo he
nos amores! Tomara que a eſfera deſte
diſcurſo não fora taõ breve para mostrar
aos curioſos o quanto nesta parte avanta
eſte Poema aos Gregos, Latinos, e moder-
nos. A primeira idea amorofa, que achou
o engenho humano, he tudo o que os ven-
tos dizem quando as Ninfas lhes rogaõ, que
não alterem os mares. A Periferia (que he
a pe-

a peregrinação dos heroes) está neste Poema em sua perfeição, e assim também a Epignoscis, a que Aristoteles chama Agnitio. Vejase o 4. liv. quando Ulisses reconhece o que Proteo lhe vaticinou. He admiravel no scientifico: he prudente na bra-cologia, e na ecthania, id est, no abbreviar a fabula, e no estendella a seu tempo. E he grandemente proporcionado na figura Dianomi, que ensina a repartir bem as partes do Poema; o que importa muito, porque fazer sobre a fabula de Adonis cinco mil oitavas he *induere culicem Herculeae veste*, e fazer hum canto de duzentas oitavas, e outro de quinhentas he ser *sui inops*. Usa felizmente das tres figuras, de que mais necessita a textura, que são *Parasceve, Analogia, Teliotis*, id est preparatorio, proporção, perfeição. Observem isto com cuidado os Criticos, acharão, que não ha mudança de materia sem que prepare, e sem que esta preparação seja adequada á cousa, para que prepara; e não acaba sem clausula final: quero dizer, sem concluir com tanta graça, que antes de acabar faz appetecer o entendimento objecto novo.

novó. He summamente profundo, e summamente claro no tocar as fabulas. A melhor frase, e o mais sublime estilo, com que se póde encarecer a excellencia da peroraçãõ do Poema, será dizendo, que he igual á Dedicatoria; e advirtale, que ainda que Torcato, e outros modernos deixaraõ de perorar, he obrigaçãõ do Poeta quando acaba despedirse do Leitor, ou do Mecenas com algumas galantarias, que sirvaõ de remate a toda a obra. Assim o fizeraõ todos os Latinos, excepto Virgilio, e Lucano, que naõ acabaraõ os seus Poemas. E enganaõse os que imaginaõ, que faltou nesta parte Silio Italico; porque serve de peroraçãõ a apostrophe, que no cabo faz á memoria de Scipiaõ Africano, que supposto que os mais costumãõ fallar com o Leitor, ou com o Mecenas, tambem podem fallar com algum heroe dos que celebraõ, ou com a Musa, como faz o Licenciado Francisco Lopes de Zarate no seu Poema da Invençãõ da Cruz: Musa, pues diste fin, cellen tus labios Con la veneracion, que a la Cruz deves &c. Sobre todas as excellencias a de

mayor affombro, e que mais reputação adquirirá a esta peregrina obra, he o poetico resplendor, que nos versos reverbera. A claridade, ou a energia (que he a evidencia no dizer) observa tudo quanto Hermogenes admoeita na palavra Saffinia. A grandeza do estilo (a que Quintiliano chama Adron) está aqui tanto *in suo esse*, que não póde haver no fallar humano locução mais fublime. A formosura, ou a galhardia das vozes em qual dos escritos, que a fabula solemniza, se achará com tanta superioridade? A bella Aurora, Que quando ri nos Ceos, nos campos chora. Versos foraõ estes, de q̃ Fr. Lopo Felix de Vega Carpio se pagou tanto, que todas as vezes que na Corte nos viamos, os repetia, recreandose na graça, e artificio delles. A brevidade no explicar a sentença he soberana: tarda muito pouco em dar fórma ao conceito, que he o que encommenda Hermogenes na palavra Gorgotis, que vale o mesmo que pressa. As mãos fendidas acha a testa armada. O que este verso insinua, não se podia dizer com menor ambito. Na imitação dos costumes ha maravilhoso caracter. No sen-

-511

ten-

tencioso tem huma verdade continua , fundada não sómente sobre a razão , mas sobre tudo o que disseraõ os doutos do mundo. No grave , no triste , no alegre , no feroz , no severo , no florido , e em todas as mais fórmas de oração mostrou grande fineza ; e grande juizo em escolher o tempo , e o lugar. Nas metáforas tem moderação , e propriedade , porque são poucas , usadas em seu lugar , e todas fundadas na circumstancia mais vista , e mais notoria dos sujeitos ; o que he tão difficuloso , que observando Aristoteles o inacessivel da Poesia , diz , que sómente os homens de engenho preclaro sabem usar da metáfora com perfeição : *Solos euferes , qui præclari sunt ingenii , posse eumetapherin.* Vejase o Perieureseon de Hermog. A energia he toda tão clara , tão fina , e tão efficaz como a deste verso : *Satyros de metal de crespá fronte.* A tudo isto iguala a copia *verb. & rer.* que he tão fertil , que a não esgota a semelhança dos sujeitos. Na Onomatopeya he tão modesto , que nenhuma palavra usa estranha , que a não peça ou o adorno , ou a falta da lingua. He tal a harmonia do verso ,
o ef-

o espirito, o artificio poetico, a differença dos consoantes, a suavidade das clausulas, a brandura, e moderação, com que usa das Synalefas, das Syneresis, das Dierefis, das Hipalages, e de tudo o que mais pertence a Eufonia, que não acha o ouvido coufa que o não recree. Mas será necessario outro Poema para dizer o menos do que neste admira o entendimento. Atribuirão os Poetas muitos olhos, e muitas linguas á fama, porque entenderão, que as obras grandes não podia hum só intuito examinallas, nem huma só lingua encarecellas. Acabe pois a fama este meu discurso, penetre os reconditos, que eu não alcancey, e diga tudo o que ha de maravilhoso nestes versos, ainda que somente quem os soube fazer, os saberia solemnizar.

Disse.

Manoel de Galbegos.



*Auctori D. Hieronymus Mascarenbas
sacri Divi Petri Collegii quondam
Alumnus, nunc sacræ Theologiæ
Collega, & Conimbricensi
Sede Canonicus.*

EPIGRAMMA.

MOenia fundantem, & tures inducis U-
lysslem,
A quo Ulyssipo maxima nomen habet:
Maxima, quod muros ille: at tu carmine famam
Ædificas. Urbis factor uterque tuæ.
Adde, quod egregium cantando vincis Ulysslem:
Urbem fundasti versibus; ille manu.
Ille manu: facili tu pollicis unius ictu
Ædificas Thebas; musice Castro, tuas.

Auctore incognito.

O Bruta luctificis, heu fata nocentia, damnis,
Nativumque gemens urbs miseranda nefas!
Ecce cothurnato plaudens hilarescere cantu
Cernitur, & viduis nectere farta comis.
Quis tot mœsta novo pepulit suspiria plausu;
Prostratamque urbem rursus ad astra levat?
Fulget Odysseos inter venerandus alumnos
Mente potens Gabriel, sanguine, jure, gradu;
Hic sortem exuperans meritis virtute parentes,
Moribus ingenium, nobilitate decus.
Postquam tergemino decorans subsellia partu
Mentis, in ætherea fixerat arce caput;
Nunc ad Apollineos juris documenta furores
Vertit, & ad tumidos verba soluta modos
Urbis ut egregiæ prisca incunabula lætis
Civibus, & stupidâ posteritate canat.
Quæ quibus anteferam? Dum iudex pectore recto
Plectit, amat, servat, crimina, jura, fidem:
Dum vates; patriæ resonans dulcedine Musæ
Fundit, agit, pulsat, carmina, plectra, lyram:
Maximus hinc illinc, omni celebrabitur ævo,
Faxque simul radians urbis, & orbis erit.

P Ytagoras proferia,
Que a alma quando deixava
O corpo, onde animava,
Em outro corpo vivia:
Isto melhor cuidaria
Quem a vós, e Homero lêste,
Onde Apollo reconhece,
No estilo grave, e severo,
Que tanto parece a Homero,
Que da mesma alma parece.

De Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha.

M Ais que a Ulysses a Castro em toda idade
Tributa o Tejo undoso sacrificio,
Pois a Ulysses se deve o edificio,
Deste a Castro se deve a eternidade.
Fundar Imperio, edificar Cidade
Do Ulysséo valor foy certo indicio;
Mas privarlhe do tempo o precipicio
Só a Musa de Pereira o pertuade.
Nunca ruina, nunca esquecimento
O Imperio temer póde, eternizado
No firme de taõ raro entendimento,
Que mal póde temer-se arruinado
Hum Reyno, que tem hoje seu cimento
Sobre as azas da fama edificado.

Do Doutor Duarte da Silva Protonotario Apostolico.

O Bra gentil de artifice elegante,
Que com glorioso canto funda o muro,
Da Cidade mayor espelho puro,
Eterna occupação da fama errante.
Teu alto fundamento he taõ constante,
Que sem temor do esquecimento escuro
Contra as iras do tempo está seguro,
Contra as forças da guerra está triunfante.
Que por darte immortal felicidade
A virtude efficaz do heroico verso
Alicerfes abriu na eternidade.
Arme-se pois já agora o fado adverso,
Que ha de triunfar a celebre Cidade
Em quanto houver memorias no Universo.

De D. Francisco Rolim de Moura.

Cortar montes de mares tormentosos,
Ver a morte em mil fórmãs retratada,
A puros fios da tremenda espada
Os tranfes segurar mais duvidosos:
Escalar muros sempre victoriosos,
Ter a fortuna em duro jugo atada,
Bem gloria foy, mas gloria limitada
He a que levaõ annos presurofos.

Porém do mais profundo esquecimento
A memoria tirar do Luso forte,
N'hum penna ás esferas levantalla:
Foy dos portentos tanto mór portento,
Quanto nestas acçoens melhora a sorte
Mais que o dar vida á fama, eternizalla.

Do Doutor Luiz Pereira de Castro.

AS maravilhas barbaras não cante
A fama, que vos tece alta coroa,
Levando do Boote a tocha Eoa
O vosso nome, porque o mundo espante.
Sobre huma, e outra Tetis se levante
Abrindo as pennas de ouro, com que voa;
Para que o som, que em suas trompas soa,
Chegue do nosso polo ao mais distante.
Estatuas mudas cahem, a esclarecida
Fama só vive em obras dilatada,
Do negro esquecimento defendida.
Tal vós tereis com a penna eternizada
Nas idades futuras nobre vida,
Dando gloriosa inveja á que he passada.

De Francisco Lopes de Zarate.

Postumo soy de aquel, que eternidades
Cimentó con virtudes a tu fama;
Aqui toda Helicon se derrama,
Que a tantos tinta dio, tantas edades.

Derramase, logrando en novedades
La accion maior del que con diestra llama
En Troya de Asia vencedor se aclama;
Hechos, que se trasponen de verdades.

Aqui verás en tumulto encumbrado
Con fraterna piedad immortal vida,
Lo dudoso por grande verdadero.

Aqui a Ulysses verás acreditado,
Aqui a Troya más grande que fingida,
Aqui un milagro superior a Homero.

De Dona Bernarda Ferreira de Lacerda.

Morreis cantando, Cisne Lusitano,
A cara patria, que perdervos chora;
Mas a que á fama dais, tuba sonora,
Nunca póde sentir da morte o dano.

Ouvindo voslo canto soberano,
Já Delos por Apollo vos adora,
E para Daphne ao divino agora,
Se antes fugio veloz do Apollo humano,

Em seus braços á vosla effigie ordena
A mais verde, e odorifera coroa,
Que já mais alcançou culta Camena.

Alta, e soberba em tanto a fama voa
De ver, que alada vay com vosla pena,
Honra de Luso, gloria de Lisboa.

De Fr. Lope Felix de Vega Carpio.

Lisboa por el Griego edificada
Ya de ser Fenix immortal presuma,
Pues deve más a tu divina pluma,
Docto Gabriel, que a sua famosa espada.
Voraz el tiempo con la diestra ayrada
No ay imperio mortal, que nó consume,
Peró la vida de tu heroica fuma
Es alma ilustremente reservada.
Mas ay, que quando más enriqueciste
Tu patria, que su Artifice te llama
Por la segunda vida, que le diste:
Cipres funesto tu laurel enrama,
Si bien ganaste en lo que más perdiste,
Pues quando mueres tu, nascio tu fama.

De Lourenço Justiniano Pacheco.

NA Iliada melhor, que na Odysssea
O estro de Homero á perfeição voava;
Porque o destino para vós guardava
Cantar de Ulysses com mais alta idea.
Quando escreveis como aportou na areia
Do padre Tejo tumultuosa, e flava,
Mayor Virgilio arrebatáis a clava
A'quelle Hercules da A'ttica Epopea.
Se ao voslo igual fosse o concento odioso,
Que fez os mares muito mais infidos,
Que arava o terno feminil, monstruoso;

Em vaõ quizera fer, por darlhe ouvidos,
A hum mastro prezo o vosso Heroe famoso,
Que vós prendêreis todos seus sentidos.

De Manoel de Galbegos.

QUando Marte cansado
Pendura o forte escudo, arrima a lança,
E das pezadas armas aliviado,
No Thracio campo em doce paz descança:
Guerra aos montes pregoa,
Morte ás feras promete:
Em fervoroso, e rapido ginete
Iguala os ventos, pelos ventos voa;
E de aves, e de feras despooa
O districto dos ares, e o da terra,
Que huma guerra o descança de outra guerra.

Vós, ó Pereira, quando
Cansado na juridica palestra
Ocio doce buscais, repouso brando,
E da penna aliviais a insigne dextra:
Os bosques de Aganipe
Suspendeis sonorofo:
Com branda voz, com plectro numerofo
Nova Thebas fundais para Filipe:
Que porque de dous lauros participe
O engenho singular, geral em tudo,
Descançais de hum estudo n'outro estudo.

Filipp e engrandecido

Até agora Lisboa governada
Via por vosso engenho esclarecido :
Hoje por vos a admira celebrada.
Nobre , e glorioso augmento
A vossas letras deve :
Porém de vossas letras o ocio breve
Vos adquire mayor merecimento.
Que se engolfado vosso entendimento
No mar das leys a patria nos governa,
Tambem quando descança a faz eterna.
Vossa penna canora
Sabe formar de vossa mão regida
Caracteres de magica sonora,
Com que a mortos varoens infunde vida:
Com hum , e outro accento
De metrica Magia
Os orbes lifongea , eleva o dia,
Abranda as feras , faz parar o vento,
Suspende a Lua , admira o firmamento,
E faz que á terra desçaõ as estrellas,
Para que a patria se coroe dellas.
Quando com voz piedosa
De Gorgoris pintais a grã ruina,
De cujas cinzas nasce victoriosa
Das Cidades a Fenix peregrina :
Por alivio , por gloria
Concedeis ao vencido
O ser por vós no mundo conhecido,
O ter por vós dos annos a victoria :

Por

Porque honrado no templo da memoria
Diga que vosso harmonico instrumento
O rio faz parar do esquecimento.

E quando ao Delio coro
Offereceis a celebre Cidade,
Que com divino estilo, alto decoro
Sobre os hombros fundais da eternidade:
Mais que á Duliquia espada,
A patria reconhece
A essa penna, por quem já resplandece,
Na taboa azul dos orbes retratada:
Que se soube fundar a Grega Armada,
Aonde o Tejo corre, a grã Lisboa,
Vós a fundais aonde a fama voa.

F I M.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

PO'de reimprimirse o livro, que se apresenta; e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá. Lisboa o primeiro de Junho de 1745.

*Fr. R. de Lancastro. Silva. Abreu. Amaral.
Almeida. Trigoso.*

DO ORDINARIO.

PO'dese reimprimir o livro, de que trata a petição, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa 3. de Junho de 1745.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO PACO.

Que se possa tornar a imprimir, vistas as licenças do santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, taixar, e dar licença, para que possa correr, sem a qual não correrá. Lisboa 5. de Junho de 1745.

*Vaz de Carvalho.
Carvalho.*

*Almeida.
Castro.*

Está

E Stá conforme com o seu original. Carmo
de Lisboa 7. de Janeiro de 1746.

Fr. Joaõ de Santiago.

V Isto estar conforme com o seu original
póde correr. Lisboa 7. de Janeiro de 1746.

Fr. R. de Lancastro.

Silva.

Abreu.

Almeida.

Trigoso.

P Ode correr. Lisboa 18. de Janeiro de 1746.

D. J. A. de Lacedemonia.

Q ue possa correr, e taxaõ em duzentos e
quarenta reis. Lisboa 21. de Janeiro de
1746.

Carvalho.

Costa.



ARGUMENTO DO PRIMEIRO LIVRO.

O Mar Jonio Ulysses dividia,
 E rendido ao furor do bravo vento
 Amparo, e porto a Jupiter pedia,
 Que os Deoses convocou do ethereo assento:
 De Atlante o neto as naos ao porto guia,
 Onde achando suave acolhimento,
 Cyrce, de ver Ulysses obrigada,
 Porto, e descanso dava á Grega armada.

I.

AS armas, e o varaõ, q̃ os mal-segueros
 Campos cortou do Egeo, e do Oceano,
 Que por perigos, e trabalhos duros
 Eternizou seu nome soberano:
 A graõ Lisboa, e seus primeiros muros,
 (De Europa, e largo Imperio Lusitano
 Alta cabeça) se eu podesse tanto,
 A' patria, ao mundo, á eternidade canto.

A

Lem:

LISBOA EDIFICADA:

II.

Lembrame, Musa, as causas, e me inspira
Como por tantos mares o prudente
Grego vencendo de Neptuno a ira,
Chegou do Tejo á tumida corrente:
Ouvirá o fôro da Lusitana lira
O negro Occaso, e lucido Oriente,
Se tu dás ser a meu sujeito falto,
Para que caiba em mim furor taõ alto.

III.

Vós, graõ Senhor, com quem o Ceo reparte
Dons, que o poder excedem da ventura,
Que armado, filho pareceis de Marte,
E Adonis desfarmado em formosura,
Em quem se unio por natureza, e arte
Com a mór severidade a mór brandura,
Que em vossa altiva fronte o pezo grave
Amor excita com temor suave.

IV.

Vós, que nos tenros annos hum gigante
Repre'entais, e como forte Godo
Novas esferas, que naõ soube Atlante,
Sustentais por mais alto, e raro modo:
Que com hombros armados de diamante,
Sem co' pezo inclinar do mundo todo,
Dais fantas leys ás terras mais estranhas
De ambas as Indias, de ambas as Hespanhas.

Vós

IV.

Vós, Alcides Hesperio, a quem não cança
 Vencer monstros do Polo congelado,
 Que ainda de sangue feu por vossa lança
 Seu plaustro as Ursas haõ de ver banhado:
 Por vós, que encheis de medo, e de esperança
 O mundo, quando entraís no campo armado,
 De que o grito immortal da fama corre,
 Donde o Sol nasce, ás ondas, onde morre.

VI.

Vós, Aguia imperial, a que o Otomano
 Falcaõ temendo as livres azas cerra,
 A quem não haõ de ser pelo Oceano
 As Orcades, ou Thule ultima terra:
 Vós açoute do torpe Lutherano,
 Que buscando alta fama em dura guerra,
 Penetrareis as grandes ferras, onde
 A famosa cabeça o Nilo esconde.

VII.

Vós, que humildes fareis os empolados
 Mares, não sendo navegados dantes,
 E os campos de Ampelusa subjugados
 Vereis pizando as luas arrogantes:
 E a vossos pés rendidos, e prostrados,
 O Dragaõ frio, os Perficos turbantes,
 E tudo o que ha do Antartico a Calisto,
 Té o graõ sepulchro libertar de Christo.

LISBOA EDIFICADA.

VIII.

Suspendei por hum pouco do aureo sceptro
 A regia Magestade soberana,
 Ouvi cantar ao som do Grego plectro,
 Com grave assento a Musa Lusitana:
 E em quanto dais a mais sonoro metro
 Obras dignas de gloria mais que humana;
 Daimo vosso favor, que nelle espero
 Cantar de Ulysses, imitando a Homero.

IX.

Cortando o golfo Jonio profegua
 Seu curso a Grega armada, quando irado
 Boreas as negras azas facudia,
 Sobre o mar todo em ferras levantado:
 Euro braminho o centro revolvua,
 Via-se o ar de nuvens coroadado,
 E o fogo, e confusaõ, que o inferno imita,
 Mostra que o Ceo no mar se precipita.

X.

Ao longe o mar bramia horrendamente
 Quebrando as ondas, que co' vento crescem,
 Vaõ-se os ares cerrando, em continente
 Da vista o mar, e Ceo desapparecem:
 Encanece Neptuno, que o valente
 Austro as ondas levanta, e quando decem
 Deixaõ-se ver as grutas, e as montanhas,
 Que esconde o mar nas humidas entranhas.

Em

XI.

Em braços da tormenta embravecida,
 Que ás naos ultimo estrago ameaçava,
 Corria a armada Grega dividida,
 Que já apenas as ondas contrastava:
 Vendoa o Dulichio quasi submergida,
 Porque do porto o vento a desviava,
 Co'a confusaõ do espirito aos Ceos erguia
 A lagrimosa voz, e assim dizia.

XII.

O' grande Amon, que a terra rodeaste
 Dessas figuras bellas, e prestantes,
 E esta lustrosa machina abraçaste
 Co' as luzes das esferas rutilantes:
 Que o destino das cousas, que creaste,
 Elcreves nesses lucidos diamantes,
 Sendo divinas letras as estrellas,
 Porque teu graõ poder leamos nellas.

XIII.

As furias doma de Neptuno irado,
 E aplaca as iras do soberbo vento,
 Pois das estrellas, e do mar inchado
 Só podes alterar o movimento:
 Tu, que ordenas repouso ao Sol dourado
 No grande leito do humido elemento,
 Fazendo com justissima balança
 Seguir á tempestade a mór bonança.

Naõ

XIV.

Não permittas, Senhor, que este desterro,
 Que ha tantos annos temo, ha tantos figo,
 Dilatandose vá de erro em erro,
 Que menos temo a morte, que o perigo:
 Permitteme lançar seguro ferro
 Naquelle doce praya, e porto amigo,
 E que possa gozar alegre porto,
 Quando não seja vivo, ao menos morto.

XV.

Ouvio o graõ Tonante o affligido
 Coraçãõ, com que Ulysses se queixava,
 E nas entranhas paternaes movido,
 Darlhe porto, e descanso desejava:
 E para ser de todos entendido
 O que do forte Ulysses se ordenava,
 Conselho quer fazer no Ceo superno,
 Onde declare este decreto eterno.

XVI.

Ao grande Olympo tinha convocado
 Dos deoses a divina companhia,
 Os que na Zona ardente, e congelado
 Polo gozaõ do largo, e breve dia:
 Já para a hora, e tempo limitado
 Chamados de Sylenio a lactea via
 Pisando vem, e as deosas da prestante
 Filha da bella Electra, e de Thaumante.

XVII.

Nos quicios d'ouro solido, e seguro
 Geme a porta do Olympo omnipatente,
 Treme dos claros Ceos o crystal puro
 Ao aceno de Jupiter potente:
 De Balais, e Cafira o folio duro
 Formava hum jaspeado transparente,
 E Jupiter, envolto em claridade,
 Tinha ante o rosto hum veo de magestade.

XVIII.

Nova luz de seu rosto recebendo
 Com Jupiter assiste a chara esposa,
 Elle os rayos depoem, de quem tremendo
 Está do mundo a machina lustrosa:
 O aligero Sylenio recolhendo
 Os deoses na alta sala, e luminosa,
 Nella lugar lhes dava, qual convinha,
 Seguindo a ordem, que de Jove tinha.

XIX.

Vêse o intonso Apollo, e junto d'elle
 Mavorte altivo armado de diamante,
 Cobrindo os membros nús d'uma aurea pelle
 Vulcano, Deos do fogo rutilante:
 O rubicundo filho de Semelle,
 E o da formosa Acesta, a quem diante,
 Dando co' as azas brandos movimentos,
 Vaõ como pagens os menores ventos.

XX.

Pallas armada valerosa entrava,
 E logo a bella deosa, que em Cythera ;
 Paphos, e Gnido reina, e se mostrava
 Bellona no sembrante irada, e fera :
 Nenhum dos altos deoses se assentava,
 Que final da tranquilla maõ se espera
 De Jupiter, que inclina a luz serena,
 E que se assentem gravemente acena.

XXI.

Resplandecia Jove no alto assento,
 A que suavemente se subia
 Por degraos de crystal, cujo ornamento
 De prata, e d'ouro o resplandor vencia :
 E no docel, que iguala o firmamento,
 Brilhava a radiante pedraria,
 Que a clara luz do Sol, e sua belleza
 Vence na graça, excede na pureza.

XXII.

O estrado de materia era mais fina,
 Que a massa das purissimas estrellas ;
 Hum arco vario forma Iris divina
 D'outras cores mais finas, e mais bellas :
 O tempo fim das cousas se reclina
 A seus pés, como autor de todas ellas,
 E os espiritos, que em roda lhe assistiaõ,
 Como atomos da luz, voando ardiaõ.

XXIII.

Abaixo os semideoses preeminente
 Assento tinhaõ de crystal lavrado,
 E o rio de mór fama, e mór corrente
 Está sobre urnas de ouro reclinado:
 Treme a parte do Ceo mais eminente,
 Hum lume arcano as portas tem guardado!
 Silencio dá com tom de voz suave,
 E das palavras segue o pezo grave.

XXIV.

Vistes como de Troya debellada
 Sahio Ulyfles? Como o mar undoso
 Do Helesponto passou, e da encurvada
 Cyconia costa o porto perigoso?
 As tormentosas Syrtes, e a abrazada
 Praya Africana? Como ao temeroso
 Cyclope a luz da carregada fronte
 Nas entranhas rompeo de hum grave monte?

XXV.

Pois agora obediente ás leys dos fados
 A Lusitana costa vay buscando,
 Por força, e arte mares empolados,
 Duros ventos vencendo, e contrastando:
 Por mitigar trabalhos taõ pezados
 Quero que Cyrce com repouso brand,
 A pezar de Neptuno, e bravo vento,
 Dê á cansada armada acolhimento.

Por

XXVI.

Por este Capitaõ, por esta gente
 A eterna ley do imobil fado ordena
 Se funde huma Cidade, onde a corrente
 Do Tejo se dilata mais amena :
 A quem o Gange, e o Indo do Oriente
 As leys viraõ pedir, e paz serena,
 Fazendo obedecerse a graõ Lisboa
 Do tardio Boote á tocha Eoa.

XXVII.

E pois o fado assim o determina,
 Quero, sagrados deoses, que o facundo
 Ulysses veja as partes, donde inclina
 Seu aureo coche o Sol ao mar profundo :
 Levante huma Cidade peregrina,
 Cabeça alta do mundo, hum breve mundo,
 Que occupe com eterna monarchia
 Té os horizontes ultimos do dia.

XXVIII.

Disse : e qual nos primeiros resplandores
 As abelhas sollicitas, levando
 O rocio futil das puras flores,
 Na conhecida casa vaõ entrando :
 Adonde os suavissimos licores
 Com estranho artificio dilatando,
 Se ouve hum leve susurro : assim soava
 O rumor, que entre os deoses se formava.

XXIX.

Já cessara de todo o rumor leve,
 Porém Marte, que o caso mal soffria,
 Mil pensamentos neste espaço breve
 Na soberana mente revolvía:
 Até que co' respeito, que se deve,
 Do lugar, que occupava, em pé se erguia,
 Dando dous passos pela regia sala,
 E desta sorte airoso a Jove fala.

XXX.

Jupiter poderoso, e sempiterno,
 A quem só foy o Olympo em sorte dado,
 Que deste alcaçar o caminho eterno
 Tens de estrellas luzentes adornado:
 Que os diafanos Ceos, e escuro inferno,
 Vês a teu graõ poder ajoelhado,
 E os montes, que co' as nuvens se terminaõ,
 A teu nome a cerviz tremendo inclinaõ.

XXXI.

Tu, que ao celeste globo, a esta dourada
 Machina déste luz, déste belleza,
 E na terra dos homens habitada
 Dás vida, e leys á mesma natureza:
 Que o Sol pizas, e a Lua prateada,
 E os elementos desta redondeza
 Concertas, dando aos peixes as suaves
 Ondas, ao monte as feras, ao ar as aves.

XXXII.

Coufa parece, graõ Senhor, estranha,
 Que venha a occupar o folio Hesperio
 Hum enganoso Grego, que por manha
 Trocou de Troya em cinza o antigo imperio ;
 A fama, que hoje a Alcides rende Hespanha,
 E ao padre Baccho o Indico hemispherio ,
 Em grande opprobrio seu por esta via
 Na memoria dos homens ficaria.

XXXIII.

Havendo mais, que os Gregos offendido
 Tem aos deoses do Olympo iniquamente,
 Que eu entre as armas Gregas fui ferido:
 A quem taõ grande mal naõ foy presente?
 Pois como a hum fraudulento , a hum attrevido
 Queres dar nome , e fama preeminente ,
 Para que esqueça em sua nova gloria
 Das immortaes deidades a memoria?

XXXIV.

Aqui cessou Mavorte, e da viseira
 O fumo da coraje ardendo exhala,
 Quando deixando Pallas a cadeira,
 O meyo occupa da divina sala:
 Botando o escudo atraz forte, e guerreira:
 Marte (dizia) se arrojado falla,
 Occasioens dará, donde se veja,
 Que naõ he zelo o seu , mas pura inveja.

XXXV.

Se aqui fora lugar, força bastante
 Tenho, e valor, diz Pallas enojada,
 Indo abraçando o escudo rutilante
 Com vista hum pouco aceza, e cor mudada:
 Na divina cadeira o graõ Tonante
 Bateo, dizendo: Basta, e da pancada
 Tremeo o Ceo, e os orbes estrellados
 Nos mesmos eixos, onde estaõ cravados.

XXXVI.

Affim co' immobil fado o determino,
 Diz Jupiter com voz grave, e severa:
 Em pé junto do assento crystalino
 Cada hum final para partirse espera:
 Ajoelhando a Jupiter divino
 Todos se tornaõ á sua propria esfera,
 E Jove neste tempo do alto via
 A armada, que entre as ondas perecia.

XXXVII.

Manda Mercurio logo, elle os talaes
 Divinos, e Galero alado toma,
 Qual leve seta vem partindo os ares,
 E de Eolo, e Neptuno as forças doma:
 Compoem do undoso pégo os groslos mares,
 E quando no horizonte o Sol afloma,
 Ao porto a armada chega, aonde aferra
 A tenaz unha a desejada terra.

XXXVIII.

Carrega os hõmbros d'um gracioso outeiro;
 De botques povoado em largo assento
 Hum soberbo castello, alto, e guerreiro,
 Que da formosa Cyrce era aposento:
 Onde com sua luz fere primeiro
 Phebo em seu abrazado nascimento,
 Que sobre as densas nuvens eminente
 As chuvas, e os trovoens abaixo sente.

XXXIX.

No largo porto entrado a armada tinha,
 Onde Ulysses ordena, que Creonte
 Os trabalhos, e affrontas, com que vinha
 Sulcando o largo mar, a Cyrce conte:
 Acompanhado sobe qual conyinha,
 E o alto pisa do soberbo monte,
 Dos paços admirava a architectura,
 E mais de Cyrce a rara formosura,

LX.

Ella depois de o ouvir, e ter presente
 Os successos de Ulysses destroçado,
 Seus caracteres faz, com que se sente
 Cos seus Creontè noutro ser mudado:
 Qual de usso a pelle immunda, ou de serpente,
 Qual brancas penas veste, e o ar delgado
 Vay abrindo, e suspenso o pezo teve
 Sobre as azas iguaes do corpo leve.

Qual

XLI.

Qual vendo ao companheiro irse mudando,
 Quer socorrello, e leva meya espada,
 E ao infelice Acteon imitando,
 As mãos fendidas acha, a testa armada:
 Qual Libico leão representando
 Ruge em lugar de voz articulada,
 Qual como touro pelos montes brama,
 Qual na agua veste prateada escama.

XLII.

De seus versos a força poderosa
 A fórma humana troca em planta, ou fera,
 Em peixe, ou ave, ou serpe venenosa,
 Que o ser da humana natureza altera:
 Qualquer nota das suas portentosa
 Parar do Ceo faria a mór esfera,
 Decer do alto ao centro o fogo leve,
 Subir do centro o grave, arder a neve.

XLIII.

Quantas vezes os circulos dourados
 Desse Ceo transparente, e crystallino
 Vio no meyo do curso estar parados
 Jove inclinando o rosto peregrino:
 Quantas a seu pezar vio eclipsados
 A bella Cynthia, e claro Libistino,
 Negros chuveiros assombrar os ares,
 Bramar trovoens, erguerse aos Ceos os mares.

XLIV.

'Aos seus estava Ulysses esperando,
 Quando já de Latona o filho ardente,
 Pelos balcoens da Aurora passeando,
 Mostrava a clara luz á cega gente:
 Hiaõse já de perolas toucando
 Os campos, porque as portas do Oriente,
 Chorando aljofar, abre a bella Aurora,
 Que quando ri nos Ceos, nos campos chora.

XLV.

Triste, e affligido está no pensamento,
 Porque Creonte a vinda dilatava,
 Teme de Cyrce o falso acolhimento,
 Com que os sentidos, e animos ligava:
 Quando o filho de Maya abrindo o vento
 Co' caduceo, que as almas revocava,
 E outras decer ao Tartaro fazia,
 Pezandose nas azas, lhe dizia.

XLVI.

Que esperas, Laerciade animoso?
 Sabe, que Cyrce tem aos teus soldados
 Co' a graõ força do encanto poderoso
 Em brutos animaes já transformados:
 Naõ fies de feu trato mentiroso,
 Doces palavras, brandos gazalhados,
 Porque outra cousa tem no pensamento,
 Que até nas obras se acha fingimento.

XLVII.

Leva este anel, que vence a força dura
 Do poderoso encanto, e a Cyrce obriga
 Que te prometta pela estige escura
 Restituir aos teus a fôrma antiga:
 Que mudando os rigores em brandura,
 Procurará agradarte, como amiga,
 Que ás vezes pode mais, que a força grave;
 Hum pedir brando, e hum rogar suave.

XLVIII.

Disse, e na nuvem com veloz subida
 Nos ares se escondia, e da divina
 Luz das talaes azas offendida
 A vista, o que mais vê não determina:
 Confuso o Capitaõ olha, e duvida,
 Os olhos ergue, o joelho inclina
 Beijando a terra, e vay subindo ao monte,
 Onde a irmã morava de Phaetonte.

XLIX.

Sobe, e taõ concertados passos dava,
 Que cousa humana Ulysles não parece,
 Da forte companhia, que o cercav,
 Co' a cabeça por cima resplandece:
 De escamas de ouro o manto recamava,
 Que do hombro a beijar a terra dece,
 Opprimindo o cabelo a testa altiva
 Dos cabellos de Daphne fugitiva.

L.

Sobre o punho da espada refulgente
 Descansa a mão esquerda, que levanta
 Do manto hum pouco a fralda, e em continente
 Airoso dos que o seguem se adianta:
 Com aspeito Real, e preminente,
 Que dignamente louva quem se espanta;
 Vaõ com elle Alcion, Clario, e Filemo,
 Androgeo, Leostenes, e Palemo.

LI.

Dos paços sahio Cyrce acompanhada
 Das que ella não deixava ser taõ bellas,
 Qual Diana na noite socegada
 Rodeada passeia o Ceo de estrellas:
 A mão a Ulysses dava, que abrazada
 A alma em gloria vê, e as suas donzellas
 As daõ aos Capitaes que alli se acharaõ,
 E todos para os paços caminharãõ.

LII.

Abrese a grande porta, onde assistiaõ
 Quatro leoens, que prezos a guardavaõ;
 Que a Cyrce por senhora conheciaõ,
 E passando, por terra se prostravaõ:
 Outros guardados nas prizoens rugiaõ,
 E nas grades os dentes amolavaõ
 Os feros javalis aferrolhados,
 Por encanto de Cyrce transformados.

LIII.

Em quanto a larga escada vaõ subindo;
 Os instrumentos musicos soando,
 Os levantados tectos vaõ ferindo,
 De vozes varias huma voz formando:
 Ulysses no suave gesto lindo
 De Cyrce a alma, e olhos occupando,
 Lhe parece que he rara maravilha,
 Mais formosa que o Sol, de que era filha.

LIV.

Huma cota leonada traz vestida
 De borboletas d'ouro semeada,
 E de serpes de aljofar guarnecida,
 Nos golpes com diamantes apertada:
 Solta pelas espaldas a comprida
 Madeixa do cabelo, taõ dourada,
 Que do Sol parecia hum novo ensayo,
 O rosto hum Sol, cada cabelo hum rayo.

LV.

Em seu divino rosto a mesma idea
 Da belleza igualada se mostrava,
 E na luz que voando amor rodea
 Contente, e lisonjeiro se abrazava
 Se a maõ, que faz a neve escura, e fea
 Por compor o cabelo levantava,
 Alli se vem arder em fogo leve
 As desiguaes pyramides de neve.

LVI.

Na soberana fronte altiva, e branda
 Amor tem seu poder abbreviado,
 Alli temido, e adorado anda
 Como n'um campo de belleza armado:
 Esta esfera mayor as outras manda
 C'um movimento grave, e repoufado,
 E abaixo deste Ceo, e esta grandeza
 He ar tudo o que esconde a natureza.

LVII.

Eraõ os olhos verdes, e senhores
 De quanto vem com branda tyrannia,
 Em seus raios, e puros resplandores
 Aprendeo á fer bello o bello dia:
 Se co' a formosa deosa dos amores
 Se achara em Ida, quando competia
 Com ella Juno, e Pallas, vencedora
 Só fora Cyree entãõ, só deosa fora.

LVIII.

Nestas fontes de luzes soberanas,
 Que saõ de amor a javas amorosas,
 Fez elle agudos dardos das pestanas,
 Armas sempre mortaes, sempre formosas:
 Mil Cupidõs com settas inhumanas
 Sahem destas luzes puras, e ditosas,
 Que por naõ lhe escapar nada na terra
 Primeiro mataõ, que publicquem guerra.

LIX.

Dece partindo o campo a bem tirada
 Meta de tanta graça, e gentileza,
 Ficando a cada parte a desfolhada
 Rosa, em seu puro resplendor aceza:
 Logo hũa porta com rubins cerrada,
 Onde abre, e fecha com mayor belleza
 Em perlas vivas, e em palavras d'ouro
 De graças immortaes vivo thesouro.

LX.

Destes Ceos o que acima se imagina,
 São crespos fios d'ouro, que deitados
 A descuido da mão pura, e divina
 Fazem espaços de amor imaginados:
 Que em confusa belleza, e peregrina
 Envoltos, e nos hombros espalhados
 Ondas levantaõ, dando ás liberdades
 Nas soltas ondas soltas tempestades.

LXI.

Vêse no rosto, e peito crystallino
 Secreta formosura, que escondida
 Dava por arte ao corpo peregrino
 Outra graça mayor não aprendida:
 Em seus membros o espirito divino
 Com alma viva em cada parte unida
 Resplandece, e na falla graciosa
 Mostra, que era por graça mais formosa.

LXII.

Ambos entrando vão nas regias cazas
 Ornadas de ouro, e sedas mais custosas,
 Onde Cupidos com lascivas azas
 Não tem voando as fettas ociosas :
 Queimaõ no mais secreto ardentes brazas
 Aromaticas massas, e cheirofas,
 E hum dos Cupidos, que nesta obra entende,
 As azas bate, com que o fogo acende.

LXIII.

Detinha Cyrce os olhos na brandura
 Do Grego capitaõ, e assim notava
 O eloquente fallar, e a compostura,
 Que de Hybla os doces favos igualava :
 O encanto acha sem força, e mal segura
 A magica sciencia, de que utava,
 Que a todos os que traz na companhia
 Do anel a grande força defendia.

LXIV.

Tudo Ulysses comfigo considera,
 E co' a vista a Creonte anda buscando,
 Dissimula o que sente, hum pouco espera,
 Por elle aos que o cercavaõ perguntando :
 E porque a causa disto vê qual era,
 Na bella Cyrce a vista socegando,
 Mudada hum pouco a cor, pezado, e grave
 Lhe falla com affeito, e voz suave.

Quando

LXV.

Quando, formosa Cyrce, destroçado
 Tomo este porto, que he por vós famoso,
 Não he razaõ que o brando gafalhado
 Se troque em fingimento cauteloso:
 As mostras deste rosto delicado
 Mayor encanto saõ, e mais forçoso,
 Que obriga ámarvos pelo ver tam bello,
 E sempre padecer, e sempre vello.

LXVI.

Destá doce, e amorosa tyrannia
 Já obrigado, e preso me confecho,
 Liberdade a prisaõ propria seria,
 Quando a causa do mal tem tanto preço:
 Obrigado de amor, e cortezia,
 Que em vosso real animo conheço,
 Folgara, bella Cyrce, não houvesse
 Coufa, que esta alegria escurecesse.

LXVII.

E para que socegue o pensamento
 Da gente, que me segue mal segura,
 Que teme este favor, e acolhimento,
 Como se fora guerra aspera, e dura:
 Nos promettei com grave juramento,
 Formosa Cyrce, pela estige escura
 De não usar de força, ou caracteres,
 Em que trasluzã magicos poderes.

Não

I XVIII.

Naõ vio o verde prado assim abrazada
 A papoula gentil, e vergonhosa,
 Nem de seu verde carcere afrontada
 Sahir fugindo a pudibunda rosa:
 Quando a manhã serena, e destoucada
 Entre a capa das nuvens mais formosa
 Passa embuçada, que fugir deseja,
 Antes que nua seu amante a veja.

LXIX.

Como Cyrce escreveo no bello gesto
 Com roxas letras o que nalma havia,
 Vendose o claro engano manifesto,
 Que em suas faces bello se fazia:
 Assim com puro affecto, e modo honesto,
 Porque dar gosto a Ulysses pertendia,
 Em tudo o que lhe pede o segurava,
 E pelo lago estigio lho jurava.

LXX.

Para hum jardim entravaõ passeando,
 Onde das varias flores a pintura
 No ar suaves cheiros exhalando,
 Agradece de Cyrce a formosura:
 Aos Capitaens da maõ hiaõ tomando
 As damas com effeitos de brandura
 Egiale, Ercia, Milia, Alpheia,
 Dimantes, Aglonice, e Panoepa.

LXXI.

Estavaõ nas paredes engastadas
 Estatuas excellentes de grandeza
 Excessiva, em estremo bem lavradas,
 Que o natural excedem na viveza:
 De altos varoens, que foraõ nas passadas
 Idades, e a presente estima, e preza,
 Que de exquisitos marmores de Paro
 Brias lavrou, e Calicrates raro.

LXXII.

Os vazios espaços occupavaõ
 Os citreos troncos verdes, e pregados,
 Que gratos á cultura se mostravaõ,
 De seus dourados pomos carregados:
 As reas de colunas se adornavaõ,
 A que os fructos cobriaõ pendurados
 De Thianeu, alegres, e suaves,
 Regalo eterno das lascivas aves.

LXXIII.

Noutra parte o jardim se vê partido,
 Que huma fina alcatifa representa,
 De que a formosa Chloris, e o marido
 De ser seu jardineiro se contenta:
 De perpetuo veraõ favorecido
 Novo hymeto, que quando o sol aquenta
 O Caõ celeste, e fere o agudo inverno,
 Não lhe impede gozar de Abril eterno.

Zefiro

LXXIV.

Zefiro alegre, e brando com lascivas
 Pennas meneia as flores, que bolindo
 Ambar exhalaõ, serpes fugitivas
 De crystal, entre as hervas vaõ fugindo:
 Das vivas pedras saltaõ gotas vivas,
 De rocio suavissimo cobrindo
 O prado, Ambrosia o verde bosque espira,
 Retrato na liquida çafira.

LXXV.

Aqui a sabia, e mestra natureza
 Por huma ley igual, por certo fio
 Naõ muda o verde rosto, e a belleza
 No Inverno, Primavera, Outono, Estio:
 Tempera o frio a calma mais aceza,
 Ella abranda o rigor do inverno frio,
 Que se abraçaõ com laço sempiterno
 Estio, Outono, Primavera, Inverno.

LXXVI.

Com verdes pavelhoens antros suaves
 Vestem frescas estancias, onde ao vento
 Espalhaõ queixas namoradas aves,
 Enchendo o ar de seu canoro alento:
 Grutas muscolas, onde as horas graves
 Do sol regala hum brando movimento,
 Ruas de verdes mirtos enverdados,
 Para estorvar o sol, das maõs tomados.

LXXVII.

Por entre elles estatuas cryftallinas
 Se mostraõ com decoro, e com grandeza,
 Penhas aonde se vem neves alpinas,
 Que desmentem as leys da natureza:
 De plantas verdes, e de cores finas
 Bellos theatros tem a vista preza,
 Onde o nectar da Aurora vaõ libando
 Solicitas abelhas susurrando.

LXXVIII.

Alli Clicie formosa, e o jacinto
 Se vê, que com fragrancia o ar inflama,
 O achanto, e amarecho, que extinto
 De seus aromas o vapor derrama:
 E o filho de Cinara em sangue tinto,
 Que a formosa Acidalia adora, e ama,
 E o puro carmezim da rosa fina,
 Emprestado das plantas de Erycina.

LXXVIII.

No meyo do jardim de Apollo estava
 Huma estatua de porfido luzente,
 Que as de Sostrato, e Scopas affrontava,
 Sobre Oecton, que respira fogo ardente:
 Com rayos de crystal puro imitava
 Os do Sol mais formoso, e refulgente,
 Que alli naõ tinha occaso, e parecia
 Querer fazer eterno o mortal dia.

Alli

LXXX.

Alli por urnas de crystal brotando,
 Os tanques enche a crystallina fonte,
 Que estaõ nos fortes braços sustentando
 Satyros de metal de creípa fronte:
 Este pequeno mar andaõ cortando
 Os que a morte choraraõ de Phaetonte,
 A quem do Sol, que na agua reverbera,
 Guardaõ co' a sombra as filhas de Neera.

LXXXI.

Este quadro formoso assim adornado
 Em mil formas de fontes se partia,
 Donde o crystal cahindo destilado
 Por ricas serpez de metal corria:
 De conchas exquisitas variado,
 Que o Sol aos mares Indianos cria,
 Vencendo a limpidissima Pirene,
 A famosa Libetro, e Hypocrene.

LXXXII.

Entre os bosques se via a filha chara
 De Peneo, dando ao mesmo Sol ardores,
 E o moço Phrygio, que a Cibelle amara,
 Quando o primeiro amor troca em furores:
 De Tisbe a planta, que já a cor mudara,
 Que sempre he triste o fructo dos amores,
 Lotis mudado em tronco o corpo bello,
 E em verdes folhas o ouro do cabello,

LXXXIII.

O roble mais antigo do ar tocadas
 As folhas verdes, como linguas, move,
 Que a Alcides deo coroas celebradas,
 E a testa ornou do soberano Jove:
 Que os estios venceo, e as indomadas
 Iras do Inverno, quando troa, e chove,
 Com fructo, cuja rustica aspereza
 Dos primeiros heroes honrou a meza.

LXXXIV.

A fruta já caduca, a verde, e a dura
 No proprio, e adoptivo ramo crece,
 Que sem necessidade da cultura
 A planta fructo, e flores offerece:
 Na idade verde do anno, e na madura
 Tudo igual fructifica, igual florece,
 Vides opprimem os olmos abraçadas,
 Verdes maridos, com que estaõ casadas.

LXXXV.

Plantas estereis pelo ar se estendem,
 Que daõ por fructo sombra ao fresco prado,
 Com que ás ervas os rayos pouco offendem,
 De que os montes enfeita o Sol dourado:
 Doutras os fructos já maduros pendem
 No ramo, com seus pomos encurvado,
 Tudo offerece singular tributo,
 Prado herua, herua flores, plantas fruto.

LXXXVI.

Alli a imperial ave delicada
 A Jupiter nas azas se levanta,
 Sem della ave menor ser infestada,
 Que huma segura voa, e outra canta:
 A que no Indico Ceo mais variada
 Na vamgloria das pennas se adianta,
 Naõ perturba esta paz, que naõ altera
 Mór fera, ou ave a menor ave, ou fera.

LXXXVII.

Entre as matas rugia o valeroso
 Leaõ, em suas garras arrogante,
 Mil animaes de gesto temeroso,
 Na pelle varios, varios no semblante:
 Tudo o que esconde fero, e monstuoso
 O grande Nilo, e o soberbo Atlante,
 Aqui lugar, e assento achaõ suave
 As plantas todas, toda a fera, ou ave.

LXXXVIII.

O dia alegre em danças vaõ passando
 Com ditos; e suavissimos amores,
 Aos Capitaens as damas escutando
 Encarecidas queixas, vivas dores:
 Doces respostas recebendo, e dando,
 Esperando gozar noites melhores,
 Já se viaõ as copas levantadas,
 Dos Athalicos vasos carregadas.

Gran-

LXXXIX.

Grandes vasos de prata se ostentavaõ,
 Que a arte proliza debuxando esteve,
 Que nos concavos ventres se mostravaõ
 De licor cheyos espumoso, e leve:
 As hydrias de crystal se sepultavaõ
 No frio seyo da gelada neve,
 E o liquido rubim, puro, encendido
 Se congela nas urnas escondido.

LXL.

Preparase a soberba, e regia meza,
 Onde cobrem de orvalho os brandos ares
 Fontes, que os refrescavaõ com pureza,
 Despertando o appetite dos manjares:
 Tudo quanto no mundo mais se preza,
 Que a terra propria dá, e alheyos mares,
 Alli junto se vê, donde assistiaõ
 Cem pulidos ministros que serviaõ.

LXLI.

Varias mezas os prados occupavaõ,
 Onde os Gregos mais fortes, e luzidos
 Por igual ordem todos se assentavaõ,
 Por praticos ministros conduzidos:
 Aos Capitaens lugares finalavaõ
 Em seus postos, e assentos divididos,
 E em todos igualmente he festejado
 O que na coxa foy do pay creado.

LXLII.

Soaõ os instrumentos, e as suaves
 Frautas, que o grande Hypomacho tocava,
 De accents ora agudos, e ora graves
 Concertada armonia se formava:
 Levaõ!he o alto contraponto as aves,
 Que tudo em ser alegre conformava,
 Tendo principio as mesas, e convite
 Entrando o sol nos braços de Amphitrite.

LXLIII.

Dous assentos reaes tem occupados
 A bella Cyrce, e o Capitaõ valente,
 De ouro mais puro, e fino marchetados
 Sobre a materia do Indiano dente:
 Carregavaõ manjares delicados
 A mesa, e Ulysses, que ferida sente
 A alma, com ver a Cyrce se contenta,
 Que amor só pelos olhos se alimenta.

LXLIV.

Cyrce a taça formosa, e coroada
 Toma na bella maõ, com que provoca
 A Ulysses de sua boca já libada,
 E a branca cor envergonhada troca:
 Elle na parte donde foy tocada,
 Adorando os vestigios de tal boca,
 A sua applica ao vaso, e sente logo
 De amor, e Baccho o duplicado fogo.

LXLV.

Clinias nas mãos tomava o instrumento;
 Canta historias de amor com voz suave,
 Como os deoses do ethereo firmamento
 Sentem brando o seu jugo, duro, e grave:
 Como he no mundo amor quinto elemento;
 Que tem dos gostos huma, e outra chave,
 Que he puro effeito d'alma, que mais preza
 Para se conservar a natureza.

LXLVI.

Canta da bella Cinthia, que ferida
 De amor em seu suave fogo ardera,
 Quando ao pastor de Latmo agradecida
 Pelo gozar deixara a propria esfera:
 De Caliopea canta, que rendida
 De Apollo ás leys de amor obedecera;
 Canta da filha de Inacho, que os largos
 Campos pascera por industria de Argos.

LXLVII.

Que de Peneo a filha celebrada
 Seguio junto de Amphrifo Apollo louro:
 Que trocou Jove a alteza sublimada
 Por Asterie, e Europa em aguia, e touro:
 Que de Danae na torre mal guardada
 Elle foy preço em brando orvalho de ouro,
 Que de amor mitigando a grave pena
 Rendeo em cyfne a Leda, em fogo Almena.

LXLVIII.

Outras historias canta, e canta aquella
 Do forte Capitaõ, que do opportuno
 Cheiro da pura flor, fragrante, e bella
 Foy concebido da formosa Juno:
 Prezo com Venus, que he do mar estrella,
 Nascida das escumas de Neptuno,
 Quando se formou nelle o corpo bello
 Das partes, que cortou Saturno a Cello,

LXLIX.

Já os ministros tinhaõ levantado
 Da regia mesa a cobertura fina,
 E sobre os aureos pratos destillado
 Rios de agua cheirosa, e crystallina:
 E tendo Circe as bellas maos lavado,
 Que escureciaõ toda a neve Alpina,
 Sobre a mesa voava a olanda leve
 Para nella enxugar dedos de neve.



ARGUMENTO

DO SEGUNDO CANTO.

*A Circe conta Ulyffes, que de Helena
Se despedira em Tenedo, e que vira
Dos Cycones a costa a Grega antena,
E dos ventos em Scyro a mayorira:
Como a Proteo abraçou, e a grave pena
Dos vaticinios grandes, que lhe ouvira,
Como o veyo avisar que passe avante
A soberana filha de Thaumante*

I.

EM tanto Cynthia alegre, e luminosa
As pontas de luz cheas ajuntava
Na altiva testa, com que mais formosa
O ar, a sombra, as nuvens prateava:
Do Ceo o eterno campo vagarosa
C'os nocturnos cavallos passeava,
Linhas de fogo pelo ar se viaõ
Das lucidas estrellas, que cahiaõ.

II.

Pedelhe Circe entaõ que lhe contasse
 Seus trabalhos, taõ dignos de alta historia;
 E os mares, que fulcara, porque achasse
 O gofsto de os passar pela memoria:
 Posto que muito Ulysses duvidasse
 Tratar de feu louvor, e propria gloria;
 A Circe obedeceo, e em modo grave,
 Ouvindo todos, diz com voz suave,

III.

Arde a Neptunia Troya, já rendida
 Ao cavallo fatal, e Grega espada,
 Em cinza, em fumo, em sombra convertida;
 Que a gloria humana he fumo, he sõbra, he nada;
 Já tratavaõ os Gregos da partida,
 Carregando o despojo a grande armada:
 E entre taõ rica, e soberana preza
 Era a formosa Helena a mór riqueza.

IV.

Já co' a cauta, e desculpa do Troyano
 Excidio, que na cinza inda fumava,
 Soltando a redea ás naos, o soberano
 Agamenon as ancoras levava:
 Da negra antena despregando o pano,
 Que indo prenhe do vento, que soprava;
 O porto deixa, o alto mar cortando,
 Vaõse as prayas, e os montes afastando.

O def-

V.

O destroço fatal de Troya viaõ
 Das naos, que o Hellesponto atravessavaõ,
 Os Gregos, quando a vista suspendiaõ
 Nas terras, que já apenas divisavaõ:
 Só nas partes mais altas pareciaõ
 Huns vestigios das torres, que ficavaõ,
 Onde a vista o mais que determina,
 He medir a grandeza co' a ruina.

VI.

Amfiteatros, machinas, e muros,
 Piramides, colossos levantados,
 Obeliscos, que mostraõ estar seguros
 Contra a força dos tempos, e dos fados,
 Jazem sem fama em cinza vil escuros,
 Das idades por fabula prostrados,
 Que o tempo os bronzes, e as colunas parte,
 E os poderes da morte iguala Marte.

VII.

De bandeiras, e flamulas ornaraõ
 A victoriosa armada, que partia,
 E as proas para Tenedo inclinarãõ,
 Que hum bosque sobre as ondas parecia:
 Que alli vaõ despedirse concertaraõ,
 Onde a ancora pezada o sal feria,
 Sobre ella, quando o fere, se dilata
 O mar azul em circulos de prata.

Anbos

VIII.

Ambos de Atreu os filhos valerosos
 (Antes que hum vá a Esparta, outro a Missena)
 Queriaõ despedirse, desejosos
 Que alli possa alegrarse a bella Helena:
 Com elles sahe ao campo, e os seus formosos
 Olhos, de que reparte gloria, e pena
 Amor, que assaltear delles aprende,
 Pelo florido campo, e praya estende.

IX.

De vella o mesmo Ceo se namorava,
 E o ar no do seu rosto se acendia,
 O mar, quando ella as conchas lhe furtava,
 Parece que a beijarlhe os pés corria:
 Quem as divinas graças, que mostrava,
 Contar quizer, mais facil lhe seria
 Contar as flores do lascivo Mayo,
 E do Sol os cabellos rayo a rayo.

X.

Pela testa sem ordem desparzido
 Solto o cabelo voa livremente,
 Donde sahe a queixarse de opprimido
 De huma cinta de pedras refulgente:
 No hombro soa o arco do brunido
 Marfim, no lado a aljava está pendente;
 Com menos graça ao bosque entrar costuma
 A bella deosa, que nasceo da escuma.

XI.

De huma seda subtil , de ouro lavrada,
 Era composta a nobre vestidura,
 Que o pé descobre da aura meneada
 Para beijallo lizonjeira, e pura:
 No peito, collo, e face delicada
 (Que as armas saõ da propria formosura)
 Mostra amor querer dar mortes mais cruas,
 Pois leva da belleza as armas nuas.

XII.

Das orelhas as perlas do Oriente
 Igualmente pendendo, carregavaõ
 Circulos de ouro puro, e excellente,
 Mór graça recebendo, do que davaõ :
 Da barbara cadea refulgente,
 Cahindo ao feyo, as voltas se enredavaõ;
 Bellezas estudadas com descudo,
 Da cuidadosa maõ inculto estudo.

XIII.

Quando no Ceo da altiva fronte abria
 Hum, e outro sol na luz, que derramava,
 O campo todo, todo o ar ardia,
 Que a tudo dava fer, tudo animava :
 A cada passo seu hum Ceo movia,
 A cada rayo seu hum sol mostrava;
 A cada olhar abria hum paraíso,
 E hum coração feria a cada riso.

O vento

XIV.

O vento o seu cabello ondado, e louro,
 Como ladraõ subtil, traz derramado,
 Com quem baixo metal ficava o ouro,
 Que parece co' mesmo Sol dourado:
 Amor metendo a maõ neste thefouro,
 Hum fio lhe roubou, e tem mudado
 A corda ao arco seu, e fez as pretas
 Sobrancelhas o arco, a vista fetas.

XV.

Porque o ar naõ a offenda, poem reparo
 Ao rosto cum fendal, com que se cobre,
 Que das glorias, que esconde pouco avaro,
 Mais sede faz de ver o que se encobre:
 Como o Sol d'entre nuvens menos claro,
 Faz que a força dos rayos se lhe dobre,
 Tal d'um fendal finissimo vestida
 Vio Cytherea o pastor Phrigio em Ida.

XVI.

Esta era Helena, e se dizer vos posso
 De sua graõ belleza o que mais sinto,
 Vós sois retrato seu, ou ella o vosso,
 Que de vós tomo as cores, com que a pinto:
 No ar, na mesma graça, aonde o moço
 Cego faz intricado labyrintho,
 Entre mil impossiveis do desejo
 Imaginando estou que em vós a vejo.

XVII.

Alli fizemos larga despedida,
 E as ancoras pezadas levantando
 As naos postas a ponto de partida
 Vaõ as concavas azas despregando:
 Ao vento damos esperança, e vida,
 Com alutados remos apartando
 As ondas, dando Eolo no caminho
 Força ao cansado lenho, vida ao linho.

XVIII.

Voaõ as leves naos, que o tormentoso
 Golfo já do Helleponto dividiaõ,
 Da costa de Asia abrindo o seyo undoso,
 A prolixa viagem profeguaõ
 Té onde Tanais dece presturoso,
 E nas do mar suas ondas se metiaõ,
 Que de affrontado de huma, e outra terra
 Alli do ponto Euxino as portas ferra.

XIX.

Neste golfo, que honrou o atrevimento
 Do ousado Phrixo, e Helle naufragante,
 Vencendo no carneiro o falso argento
 Quando á esposa fugiaõ de Atamante:
 Dos Cycones á costa o bravo vento
 Nos arroja, que estava mui distante,
 Que co' as armas nas mãos nos receberaõ,
 E as naos cansadas abraçar quizeraõ.

Logo

XX.

Logo deixei o porto, que tomara,
 Donde partindo, a vida ao vento entrego,
 A' fertil Lemnos, por seu nome clara,
 Grande officina de Vulcano chego:
 E aos Reynos de Toante, onde a preclara
 Hypsiphile a seu pay caduco, e cego
 Das populares furias defendera,
 Pagando em dar a vida, á quem lha dera.

XXI.

Vendo a inimiga Venus das ferradas
 Proas as crespas ondas divididas,
 E o mar todo cuberto das armadas,
 Que levaõ os fortissimos Atridas,
 De taõ rico despojo carregadas,
 Dos fados, e do Ceo favorecidas,
 Sobre a maõ poz a face, e a viva magoa
 Lhe encheo a alma de fogo, os olhos d'agoa,

XXII.

Muitas cousas na mente revolvía,
 E partindo em seu carro acelerado,
 Tomou da Ilha Eolia a incerta via,
 Onde Hypotades tem seu gasalhado:
 Alli a tempestade solta, e fria,
 E o indomito vento está domado,
 Que humilde a natural ferocidade
 De seu Rey treme, e adora a magestade.

Aqui

XXIII.

Aqui aos ventos guarda em prizaõ dura,
 Donde sahida buscaõ com violencia,
 Provando, por sahir da cova escura,
 Das grandes forças a ultima potencia:
 Os grilhoens de diamante, e a mais segura
 Cadea he fraca, e debil resistencia,
 Furias do mundo saõ, que Eolo encerra
 Só para devastar o mar, e a terra.

XXIV.

A Eolo, que em parte alta, e subida
 Tem com graõ magestade o claro assento,
 A bella deosa (que no mar nascida
 Converte em fogo o humido elemento)
 Humilde falla : O' Rey, cuja temida
 Força pode enfrear o bravo vento,
 Grande senhor, cujas grandezas callo,
 Que o mar podes turbar, e socegallo.

XXV.

Do mar Egeo as ondas vay cortando
 Com sua armada Ulysses cauteloso,
 Que enganosa, e fingida paz mostrando,
 De Troya o Ilyon abrazou famoso :
 Leva os vencidos deoses, e buscando
 Ithaca, taõ soberbo, e poderoso
 Se mostra, que se algum caminho achara,
 Até o sagrado Olympo conquistara.

Estes

XXVI.

Este inimigo meu o mar sustenta,
 E pois he justa a queixa, em que me fundo,
 Solta, Rey poderoso, huma tormenta,
 Que a seus atomos torne o antigo mundo:
 Que a descuidada armada com violenta
 Força destroce, e meta no profundo,
 Onde pague seu furor, e insania
 O abrazador dos muros de Dardania.

XXVII.

Affim Ericina lagrimosa, e triste
 Ante o filho de Aesta se prostrava,
 Elle a toma nos braços, e resiste
 A cortezia, que com elle usava:
 Muito mais, que no pouco que pediste,
 Deosa excellente, (Eolo replicava)
 Té mostrarei as forças de hum desejo,
 A que me obriga o menos que em ti vejo.

XXVIII.

A tua justa dor, que a tudo excede,
 A que só excede a tua formosura,
 Tudo minha vontade lhe concede,
 Que acertar em teu gosto só procura:
 Nada póde negar quem já te pede
 Que soltes desses rayos a luz pura,
 Ou os escondas, que essa claridade
 Fará mansa, e serena a tempestade.

A gra-

XXIX.

A grave porta da soberba ferra
 Tremeo no duro bronze, que gemia ;
 Os ventos logo, que a caverna encerra,
 Rebentaõ da prisaõ escura, e fria :
 Juntos em esquadraõ com dura guerra,
 Bramindo os campos cada qual varria :
 Ao mar se arrojaõ, e vêse num momento
 Nas ondas o alterado movimento.

XXX.

Do undoso leito, donde repousava
 O mar, move as areas do mais fundo,
 Que fervendo nas ondas levantava,
 As entranhas abrindo do profundo :
 Com Boreas Austro a hum tempo se encontrava,
 Como que querem destruir o mundo :
 Treme co' a força do soberbo Eolo
 O Ceo nos eixos d'um, e doutro polo.

XXXI.

De pezados chuveiros carregando
 As nuvens voadoras impellidas,
 A agua, como sangue, vaõ botando,
 Da larga espada de Orion feridas :
 Pelas nuvens os peixes vaõ cortando,
 Nadaõ no mar as aves atrevidas,
 Que achaõ, fugindo, nos pezados ares
 Unido o mar co' Ceo, e o Ceo cos mares.

Sem

XXXII.

Sem prefagios alguns acometendo,
 O vento o mar ergueo, onde começa
 Huma soberba luta, parecendo
 Que as estrellas tocamos co' a cabeça:
 Pelo convez entrando o mar horrendo
 Os duros marinheiros arremeça,
 E as arvores, e as vellas com violento
 Furor rompe bramando o negro vento.

XXXIII.

Toando o Ceo os animos quebranta
 O brado dos trovoens, e em quanto dura
 Na confusaõ, e horror, que o mundo espanta,
 A fria morte a todos se affigura:
 A nuvem carregada o mar levanta,
 Com que toldava o ar de sombra escura,
 A espaços do alto fuzilar se via
 O fogo, que até as ondas acendia.

XXXIV.

Já os miseros nautas opprimidos,
 Sem poder resistir, se lamentavaõ;
 Porém os gritos, vozes, e gemidos,
 Os ventos pelo ar despedaçavaõ:
 Huns se viaõ no centro sumergidos
 Onde as ondas cahindo os sepultavaõ;
 E outros se vem subidos ás estrellas,
 Presumindo co' as maõs pegarse nellas.

XXXV.

Co' a proa a Capitania levantada,
 Que huma torre com azas representa,
 Correndo vay, das ondas contrastada,
 E co' a grandeza faz mór a tormenta:
 Num bordo, e noutro inclina de affrontada,
 Naõ obedece ao leme, e mal sustenta
 Do mar o grave pezo, que batendo
 A nao por muitas partes, vay bebendo.

XXXVI.

A arvore mayor do irado vento
 Impellida se rompe, onde cahindo
 Das ondas arrojada, com violento
 Golpe o debil costado vay ferindo:
 Toda a gente se via num momento
 Com varios instrumentos acodindo,
 E a confusaõ da nao, e mar mostrava,
 Que tudo a seu primeiro chaos tornava.

XXXVII.

Logo a cansada nao vay alijando
 Co' a força da tormenta embravecida
 As mais graves riquezas, que nadando
 A's ondás damos, porque escape a vida:
 Entre o granizo fero o Ceo toando,
 Rayos cahem por carreira retorcida,
 E como que de nós o Ceo se ria,
 Todo de hum polo ao outro esclarecia.

XXXVIII.

Sahindo o mar do natural limite
 Tinha o Ceo por mil partes rociado,
 E o caõ celeste as aguas de Amphitrite
 Tem co' a lingua ardentissima gozado:
 A's Urías em seu polo se permite
 Que se possaõ lavar no mar salgado,
 E subindo Neptuno á mór altura,
 Ondas introduzir no Ceo procura.

XXXIX.

Eu entaõ co' pavor, e frio medo,
 Que estes cansados membros congelara,
 Dizia: Quanto mais contente, e ledõ
 Fora, se já esta vida se acabara:
 Atalha a morte os males, se vem cedo,
 Que neste ultimo mal todo outro pára;
 Naõ morrera mil vezes desta sorte,
 Tendo para huma vida huma só morte.

XL.

Isto dizendo, Boreas arrogante
 Lançando nuvens, fogos, e bramidos,
 Vem empolando o mar, e traz diante
 Montes de agua, dos sopros impellidos:
 A esfera superior quasi nutante
 Se admira em ver que os ventos atrevidos
 Mostraõ, batendo os procellosos mares,
 Querem levar a terra pelos ares.

A gran-

XLI.

A grande nao, que Alcino governava;
 Em Creta fabricada, não podendo
 A's ondas resistir, com que lutava,
 O lado abrindo, os mares vay bebendo:
 A de Philon o centro, e Ceo tocava,
 Que sem leme, e sem arvores correndo,
 Cahe nos braços do vento, e da tormenta
 Nas rochas, aonde em flor o mar rebenta.

XLII.

Rotas as vellas, e arvores rendidas,
 Vendo que o mar engrossa, os ventos creíscem,
 As outras naos ás ondas atrevidas
 C'uma pequena vella se offerecem:
 As mais da companhia divididas
 Raras por entre as ondas apparecem,
 Nas mãos do vento, de Orion armado,
 De horror, e negras sombras carregado.

XLIII.

Vendo Juno dos ventos a braveza,
 Que as naos rendidas leva, e desgarradas,
 Os naufragios, as mortes, e a riqueza
 De Troya entregue ás ondas empoladas:
 Desce ao grande Neptuno com presteza,
 Dizendo: Acode Rey ás mal tratadas
 Naos, primeiro que o vento poderoso
 Lhe dê (se não deo já) fim lastimoio.

XLIV.

Se Ulyfles, e Agamenon abrazaraõ
 A Troya, alto decreto foy divino,
 Que as Gregas armas nella executaraõ,
 Que mal pôde eftorvarfe o que he destino:
 Com que ordem os duros ventos levantaraõ
 Em ferras todo o Reyno Neptunino?
 Pois por Venus fem outro fundamento
 Solta Eolo as prizoens ao bravo vento.

XLV.

Para mim o teu rogo, o teu mandado
 (Neptuno lhe tornava) he ley segura,
 O vento cefse, e a teus pés prostrado
 Victoriofa lhe opprime a cerviz dura:
 Que ainda que de Ulyfles enojado,
 Por ti me esquece tudo, ó deofa pura,
 E affaz de pouco faz quem te obedece
 Quando te vê, fe tudo o mais lhe esquece.

XLVI.

Agora o mar fe abrande: ifto dizendo,
 Sobe no carro azul, que vaõ tirando
 Escamosos cavallos, que vertendo
 Hiaõ fogo da vista, o mar cortando:
 As ondas amariffimas bebendo,
 Que sobre ellas em arco vaõ botando,
 Neptuno a nova colera os incita,
 Soa o açoute, e aos cavallos grita.

Sobre

XLVII.

Sobre as ondas mais altas se levanta
 O carro, que seu pezo reconhece,
 Vibra o largo tridente, o vento espanta,
 Quando mais indinado se embravece :
 Solta a medonha voz com furia tanta,
 Que no mais fundo Thetis estremece,
 Que o som da voz, e a força do tridente
 Amanfa o vento, e os mares juntamente.

XLVIII.

Da barba prenhe de humido rocio,
 Que sobre o pardo peito descansava,
 O liquido crystal correndo em fio
 Lavando os membros nús, ao mar tornava :
 Já se humilha de medo o vento frio,
 E aos pés por lhos beijar se debruçava,
 Da crespa fronte voa em si revolto
 O molhado cabello ao vento solto.

XLIX.

Fogem do ar as nuvens num momento ;
 Sereno o mar se mostra, o Deos irado
 Voltando o rosto diz ao bravo vento,
 Que rendido a seus pés está prostrado :
 Onde se vio tamanho atrevimento,
 Que estou ? Porém soceguese o alterado
 Movimento das ondas, e prometo,
 Que eu o emende, estando o mar quieto.

L. IX

Dizey ao voffo Rey, que elle dós ares
 As furias mova, e tempeftade fria,
 Arranque os mores montes, que dos mares
 Só eu tenho a profunda monarchia,
 Occupe fua cavernas, e lugares,
 Onde nunca chegou a luz do dia,
 Lá tenha feu imperio preminente,
 Que o mar só reconhece o meu tridente.

L. X

Disse, e o carro veloz atravellava
 Sobre o undofa campo, que cobrindo
 De branca efuma vay, quando pallava
 A leve roda, alto caminho abrindo:
 Já para acompanhallo fe ajuntava
 Copia dos deofes humidos, fahindo
 Do mais fundo do mar, onde habitavaõ,
 Que em cavallos maritimos cortavaõ.

L. XI

Deixaõ das ondas o ceruleo clauffro
 Os Cidadaõs do mar, e as excellentes
 Ninfas fahindo no foberbo plauffro,
 Na agua accendendo vaõ chamas ardentes:
 Deixaõ feu brio, e grandes forças Austro,
 Africo, e Noto, fendo taõ valentes,
 Toda a ira depoem, e os negros ares
 Apartaõ, focegando os grollos mares.

Qual

LIII.

Qual de humã negra phoca o dorso opprime,
 Que no liquido campo governava,
 Qual num monstro disforme, alto, e sublime
 Abre o puro crystal, que se humilhava:
 Qual sobre hum lobo sahe, e a lança esgrime
 Do coral, que com o ar se congelava,
 Qual pelas crespas ondas, que atravessa,
 O cavallo maritimo arremessa.

LIV.

Vem num ceto disforme com canino
 Aspecto o velho Glauco, e de Atamante
 Palemo filho, e da formosa Ino
 Nadando num delfim, vinha diante:
 O buzio toca retorcido, e fino
 O filho de Salacia, e a prestante
 Thetis faz sobre o mar doce chorea,
 Com Symodoce, Spio, e Panopea.

LV.

Phorcis pay de Medusa tambem veo
 Com seu copioso exercito nadando:
 Forma humana tomou o graõ Proteo,
 E das phocas o segue o immundo bando:
 Fere a liquida prata o graõ Nereo,
 A redea diamantina governando,
 Com que modera a verdinegra boca
 D'uma arrogante, e prodigiosa phoca.

Qual

LVI.

Qual valeroso Capitaõ , que tendo
 Alcançada victoria gloriosa ,
 No campo fica alegre, recolhendo
 Despojos da batalha sanguinosa :
 E as tubas, que provocaõ Marte horrendo,
 Leva diante em pompa sumptuosa :
 Assim dos seus Neptuno acompanhado
 Victorioso passeia o mar salgado.

LVII.

Como isto entendeo Phebo, com luz branda
 O diafano ar alegre enchia :
 Fogem do Ceo as nuvens a outra banda,
 E o Norte frio o largo Ceo varria :
 Riaõse as ondas, todo o mar se abranda,
 E em prisaõ dura logo recolhia
 O grande Eolo os alterados ventos,
 Concertaõ paz segura os elementos.

LVIII.

Nas brancas azas colhe alegremente
 O favoravel vento o solto pano,
 Quando já de Climene o filho ardente
 Morre, abrazando as aguas do Oceano :
 A noite foge , a mal tratada gente
 Do trabalho passado em doce engano
 Pelo convez o pezo suspendia
 Do cuidado, e cansada fantasia.

A touca

LIX.

A touca, que de nuvens fez delgada,
 Nas ondas lava a Aurora fugitiva,
 E a agua em puras gotas congelada
 Recebe a concha sobre o mar lasciva:
 Que dentro della em perolas formada
 Sahe para honrar a testa mais altiva,
 Que enriquece a Neptuno, o Ceo namora,
 Pura neta do Sol, filha da Aurora.

LXI.

Vemos, rompendo o Sol, estar defronte
 A grande Ilha de Scyro, onde alterado
 Neptuno os cornos da cerulea fronte
 Quebrando se retira de affrontado:
 Onde as nuvens assalta hum grande monte,
 A quem a seu pezar tinha tomado
 Thetis tamanha parte de seu centro,
 Que espalha as ondas com silencio dentro.

LXI.

Para huma parte a levantada ferra,
 Onde humilhava hum pouco a fronte altiva,
 Huma alegre enseada dentro encerra,
 De assentos rodeada, em pedra viva:
 Onde huma, e outra fonte a fresca terra
 Cruza em serpes de vidro, e se deriva,
 Que offendida das pedras, que tocava,
 Com espumosas bocas murmurava.

Aqui

LXII.

Aqui das Ninfas era usado assento,
 Que aquelles frescos bosques habitavaõ,
 E alli seguras do inquieto vento
 As naos se recolhiaõ, e ancoravaõ:
 Sem dos mares sentir o movimento
 Dormindo sobre as ancoras passavaõ,
 Aqui folta, chegando hum, e outro pinho,
 Unhas de ferro, encolhe azas de linho.

LXIII.

Sahe a gente affligida, e destroçada,
 Bebe das fontes a copiosa vea,
 A terra beija, e deitase cansada,
 Por descansar na molle, e branda area:
 Ferio Alcipo a pedra congelada,
 Invençaõ de Pirode, e o fogo atea,
 Ao lume secas folhas chega, e logo
 No arido alimento cresce o fogo.

LXIV.

Contentes se enxugavaõ nas amigas
 Flâmas, vencido já o mortal perigo:
 Aprendendo das providas formigas,
 Tiraõ para enxugar o molle trigo:
 Em quanto nestas asperas fadigas
 Se occupavaõ os mais, eu só comigo,
 Entrando num profundo sentimento,
 Fallava, e respondia ao pensamento.

LXV.

Pelas ondas os olhos alongando ,
 Nellas os companheiros mortos via,
 Que o grosso rolo da agua vem botando
 Pela deferta praya, humida, e fria :
 Ao monte alto subia , imaginando
 Que de mais longe o mar descobriria,
 E co' a alma nos olhos corro os mares,
 Sem o peso os deter de meus pezares.

LXVI.

Crendo que as naos ao longe divizava,
 Alvorçado desço do alto monte,
 Quando já á tarde fria o Sol pintava,
 Bordando de ouro as nuvens do horizonte:
 Creonte, que eu comigo entaõ levava,
 Hum rebanho de vacas vê defronte
 Andar pascendo , e logo desviados
 Em bandos os cornigeros veados.

LXVII.

Cautamente se chega, o espaço mede,
 Junta as pontas do arco, e sacudindo
 A corda , sahe veloz. que o vento excede,
 A mortal setta , o ar delgado abrindo :
 Chega onde a vista aponta , e mata a fede
 No sangue de hum graõ touro , que cahindo
 Desanimado morde a terra, e sólta
 A alma robusta em negro sangue envolta.

Eu

LXVIII.

Eu logo á praya defço, e alli chegados
 Os navios, que aos mares escaparaõ,
 Na terra ancoras prendem, que os soldados,
 Da proa com destreza ao mar lançaraõ:
 Entre a furia dos ventos alterados
 Ao longe apenas dous se divizaraõ,
 Que quando mais de perto os descobrimos,
 Perecer juntos entre as ondas vimos.

LXIX.

Os casos da fortuna mais temidos,
 (Lhes digo) vence lô quem a despreza,
 Que dos lugares altos, e subidos
 Todo o caminho he cheyo de aspereza:
 Dos trabalhos passados, e vencidos
 Se alegra o forte, que de os ter se preza,
 Que o perigo mais aspero, e mais grave
 A passada lembrança o faz suave.

LXX.

Se a fortuna nos mostra o rosto iroso
 Da futura alegria da esperança,
 Passado o tempo triste, e procelloso
 As vellas enche a prospera bonança:
 Refaçamos a armada, e com piedoso
 Affecto aos corpos, que na praya lança
 O mar, demos sepulcro eterno, e breve,
 Que ços mortos piedade usar se deve.

LXXI.

Logo sem vida cahem os levantados
 Preixos nos altos montes, e as sagradas
 Palmas, e os negros alamos casados
 Co' as vides em seus troncos abraçadas:
 E os velhos foveiros renovados,
 Que as duras tempestades indomadas
 Tinhaõ vencido, já feridos tremem,
 E com seu grave pezo os carros gemem.

LXXII.

Todos em reparar com pressa entendem
 Das naos bancos, e remos, e traziaõ
 De longe o bosque, e o trabalho aprendem,
 Que entre todos com gosto repartiaõ:
 Antenas sobem, de que as vellas pendem,
 De enxarcia os negros pinhos se cobriaõ,
 Outros ao pio officio se inclinavaõ,
 E humilde sepultura aos mortos davaõ.

LXXIII.

Inclinada de todo a luz se via
 Do Sol sobre os dourados horizontes,
 E a noite a duvidosa luz vencia,
 Roubando a graça das muscosas fontes:
 Sobre os humildes valles já cahia
 A escura sombra dos ceruleos montes,
 E quantos olhos o repouso ferra,
 Tantos o Ceo abria sobre a terra.

LXXIV.

Por descansar o espirito affligido,
 Numa lapa, que o mar cavando abrira,
 Quiz repouzar, mostrandome o sentido,
 Que o repouso de hum triste era mentira:
 Depois de ao sono grave estar rendido,
 Sonhando vi o que acordado vira;
 Que o mal, que me occupava a fantasia,
 Me representa a dor que não dormia.

LXXV.

Em sonhos huma deosa me apparece,
 E que comigo falla imaginando,
 Vejo que seu amparo me offerece,
 E para vela o rosto levantando
 Chego, logo ajoelho, e me falece
 O alento, e vou cahindo, e despertando,
 Vendo a deosa lhe digo: O' soberana
 Divindade escondida em fôrma humana:

LXXVI.

Quem es formosa deosa, que comigo
 Usas taõ desusada cortezia?
 Já não temo do mar algum perigo,
 Sendo tu meu amparo, e minha guia:
 Sou Idotea (diz) filha do antigo
 Proteo, que no mar as phocas guia,
 Fiquei ouvindo, e vendo a luz sagrada,
 Confusa a alma, a vista perturbada.

LXXVII.

Conteilhe quanto tempo andara errando,
 Entre as ondas do mar embravecido,
 Co' a fortuna mil vezes pelejando,
 Alagado outras tantas, e perdido:
 Como vira tres vezes declinando
 Do Sol o ardente carro, ter medido
 Do vellocino os circulos dourados,
 Indo abraçar os peixes prateados.

LXXVIII.

Como vira tres vezes as amigas
 Casas do Ceo formoso, e radiante,
 Para dourar as pallidas espigas
 Passar de Daphne o desprezado amante:
 Como vira das ferras mais antigas
 No cume levantado, e arrogante
 Tres vezes as cabeças carregadas
 Das graves cans, das aguas congeladas.

LXXIX.

Disselhe entao: Pois sabes o futuro
 Segredo em ouro escrito no volume,
 Que em seu archivo guarda o fado escuro,
 E o tempo gastador ja mais consume:
 Destes annaes divinos ver procuro
 Em tua boca hum rasto, hum vivo lume,
 E desta pura luz hum rayo claro
 Do que no seyo esconde o tempo avaro.

LXXX.

Respondeome : Só Proteo tem sabido
 O que queres de mi, porque presente
 Lhe he tudo o que ha de vir, por escondido,
 Por guardado que estê na etherea mente:
 Quando o Sol ao mais alto está subido
 Por estas grutas passa a festa ardente,
 E nesta penha o feu armento enorme
 Lhe faz guarda velando, em quanto dorme.

LXXXI.

Velo-has armado, e nesse mesmo instante
 A fórma muda, em puro fogo ardendo,
 Como serpe se enrosca, ora arrogante
 Leão se finge com bramido horrendo:
 Se alli o apertas com valor constante,
 As entranhas dos fados revolvendo
 Descubrirá os segredos, e a verdade,
 Que inda no seyo esconde a eternidade.

LXXXII.

Nesta muscosa lapa na abraçada
 Festa entra Proteo quando o Sol ardia,
 Na mais secreta parte, e mais guardada
 Me escondo, elle se inclina, em fim dormia:
 Nos braços o apertei, da desusada
 Força espantado Proteo em pé se erguia,
 Qual Deos faz este engano a vozes grita,
 E faz por se soltar força infinita.

LXXXIII.

De hum leaõ ferocissimo tomava
 A horrenda fórma, e duros braços prova,
 Como serpe escamosa se enroscava,
 E em outras cem mil fórmas se renova:
 Os incendios das fauces vomitava
 Com antigo saber, e industria nova,
 E quando lhe naõ val a força, e brio,
 Quer escapar em fugitivo rio.

LXXXIV.

Com mais forças nos braços o sustento,
 Porque responda nelles apertado,
 Quantos annos o mar, e o furdo vento
 Me negariaõ porto desejado:
 C'uma voz carregada, e com violento
 Torcer de olhos me diz: O immobil fado,
 Por te fazer no mundo sempiterno,
 Te dará por trabalhos nome eterno.

LXXXV.

Antes de ver o porto, que desejas,
 Entre o furor dos procellosos mares
 Quer o fado, que varios climas vejas,
 Alheos Ceos passando, alheos ares:
 Até que vivo no sepulcro estejas
 D'um monte, e os companheiros, que lebares,
 Verás despedaçar com graõ fereza,
 Honrando os pratos de huma imúnda meza.

Huma

LXXXVI.

Huma garça com huma aguia do profundo
 Sahir verás com grande agilidade
 Lá onde Phebo morre, onde outro mundo
 Espera de seu rosto a claridade:
 Neste lugar o fado mais jucundo,
 Te permite fundar huma Cidade,
 Que a todas as do mundo a palma toma,
 Perdoe a alta Carthago, a illustre Roma.

LXXXVII.

Soltei Proteo dos braços admirado
 Do que lhe ouvira, e n'alma me entristece
 Ver a que males me reserva o fado,
 Que a vida só em cuidallo desfalece:
 Em tanto Proteo toma do ar delgado
 Varias fórmãs, e já desapparece,
 Fico entre as pedras, do que tinha ouvido;
 Estatua viva, hum Calpe com sentido.

LXXXVIII.

Os cavallos do Sol, affugentando
 As lucidas estrellas, no ar se viaõ,
 Que do primeiro resplendor dourando
 Os fins Eoos, com seu fogo ardiaõ:
 Settas de luz o ar atravessando
 O liquido crystal do mar feriaõ,
 Aonde a luz vacillante parecia,
 Sobre as tremulas ondas que tremia.

LXXXIX.

Quando de Scyro as prayas encurvadas
 Deixo, e cortando vou o argento undoso,
 Da antena as vellas concavas inchadas
 Abrem no vasto mar rasto espumoso:
 Temo inda as couças, que já são passadas,
 No por vir vigilante, e cuidadoso,
 E com fingidas mostras de alegria
 O mal, que n'alma levo, desmentia.

XC.

Os males, que Proteo vaticinava,
 Me espantaõ, quando a mente os considera,
 De não ficar em Scyro me pezava,
 Onde vida, e descanso ter podéra:
 Sem ao fado attender, que me chamava
 A ver os climas d'uma, e d'outra esfera,
 Que apos estes perigos, sem temellos,
 Arrastando me traz pelos cabellos.

XCI.

Da bella Phebe o carro vagaroso
 Pelos campos do Ceo correr se via,
 Quando as feras do curso trabalho
 Descansaõ do prolixo, e largo dia:
 Quando Juno do Olimpo luminoso
 Iris mandava, que do Ceo descia,
 No ar junto das naos librando esteve
 O leve corpo sobre o vento leve.

XCII.

Entrou donde em repouso mais suave
 (Se he repouso o que toma hum descontente)
 Eu refazia do trabalho grave
 O mal, que n'alma tinha taõ presente:
 Alli me diz: Quem ha que tanto aggrave
 Hum coração taõ bravo, e taõ valente,
 Cujo valor o mundo todo assombra
 Do principio da luz té o fim da sombra?

XCIII.

De Proteo a profecia naõ te espante;
 Que a feya noite traz manhã ferena,
 E os mais asperos casos o Tonante
 Muda, e dos fados a ordem defordena:
 Vaõ sempre os valerosos por diante,
 Naõ se acha gloria, sem passarse pena,
 E os que persegue mais, e os que importuna
 Vencem soffrendo os casos, e a fortuna.

XCIV.

O trabalho he escada da subida,
 O marmol mais polido, e mais lavrado
 Por golpes do instrumento teve vida
 Para se ver da terra levantado:
 A pedra, que nas veyas escondida
 A nobre chãma tem, se o temperado
 Fuzil a fere, mostra em fogo aceza
 A ignea, e levantada natureza.

XCV.

Ficaõ grandes trabalhos sendo leves,
 Se as glorias vês, que o Ceo te representa,
 Quando teu nome illustre a partes leves,
 Que outro Ceo cobre, que outro Sol aqueça:
 Isto Juno te diz, a quem já deves,
 Quando de tuas obras se contenta,
 Segue o que a forte, e fado te offerece,
 Que o Ceo sempre os oufados favorece.

XCVI.

Sabe, que quando a Armada Grega esteve
 Quasi perdida, Venus o ordenava,
 Que este poder do grande Eolo teve,
 Que furia, e liberdade aos ventos dava:
 Quando do Ceo com movimento leve,
 Juno descendo os mares applacava,
 E o Rey do mundo da agua num momento
 Recolheo nas prizoens o solto vento.

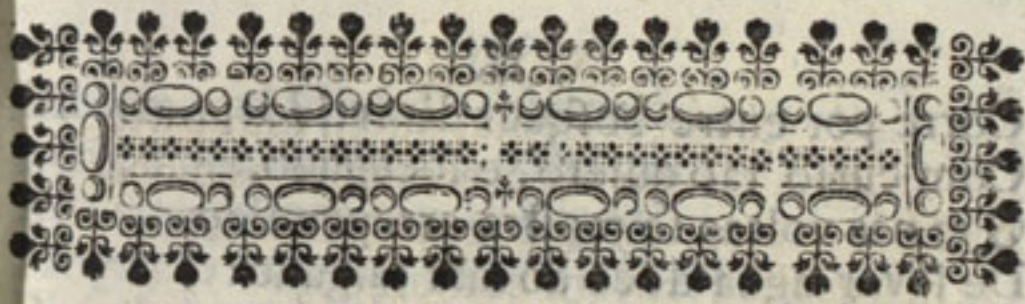
XCVII.

Disse, e de sua rara formosura
 O resplendor suave, e peregrino
 Tornando em claro dia a noite escura,
 Hum rasto deixa no ar puro, e divino:
 O' mensageira, digo, da mais pura
 Deosa, que piza o corpo crystallino,
 Em que a fortuna, e inveja ache inimigas
 (Emulas da virtude, e esforço antigas.)

XCVIII.

Naõ póde haver, ó deosa, quem me aparte
De obedecerte em tudo, armemé os fados,
Arme-se a terra, desça o proprio Marte,
Os mares se levantem conjurados:
Na mais remota, e mais deserta parte,
Na zona ardente, e polos congelados
Vencer espero com favor de Juno
Força dos fados, iras de Neptuno.





ARGUMENTO DO TERCEIRO CANTO.

*C*omo a ver os Lotophagos passara,
 Conta Ulysses, e o porto Lilibeo,
 Como com seu rebanho alli encontrara
 A Polifemo, monstro informe, e feo:
 A quem da vista lucida privara,
 As vellas entregando ao mar Egeo,
 Partese, e Circe, vendo seu desejo,
 Lbe ensina os mares, onde morre o Tejo.

I.



Rosegue o Grego, e todos escutavaõ:
 No porto de Latophago famoso
 Sobre as fortes amarras descansavaõ
 As naos do curso largo, e trabalhoso:
 Onde as fontes juntandote formavaõ

Num fresco valle hum rio caudaloso,
 Cuja corrente fertil, e serena
 Faz a praya de Hyperia mais amena.

Corre

II.

Corre por entre bosques divertido
 Com curso taõ quieto, e socegado,
 Que nas voltas se mostra arrependido
 De levar agua doce ao mar salgado:
 Deixava o arvoredó ao Ceo subido
 Dentro no espelho da agua seu traslado,
 E em suavissima sombra lhe pagava
 O ser, e a vida, que a seus troncos dava.

III.

As arvores de pomos carregadas
 Livres ao gosto, e maõs se offerenciaõ,
 E os de que incautamente saõ tocadas,
 Do mal, e bem passado se esqueciaõ:
 As naturaes potencias perturbabas,
 Como estranhas correndo, nos fugiaõ,
 Era este triste venturoso estado,
 Onde nada lembrava do passado.

IV.

Hum velho venerando aqui encontramos
 Entre os guardados bosques, e espessura,
 A que este graõ segredo perguntamos,
 De fruita taõ sabrosa, e mal segura:
 Elle nos conta, que nos proprios ramos,
 Aos olhos convidando a formosura,
 Aspide o pomo he do bosque ameno,
 Que esconde em sua belleza o seu veneno.

V.

Creouse aqui (dizia) a soberana
 Lotis, a que inclinou a natureza
 Ao suave exercicio de Diana,
 Fatigando dos montes a aspereza:
 Divindade escondida em fórma humana,
 De forte pobre, rica de belleza,
 Foy destes montes rara maravilha,
 Neta de Ope, e de Neptuno filha.

VI.

Destes bosques foy Ninfa, a elles dava
 O tempo todo, quando o Lampaslano
 Seguindo os mesmos montes, que habitava
 Prezo se achou de seu olhar sereno:
 E para a grande pena, que passava,
 Sentindo o coração vaso pequeno,
 Nestes troneos tambem quiz que viesse
 Seu bello nome, que com as plantas crésse.

VII.

Quantas vezes o orvalho fresco, e brando
 Da manhã nos cabellos lhe cahia,
 Quando as feras seguindo, e fatigando,
 Nestes montes a achava o novo dia:
 Quantas nas horas graves reclinando
 O debil corpo. em quanto o Sol ardia,
 Entre o repouso vinha a ter diante
 Este seu novo, não amado, amante.

VIII.

Alli nos proprios cestos, que tecera,
 Lhe offerencia as frutas mais mimosas,
 Nos proprios ramos a madura pera,
 As cerejas, e as ginjas vergonhosas:
 As camoezas gentis da cor decera,
 E no Outono o razimo das sabrosas
 Uvas, que com o orvalho puro, e leve
 Póde escusar artificiosa neve.

IX.

Hum dia lhe contou como encontrara
 Naquelles montes huma Ninfa bella,
 Que nos olhos a vida lhe levara,
 Deixandolhe só o gosto de perdella:
 E ella com descuido perguntara,
 Quem era, por poder amalla, e vella;
 Mas elle com cautela respondia,
 Que noutra occasião lha mostraria.

X.

Subiraõ ambos a este monte, quando
 Na mais fragosa parte do alto monte
 Num espelho, que fórma alegre, e brando
 De seus crystaes huma copiosa fonte:
 Alli, lhe diz, que estava, ella entra olhando,
 Quando se vê a si mesma estar defronte,
 Foge, vendo que ao mal a causa dera,
 E inda de si fugira, se podéra.

XI.

Deixou-o sem reposta, e perturbado,
 Passaraõ muitos, té que veyo o dia,
 Que reclinando o corpo fatigado,
 Sobre a relva gozava a sombra fria:
 Elle que a vio, e tempo accommodado
 Para alcançar o bem, que pertendia,
 Com força fez, e solta liberdade
 As maõs executoras da vontade.

XII.

Resistio, defendeo sua pureza
 Com força, e gritos animosamente,
 Armas, de que usa a femil fraqueza,
 Com que das maõs lhe escapa diligente:
 Co' as delicadas plantas a aspereza
 Destes montes medio, tendo presente
 Do falso amante o enganoso enredo,
 E ao fugir lhe emprestava azas o medo.

XIII.

Depois de largo espaço perseguida,
 Quando já a voz, e alento lhe faltava,
 (Que naõ correo assim cerva ferida
 Ao dictamo ligeira, que buscava:)
 Os olhos levantou ao Ceo rendida,
 Quando, qual planta, a planta se pegava
 A' dura terra, que ambas penetraraõ,
 E em torcidas raizes se trocaraõ.

XIV.

Vão raizes ao centro penetrando,
 Tudo o que ao ar o tronco vay subindo,
 Vestese de corteza o peito brando,
 E nella se escondia o gesto lindo:
 Nos pomos, que produz, e vay creando,
 O Ceo taõ graõ veneno está influindo,
 Que já mais permittio que alguém tocasse,
 Que do que era passado se lembrasse.

XV.

A tez do rosto vendo áspera, e dura,
 E os cabellos, que ao Sol escureciaõ,
 Em ramos já trocados, e a brandura
 Das mãos, que em verdes folhas se estendiaõ:
 Arde o Deos de Helesponto, que a figura
 Mudada vê, dos olhos que o feriaõ
 O tronco abraça, lagrimoso, e triste,
 Que aos braços foge, e sem poder resiste.

XVI.

O remedio promptissimo, que usamos,
 He levar os enfermos quando o dia
 Lança os primeiros rayos, e os banhamos
 Nos crystaes puros de huma fonte fria:
 Quando para os banhar na agua tocamos,
 Elles se apartaõ com mortal porfia,
 E apagando na fonte a sede ardente,
 Bebem na agua o remedio juntamente.

XVII.

A todos nos admira o que lhe ouvimos,
 E para recolhermos os soldados,
 Huns corremos o bosque, outros subimos
 Os montes de arvoredos povoados:
 Como se recolheraõ, conferimos,
 Se he melhor esquecer, ou ser lembrados,
 O estado antigo a alguns melhor parece,
 Onde o passado bem, e o mal esquece.

XVIII.

Logo todos nas naos se repartiraõ,
 Para os mesmos lugares, que tem nellas,
 Do fundo para cima ancoras tiraõ,
 Do alto para baixo largaõ vellas:
 Já os alegres ventos, que respiraõ,
 Sopraõ com mayor força por enchellas,
 E de Neptuno as crystallinas cazas
 Atravellaõ as naos com brancas azas.

XIX.

Se me naõ lembra mal, nos mezes era,
 Que o velho mundo reverdece, e nasce,
 De Colchos o animal em sua esfera
 Dourava o puro Sol com roxa face:
 Quando o touro da nova Primavera
 Em prados de çafira estrellas pasce,
 E ao prezo rio o claro Sol desfata
 Dos grilhoens de crystal os pés de prata.

Já

XX.

Já pelo mar Thirreno atravessavaõ
 Cortando as naos a larga, incerta via,
 Vem do Etna ao longe as chãmas, que ondeavaõ,
 Com que vencendo a noite o monte ardia:
 Nas pedras abrazadas, que voavaõ,
 De Vulcano a officina parecia,
 Onde nuvens de fogo ardendo em ira
 Contra o graõ Jovè Encelado respira.

XXI.

Alli o fero Gigante atado, e prezo
 Sulfureo fogo, e negro fumo exhala,
 Quando nos hombros muda o grave pezo,
 Que co' as immensas forças mal iguala:
 Graõ terremoto excita o fogo acézo,
 Que as cidades maritimas abala,
 Movendo o grave, e inaccessivel monte,
 De vivo incendio nunca exhausta fonte.

XXII.

Desafiando o alto Ceo, e estrellas,
 Com mil bombas de fogo levantadas,
 Cometas lança ao ar, vendose entre ellas
 As brancas cabelleiras inflammadas:
 Que não podendo as chãmas acendellas
 Nas altas grenhas nunca penteadas,
 Se vê de longe com distancia breve
 Na boca fogo, nos cabellos neve.

XXIII.

Aqui chegamos, quando o Sol dourado
 Para os braços de Tethis já descia,
 De Phlegon, e de Eoo arrebatado,
 Que levaõ a fenecer nelles o dia:
 O Ceo compunha vespero inclinado,
 E as estrellas por tochas acendia,
 Vendo ao Phenix do Ceo, que no Occidente
 Morre por ir nascer entre outra gente.

XXIV.

Num porto entrey, que em seu regaço o monte
 Lilibeo fórma, e quando se apressava
 O Sol para sahir sobre o horizonte,
 Eu do dia os crepusculos pizava:
 Subo, e hum grande rebanho vi defronte,
 Que os estendidos valles occupava,
 Cheguei, imaginando que acharia
 Favor na gente, amparo, e companhia.

XXV.

Já fahiaõ pizando os corredores
 Do Sol as pardas nuvens, ainda escuras,
 Ferindo c'os primeiros resplandores
 Dos empinados montes as alturas:
 A Aurora já nos prados, e nas flores
 Esperdiçando vay perolas puras,
 Com que taõ liberal do humor celeste
 Doura o Ceo, orna o campo, as flores veste.

Quando

XXVI.

Quando seu manso gado apascentando,
 Mais de perto hum pastor se me offerece,
 Que nos robustos membros imitando
 Hum monte, hum vivo monte me parece:
 Hum natural cometa scintillando
 Da levantada testa resplandece,
 De pelles he o vestido, a que hum pezado
 Pinho serve de arrimo, e de cajado.

XXVII.

Nas ondas imitava o denegrido
 Cabello as de Cocyto, que naõ sente
 Cultura, antes hirsurto, e retorcido
 Sobre os hombros lhe cahe naturalmente:
 Do queixo prodigioso dividido
 Em duas se despenha huma corrente
 Da intonsa barba, que correndo immunda;
 Prodigamente o largo peito inunda.

XXVIII.

Sete defiguaes canas ajuntara,
 Que como orgaos unio com molle cera;
 Onde do ar a regiaõ mais clara
 O duro som com grave alento altera:
 O grande estrondo, que nos montes pára,
 Rompe o silencio, e a resposta espera,
 Com que Echo, que elcutando está defronte;
 Mostrava que tem alma, e voz o monte.

Neste

XXIX.

Neste instrumento horrifono applicava
 A boca por dar vida ao instrumento,
 Onde alternando os dedos o animava,
 Dandolhe voz co' som, alma co' alento:
 Tocando as canas defiguaes foava,
 Ora em agudo, e ora em grave acento
 Por Galatea, que nas aguas mora,
 Sem dar repouso á fiftula sonora.

XXX.

A alma ferida, e abrazada tinha
 Por Galatea, que abrandar defeja,
 A contarlhe fua dor, e os males vinha,
 De que foy causa huma amorofa inveja:
 Onde Lyparis claro ao mar caminha,
 E onde efpera que della ouvido feja
 Namorado dizia: (eu entre tanto
 Me paro a ouvir o defufado canto.)

XXXI.

Galatea formofa, em cuja neve
 Achou principio o fogo peregrino,
 Que me foubes abrazar, e a culpa teve
 Deste meu amoroso delatino:
 Se me queres matar, e a amor fe deve
 Matarme, do teu ouro crespo, e fino
 Hum laço me darás, bella homicida,
 Onde fuspendas co' a efperança a vida.

XXXII.

A ti no prado imita a pura rosa,
 Quando quer exceder-se na belleza,
 Por ti retrata, como mais formosa,
 As que mais bellas faz a natureza:
 Ouve esta triste voz, que he só ditosa
 Quando tua graça canta, e gentileza,
 Que por vangloria sua amor ordena,
 Que teus louvores cante, e minha pena.

XXXIII.

Esta ribeira com te ver floresce,
 Aonde de Amalthea se derrama
 A copia, que tua luz, quando apparece,
 Anima as flores, e este prado inflâma:
 Nasce a flor, abre a rosa, a planta cresce,
 Só triste chora quem te busca, e ama,
 Perde o sentido quem te vê presente,
 E dá sentido a hum monte, que não sente.

XXXIV.

Se abres os bellos olhos, num momento
 O Ceo se alegra, e doura, e te namora,
 As pardas nuvens fogem, o bravo vento
 Se recolhe nas grutas, onde mora:
 Rouba o teu peregrino movimento
 O officio, e o poder á branca Aurora
 Flores abrindo, as conchas deste rio
 Perolas geraõ, sem colher rocio.

XXXV.

Vivo imiga de verte , e quando vejo
 De teus olhos a pura claridade.
 Não quero mais da forte, nem desejo
 Mór premio da perdida liberdade:
 E amor (pois me não mata amor sobejo)
 Quer sem te ver matarme de faudade,
 Com nova tyrannia amor me trata,
 Se me matar, sem ver a quem me mata.

XXXVI.

Se tantos males soffro, ó Galatea,
 Tambem me soffre que t'os cante, e conte,
 Cansada deste rio a mansa vea,
 Cansadas tenho as grutas deste monte:
 Ah quem, para que a pena se lhe crea,
 Te mostrara no espelho desta fonte
 O ardente coração, firme, e seguro
 Mais que os rochedos, mais que as ondas puro;

XXXVII.

Dizei com verdes folhas arvoredos
 (Que são linguas do monte) o que me ouvistes,
 De que fiei a fé de meus segredos,
 E a cujos rroncos dei lagrimas tristes:
 Dizei-o vós, ó concavos penedos,
 Quantas vezes as queixas repetistes
 De minha imiga, e o echo, que me ouvia,
 A ultima voz, imiga, repetia.

F.

A neve

XXXVIII.

A neve he escura, ó Galátea formosa;
 E sem cor o rubi mais abrazado,
 A çafira sem luz, sem graça a rosa,
 E o ouro a par de ti menos dourado:
 Que em tua alvura, e boca graciosa,
 Olhos, e face, e nesse longo ondado
 Cabello guarda amor em mór thesouro
 Neve, rubi, çafira, rosa, e ouro.

XXXIX.

Quando por cima da divina prata;
 Galatea, o cabelo de ouro estendes,
 Num só fio, que o vento te desfata,
 Mil almas atas, mil vontades prendes:
 A minha, que desprezas, como ingrata,
 Em te amar só se vingá, e se te offendes,
 A culpa de offenderte, e de enojarte
 Paga offendendo com de novo amarte.

XL.

De teus raros estremos de belleza
 Os mesmos elementos se namoraõ,
 Perdem vendote os ventos a braveza,
 Como deosa do mar todos te adoraõ:
 Minha constancia, e tua gentileza
 Dous prodigios iguaes, e raros foraõ,
 Que ambos nos fez dous monstros a ventura,
 A mim de amor, a ti de formosura,

Hum

XLI.

Hum dia junto ao mar te estavas vendo
 Nos crystaes da agua pura, e socegada,
 Alli amor me fazia estar temendo,
 Que ficasses de verte namorada:
 Mas ah Ninfa, que digo, que te offendo;
 Que naõ podes em flor verte mudada,
 Porque quando este caso te aconteça,
 Naõ tem o prado flor, que te mereça.

XLII.

Gostos defacordado estou sonhando,
 Abrindo as portas d'alma a pensamentos;
 E Acis em teu regaço alegre, e brando
 A cabeça reclina, e braços lentos:
 Naõ he novo hum ditoso estar gozando
 Do infelice os vaõs contentamentos,
 Naõ lhe invejo a riqueza, ou formosura
 Só lhe invejo, se o amas, a ventura.

XLIII.

Ha pouco que levando o manso gado
 Junto das fraldas deste freisco monte,
 Me vi de membros bem proporcionado
 No crystal puro de huma clara fonte:
 Que o grande olho do Ceo, do Sol dourado,
 Imita este, que me honra a altiva fronte,
 E toco quando subo a este rochedo
 As nuvens co' a cabeça, o Ceo co' dedo.

XLIV.

Que tigre, que leoa embravecida
 Me estorvou, que seus filhos lhe levasse
 Das tetas, e apos isso a mesma vida,
 Se resistio, nas maõs me naõ deixasse?
 E qual na velocissima corrida
 Houve ligeiro cervo, que escapasse
 De dar a dura testa, carregada
 Das armas, de que foy vãmente armada?

XLV.

De quanto o monte tem, serás senhora;
 De quanto veste ao prado de alegria,
 Que roxinol, que os valles, onde mora,
 Enche de suavissima harmonia:
 Qual rosa, que abre Abril, filha da Aurora;
 Qual pomo, que horta mais vedada cria,
 Naõ verás nessa maõ divina, adonde
 Seu poder a fortuna, e amor esconde?

XLVI.

Aqui, pescando as trutas mais sabrosas,
 Verdes naças no rio esconderemos,
 Eu num barco ligeiro as vagarosas
 Ondas cortando irei com duros remos:
 Ora os curvos enzoes das mentirosas
 Iscas ao doce engano cobriremos,
 Offerecendo aos peixes na comida
 Entre a saborosa dor morte escondida.

XLVII.

Acis he hum pastor affeminado,
 E dono vil de huma manada pobre,
 Naõ póde ser comigo comparado,
 Cujos rebanho tantos montes cobre:
 De Neptuno, que rege o mar salgado,
 Sou filho, quem mais rico, e quem mais nobre?
 Ficarás deste mar sendo senhora,
 Do filho esposa, e de Neptuno nora.

XLVIII.

Quando, Ninfa cruel, para matarme
 A este grande amor naõ correspondas,
 Naõ entendas que podes escaparme,
 Por mais que no profundo mar te escondas:
 Que espero por gozarte, e por vingarme
 Tirarte nestes braços dessas ondas,
 E se já o naõ tenho executado,
 He porque naõ queria amor forçado.

XLIX.

Affim cantava o monstro, eu quando ouyia
 O som da rouca frauta, que tocara,
 Tudo notando fuy, tudo escrevia
 Por cousa grande, e maravilha rara:
 E no verde papel das plantas lia
 Queixas, e versos, que elle alli cortara,
 Trouxe comigo a namorada historia,
 Cauza de a ter presente na memoria.

Vendo

L.

Vendo o coche do Sol, que declinava;
 E que a porta do Occaso penetrando
 Se escondia no mar, se levantava
 Só cos silvos os montes aballando:
 Quando os que me seguiaõ lhe mostrava,
 A quem o monstro a voz encaminhando,
 Com vista carregada, e importuna
 Me diz: Quem es, vil parto da fortuna?

LI.

Deves de ser sem falta algum pirata,
 Que indo buscando mais remota terra,
 Por te satisfazer da sorte ingrata
 Queres roubar os gados desta ferra:
 Se Neptuno te vence, e disbrata,
 Aqui c'um filho leu terás mór guerra:
 Eu lhe respondo: O' Semideos Gigante,
 Do mundo alta coluna, novo Atlante:

LII.

Nunca pirata fuy, nem com desenho
 De roubar naveguei; mas affligido,
 Do mar, que ha muito experimentado tenho,
 Nestas prayas sahi roto, e perdido:
 Do que pode escapar do fraco lenho
 Este vaso offereço, e se atrevido
 Te pareço em dar pouco, considera
 A vontade, que he grande, e tudo dera.

Elle

LIII.

Elle me respondeo : Quando a pobreza
 De hum pastor te agradar , podes comigo
 Ficar , em quanto Phebe em luz aceza
 Descobre o rosto no silencio amigo :
 Castanhas molles, puro leite a meza
 Te honrarão : do Gigante as plantas figo,
 A' porta chego , donde ao ar subia
 Hum monte , que nas nuvens se escondia.

LIV.

Vay ogado diante caminhando,
 Até entrar nas entranhas d'uma ferra,
 E das grossas cadeas desfutando
 Hum disforme penedo , as portas ferra :
 Já o fogo se acende , que ondeando,
 As sombras vence graves , e desterra,
 Em pelles de animaes , em molle estrado
 O monstro informe , e horrendo está prostrado.

LV.

Já a cea se prepara, e das pezadas
 Tetas de puro nectar enche hum tarro,
 Desce os queijos frescaes das penduradas
 Taboas, que rodas são de hum grande carro :
 Estaõ as crueis mesas occupadas
 De varios leites num , e noutro jarro ,
 Eu logo agradecido do que via
 Ao fero monstro humilde assim dizia :

Dar

LVI.

Dar amparo , e favor ao naufragante
 Galardoa com premio peregrino
 Jupiter; e sem ir mais adiante
 Me replicou : Que grande defatino;
 Eu não conheço a Jupiter Tonante ,
 Que sou mais forte que elle, e tão divino;
 Fallas, ó nescio hospede , e importuno,
 Com Polifemo filho de Neptuno.

LVII.

Isto dizendo, estende o braço, e logo
 Entre as mãos toma Lycio, e Amaranto,
 Nellas os despedaça, sem que o rogo
 Humilde lhe valesse, ou triste pranto :
 Come huma parte, e outra sobre o fogo
 Inda tremendo lança , e o grande espanto
 Aos Gregos, que o cercavaõ, tem mudado
 Dõ rosto a cor , o sangue congelado.

LVIII.

De Diomedes já pode a graõ crueza
 Parecer menos fera, e deshumana,
 Quando affrontando a mesma natureza,
 Pasto aos cavallos dá de carne humana :
 Já não he cruel Lynço, que se preza
 De degollar aos hoípedes, que engana ,
 Que a torpe crueldade em mór estremo
 Exercitava o bruto Polifemo.

LIX.

Já pelo escuro Ceo da fatigada
 Noite os cavallos vaõ confusamente;
 Fugindo á tocha Eoa, que a dourada
 Carroça leva ao lucido Oriente:
 Quando eu proprio na cea dilatada
 Ministrava ao Cyclope o vinho ardente;
 Que vay sentindo do licor suave
 Turbada a voz, a vista grossa, e grave.

LX.

Serás, me disse, ó hospede famoso,
 O ultimo, que mande ao triste inferno
 Por te pagar este licor sabroso,
 Que o nectar he de Jupiter eterno:
 O mitimno suave, e o cheiroso
 Faler, e sem poder dizer, falerno,
 Que as palavras turbada lhe impedira
 A lingua grossa, e ao sono se rendia.

LXI.

Profundamente o hirsurto monstro dorme
 Sobre os despojos de animaes prostrado,
 Pezo inutil, cruel, horrendo, informe,
 Semimorto, em lethargo sepultado,
 Tom a alento dormindo em som disforme,
 Que no escuro aposento dilatado
 Mil echos fórma, e nelles representa
 Trovaõ fero no ar, no mar tormenta,

Eu;

LXII.

Eu, como se subira hum grande monte,
 Sobre os peitos lhe estampo a dura planta,
 E c'uma fera estaca sobre a fronte
 Rompo a medonha luz, que o mundo espanta:
 Elle banhado da purpurea fonte
 O carregado corpo mal levanta,
 Cahe a esta parte, e áquella em furia acezo,
 Sem poder sustentar seu grave pezo.

LXIII.

Com graõ furor, co' as mãos pezadas toca
 As feridas crueis, e com intensa
 Colera bebe o sangue a negra boca,
 Que banha o largo peito, e barba densa:
 Ferido, e cego a furia se provoca,
 Mal acordado cahe co' a dor immensa,
 Representando o alto Pelio, ou Ossa
 Brama com tom de voz horrenda, e grossa.

LXIV.

Qual o touro encerrado, que ferido
 Sacode a crespa, e temerosa fronte,
 Em roda se vigia embravecido,
 Acometendo quanto vê defronte:
 E c'um, e outro asperrimo mugido,
 Por se tornar ao conhecido monte,
 Co' as lanças, e reparos bravo enresta,
 Bramindo, e inclinando a dura testa.

Tal

LXV.

Tal na caverna o horrído Gigante
 Co' as mãos a cova apalpa, em ira ardendo,
 Toma o baftão, e quanto tem diante,
 Vay com furia, e braveza desfazendo:
 Dava hum, e outro brado penetrante,
 Tomar ás mãos os Gregos não podendo,
 Levanta a porta por tentar a face
 Da duvidofa luz, que ao mundo nace.

LXVI.

De feus gritos, e vozes efpantados
 Os animaes, nas covas fe efconderaõ,
 Rompe o abyffo á força de feus brados,
 Onde as furias a pena fufpenderaõ,
 Com que Thefeo, e Encelado abrazados
 De Jupiter de novo efremeceraõ,
 E Cheronte, que ouv io a Polifemo,
 Largou das mãos o carregado remo.

LXVII.

Se de feus polos firmes, e feguros
 As esferas, que eftaõ nelles cravadas,
 Co' as cryftallinas Zonas, e Coluros
 Cahiraõ pelo ar despedaçadas,
 Não fizeraõ o eftrondo, que feus duros
 Brados, e vozes fazem mal formadas,
 Quando apagado, o Cyclope prefume
 Ter na viuva testa o grande lume.

LXVIII.

Dos mayores carneiros lhe tomamos
 As frescas pelles, com que nos cobrimos,
 Entre as rezes a vida aventuramos,
 E a sahida da cova repetimos:
 Nas maõs da forte, e suas entregamos
 A vida, por ventura em fim sahimos,
 Só Licaonte achou na boca escura,
 E largo ventre morte, e sepultura.

LXIX.

Em suas maõs em partes se rasgavaõ
 Seus membros, e entre os dentes se sentiaõ
 Ranger os duros ossos, que estalavaõ,
 Comendo as nuas carnes, que tremiaõ:
 Co' as estacas, que a testa penetravaõ,
 Onde caminho á fria morte abriaõ,
 Vertendo negro humor, fóra sahia,
 Nesta horrenda apparencia nos seguia.

LXX.

Espera, diz, ó hospede insolente,
 Espera acabarás o que intentaste,
 Que a hum filho do que rege o graõ tridente,
 Em noite eterna vivo sepultaste:
 Sendo taõ animoso, e taõ valente
 Naõ fujas; pois da vista me privaste,
 Me acaba de matar, que naõ espero
 Outro favor de ti, nem outro quero.

Monstro

LXXI.

Monstro fero, lhe digo, não te espante;
 Se neste braço a pena merecida
 Achaste, que a fereza d'um Gigante
 Dos deoses muitas vezes foy vencida:
 Assim castigar sabe o graõ Tonante
 Essa alma tua ingrata, e fementida,
 Que o sangue humano, em que fartaste a sede;
 Este castigo, esta vingança pede.

LXXII.

Podes de tua morte gloriarte,
 Se nella ha coufa, que não seja fea,
 Que teu hospede foy para matarte
 O filho de Laerte, e de Anticlea:
 Sabe que Ulysses sou, e quiz pagarte
 Desta maneira aquella ultima cea,
 Quando para matar a sede insana
 Te vi fartar de sangue, e carne humana.

LXXIII.

Ah traidor, me torna elle, que Telemo
 Me tinha este graõ mal pronosticado,
 Diziam: Não des, ó Polifemo,
 A Grego algum amparo, ou gazalhado:
 Mas como não te estimo, nem te temo,
 Vendote em tal miseria, e tal estado
 Te agasalhei, infame peregrino,
 Que a tudo acha caminhos o destino.

LISBOA EDIFICADA.

LXXIV.

Ao bosque logo os braços convertia,
E ás enzinhas robustas, que cravadas
Até o centro estaõ, faz ver o dia,
Mostrandolhe as raizes arrancadas:
Aliviado o monte se sentia
Do pezo de suas plantas carregadas,
A que o duro Cyclope com violento
Furor cortar fazia o bravo vento.

LXXV.

Apartaõse os navios, não soffrendo
Os golpes, que do alto o mar feriaõ,
Que em cada tiro, que cahia horrendo,
Huma voragem cruel té o centro abriaõ,
Com que as ondas em circulos fervendo
Remuinhos altissimos faziaõ,
E por fugir ao duro Polifemo
As crespas ondas fere o grave remo.

LXXVI.

Qual garça que no rio passeando,
Sentindo o caçador, que está escondido,
Porque do arco a setta atravessando,
Leve primeiro a morte, que o ruido,
Acautelada em roda vigiando
Co' a prompta vista está, co' colo erguido,
E antes que o caçador astuto aponte,
Voando excede ao mais altivo monte.

LXXVII.

Tal huma, e outra nao volatil ave
 Abrindo as azas vay, porque a ferena
 Aura, que respirava mais suave,
 Encheffe os seynos de tecida pena:
 Das ancoras se leva o pezo grave,
 Ao alto se levanta a negra antena,
 Por salvar do perigo a vida chara
 Deixo as terras crueis, e costa avara.

LXXVIII.

Elle da viva rocha (que pendia
 Sobre o espelho do mar, onde toucava
 A descomposta, e tosca penedia,
 Que em natural desordem concertava)
 Huma graõ parte toma, o mar feria
 Com pezados penedos, que arrancava,
 E sobre as naos, que sente estar defronte,
 Hum monte faz voar tras d'outro monte.

LXXIX.

Hiaõse as naos ligeiras apartando,
 Fugindo aos duros golpes, que defciaõ,
 Co' as vellas, e co' a proa o ar cortando,
 E o campo azul do mar co' remo abriaõ:
 Quando de longe se hiaõ divisando,
 Outros feros Gigantes, que se viaõ
 Andar com Polifemo pelas prayas,
 Vivos cyprestes, e animadas fayas.

LISBOA EDIFICADA

LXXX.

Já cada qual das naos desapparece:
Polifemo, que sente como as vellas
O porto deixaõ, grita, e se embravece
Desejando vingarse, e desfazellas:
Com grandes golpes sobre as ondas dece
Co' bastaõ duro, e no mais alto dellas
Entra, e onde mais fundo o pego estava,
As espaldas a penas lhe molhava.

LXXXI.

Té alli nos foy seguindo, e naõ podendo
Hir adiante, pára, e naõ atina
Para que parte as vellas vaõ correndo,
E o que deve seguir mal determina:
Atroa o mar c'um tom de voz horrendo;
Neptuno fóra da agua crystallina
Bota a cabeça, e arder se via logo
O Rey dos mares noutro mar de fogo.

LXXXII.

Entaõ diz o Gigante: O' sobrano
Rey das ceruleas ondas, que o profundo
Habitas, e c'os braços do Oceano
Cinges a grande machina do mundo:
Aqui teu filho tens de furia insano
Que em tuas aguas lava o fange immundo,
De que banhado estou, e quasi exangue
Botando num mar d'agua hum mar de fange!

Despre-

LXXXIII.

Desprezando o poder do teu tridente,
 As altas ondas deste fundo pégo
 Com insolentes armas insolente
 Ousado corta hum victorioso Grego:
 Por morte mais cruel, e mais vehemente
 Me deixou vivo, se ficando cego
 Vivo fiquei, que em dor taõ excessiva
 Não me tenho por vivo, ainda que viva.

LXXXIV.

Ouvio-o o graõ Neptuno, commovido
 Do amor de pay, e para as naos olhava,
 E o odio, que tem n'alma concebido,
 Já nos fogaõs olhos cintillava:
 E co'a magoa do filho ver ferido
 A longa barba pela maõ passava,
 E fallando entre dentes enojado,
 No fundo se escondeo do mar salgado.

LXXXV.

Era de noite, e o seu immundo armento
 Protheo nas fundas grutas escondera,
 Repousando os delfins, dormia o vento,
 Cançada a natureza a luz espera:
 Rompendo as naos o humido elemento
 Cinthia argentava a superior esfera,
 E o mar, que as brandas ondas encrespava,
 Da Lua a imagem tremula imitava.

LXXXVI.

No levantado polo que apparece
 Com vista prompta vou na noite escura,
 Donde Helice formosa resplandece
 De Urfa immortal na celeftial figura:
 Vendo o tardo Boote como dece
 Rodeando em feu plauftro a Cynofura,
 Temendo que Neptuno com mor furia
 Vingue de Polifemo a nova injuria.

LXXXVII.

Naõ tardou muito espaço, quando vemos
 Em altos valles todo o mar cavado,
 As vellas rompe, o goroupez, e os remos
 O vento de braveza, e furia armado:
 Já co' a humana força naõ podemos
 Vencer, e no trabalho acostumado
 Os marinheiros erraõ voz, e intentos
 Entre as vozes, que daõ na enxarcia os ventos.

LXXXVIII.

Huma nuvem de horror no ar fe estende,
 Que o Ceo cobria, e todo o mar fe altera,
 A nao abrindo, cos balanços pende,
 Da jornada, e da vida o fim fe espera:
 Dos fogos, com que em roda o ar fe acende,
 Tremia o fogo em fua mefma esfera,
 Aqui en xergamos d'um cabello azida
 A esperanza fem fim, e o fim da vida.

LXXXIX.

Logo Sylenio os ares vem cortando,
 E dos mares abranda o movimento,
 A Armada impelle, as ondas apartando;
 E em popa nos ajuda alegre o vento:
 Quando a luz duvidosa vem mostrando
 O Sol minino ainda somnolento,
 Este famoso porto apparecia,
 Onde o vento forçados nos metia.

XC.

Estas fortunas asperas passamos,
 Trabalhos nunca de outrem padecidos,
 Por entre os largos mares, que cortamos,
 Entre as ceruleas ondas sumergidos:
 Té chegar a este porto, onde esperamos
 Ser por voz bella Circe focorridos,
 Certo amparo, e firmissima coluna
 Dos que nos fez seus monstros a fortuna.

XCI.

Aqui deo fim Ulysses valeroso
 A' navegação grande, que fizera,
 E em repouso os sentidos mais sabroso,
 No que resta da noite, suspendera:
 Entraõ no paço illustre, e sumptuoso,
 Cujá riqueza em Chipre, e em Cithera
 Nunca para seus gostos teve junta
 A Rainha de Phapho, e de Amatunta.

XCII.

Em toda a casa as tochas cento a cento
 Ardendo estaõ, que o ar alumiauaõ,
 A noite desterrando do aposento
 Nas luzes, com que as sombras illustravaõ;
 Os panos, das paredes ornamento,
 De ouro, e de varias sedas igualavaõ
 Os de agulha prolixa dibuxados,
 E lavor Babylonico lavrados.

XCIII.

Aqui ardia em fogo mais suave
 A odorifera lenha, que destina
 A sua pyra de Arabia a immortal ave,
 Quando nascer no fogo determina:
 Enchem de nõbre fumo a sombra grave
 As lagrimas, que chora a peregrina
 Synara, e no aposento mais secreto
 Ardiaõ de Hybla as plantas, e de Hymeto.

XCIV.

Tudo quanto o Sabeo molle cultiva,
 O Indo adusto, o Arabe ditoso,
 Que em suas penhas tem Attica altiva,
 Hesperia guarda em seu jardim famoso:
 Quanto Pindo produz, quanto a lasciva
 Chipre cria mais puro, e mais cheiroso
 O rico estrada cobre, co' as melhores
 Vindas de estranhos Geos, barbaras flores:

XCV.

Huma formosa alcoba alli se via,
 Que ornaõ tapeçarias do Oriente,
 Fadiga peregrina, aonde ardia
 Com lavor Persio a Tiria cor ardente:
 Huma cama entre todas excedia
 Tudo o que ha mais custoso, e excellente,
 Com agulha da China dibuxada
 Dos labores de Aragnes delicada.

XCVI.

Tres vezes pela ecliptica o dourado
 Apollo as duas metas da alta esfera
 Visitara, e outras tantas abrazado
 No caõ celeste o Syrio fogo ardera:
 Quando a Ulysses com Circe descuidado
 A bella filha de Thaumante espera,
 E da rosada nuvem, que vestia,
 Com boca, e rosto alegre lhe dizia.

XCVII.

Que alto descuido, ó Capitaõ famoso,
 Te detem de Penelope esquecido,
 Entre tantos cuidados ocioso,
 Entre enganosos bens taõ mal perdido:
 Naõ vives de Telemacho saudoso?
 Qual num deserto em ti proprio escondido,
 Occultandote ao fado, que te chama,
 Perdes por gosto breve eterna fama.

XCVIII.

Rompe a tardança, e laço diamantino;
 Que o Ceo to manda, e na futura idade
 Mostra por entre sombras do destino
 Grandes cousas de ti na eternidade:
 Onde ao mar entra o claro Lybistino;
 Fundarás hum emporio, huma Cidade,
 A cujo cetro sua riqueza propria
 Renderá Persia, Arabia, e Ethiopia.

XCIX.

Deixa amores de Circe, deixa enganos,
 Que Juno seus favores te offerece,
 E Venus entre os deoses soberanos
 Tuas illustres obras engrandece:
 Que arrependida dos passados danos
 Te procura ajudar, porque conhece
 Que ainda ha de esquecer por Lusitania
 Os abrazados muros de Dardania.

C.

Disse, e com iguaes azas vay cortando
 Os diafanos ares, e o valente
 Grego seu graõ descuido está accusando,
 E seu cuidado accusa juntamente:
 Como se partiria imaginando,
 Onde enleado na alta dor, que sente,
 Circe o achou, e a alma lhe penetra
 A embaixada, que a filha deo de Eletra.

C I.

Bem sey que Juno, diz, minha inimiga
 Tua partida, e a morte me defeja,
 Não basta que a fortuna me perfiga,
 Sem tambem perseguirme a sua inveja:
 Já que a fallar sua paixão me obriga,
 Não he razão que taõ divina seja,
 Que não foy falsa a nuvem, e sombra leve,
 Quando o Rey de Theslalia em braços teye.

C II.

He costume no mundo inveterado,
 Que o defeito de hum grande nos parece
 Digno de ser cuberto, e ser louvado,
 E só no humilde o crime se conhece:
 Cada qual com seus vicios abraçado
 Poem he outro nome, e nelles envelhece,
 Parece o que está em alto mais perfeito,
 Que encobre co' a distancia o mór defeito.

C III.

Vay grande Ulysses aonde o Ceo te chama,
 Que eu chorarei a minha infauſta forte,
 Historia ao mundo dá, materia á fama,
 Refirase em tuas glorias minha morte:
 Assim chorava, qual a verde rama,
 Que chora, e arde em fogo intenso, e forte,
 Entre arder, e esperar lagrimas perde,
 Que amor he fogo, e a esperança he verde.

CIV.

Mal te posso esconder Circe formosa;
 Ulysses diz, esta fatal partida,
 Nem desta alma a ferida saudosa,
 Sendo as lagrimas sangue da ferida:
 Tu sabes qual he a causa, e quaõ forçosa,
 Que não ignora cousa taõ sabida
 Quem do Sol os trabalhos mede, e sabe,
 E o que da Ursa ao polo opposto cabe.

CV.

Póde o fado apartarme injusto, e forte,
 Mas não fará, que quem seus males sente,
 Não torne á doce vida, e doce morte,
 Na prizaõ, aonde estava taõ contente:
 Não se muda o amor, mudase a sorte,
 Dorme a memoria do que vive ausente,
 Se ama não dorme, que este sentimento
 Não consente repouzo ao pensamento.

CVI.

Entende o Grego em reparar a Armada,
 Com elle toda a Grega companhia
 Se dispoem a partirse alvorçada,
 Só Circe n'alma esconde o que sentia:
 Sendo a primeira magoa já passada,
 Da partida contente se fingia,
 F. tendo a culpa de seu mal taõ viva,
 Trata só de entreter sua dor esquiva.

CVII.

Para hum retrete o leva, em que detinha
 A vista nas pinturas exquisitas
 De historias, que o pincel insigne tinha
 Em viva, e muda poesia escritas:
 Alli Phebo correndo a aurea linha
 Das doze casas, que com a luz visitas,
 Vias cahir o que teu carro infama,
 Dando co' a morte ao Pado eterna fama.

CVIII.

Mostralhe logo na primeira idea
 O mundo num confuso chaos, e escuro,
 E que daquella massa informe, e fea
 He o Sol alma immortal formoso, e puro:
 Alli se vem Melissa, e Amalthea
 Crear ao grande Jupiter, e o duro
 Saturno, que com sua eterna fome
 Os filhos, que gerara, irado come.

CIX.

Descobrelhe outro quadro, onde a pintura
 Hum edificio de obra sumptuosa
 Mostra, que abriu té o centro a terra dura
 Por se esconder na esfera luminosa:
 Sustenta os capiteis de prata pura,
 De diamante a parede alta, e lustrosa,
 Donde hum clarim perpetuamente chama
 Aos que aspiraõ gozar de eterna fama.

Esta

CX.

Esta parte, lhe diz, sublime, aonde,
 Affrontando do Ceo as luzes bellas,
 A altiva testa o grande Olympo esconde
 Coroada dos rayos das estrellas:
 O alcaçar he da fama, que responde
 Ao sitio nas grandezas, que de vellas
 Com a nobre architectura do aposento
 Suspende a vista, enleva o pensamento.

CXI.

As janellas abertas, e patentes,
 E as aureas portas nunca estaõ ferradas,
 Que de varias naçoens, e varias gentes
 Dia, e noite se vem sempre occupadas:
 De correynos, e espias differentes
 De regioens das nossas apartadas
 O inconstante rumor, que dentro habita,
 As entradas dispenfa, e facilita.

CXII.

Sobre huma nuvem lucida, e dourada
 Tem a fama seu alto, e nobre assento,
 Onde a luz de Pyropos abrazada
 Vence as luzes do ethereo firmamento:
 Daqui sahe com carreira acelerada,
 Abrindo as azas ao ligeiro vento,
 Que a toda a hora nas regioens serenas
 Do ar voando estende as aureas pēnas.

CXIII.

Duas trompas sustenta nos nervosos
 Braços, a que dá alento peregrino,
 E dobrandose os ecos portentosos
 No mundo todo soa o metal fino :
 Com mil linguas os casos duvidosos
 Publica , e logo com buril divino ,
 Porque os futuros seculos espante,
 Os lavra em taboas de ouro, e de diamante.

CXIV.

Junto a seus pés está asentada a historia,
 Rodeada de livros, onde escreve
 Feitos, que dignos são de eterna gloria,
 A que offender a idade não se atreve :
 Seus archivos, e annaes guarda a memoria,
 Tem ante si prostrado o tempo leve
 A inimiga fortuna, a morte escura,
 A que com a planta opprime a cerviz dura.

CXV.

Outras muitas estancias occupadas
 Se vem de altos varoens, que as merecidas
 Coroas tem por obras estremadas,
 Dando caducas por eternas vidas :
 E os que em segura paz com leys sagradas,
 Como com muros, deixaõ guarnecidas
 As terras, ou co' a penna o Ceo tocando
 No aposento da fama entraõ voando,

CXVI.

Varios retratos nas paredes pendem
 De matronas insignes, que a pintura
 'Taõ vivas mostra, que co' a vista acendem
 Desejos de imitar sua formosura:
 Com eloquencia muda alli reprendem
 As da idade presente, e da futura,
 Que sem buscar da fama o claro assento
 Na sombra estaõ do bruto esquecimento.

CXVII.

Este castello em roda está cercado
 De arduos caminhos, donde vaõ sahindo
 Os que com justo passo acelerado
 A' eterna fama vaõ caminho abrindo:
 Aqui tambem lugar terás guardado,
 Onde essa altiva fronte irá cingindo
 A coroa, que as folhas não perdeo,
 Da gloriosa planta de Peneo.

CXVIII.

Descobre logo hum mapa, onde abraçada
 Tem consigo Neptuno a redondeza,
 De plantas, feras, e aves variada,
 Que o variar faz bella a natureza:
 Aqui lhe mostra a terra dilatada,
 A quem do eterno lume a tocha aceza
 Do Sol illustra, e nella as descubertas
 Partes, e as que inda temos por incertas.

CXIX.

Vês como com seus braços, lhe dizia,
 A terra cinge o tumido Oceano,
 Aqui Africa está, que as feras cria,
 Dos fins de Grecia ao freto Guaditano:
 Aqui he Asia, donde nasce o dia,
 Cujó alto imperio o Nilo de Africano
 Divide, e a verde Europa mais avante
 De Tanais até o largo mar de Atlante.

CXX.

Aqui se vê na Europa alta, e famosa
 Grecia rica das aguas de Castalia,
 O Illirico, e Panonia poderosa,
 Entre o mar de Adria, e Thusco mar Italia:
 Aqui a Tracia em rios caudalosa,
 Aqui os lyrios da abundante Gallia,
 Entre o Rheno, e Danubio a graõ Germania,
 Aqui a Hesperia, e logo a Lusitania.

CXXI.

Lançando a voz do peito alto, e facundo
 Circe profegue: O naõ mudavel fado
 Nesta parte, que he ultima do mundo,
 Onde no mar se banha o Sol dourado,
 Onde começa o Oceano profundo,
 Entrando nelle o Tejo taõ inchado
 Com curio taõ soberbo, e absoluto,
 Que mostra darlhe leys, e naõ tributo.

Aqui

CXXII.

Aqui te manda o Ceo buscar a terra
 Por este profundissimo rodeyo,
 Onde tanto perigo, e morte enferra
 O graõ Neptuno no ceruleo feyo:
 Por duros casos, e sanguinea guerra
 Conquistarás a terra, e Reyno alheyo;
 Descanso tinhas cá, sem fer buscado,
 Sem co' sangue das veyas fer comprado.

CXXIII.

Foges de mim ao som de hum doce engano
 Para buscar repoulo taõ custoso,
 Vida entregando, e vellas ao Oceano,
 A Ceo estranho, e mar tempestuoso
 Por largos erros de caminho infano,
 Tendo aqui vida, e estado poderoso,
 Trocando com vontade pouco experta,
 Por incerta fortuna esta mais certa.

CXXIV.

Sylla ouvirás, e o canto doce, e brando
 Das fereas, dos nautas taõ temido,
 Chegarás aonde as portas vay ferrando
 Ao trato humano Alcides atrevido:
 Depois de andar no largo mar errando,
 Verás o Tejo, tendo dividido
 As ondas do Oceano, a quem refreya
 Jupiter com grilhoens de branca areya.

Aqui

CXXV.

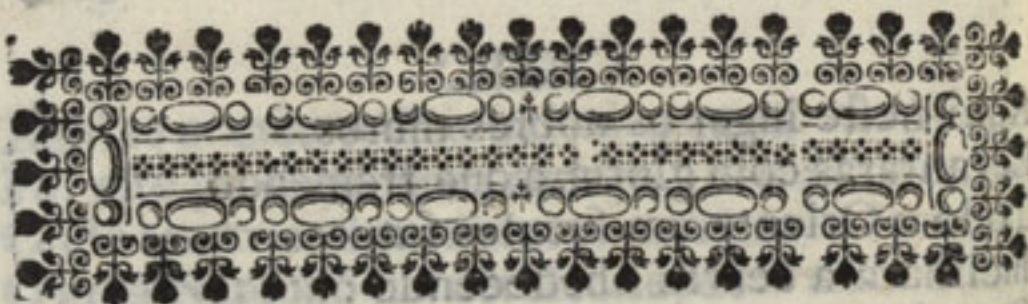
Aqui neste lugar os nobres muros
 Levantarás com gloria, a que tremendo
 Todo o Oriente em seculos futuros
 Inclinará a cerviz obedecendo :
 Quando ao mundo nascerem aquelles puros
 Eípiritos , que o Elyfio está detendo ,
 Até que o tempo vagaroso, e lento
 Traga o dia a seu claro nascimento.

CXXVI.

Daraõ á graõ Lisboa descendentes,
 Que dilatam co' a vida o novo imperio
 Até as casas do Sol, e nas ardentes
 Areas de Asia escrevaõ o nome Hesperio :
 Affrontaráõ com animos valentes
 O frio , e ardentissimo hemisferio,
 Ficando o mundo todo campo estreito
 A hum Reino só de mil imperios feito.



ARGU:



ARGUMENTO

DO QUARTO CANTO.

*D*Esce Ulysses ao centro acompanhado
 De Circe, que lhe mostra o escuro averno,
 Vê as ideas no Elysio, a quem o fado
 De Lisboa guardou o alto governo:
 Vio Anticlea, e por que o Sol dourado
 Sabir queria, deixa o triste inferno,
 E da sombra, que occupa a gente morta,
 Ao mundo torna pela eburnea porta.

I.



M fogo honroso Ulysses se abrazava,
 Ouvindo os Reys, que Circe referia,
 Quer aos câpos descer, q̃ a Estige lava,
 Onde ver Anticlea poderia:
 Dificuldades Circe excogitava,
 E em vaõ de seu intento o divertia
 Com razoes, com que entrar lhe naõ permite
 No escuro Reyno do severo Dite.

Ella

II.

Ella as occultas causas lhe declara,
 Insta Ulysses com animo seguro,
 Concedeme o que peço, ó deosa chara,
 Filha do mesmo Sol, formoso, e puro:
 Nisso, diz ella, ó Capitaõ repara
 Que poder penetrar o Reyno escuro,
 He cousa grande, a poucos concedida
 Os que gozamos a aura desta vida.

III.

Naõ basta peito, e coração constante,
 Que o peito, e coração mais animoso
 Naõ tem para soffrer força bastante,
 Do Cerbero o latido temeroso:
 Tentar do Inferno os muros de diamante,
 De ondas de fogo hum mar tempestuoso,
 Hydras, furias, ministros de tormento,
 Excede todo o humano atrevimento.

IV.

Amo-te Ulyssesmu ito, e naõ quizera
 (Posto que andas tratando da partida)
 Que algum mal, ou perigo succedera
 A huma prenda desta alma taõ querida:
 Nada, diz elle, o coração me altera
 O perigo, que póde ter a vida,
 Antes será mostrar animo forte
 Hir buscar a sua casa a mesma morte.

V.

Circe por darlhe gosto se prepara,
 E já intumece co' furor do espirito,
 Toma hum livro nas mãos, logo huma vara;
 Com que as aguas enfrea de Cocito:
 Depois que variamente o livro olhara
 De caracteres barbaros escrito,
 Detem a aguda vista na pintura,
 E olhando ao Ceo com rouca voz murmura;

VI.

Logo fobe num carro, que levado
 De dous grifos se vay da terra erguendo,
 Que abrem batendo as azas o ar delgado
 Co' altivo collo ás nuvens excedendo:
 A redea Circe leva, o acelerado
 Carro já a terra inclina, e vay descendo,
 E pela pura, e crystallina via
 Cortando as rodas fervidas rompia.

VII.

Toca de hum monte a testa levantada,
 Que faz coluna ao Ceo co' as penhas graves,
 A que co' a leve pena exercitada
 Podem mal arribar ligeiras aves:
 Abaixo toa o Ceo da congelada
 Espalda, acima os ares tem suaves,
 Que da frente as gadelhas ornamento
 Nem Iris molha, nem perturba o vento.

VIII.

De escondidas cavernas sahe brotando
 Hum furibundo rio de agua escura,
 Por voragens, e grutas exhalando
 Ares horrendos de Memphite impura:
 Alli o lago Averno está formando,
 A que rodea a terra aspera, e dura,
 As hervas mata, e em sua margem fria
 Só venenosas serpes gera, e cria.

IX.

Por entre duras penhas levantadas
 Troncos hirsutos pelo ar se erguiaõ;
 Das arvores dos raios fulminadas
 Secas, que verdes folhas não vestiaõ:
 De Acroceraunia, e Phlegra as inflammadas
 Rochas as deste monte pareciaõ,
 Saõ as vozes, que se ouvem, de inclementes
 Bufos, e mortaes silvos de serpentes.

X.

Em pedaços pendentos os rochedos
 Estaõ ruina eterna ameaçando,
 E para não cahir altos penedos
 As mãos por sustentarse se estaõ dando:
 Negros ares, e escuros arvoredos
 Nunca vento suave respirando
 Moveo, que a morte quiz, que alli de fóra
 Lhe guarde o espanto as portas, onde mora.

XI.

Este he o Cymerio monte coroado
 De hum sulfureo vapor, mortal, e eterno;
 Que o ar em roda deixa inficionado,
 E a negra boca faz do escuro Inferno:
 Onde o bosque medonho, e carregado
 De horrenda sombra cobre o lago Averno,
 Cujas exhalacoens tristes, e graves
 Mataõ voando as fugitivas aves.

XII.

Aqui chegado tinha a bella Eea,
 Solto o cabelo para tras ao vento,
 Na maõ a vara, com que da Febea
 Lampada faz parar o movimento,
 Com que de Phlegetonte o curso enfrea;
 Do abutre a fome, de Ixion o tormento,
 Faz que Ticio descanse, e a sede esquiva
 Tantalõ apague na agua fugitiva.

XIII.

As roupas apertando passeava
 Por entre as tristes sombras animosa;
 Hum negro touro a Hecate imolava,
 No Ceo, e grande Herebo poderosa
 Os vasos de lieo lhe derramava
 Na crespa fronte, e nella artificiosa
 Certas sedas escolhe, e dellas logo
 Faz sacrificio no faminto fogo.

XIV.

Tartareo Jove (diz) do fogo eterno,
 Que , porque o igneo mundo em verte trema,
 Te honraõ a testa , e rosto sempiterno,
 Serpes feras por lucido diadema :
 Tendo entre as sombras do temido Averno
 Imperio , e dignidade taõ suprema
 Que o fogo que descer nunca podera,
 Desce por ti de sua propria esfera.

XV.

Proserpina triforme , triste esposa
 Do graõ Plutaõ , em cuja monarchia
 Coube a parte do mundo tenebrosa,
 Que com seus rayos naõ visita o dia:
 Eterna noite aos homens temerosa,
 Filha de chaos , em cuja sombra fria
 Nocturnas aves as regioens serenas
 Cortando vaõ com carregadas pennas.

XVI.

Triste Cocito , Phlegetonte escuro,
 Que de Dite cercais a graõ cidade,
 Cujõ alcaçar soberbo está seguro
 Contra o poder da longa eternidade:
 Enfermas casas , abrazado muro,
 Moradas da fatal necessidade,
 Inimigo do Sol , Reyno do espanto,
 Portas abri a meu forçoso encanto.

XVII.

Vós Radamanto , e Minos poderoso
 Deixai da urna leve o movimento,
 Dai favor ao que peço , e o cavernoso
 Inferno abri , e ignifero aposento ,
 Para que possa Ulysses valeroso
 Entrar no escuro Reyno do tormento ,
 Eumenides horrendas, que tomastes
 Vivo, intento cabello de Ceraestes.

XVIII.

E tu que as tristes aimas vas passando,
 Cujó pezado remo as ondas corta
 De Cocito abrazado , navegando
 Para o Reyno da morte a gente morta:
 Tu Cerbero indignado , que ladrando
 Guardas o lumiar da ferrea porta,
 Para que nessa regia taõ temida
 Nada entrar possa , sem deixar a vida.

XIX.

Se alguma cousa tenho merecido
 Sacros numes , havendo convocado
 Vossa deidade , e victima offrecido
 No altar a vossos nomes dedicado :
 Se de algum tenro infante desparfido
 Vistes o puro sangue , que arrancado
 Das tetas foy da mãy , ou propria ama,
 Segui quem vos invoca , e quem vos chama.

Vendo

XX.

Vendo que tarda hum circulo, e figura
 Em roda pinta, e nelle recolhida
 Co' pé descalço fere a terra dura,
 Contempla a luz de Phebe amortecida,
 Move a vara, que já da sombra escura
 Almas trouxe a informar com nova vida
 Seu primeiro cadaver, e levanta
 A voz, batendo a terra a dura planta.

XXI.

Sentio Phebe o encanto, e de affrontada
 Encolhe os rayos, com que a noite arrea,
 De negras nuvens mostra rebuçada
 A face, que imitava a luz Febea:
 Ficou a natureza perturbada,
 O Ceo tornase escuro, a noite fea,
 Tudo se vê alterado de improviso,
 O Ceo, a bella Cinthia, o negro abyso.

XXII.

Eis que o bosque se move, e o negro vento
 Ferve entre os ramos com mortal ruido,
 Treme a terra em seu proprio fundamento,
 Nos baixos valles, e no monte erguido:
 De passaros nocturnos o violento
 Gemido se ouve, e aspero latido
 Dos caens por entre a sombra, que mostrava,
 Que a seus rogos a deola se inclinava.

Olhan

XXIII.

Olhando para Ulysses lhe dizia:
 Agora he occasiaõ, Grego famoso,
 D'outro esforço mayor nova ousadia,
 Que hoje te importa mais ser valeroso:
 Segueme, e logo entrava, elle a seguia
 Turbado o coração, mas naõ medroso,
 No punho a espada, e pela cova dentro
 As sombras piza do temido centro.

XXIV.

Agora Clio . Euterpe , e Melpomene
 Voslo favor espero, que me acuda,
 Que nas facundas aguas de Hypocrene
 Deis voz sonora a minha lingua ruda:
 Porque as penas sem ordem alguma ordene
 Da eterna noite, e desta sombra muda
 Diga os segredos, que no seyo encerra
 Preenhe de chammas a abrazada terra.

XXV.

Já venciaõ com passo errante os medos
 Da escura entrada, donde os carregados
 Ramos de seus confusos arvoredos
 Do ar (por mór terror) saõ meneados:
 Quando chegaõ ao pé d'altos rochedos,
 Onde do lago Estigio os abrazados
 Fogos, que da outra parte ao ar subiaõ,
 Sua corrente a espaços descobriaõ.

XXVI.

Com esta escura luz se dividava
 Hum batel, que atravessa lentamente,
 Que o cansado Charonte navegava,
 Oppondo o braço á rapida corrente:
 Chega á praya, quem eraõ perguntava,
 Contra os dous move o passo diligente,
 E conhecendo a Circe, lhe declara,
 Como Hecate, que os passe, lhe mandara.

XXVII.

Era Charonte velho, a que cobria
 A vista a sobancelha carregada,
 E sobre o pardo peito lhe cahia
 A espessa barba nunca penteada:
 Os membros nús, que a partes descobria
 A roupa de longo uso maltratada,
 Velho porém robusto por extremo
 Com forças aptas ao pezado remo.

XXVIII.

Logo as miserables almas, que esperando
 Passar, as largas prayas habitavaõ,
 Vendo a Uiysses armado, o vaõ cercando,
 Que de tal novidade se admiravaõ:
 Por entre as sombras outras vaõ voando,
 Em quanto o escuro rio naõ passavaõ,
 Como as aves, que vendo ao Sol distante,
 Passaõ do hesperio Calpe ao mouro Atlante.

Que-

XXIX.

Queria atravessar o rio escuro,
 Charonte no pesado remo pega,
 Onde para subir Ulysses duro
 Firma o pé, mete o remo, o batel chega:
 Geme co' pezo o barco mal seguro,
 Elle as almas aparta, entra, e navega,
 A rota vella o ar defencolhendo,
 Os remos igualmente vay batendo.

XXX.

Sahem na deserta praya, e vaõ subindo
 Por huma estrada, ao parecer formosa,
 Viaõ graves vifoens, naõ lhe impedindo
 Do Inferno a livre entrada, e temerosa:
 Gritos soaõ, que os montes repetindo,
 A jornada faziaõ duvidosa,
 E a pouco espaço a porta vem do Inferno,
 Que hum medo infunde, e hum pavor interno.

XXXI.

Vem as soberbas torres de aço puro,
 Que naõ temem de Jove o forte braço,
 E os negros lenços do abrazado muro,
 Que guarda, e cinge o temeroso paço:
 O lume, que arde dentro, inda que escuro,
 As sombras vence por hum grande espaço,
 Que pelas bocas, que no muro abria,
 Linguas de immortal fogo despedia.

XXXII.

Das torres pelos ares levantadas
 Se vê co' a luz do fogo a architectura,
 Naquelle parte em pé, nesta gastadas
 Por entre a confusão da noite escura:
 De fumo nuvens densas, e dobradas
 Sobem do ar impuro á mór altura,
 Bramaõ graves trovoens continuamente,
 Donde se precipita o rayo ardente.

XXXIII.

Phlegetonte das casas, onde habita
 A eterna noite, os muros vay lambendo,
 Espadananas de fogo, com que imita
 Os rios, pelas margens brota ardendo:
 Nas ondas, que do centro ao ar vomita,
 O espumoso rio está fervendo,
 Vendose as almas, que arrojava o centro,
 Sahir ao alto, e recolherse dentro.

XXXIV.

Alli hum graõ portal se vê cortado
 Em penha viva, aonde a vista alcança
 N'um bronze, em letras igneas entalhado,
 Quem entra, deixa aqui toda a esperança:
 Alli se via Cerbero indignado,
 A quem de massa soporada lança
 Circe graõ parte, e logo resupina
 A triforme cabeça a fera inclina.

XXXV.

Cahe a fera disforme amortecida
 Em grave somno, e sem vigor prostrada,
 Logo a Esphinge se vê dura, e temida
 Dos filhos de Philyra acompanhada:
 Da Chimera, e da Hydra embravecida
 A sahida da porta está guardada,
 E co' a fouce fatal de agudo corte
 Preside a todos a invencivel morte.

XXXVI.

Alli a soberba está, que por empreza
 Toma atreverse a Jupiter celeste,
 Está a seu lado a inveja em fogo aceza,
 Que os membros nus mordendo apenas veste:
 O triste, e frio medo, a vil pobreza,
 A pallida avareza, a mortal peste,
 Outros monstros se vem, a quem fazia
 O somno irmão da morte companhia.

XXXVII.

Na temerosa porta se detinha
 Ulysses, que ao entrar está patente,
 Plutaõ triste, e pezado o rosto tinha,
 E a vista nelle poem fera, e ardente:
 Sobre o robusto corpo ao ar caminha
 A testa em grandes cornos eminente,
 Irado aos monstros grita, que tremendo
 Se apartaõ co' terror do brado horrendo.

Todos

XXXVIII.

Todos fizeraõ praça, e rodearaõ,
 Com presteza cercando a Ulysses forte
 Estranhos vultos, e horridos mostraraõ,
 E na vista hum terror da mesma morte:
 A terra alguns de formas estamparaõ
 Ferinas de estupenda, e varia sorte,
 Diante estavaõ Furias inclementes,
 Toucadas de cabellos de serpentes.

XXXIX.

Alli se vem Harpias, indomados
 Centauros, vemse Gorgonas temidas
 Soberbos Gerioens, que levantados
 Tres almas mostraõ ter num corpo unidas:
 Sybilaõ Hydras, e Pitoés irados,
 Briareos, Ephialtes homicidas,
 Sem se poder julgar nesta incerteza
 Se he mór a fealdade, se a fereza.

XL.

Circe lhe diz: O' Rey do fogo puro,
 Do graõ Saturno, e de Opé peregrina
 Filho, e irmaõ do soberano Anxuro,
 Charo esposo da bella Proserpina:
 Tu, que este Reyno do tormento escuro
 Governas, e com traça alta, e divina
 Em desconcerto, e triste horror ordenas
 Conforme ás culpas as temidas penas.

XLI.

Permitte a Ulyffes, que do lago Averno,
 Que teu imperio, e teu aceno adora,
 Penetre os feyos, e do escuro Inferno
 Antes que ao mundo faya a roxa Aurora:
 Manda que pare este tormento eterno,
 E aos espiritos nús a vingadora
 Alecto deixe em paz, fem offendellos
 Co' venenoso açoute dos cabellos.

XLII.

Concedelho Plutaõ, e logo acena
 Aos severos ministros, e cessavaõ
 Os gritos, fufpendendo a dura pena,
 Com que as almas té entaõ se atormentavaõ:
 E porque faibaõ todos o que ordena,
 Megera com as irmãs, que a acompanhavaõ,
 Filhas da noite, huma trombeta toca,
 A que dá immundo alento a negra boca.

XLIII.

Soa o metal ferido horrendamente
 Cum tom rouco, terrivel, efpantofio,
 Dobraõfe os ecos, como quando o ardente
 Trovaõ passa com brado temerofio:
 Torna atras de Cocito a graõ corrente,
 E entre as ondas do fogo poderofio
 As almas fe erguem, e cada huma efpera
 O que manda a feviffima Megera.

XLIV.

Vencendo as negras sombras vão entrando
 Ulysses valeroso, e a sabia guia,
 Ambos com prompta vista hiaõ notando
 As varias penas, que no Inferno havia:
 Vem as intensas chammas, que ondeando
 De fogo huma seara parecia,
 Que sem materia alguma se sustenta,
 E impassiveis espiritos atormenta.

XLV.

Alli vem dentro quanto o mundo abarca,
 A'quella breve estancia reduzido,
 O miseravel pobre, e o Monarcha,
 Hum desprezado cá, outro temido:
 Todos iguala a inexoravel Parca,
 Que a miseria, e grandeza he hum vestido
 Que se despe ao morrer, e só o espirito
 He o nobre, he o immortal, he o infinito.

XLVI.

Qual sem considerar seu nascimento
 Fraco, e mortal, se julga por divino,
 Fundando torres sobre o leve vento,
 Sendo tudo vaidade, e desatino:
 Só tem a fama eterno fundamento,
 Porque o valor mais raro, e peregrino
 He filho d'alma, e o tempo não se atreve
 Quebrar as taboas, onde a fama escreve.

XLVII.

Vós os que os doces ares da privança
 Bebeis, andando nella transportados,
 Sabei, que a forte humana não descança;
 O rayo busca os montes levantados:
 A gente que vos segue, e que vos cança
 Quando passais temidos, e adorados,
 Se se ajoelha, adora, e se importuna,
 Não se dá a honra a vós, dáse á fortuna.

XLVIII.

Por entre as roxas flammás, que ondeavaõ,
 Já o grande Grego, e Circe se metiaõ,
 E as almas, que de vellos se admiravaõ,
 Pela vista o tormento suspendiaõ:
 Já ao grave, e duro tribunal chegavaõ,
 Onde crueis sentenças proferiaõ
 (Quaes se não viraõ mais com rigor tanto)
 Minos, Eaco, e o fero Radamantho.

XLIX.

Aqui Circe lhe diz, saõ accusados
 De ferreas almas duros homicidas,
 Que dissimulaõ animos danados
 Tendo os rostos por mascaras fingidas:
 Vês Proustes arder que aos convidados
 Matava, onde por preço destas vidas
 A sua deo, fazendo, quando a perde,
 Purpurea de Cephiso a margem verde.

L.

Este, que vês estar mais adiante
 Com a abrazada purpura vestida,
 Que tem na mão o cetro rutilante
 Insignia taõ amada, e taõ temida,
 He Polimnestor, que o formoso infante
 Polidoro privou da doce vida,
 Sem lhe guardar a fé, que promettera
 A Hecuba, que o filho em guarda dera.

LI.

Vês Mamertes Corinthio, que atrevido
 As leys da natureza em pouco teve,
 Porém que coração não tens vencido
 Da pezada coroa ambição leve?
 Na espada de Syfapo cahe rendido,
 Paga co' sangue, o que a seu sangue deve;
 E agora passa áquelle carro atado
 Dos velozes cavallos arrastado.

LII.

Aqui arde Eriphyle, porque entrega
 O pobre Amphiarao á dura Argia,
 Que a tanto a vil cubiça humana chega,
 Que em odio paga o que em amor devia;
 Vês Perseo, e Scyla com vontade cega
 De ambição, e de amor, que se atrevia
 Elle matar o Rey famoso Acriso,
 Cortar ella o cabello ao velho Niso.

LIII.

Vês as netas bellissimas de Bello,
 Que o iniquo mandado executaraõ
 Do pay, e por melhor obedecello
 Os miseros esposos degollaraõ:
 Que junto ao triste rio por vencello
 Em vaõ nas negras ondas trabalharaõ,
 Vês como a dura pena merecida
 Paga Orestes, e Agyrtes fraticida.

LIV.

Nestoutro tribunal com recta vara
 Se punem insolentes tyrannias,
 Este he Phinen co' as mesas, que prepara
 Povoadas de exquisitas iguarias:
 Porque os filhos privou da vista chara
 Lhas levaõ imanissimas Harpias
 Sempre faminto está, sempre inquieto
 Sem lhe poder valer Calais, ou Zeto.

LV.

O que entre o rio, e ramos mal seguros
 A mór sede á mór fome se provoca
 Sem os pomos poder lograr maduros,
 E sem a magoa tocar a ardente boca:
 He Tantalos, que impuro aos deoses puros
 Deo o filho em manjar, a quem só toca
 Ceres, e aquella parte, que comera,
 Lhe deo eburnea na melhor esfera.

Aquelle

LVI.

Aquelle, que alli vês arder entre estes,
 He filho da formosa Hypodamia,
 Que por poder vingarse de Thiestes
 O filho offereceo por iguaria:
 O Sol seus rayos escondeo celestes
 De taõ infame mesa aquelle dia;
 Vês o cruel Diomedes, e Tiphonte
 Syron, Orcamo, Agiro, e Licaonte.

LVII.

De ver os Reys no inferno está admirado
 Ulysses, tendo a Jove taõ propicio,
 Que no mundo lhe deo tamanho estado,
 Que he de favor divino grande indicio:
 Aqui, diz Circe, tem aparelhado
 O seu castigo, os maos por beneficio
 Dos bons, e poucos Reys o inferno encerra;
 Porque entre poucos se divide a terra.

LVIII.

Aqui verás Fallacia estar ouvindo
 Os amantes, que insanamente arderaõ,
 Vê Ticio, a que o abutre está ferindo
 As fibras, que feridas renasceraõ:
 Porque de amar Latona presumindo
 Seus lascivos desejos a offenderaõ,
 Tendo morte immortal, por ser pequena
 Para taõ grande mal taõ grande pena.

LIX.

Vês logo junto a filha de Cynara,
 Que de seu torpe amor não teve pejo;
 Dando por elle a fama, e vida chara,
 Que custa a vida, e fama hum vil desejo:
 Enriqueceo Arabia, donde pára,
 Que nisto pára sempre amor sobejo,
 Vê Menefron como o castigo teve
 Entre o rigor da congelada neve.

LX.

Alli vê os que amaraõ insanamente,
 Vê Machareo a que abrazou Canace,
 Vê o pay de Cyane juntamente,
 E com Cassandra o valeroso Aiace,
 De Neusimene os filhos, a excellente
 Biblis com triste, e vergonhosa face,
 E tu, que em chãma intensa te abrazaste
 Co' filho de Antenor bella Lycaste.

LXII.

Preside aqui Laverna aos que viveraõ
 De latrocínios grandes, e infestaraõ
 A terra, lhe diz Circe, e não temeraõ
 A Jove, cujos rayos provocaraõ:
 Marchilas, a que os povos se renderaõ,
 Que a sylva Dodonea povoaraõ,
 Tytigias taõ temido em dura guerra,
 E o soberbo Egeon filho da terra.

LXII.

Isto dizendo, chegaõ onde ouviaõ
 De arrastadas cadeas graõ ruido,
 Que as abobadas negras repetiaõ
 Com terrivel, e asperrimo bramido,
 Amargas vozes, que foando criaõ
 N'alma pavor, e magoa no sentido,
 Aqui se vê, diz Circe, o fogo eterno
 Do Tartaro cruel, do baixo Inferno.

LXIII.

Aqui os casos se punem mais pezados
 Dos que já contra os deoses se atreveraõ,
 Aqui tem os gigantes debellados
 As penas, que suas obras mereceraõ:
 De cuja força os polos enfiados,
 Vendose acometer, estremeceraõ,
 Quando no Phlegreo campo o soberano
 Jove os ferio c'os rayos de Vulcano.

LXIV.

Vês alli dos Aloides gigantes
 Ephialtes, e Otho a quem encerra
 Jupiter, atrevendose arrogantes
 Para o deitar do Ceo subir da terra:
 De Diana, e de Apollo as penetrantes
 Settas provarãõ na sanguinea guerra,
 E Phlegias Rey dos Lapitas famoso,
 Que o templo á Apollo abraza sumptuoso.

Vês

LXV.

Vês feu filho Ixion, que á roda atado
 Do baixo ao alto della vay subindo,
 Para ao centro descer arrebatado,
 Correndo vay tras si, de si fugindo:
 Porque daquelle gosto imaginado
 As glorias vans ao mundo descobrindo
 Se gabou que na nuvem, que abraçara,
 Da consorte de Jupiter gozara.

LXVI.

Vês Lauzo, Capaneo, Glauco arrogante,
 Que contra os deoses peleijar se atreve,
 E Pentheo, de quem Bacho petulante
 Taõ offendido, e desprezado esteve:
 Vês as filhas de Preto, que á prestante
 Venus negaõ a gloria, que se deve
 A feu rosto excellente, e peregrino
 Prepondo o ser humano ao ser divino.

LXVII.

Vês acolá Salmonio ir arrastando,
 Porque igualarse a Jupiter queria,
 Quando com veloz carro atravessando
 Sobre huma ponte de metal corria:
 De Jupiter o estrepito imitando
 Dos trovoens, que imitar-se mal podia,
 Medindo o que ha do centro á altiva ponte,
 Emulo do abrazado Phaetonte.

LXVIII.

Lá no mais fundo estão metidos
 Em mayor fogo, e com mayor affronta
 Os que com rostos falsos, e fingidos
 Querem q' o mundo os tenha em melhor conta:
 Que montaõ apparencias, e vestidos,
 E a falsa opiniaõ tambem que monta,
 He o hypocrita falso nova Esfinge,
 Porque he pessimo o mau, se bom se finge.

LXIX.

Se contar por extenso te quizerá,
 Quanto nesta regiaõ de luz avara
 Se esconde, em fogo, e sonibra mal podéra,
 Que tanta confusaõ mal se declara:
 Se mil bocas, e linguas mil tiverá,
 E com todas a hum tempo te fallara,
 Querer comprehender tudo era grande erro,
 Tendo entranhas de bronze, e voz de ferro.

LXX.

Do que Ulysses ouvira, e do que via
 C'os olhos cheos de agua, e sentimento,
 O' triste humana condiçaõ, dizia,
 O' eterna affiçaõ do pensamento:
 Num ponto acaba esforço, e galhardia,
 Seguemse eternos annos de tormento;
 Mas, com que fundamento culparemos
 A propria condiçaõ, com que nascemos!

LXXI.

Hiaõ vendo ao passar do graõ Letheo
 O triste, e negro pego, onde se viaõ
 Os que por seu viver infame, e feo
 Eterno esquecimento mereciaõ :
 E os que tratando o espirito como alheo
 Lhe fervio a alma só, com que viviaõ
 De sal, com que nos annos que duraraõ
 Os corpos incorruptos conservaraõ.

LXXII.

Chegaõ de Erebo aos muros levantados,
 E Circe diz : Aqui Plutaõ encerra
 Os varoens, cujos feitos sublimados
 Merecem fama, e nome sobre a terra :
 E os que em virtudes altas estremados
 Na branda paz, e sanguinosa guerra
 Com grandes obras, dignas de alta historia,
 Compraõ com breve vida eterna gloria.

LXXIII.

Aqui no grande Erebo vaõ passando,
 Os largos annos, que Plutaõ lhe ordena,
 O alto, e nobre espirito apurando
 Só na esperanza de sahir da pena :
 Daqui ao campo Elyfio caminhando,
 Regiaõ mais alegre, e mais serena,
 Por onde as almas já purificadas
 Sobem ás estelliferas moradas.

Entra.

LXXIV.

Entraraõ ambos dentro, onde encontravaõ
 Muitos Gregos, que em Troya feneceraõ,
 Co' as proprias armas, com que pelejavaõ,
 Co' as feridas que nella receberaõ:
 No meyo as almas Gregas o tomavaõ,
 E grande espaço alli se detiveraõ,
 Entre os claros espiritos cercado
 O grande Ulysses resplandece armado.

LXXV.

A velo corre Agamenon, que vinha
 Ferido, a quem Ulysses abraçava,
 Do ferro o peito atravessado tinha,
 De que o sangue ainda fresco lhe manava:
 Alli lhe diz, em quanto se detinha,
 Co' a voz que dentro n'alma se formava
 Ao caso inopinado, e nunca visto,
 Deo Clytemnestra a causa, o ferro Egisto.

LXXVI.

Pallido encontra Achilles, e turbado,
 A quem Patroclo segue mal ferido,
 Para abraçallo corre acelerado
 O Capitaõ, dizendo, que atrevido
 Ferro pode tocarte? Elle admirado
 De o ver responde, quando fui metido
 Na estige, as plantas na agua naõ tocaraõ,
 Por onde os fados seu caminho acharaõ.

LXXVII.

Chegandose nos braços o apertava,
 E tello Ulysses nelles presumindo,
 Aquella mesma sombra que abraçava,
 Delles se desatava, e hia fogindo:
 O grande Heytor de o ver se perturbava
 Como que a gente Grega o vem seguindo,
 E os Troyanos heroes, que alli se achavaõ,
 Alterados de vello se apartavaõ.

LXXVIII.

Alli as almas se vem na sombra escura,
 Dos que o fio cortou a Parca impia,
 Levando-os a encerrar na sepultura
 Das entranhas da mãy, sem ver o dia:
 E os que tendo gozado da luz para,
 Arrebatou com mão pezada, e fria
 Dos peitos, de quem Rumia tem tomado,
 Como adoptiva mãy, novo cuidado.

LXXIX.

Passando vaõ aos campos venturosos,
 Onde os espiritos tem doces moradas,
 E da morte, e seus males victoriosos
 Tem o gosto, que as penas saõ passadas:
 Por entre bosques altos, e frondosos
 Ao longo de ribeiras socegadas
 Em danças, em choreas, e alegrias
 Passaõ num dia eterno eternos dias.

LXXX.

No Elyfio campo hum valle está sombrio,
 Por mór veneração de bosque escuro,
 A que huma nuvem cobre, e hum fresco rio
 Com manfa vea corta alegre, e puro:
 Alli do tempo o ordenado fio
 Guarda espiritos gentis, que no futuro
 Huns haõ de fer na paz, outros na guerra
 Dynaftas, femideofes fobre a terra.

LXXXI.

Aqui, lhe diz, do imperio Lufitano
 Para onde o fado, e claro Ceo te chama,
 Os Reys verás, que iraõ pelo Oceano
 Té ver do Sol dourado a ignea cama:
 Por elles ao famoso Tejo ufano,
 (Escurecendo toda a antiga fama)
 Ajoelhados de longe, o mar abrindo,
 A maõ viraõ beijar o Gange, e o Indo.

LXXXII.

Dizlhe Ulyffes entaõ: O' poderosa
 Deofa, que com altivo pensamento
 Na fombra escura, e esfera luminofa
 Podes o centro abrir, e o firmamento,
 Mostrame effa profapia gloriofa,
 E deixame adorar o fundamento
 Da illufre Lufitana Monarchia,
 A quem a fabia Circe respondia.

Aqui

LXXXIII.

Aqui verás na idade derradeira
 Da generosa estirpe Lusitana
 Os varoens, que procedem da primeira
 Raiz do velho Henrique soberana:
 Verás, que inda que a fama lisongeira
 No que nos conta ás vezes nos engana,
 Aqui diz menos, que a immortal memoria
 Delles honrará viva, e morta historia.

LXXXIV.

Aquelle varaõ forte, que diante
 Vés de todos, taõ bravo, e taõ guerreiro,
 Nos membros robustissimo gigante,
 He o grande Henrique, illustre Cavalleiro,
 Lusitano Mavorte, que arrogante
 A forte lança empunha elle primeiro
 Com força, que as humanas muito excede,
 Matando no inimigo sangue a sede.

LXXXV.

Este em dourado jugo de Himeneo
 Ligado co' a bellissima Tareja,
 Pondo ao Mouro atrevido honroso freo,
 Encherá Hespanha de gloriosa inveja:
 Té as partes, onde foy vencido Antheo,
 Lhe foge o Agareno, que deseja
 Esconderse da lança ensanguentada,
 Mostrando a nua espalda em vez da espada.

Junto

LXXXVI.

Junto delle está Affonso de alto aspeito;
 Que tem no punho a espada vencedora,
 A quem ficará sendo imperio estreito
 O que ha do frio Occaso á roxa Aurora:
 Este com firme, e invencivel peito
 Da gente, que nos Caspios montes mora,
 Cinco Reys vencerá, pondo a Lisboa
 Das cinco huma dignissima coroa.

LXXXVII.

Vencerás o inimigo, ó Rey famoso,
 Digno deste triumpho illustre, e claro,
 Pizando os estandartes victorioso,
 Que contra ti tremola o Mouro avaro:
 Da Maura infania açoute milagroso,
 Por quem milita o Ceo com favor raro,
 Vendo a teus pés mil vezes arrazado
 O vivo muro do inimigo armado.

LXXXVIII.

Mandará vir o Ceo para ajudarte
 Guilherme illustre da inclita Alemanha;
 Childe Rolim de Flandres novo Marte,
 Que no cerco te segue, e te acompanha:
 O perigo entre todos se reparte,
 De sangue alheyo, e seu cada hum se banha,
 Que entraõ na empreza os fortes Cavalleiros
 Como vaslалlos não, mas companheiros.

O que

LXXXIX.

O que está junto delle he o excellente
 Sancho, do mundo assombro, e maravilha;
 Por quem verá Albayaque ir a corrente
 De Alquibir fanguinosa á graõ Sevilha,
 A quem depois Miramolim potente
 A ceryiz com mais treze ao jugo humilha,
 Que faz co' ferro abrindo negras veas,
 Purpurear as pallidas areas.

XC.

Vês o segundo Affonso, que manchada,
 Por fer de tantos Mouros homicida,
 Mostra do sangue a cortadora espada
 No temeroso Alcaçar taõ temida:
 Junto delle está Sancho, que a prezada
 Coroa engeitará, buscando a vida
 Mais segura, a quem segue o valeroso
 Terceiro Affonso de Matilde esposo.

XCI.

O que vês co' a viseira reluzente
 He Dinis, que na acefa vista ardendo
 De seu braço, e espada refulgente
 Em Castella Fernando está tremendo,
 A quem depois co' a valerosa gente
 Portugueza, do Mouro defendendo,
 Estenderá sua fama pela dura
 Guerra do Sagitario a Cynofura.

XCII.

Este terá a illustre, e chara esposa
 Do sangue de Aragoã bella Isabella,
 Que só procura n'alma ser formosa,
 Sendo tobre a mayor belleza bella:
 Da terra ao Ceo na morte milagrosa
 A' mór esfera sobe a ser estrella,
 A terra enriquecendo de memoria,
 De espanto Hespanha, o mesmo Ceo de gloria!

XCIII.

Aquelle do bastaõ ferá o temido
 Quarto Affonso, nas armas Marte irado,
 Pelo invencivel braço conhecido
 Na sanguenta batalha do Salado,
 Aonde Alboacem sendo vencido,
 Quietó o Hispano Affonso, e socegado,
 Elle, que gloria só procura, e ama,
 Nada quer da victoria além da fama.

XCIV.

Este, que vês robusto, e bem disposto;
 Cor parda, nariz alto, olhos fogosos,
 He Pedro, que desmente em fero rosto
 Os brandos pensamentos amorosos,
 Que amará a bella Ignez, e aquelle gosto
 Lhe roubaráõ os fados invejosos,
 Quando matando a dous hũa só ferida,
 Cahirá do mesmo golpe o amor, e a vida!

Quem

XCV.

Quem he aquelle de aspeito venerando;
 Pergunta o Grego, a quem responde logo
 Circe, que nas delicias he Fernando
 Mais conhecido, que no Marcio jogo:
 Que em sua terra o Castelhana bando
 Sofrerá, vendo arder o Hispano fogo,
 Voar Lisboa do lugar que teve
 Aos espaços do ar em fumo leve.

XCVI.

O da insignia verde, e grave aspeito;
 Que em corpo giganteo alto, e membrudo
 Veste de arnez luzente o forte peito
 Apertando no punho o estoque agudo:
 He Joaõ, que a seus pés tem o perfeito
 Dom Nuno Alvares Pereira, vivo escudo
 Do Reyno, e Rey, que o jugo Castelhana,
 Sacode do pescoço Lusitano.

XCVII.

Por este a patria afflicta, libertada,
 Estendida, opulenta, ennobrecida
 A rica idade gozará dourada,
 Que só será de ferro em ser temida,
 Qual cometa fatal a sua espada
 Depois de dar ao Orco tanta vida,
 Ornada de diamantes, e de estrellas
 Será no Olympo collocada entre ellas.

Este

XCVIII.

Este Rey sem vencello a adversidade
 Porá no Ceo as Lusitanas quinas,
 E do solto inimigo a liberdade
 Enfreará vestindo as armas finas:
 Dará premio, e castigo em igualdade,
 Nutrindo, e fecundando artes divinas,
 Da patria pay, para que o mundo veja,
 Que alli não acha que emendar a inveja.

XCIX.

Logo o grande Duarte, que affectando
 Das estrellas, e Ceo o arduo caminho,
 Do mar as ermas ondas povoando
 Irá com tanta vella, e tanto pinho:
 Do Sol co' a vista os rayos aturando,
 Que he aguia taõ real, como he seu ninho,
 Vencendo o seu belligero estandarte
 Dous mores inimigos morte, e Marte.

C.

Aquelloutro, que o Sol imita armado
 No resplendor, he o grande Affonso quinto,
 A quem se devem para seu traslado
 Marmores Parios, bronzes de Corinto,
 De quem a terra, e mar mais apartado
 Tremerá deste polo ao mais distinto,
 Dando mór fama para engrandecela
 A graõ Lisboa, que Alexandre á Pela,

CX

Logo Joaõ segundo bellicoso
 Fará escura toda a fama alhea,
 Vendo levar seu nome glorioso
 Té onde o ardente Sol ferve na area,
 Descobrando o graõ cabo, que o famoso
 Nilo em cothurnos de chrystal passeia,
 Rey exemplo de Reys, digno governo,
 Que fora eterno Rey de hum Reyno eterno.

XCII

He o do largo manto o preeminente
 Primeiro Emanuel, que a vencedora
 Serpe levará aos mares do Oriente,
 E aos bordados de luz Reynos da Aurora:
 A este Neptuno humilha a graõ corrente,
 E a gente, que de Antheo nos campos mora,
 Vem pedir leys, e o barbaro gentio
 Da terra, onde o Sol faz perpetuo estio.

CIII

Chegará onde nunca o eco, ou fama
 Chegou, toda a Asia tremerá de ouvido
 Da parte, onde o Sol tem dourada cama,
 Té onde acaba sem mudar o estilo:
 De medo já com sete bocas brama,
 Por se esconder dentro em seu mar, o Nilo;
 Dandolhe estatuas o que bebe Hydaspes
 De ouro, e Atlante de Africanos jaipes.

Junto

CIV.

Junto d'elle Joaõ está terceiro,
 A quem seu mar, seu Oriente humilha
 O inventor raro do animal guerreiro:
 E da terra, e do Sol a bella filha,
 Será depois de tantos o primeiro
 Terror dos mares de Asia, e maravilha,
 Em cujos hombros descansar podera
 O grave pezo da mayor esfera.

CV.

Vês logo Sebastiaõ forte, e temido,
 Novo filho do Sol, que entra arrogante
 E em suas grandes forças atrevido,
 Quer pizar a cerviz do velho Atlante:
 Intenta ver a hum tempo destruido
 De Marrocos o muro, e Turudante,
 Mas ah que vejo ao Reyno sua ruina
 Num Rey, que he moço, e só se determina.

CVI.

Vê bem o grave, e carregado aspeito,
 Com que hum mudo pavor nas almas cria,
 E nota que em seu rosto, e forte peito
 Grandes cousas se vem co' a fantasia:
 Que dá esperanças o famoso objecto
 De naõ imaginada monarchia,
 Mil sombras de inimigos debellados
 O cercaõ, mil de Reynos conquistados.

CVII.

Seguirá de Bellona a imagem fera,
 A que a Ninfa de Amphrifo a gloriosa
 Rama prepara, que cingir espera
 A sua altiva fronte victoriosa:
 Fatal aflombro de hũa, e d'outra esfera;
 Se a tantas esperanças invejosa
 A fortuna, que o vê, não no atalhara,
 Larga nos males, só nos bens avara.

CVIII.

Que saudoso pranto, e magoas vejo
 Dizer sem fructo á Lusitana gente,
 Quando chorar com dor, e amor sobejo
 Sua morte, e sua ruina juntamente:
 Que exequias lhe farás saudoso Tejo,
 Vendo crescer co' pranto a tua corrente,
 Quando os funebres tumulos, e altares
 Com tuas ondas turbadas visitares.

CIX.

Venhaõ cheirosos lirios, venhaõ rosas,
 Venhaõ flores deitadas a mão chea,
 E a estas saudades amorosas
 Dos olhos acompanhe a larga vea:
 O que em purpureas vestes gloriosas
 Com tanta magestade o corpo arrea,
 O santo Henrique he, para que fique
 Do nome do primeiro ultimo Henrique.

O que

CX.

O que vestido o arnez tem rutilante
 He o graõ Filippe, cuja forte armada
 Teme o Turco em Lepanto, a quem Barbante
 A cerviz dura inclinará domada:
 A quem hum mundo não será bastante,
 Cujos leões co' a garra levantada
 Olhando a terra, e todo o mar profundo
 Fará tremer o antigo, e novo mundo.

CXI.

Logo Filippe, que gosando unida
 Em paz a dilatada Monarchia,
 Verá o fio cortado á doce vida,
 Que em fuzo de ouro Lachesis lhe fia:
 De Cometas infaustos opprimida
 Se verá a noite arder pallida, e fria
 Por mostrar que de Rey taõ excellente
 A morte, e perda até no Ceo se fente.

CXII.

O ultimo, que vês, he o graõ Monarca,
 E terceiro Filippe esclarecido,
 A quem em tear de ouro a justa Parca
 O estame tece a seu valor devido:
 A quem beijará o pé tudo o que abarca
 Da pura Thetis o humido marido,
 Para emular seu simulacro raro
 Ha de desentranhar seus montes Paro,

A este

CXIII.

A este graõ Monarcha descobrindo
 O Sol novas naçoens no mar profundo,
 Naõ contente que mande o Chile, e o Indo,
 Lhe quer na terra abrir terceiro mundo:
 Ao quinto Carlos em valor seguindo,
 A Filippe primeiro sem segundo
 No saber, que no alto peito enferra,
 Será Pilippe em paz, Carlos na guerra.

CXIV.

Hum, e outro Neptuno carregado
 De fayas tremerá nos dous extremos,
 Hum de bosques de vellas subjugado,
 Outro ferido de pezados remos:
 Versehá o Ingles. e Belga fulminado,
 Que dos leoens Hispanos bem podemos
 Presumir, que suas forças singulares
 Nas unhas levaráõ terras, e mares.

CXV.

Verá o Imperio seu taõ estendido,
 Que elle mesmo se impida o crescimento,
 De perolas, e neve guarnecido
 Verá o Norte, e o Sul seu grande augmento:
 Com diamantinos cravos impedido
 Da roda da fortuna o movimento
 Ha de estar firme, inda que o tempo corra,
 Ha de viver, ainda que o tempo morra.

Nisto

CXVI.

Nisto Anticlea para Ulysses vinha,
 Que em seus braços suspenso hum pouco esteve;
 E quando neste engano se detinha,
 Vê que delles lhe foge a sombra leve:
 O' doce mãy, lhe diz, ó gloria minha,
 Assim me roubas este gosto breve,
 Quando só por te ver ao Inferno venho
 Buscando a gloria, que em teus braços tenho.

CXVII.

Naõ quiz o Ceo que em Ithaca me achasse,
 Quando della fizeste despedida,
 Porque os olhos morrendo te cerrasse,
 Honrando com meu pranto tua partida,
 Porque esta dor, e magoa me ficasse
 Para me atormentar em toda a vida,
 Que para naõ sentir pena taõ grave,
 Já a triste morte me será suave.

CXVIII.

Vive, diz ella, Ulysses, e permita
 O Ceo que contes annos de cansados,
 Neptuno tua morte sollicita,
 Ventos movendo, e mares empolados:
 A paciencia os casos facilita,
 Soffrendo has de vencer fortuna, e fados,
 Sempre o animo ergue a coufas altas,
 Se elles faltarem, vejaõ que naõ faltas.

Per-

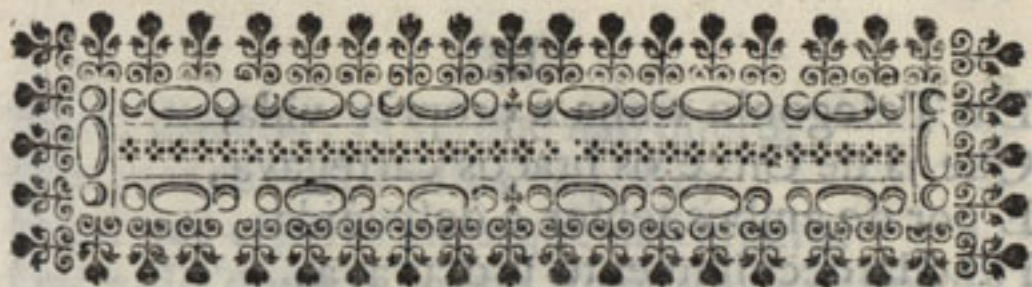
CXIX.

Preguntalhe Laerte, se vivia,
 Vive, ella lhe responde, e tua esposa,
 E Telemacho d'ambos alegria,
 Com que enganaõ a vida faudosa:
 Torna a alegrar aquella companhia,
 Penelope taõ casta, e taõ formosa
 Naõ era para autente, inda que casta,
 He formosa Penelope, e isto basta.

CXX.

Largo espaço estiveraõ praticando,
 Até que Circe tendo especulado
 Da socegada noite o curso brando,
 E o muito tempo já que tem gastado,
 Que se partaõ lhe diz, elle abraçando
 A cara mãy em lagrimas banhado,
 Os paços deixa, aonde a noite mora,
 Que já as chaves no Ceo se ouvem da Aurora.





ARGUMENTO

DO QUINTO CANTO.

D *Eixa Ulysses a Circe o mar abrindo,
Quando alterado sente o salso argento,
A's Ninfas Thetis sabe favor pedindo
Para abrandar a furia ao mar, e ao vento:
Via no estreito Alcides resistindo
Ao seu mayor que humano atrevimento,
Do Tejo as ondas corta, aoude sentia
Já de Protbeo cumprida a profecia.*

I.

D *A quarta esfera o claro Libystino,
Monarcha das estrellas refulgente,
Da Ecliptica incansavel peregrino,
Olho do Ceo, e tocha do Oriente,
Da luz mostra o thesouro matutino,
Abrindo o novo dia á nova gente,
Quando já o Grego, obedecendo ao fado,
Quer a vida entregar ao mar salgado.*

Em

II.

Em Telegonio tinha a propria vida,
 Que já de Circe os braços carregava,
 E por de ambos temer a despedida
 Fazella occultamente procurava:
 Quando de seus intentos advertida
 Circe, co' a grande pena, que levava,
 Furiosa chega a Ulysses, e os furores
 Converte em doces lagrimas, e amores.

III.

Como, diz, inimigo te atreveras
 Deixarme assim offendida, e saudosa,
 Se não quando matarme pertenderas
 Primeiro que esta ausencia vagarosa:
 Se assim matarme mais depressa esperas,
 Sendo a pena cruel, fora piedosa,
 Se a triste Circe, e Telegonio amavas,
 Tanto a partida em vellos dilatavas.

IV.

Rendido a esta amorosa competencia,
 Promette Ulysses a jornada breve
 Com lagrimas, que são muda eloquencia,
 Com que contando sua magoa esteve:
 Em fé que hei de vencer taõ dura ausencia,
 Tomando o filho, que entre braços teve,
 Lhe diz: Este penhor Circe offereço,
 Que tanto preço tem, que não tem preço.

Vaite

V.

Vaite, diz ella, vaite, que não quero;
 Pois para te partir estás disposto,
 Fazer que esperes mais, que não espero,
 Que nisto queiras dar-me hum breve gosto:
 Tres vezes de aço tens o peito fero,
 No coração es hum, outro no rosto,
 Triste quem ama, que na dor presente
 Sente o que diz ser menos do que sente.

VI.

Isto dizendo, o fogo, em que se acende,
 De lagrimas os olhos lhe arrazava,
 E o brando coração co' a dor se rende,
 Mudo orador das penas, que passava:
 Para abraçar o filho o braço estende,
 Que fugindolhe aos peitos se apertava:
 Da mãy, que lastimada, e triste via,
 Com que novas saudades lhe acendia,

VII.

Não te quero, lhe diz, pois es retrato
 De hum ingrato mayor, que o mundo teve,
 Porque não no pareças sendo ingrato,
 E quem me leva a vida o gosto leve:
 Mas não te dou eu filho taõ barato,
 Bem desta vida bre, sem dizer breve,
 Que as lagrimas lhe afogaõ, num momento
 Entre as fauces da voz o ultimo acento.

Toma

VIII.

Toma Ulyſſes a Circe entaõ nos braços,
 E Telegonio, e diz: Tanto temia
 Romper por eſtes ſoberanos laços,
 De que goſava em quanto Deos queria,
 Que deſtes ſuaviſſimos abraços
 (De que minha fortuna me deſvia)
 Fugia por temer que ſe chegalle
 A vos deixar, que a vida alli deixalle.

IX.

Naõ ſe ſabe apartar quem ama, e pena,
 E quem niſto he mais fraco, eſte he mais forte,
 A dor da meſma morte he mais pequena,
 Que quem morre, melhora muito a ſorte:
 Quem morre, acaba o mal, que toda a pena
 Dura co' a vida, ſem paſſar da morte,
 Mayor pena padece o que eſtá auſente,
 Pois morre de ſaudade, e morto ſente.

X.

Em quanto os dous amantes aſſim eſtayaõ
 Enganando as ſaudades da partida,
 Tambem aos ſeus as Damas eſcutayaõ
 Magoas da rigorofa despedida:
 Egiale, e Leofthenes ſe abraçayaõ,
 Androgeo, e Ericia, a quem a vida
 Tipha entregue, o meſmo Penopea
 Faz a Philemo, e a Palemo Alpha.

XI.

Só Dimantes, que tem por gentileza
 Ser diamante, a Polibio não consente
 Lagrimas, e saudades, que se preza
 De que nenhuma pena, ou magoa sente:
 A variedade honra a natureza,
 Lhe diz, e não te canse amigo ausente
 Deixarme, que de mim terás notado,
 Que me não dá cuidado algum cuidado.

XII.

Ficava Circe, Ulysses se partiã,
 Que co' pranto acendia seus furores,
 Vaite inimigo amado, lhe dizia,
 Minhas penas dobrando, e meus temores:
 E como quando ao mar inclina o dia,
 As sombras sobre a terra faz mayores,
 Assim n'alma de Circe, que ficava,
 A sombra da tristeza se dobrava.

XIII.

O anno novo, bello, e florecente
 Junto á idade juvenil andava,
 Quando Astrea co' as noites juntamente
 Na aurea balança os dias igualava:
 A inimiga do dia diligente
 A terra em roda, e ares occupava,
 E a seu pezar o Sol, que em torno gira,
 Vinha abrazando os campos de çafira.

XIV.

Já da Saturnia Hesperia vão sahindo
 As naos ligeiras com alegre vento,
 Co' as levantadas proas dividindo
 A crespa prata do humido elemento:
 Quando fora das aguas sacudindo
 A cabeça Neptuno: Oh fraudulento
 Ulysses, diz, permite o Ceo sereno,
 Que ares a meu pezar o mar Tyrrheno!

XV.

Espera: e não diz mais de impaciente,
 E sobre as molles ondas, que pizava,
 Esgrime furibundo o graõ tridente,
 E o mar vendo-o enojado se encrespava:
 Colhendo a Armada o vento brandamente
 A' vista de Parthenope passava,
 Vê logo o Tybre entrar no mar profundo,
 A cujo imperio ha de ajoelhar-se o mundo.

XVI.

Com prospera bonança vão passando,
 Quando o Piloto vê sobre a cabeça
 As carregadas nuvens, que voando
 Vão no mais alto do ar com grande preça:
 Hiaõ-se os horizontes abafando,
 Cruzase o mar, nas ondas se atraveça
 A grande Capitania, que recebe
 Co' a proa o grosso mar, que arfando bebe.

XVII.

Disse o Piloto: Amaina a grande vella,
 Que logo os marinheiros vão colhendo,
 Quando do alto desce a graõ procella,
 Todo em montanhas de agua o mar erguendo:
 Os ventos conjurados a vencella
 Sopraõ, as vellas concavas rompendo,
 E batendo por hum, por outro lado,
 Quer dentro introduzirse o mar salgado.

XVIII.

Mais aspera fortuna exprimentava
 Cada huma das naos da companhia,
 Que posto hum monte noutro o Ceo tocava,
 E ao centro profundissimo descia,
 De negra sombra o ar se coroava
 Por maõ da noite, que do Ceo cahia,
 E o vento alma das nuvens nova guerra
 Movia, dando assalto ao mar, e á terra.

XIX.

Nas entranhas do mar em graõ planura
 Se vê hum edificio levantado
 De rara, e excellente architectura,
 Pela famosa Thetis fabricado:
 Os altos corucheos de prata pura
 Carregaõ sobre jaspe bem lavrado,
 Do portal a soberba fronte admira
 Cortado de finissima çafira.

XX.

Na quadra mais alegre, e mais ornada,
 Que está na melhor parte do aposento,
 Das bellas Ninfas Thetis rodeada
 Seu nobre estrado tem, seu rico assento:
 Nereas alli estaõ, que por estrada
 Incognita, e occulto movimento
 O puro humor á terra communicão,
 Com que os campos florecem, e frutificaõ.

XXI.

Das mais Ninfas, que assistem, huma se via
 Dançar pulsando as cordas docemente,
 Outra, que a prata, e ouro em roca fia,
 E em conchas colhe a perola excellente,
 Qual do fundo o coral mostrava ao dia,
 Que logo endurecer ao Sol se sente,
 E qual da areia aparta o peregrino
 Graõ estimado do metal mais fino.

XXII.

Saõ nos rostos formosos parecidas
 Como irmãs, mas diversas no cabello,
 Que hum he louro, outro verde, te esparzidas
 Suas bellas tranças vaõ no corpo bello:
 D'um delgado cendal andaõ vestidas,
 Que acende mais a desejar de vello,
 Thetis as chama, e ellas, que a ouviaõ,
 Todas a obedecella concorriaõ.

Thetis

XXIII.

Das alteradas ondas alterada
 Thetis temia, vendo offerecida
 A' braveza do vento a Grega Armada;
 Que seja por Neptuno destruida:
 Lembrahe o seu Achilles, e a passada
 Historia de Peleo, e enternecida
 De ver taõ grande dano, e tanta mágoa,
 Falla ás Ninfas c'hum mar nos olhos de agoa.

XXIV.

Vedes, doces amigas, como o fero
 Boreas, e Euro se mostraõ alterados,
 E os meus Gregos perecem, que hoje espero,
 Que por vós haõ de ser remediados:
 Que o furor lhe amanseis, amigas, quero,
 Sey, que de vós andaõ namorados,
 E nas mostras da vossa gentileza
 Logo lhe ha de esquecer toda a braveza.

XXV.

Já sobre as ondas Thetis vay subindo
 Com Doris, Symodoce, e com Thalia,
 Descubria Anfitoe o gesto lindo,
 E o azul de seus olhos Lemnoria:
 Na belleza, e na graça competindo
 Galatea, Panope, e Oritia,
 Larga o cabelo ao vento Dinamene,
 Que pela eburnea maõ toma a Climene,

XXVI.

Sobre a prata das ondas deixa Doto
 Nadar do crespo ouro as tranças bellas;
 E os olhos verdes descubria Proto,
 Que são do mar azul verdes estrellas:
 Boreas, e Euro, e o valente Noto
 Manos ficaraõ todos só de vellas,
 E a bella Doris, a quem Noto amava;
 Mais que nunca rendido assim fallava:

XXVII.

Póde, Doris, a pura claridade
 De teus olhos azues n'hum só momento
 Lançar duros grilhoens á tempestade,
 E o furor aplacar do bravo vento:
 Para nunca sahirte da vontade,
 A minha atada tens, e o pensamento
 Para não querer mais, que só quererte;
 Nem ver mais gloria, que a que tenho em verte.

XXVIII.

Se queres, lhe diz ella, que te crea,
 Que me serves com fé limpa, e segura,
 Deixa o furor, que amor sempre se arrea
 De suaves effeitos de brandura:
 Noto lhe torna: Se achas cousa fea
 Esta dureza, tu porque es taõ dura?
 Que vejo, que es, ó Ninfa fugitiva,
 Pedra insensível não, mas pedra viva.

XXIX.

O molle campo azul do mar falgado
 O azul dos olhos teus tranquillo veja;
 As ondas cessem, durma o vento irado,
 Diante de teus pés prostrado esteja,
 Que eu folgarey que tudo estê callado,
 Porque de ti melhor ouvido seja,
 Que suave me ouças, e respondas,
 Sem desculparte c'o rumor das ondas.

XXX.

Quando, Doris cruel, terás lembrança
 Se do amor não, ao menos do meu dano;
 Pois traz desta amorosa confiança
 Vou enganando apos hum anno outro anno;
 Mas como, vence aos males a esperança,
 Temo que a esta fé vença o defengano,
 Buscando, assim enganado do que espero,
 O mal, que não queria, o bem, que quero.

XXXI.

Dá-me essa bella mão, Ninfa prestante,
 Que por escravo, e por espoço peço,
 E prendeme nesse ouro rutilante,
 Que aos cabellos do Sol roubaõ seu preço:
 Não peço muito, pois sou muito amante,
 Que nunca em grande amor ha grande exceço,
 E se isto he excessõ, amor excessõ he todo,
 Que he modo amor, que nunca teve modo.

XXXII.

Grande prazer, diz ella, Noto amigo,
 Me farias, se as Gregas naos tomasles,
 E salvando-as do mar, e do perigo,
 A porto alegre, e prospero as levasses:
 Teu gosto, lhe replica, ó Doris figo,
 Basta que assim o quizesles, e mandasses;
 E só me cansa agora obedecerte,
 Porque me obrigas a deixar de verte.

XXXIII.

A foccorrer as naos Noto caminha,
 Em quanto Euro aos pés se debruçava
 Da bella Galatea, que o detinha,
 Que só com vella as furias amansava:
 Solto o cabello pelos hombros tinha,
 Onde o vento sutil se embaraçava,
 Podendo competir qual he mais bello
 Prata, e ouro, do corpo, e do cabello.

XXXIV.

Euro lhe diz: O' minha branda amiga,
 Em cuja vista, e viva claridade
 O ar se adorna da pureza antiga,
 E foge a rigorosa tempestade:
 Consente, ó bella Ninfa, que te diga
 O que trago ha mil dias na vontade,
 Que quero nesta dor para soffrella
 Contar o que padeço á causa della.

Nesse

XXXV.

Nesse ouro crespo ao vento desparfido
 A minha solta liberdade se ata,
 O Ceo vejo em teus olhos recolhido,
 De que ausente me trouxe a sorte ingrata,
 Nelles o vivo fogo anda escondido,
 Onde a vista dos meus se acende, e mata,
 E assim venho a estimar no mal, que figo,
 Por premio a morte, a vida por castigo.

XXXVI.

Amor em teu amor me purifica,
 Porque mereça o bem de meu tormento,
 Novo altar em minha alma te edifica,
 Onde se adora o teu merecimento:
 Meus desejos leaes te sacrifica
 A fé por maõ do altivo pensamento,
 Ou me dá vida, Galatea ingrata,
 Com teu favor, ou por favor me mata.

XXXVII.

Galatea, que isto ouve, respondia:
 Naõ me tenhas por dura, e te prometo
 De ouvirte até que esconda o claro dia
 Entre estas ondas o pastor de Admeto,
 Recolhe as naos da Grega companhia
 Por me dar gosto agora, e este inquieto
 Mar se socegue; e o mesmo a Boreas pede
 Lemnoria formosa, elle o concede.

XXXVIII.

Logo os ventos deixando a costumada
 Braveza , sobre as ondas se estendiaõ,
 Juntaõ as divididas naos da Armada,
 Que entre a furia dos mares pereciaõ,
 A' Capitania rota , e quebrantada
 As delicadas Ninfas acudiaõ,
 Todas concorrem para o mesmo effeito
 Pondo no duro pinho o brando peito.

XXXIX.

Logrando esta bonança refazia
 A enxarcia destrocada , as rotas véllas
 O forte Grego , e quando o novo dia
 Dava no prado vida ás flores bellas,
 E a clara luz cegando a noite fria,
 Lhe faz cerrar os olhos das estrellas ,
 As naos colhendo os ventos , que sopravaõ
 No mar , as grandes azas despregavaõ.

XL.

Ouve de Scylla o rouco brado horrendo,
 Que atroando os maritimos lugares ,
 Nas voragens , e fauces recebendo,
 O mar bramindo torna aos negros ares,
 E as ondas amarissimas bebendo,
 Charybdis com tal furia os grossos mares
 Arroja , que das gotas espalhadas ,
 Se vem o Ceo , e estrellas rociadas.

XLI.

A' vista de Peloro Siciliano
 Junto da costa a Armada atravessava,
 Na arvore se pegava o solto pano,
 E o mar c'o vento apenas se encrespava:
 Quando soava hum canto soberano,
 Que os socegados ares regalava,
 E a graõ suavidade, e melodia
 Pelos ouvidos a alma suspendia.

XLII.

Fóra das ondas as cabeças tinhaõ
 As formosas Sereas, e largando
 As vozes suavissimas detinhaõ
 O vento fero por ouvillas brando:
 As naos, como animadas, naõ caminhaõ,
 Esta sonora musica escutando,
 Que rémora naõ ha, que possa tanto,
 Que iguale a força de hum suave canto.

XLIII.

Manda arribar Ulysses, e varrendo
 O negro pinho os mares socegados,
 As Ilhas Estoechades vencendo,
 Vê de Nisea os montes levantados:
 Já as correntes do Rhodano bebendo
 Massilia passa, vendo os congelados
 Montes . onde enterrada Pyrene,
 Que em vaõ abraza o filho de Clymene.

Vaõ

XLIV.

Vaõ pelo alto , e focegado argento
 Lavando o mar as fayas encurvadas ,
 Rompendo as proas com furor violento
 De Thetis pura as liquidas moradas :
 Dos monstros de Protheo o immundo armento
 Se esconde nas cavernas mais guardadas,
 Das vellas, e das arvores a sombra
 Do ceruleo Neptuno o reyno assombra.

LXV.

Passava o grande Ibero , e Gaditano
 Estreito , aonde achou o fim famoso
 De seus trabalhos Hercules Thebano ,
 E Atlante o Ceo sustenta luminoso ,
 Adonde Abila , e o Calpe do Africano
 Imperio Europa apartaõ , pelo undoso
 Seyo pondo altas portas , e limite
 A's terras com suas ondas Amfitrite.

XLVI.

Tinha a noite com seu confusõ manto,
 De estrellas , e planetas guarnecido,
 Cuberta a esfera luminosa , em quanto
 Passava a Armada o estreito taõ temido :
 Quando o Piloto com terror , e espanto ,
 O' Jupiter , dizia , esclarecido ,
 Que sombra he a que vejo taõ pezada ,
 Fatal ruina desta grande Armada

XLVII.

Logo hum robusto corpo apparecendo
 No ar, co' a alta cabeça o Ceo tocava,
 De victoriosa rama a fronte erguendo
 Coroada, arrogante, altiva, e brava:
 Vestida a pelle de hum leaõ horrendo,
 Na maõ direita huma pezada clava,
 Negras sombras, e escuras o cercavaõ,
 Que o ar de horror, e medo carregavaõ.

XLVIII.

O enredado cabello, e retrocido
 Em anneis sobre o hombro lhe descança,
 E o resplendor do rosto esclarecido
 Abre á sombra co' a luz, que aos ares lança,
 C'hum tom da voz horrendo, e defabrido,
 Que atemoriza a tudo quanto alcança,
 Começou a fallar, e n'hum momento
 Se abre o Ceo, calla o mar, e cessa o vento.

XLIX.

Quem es, ó atrevido, que com tantas
 Naos estes mares nunca navegados
 De fayas medes com ligeiras plantas,
 Com chaves immortaes d'antes fechados?
 As colunas fortissimas quebrantas,
 Termos, que puz aos mares levantados,
 Que Neptuno venera, e quando passa,
 Lhe beija os pés, e com respeito abraça?

Dei-

LIX

Deixa o caminho , navegante infano,
 Que além desta , e da opposta alta coluna
 Não se vê mais que o Ceo , e o Oceano,
 Theatro das tragedias da fortuna :
 Muda de intento , colhe o solto pano,
 Deixa a fadiga barbara , e importuna,
 Se não buscas no mar tempestuoso
 Sepulchro eterno de crystal undoso.

LI. IX

O Grego o ouve , a quem com voz tremante
 Dizia : O' grande Cidadão celeste ,
 Tu es o que com animo constante
 As fraudes de Euristeo vencer podéste?
 Tu ao dragão Hisperio vigilante,
 Centauros , e leão Nemeo venceste ,
 E tu as meas de Fineo honraсте,
 Donde as Harpias fardidas lançaсте.

LII.

O Cerbero prendeste , e por comida
 Diomedes déste ás feras , que guardava ,
 Despojaсте Acheloo vendo rendida
 A Hydra , que as cabeças renovava :
 Em teus braços deixou Antheo a vida ,
 E Caco , que os incendios vomitava ,
 Mataste o javali , e o rutilante
 Globo tomaste descansando Atlante.

Ulysses

LIII.

Ulyffes fou do illuftre fangue Grego,
 Que lavrando taõ largos mares venho,
 E ás grandes portas do Oceano chego,
 Sobre taõ fraco, e taõ caduco lenho:
 No monftrofo Polifemo cego,
 O graõ Neptuno, que offendido tenho,
 Naõ quer, que em fuas ondas quasi abforto
 Bufque paz, ache vida, alcance porto.

LIV.

Tu, grande excelfo nume, e fempiterno,
 Que isto vês, me foccorre, e o mar ferena,
 Acabe a vida, ou o trabalho eterno,
 Que em mim tem resistencia taõ pequena:
 Tragueme o bravo mar, abraze o inferno,
 Acabe em tanta pena minha pena,
 Que já paflado tem meu sentimento
 Todo o termo, que tinha o foffrimento.

LV.

Vi Cycones, Lotophagos, e undofos
 Mares, graves tormentas repentinas,
 Duras mortes, e cafos prodigiofos,
 Defufadas viagens peregrinas:
 Vi rayos, vi incendios temerofos,
 Nas ondas de Neptuno altas ruinas,
 Que só contra mim ha no mar, e estrellas
 Ruinas, rayos, mortes, e procellas.

LVI.

Mandame o Ceo buscar aquella parte,
 Que o Sol com sua immensa claridade
 Ultima vê, quando de nós se parte,
 Para erguer com eterna magestade
 A Cidade belligera, que a Marte,
 Inimigos, e a longa eternidade
 Ha de vencer: pelo humido caminho,
 Dando a eternos heroes eterno ninho.

LVII.

Nestes annos de minha vida breves
 O fim deste discurso ver tomara,
 Tu ampararme, grande Alcides debes,
 Que aquelle he grande, que ao affligido ampara:
 Alcides se enternece, e torna leves
 Os graves Ceos, e faz alegre, e clara
 Nos campos do ar a noite, e do que ouvia
 Hum pouco magoado lhe dizia.

LVIII.

Agora alcanço, ó Grego venturoso,
 Que tu es o que em annos florecentes
 Cingirás o cabello victorioso
 Das invejadas ramas eminentes:
 A Lisboa erguerás muro famoso,
 A quem beijando os pés com suas correntes
 Lhe offerecerá o Tejo crystaes paros
 Para famoso espelho de seus muros,

Estes

LIX.

Estes trabalhos teus Protheo contava
 Nos séculos passados, e dizia,
 Que hum Grego nestes mares se esperava,
 De que o grande Neptuno tremeria:
 Que donde o Tejo ameno os campos lava,
 Com gente de estremada valentia
 De Atlante humilharia a altiva fronte,
 Bebendo o Nilo em sua propria fonte.

LX.

Em quanto aos hombros o alto Ceo sustenta
 Está vendote Atlante perturbado,
 Que ruina fatal lhe representa
 A tua vista do Africano estado:
 Tem sabido que em Africa, que aquenta
 O Sol com rayos, e calor dobrado,
 Levantará com força mais que humana
 Altos trofeos á gente Lusitana.

LXI.

Vê que o grande Joaõ co' estoque agudo,
 Onde da gloria a nobre inveja o chama,
 Passa dos seus diante como escudo
 Rendendo a forte Ceita só co' a fama,
 Onde fará correr do Mouro rudo
 Rios ao mar de sangue, que derrama,
 Quando tanta cabeça vir cortada
 Do invicto braço seu, da invicta espada.

LXII.

Teme que ainda Ceita o celebrado
 Ninho ha de ser dos claros descendentes
 De Noronha, de lanças fabricado
 Por lenhas odoríferas, e ardentes,
 Aonde hum Fenix, e outro renovado
 Com obras peregrinas, e excellentes
 Daraõ, enriquecendo sua memoria,
 Alta materia a soberana historia.

LXIII.

Teme q̃ hum grande Henrique, e q̃ hũ Fernando
 Entraraõ pela terra Tingitana,
 Feitos illustres co' a espada obrando,
 Desmentindo o poder, e a força humana:
 Teme que lá em Arzila devastando
 Mulei Barraxe o campo, o desengana
 Dom Joaõ, que se oppoem com pouca gente,
 E os Mouros rompe, que he leaõ rompente.

LXIV.

Teme que o mesmo Dom Joaõ querendo
 Entrar co' de Tarouca taõ temido,
 De Fez o Rey lhe fugirá tremendo,
 De dous Martes honrado, e perseguido:
 O porto de Larache abrindo, e vendo,
 O graõ Ferrobo abrazará atrevido,
 E de Azamor com animo seguro
 Arrazará co' a vista o forte muro.

Teme

LXV.

Teme que hum Ataide illustre, e forte
 Verá Tednest rendido, e profligado
 De Marrocos o exercito, que a morte
 Evita no fugir acelerado:
 Teme do graõ Duarte a illustre forte,
 Que a Tangere do Mouro já abrazado
 Sustentará, e que Azamor cahido,
 Será do grande Jaime defendido.

LXVI.

Vê de Alcoutim o Conde, a quem o peito
 Honroso fogo de alta gloria inflama,
 Vê de hum Cesar o feito nunca feito,
 Que vencerá dos Cesares a fama:
 Obrado neste estreito, a quem he estreito
 Todo o espaço, onde o Sol sua luz derrama,
 E hum Mascarenhas, e outro soberano
 Novo Heitor, novo Achilles Lusitano.

LXVII.

Com razaõ teme Atlante que se veja
 A costa debellada Tingitana,
 Que não entres no Oceano deseja,
 E não toques a praya Lusitana:
 Quando não produz odio, ou vil inveja,
 He esteril a virtude soberana,
 Que o valor, e virtude preeminente
 Presente desagrada, amase ausente.

Naõ

LXVIII.

Naõ disse mais, e a sombra, que se via
 Levantada no ar, qual grande torre,
 Representando que no mar cahia,
 Deice do alto, e pelas ondas corre:
 Ulysses que huma dor grave sentia,
 Co' pavor, que até os oslos lhe discorre,
 Pegada a voz, ás fauces, levantava
 A vista ao Ceo, e a Jupiter fallava.

LXIX.

Circulos immortaes que arrebatados
 Desse primeiro, e eterno movimento,
 Em discordia suave concertados
 A's leys obedeceis do firmamento:
 Espritos, que dos orbes estrellados
 Sojs almas, que infundis divino alento,
 Fallai co' as linguas do silencio mudo,
 Tudo falle por mim ao Autor de tudo.

LXX.

Oh grande Amon, que a eterna monarchia
 Tens num, e noutro Ceo, onde a formosa
 Tocha do bello Sol autor do dia
 Alumia esta machina lustrosa:
 Tu que as sombras da noite escura, e fria
 Honras com pregadura taõ custosa
 De estrellas, e planetas rutilantes,
 Que tanto excedem lucidos diamantes.

Naõ

LXXI.

Não permittas, que as ondas temerosas,
 Com que vimos té o centro o mar aberto,
 E dos ventos as bocas espumosas
 Nos impidaõ gozar do porto incerto:
 De Hyperia sobre as prayas arenosas
 Perdidos nos salvamos por acerto,
 Ajudados da força soberana,
 Que sem o Ceo não val industria humana.

LXXII.

Já da triste vizaõ nada apparece,
 Da qual todos ficaraõ perturbados,
 E atravessando o estreito lhes parece,
 Que a mayores perigos saõ chegados:
 A noite foge, o Sol formoso crece
 Sobre os mares lançando os abrazados
 Rayos, que o grande tanque soberano
 Illustraõ do vastissimo Oceano.

LXXIII.

Vestiofe o ar de graõ serenidade,
 Que d'antes negro, e carregado estava,
 Com as nuvens foge a solta tempestade,
 E os chuveivos, que Noto ameaçava:
 Razas as ondas vaõ, que a suavidade
 Do vento a agua apenas encrespava,
 E com graça mayor, do que costuma,
 Encanecia o mar de branca escuma.

LXXIV.

Dizia entã Creonte: Aqui se encerra
 O que disse Protheo da sorte avara,
 Pois sem descanso achar, e amiga terra,
 A roda destes males nunca pára:
 Quaõ mais ditoso fora quem na guerra
 Comsigo seus trabalhos encerrara
 Dentro na anticipada sepultura,
 Que he morte a vida se entre os males dura.

LXXV.

Aquelle, que atrevido o pinho leve
 Poz nas ondas dos ventos agitadas,
 O coraçã tres vezes de aço teve,
 E de bronze as entranhas fabricadas:
 Que de Boreas, e de Africo se atreve
 Provar a luta, e forças indomadas,
 Quando da espessa nuvem o seyo abrindo,
 Rebentaõ no ar graves trovoens bramindo.

LXXVI.

Os mares acomete o atrevido
 Nauta, que a fronte escura vê cuberta
 Do monte Acroceraunio, e no bramido
 De Cauro a tempestade tem por certa:
 Aos perigos da terra os do temido
 Mar ajuntou a gente pouco experta,
 Com alma da ambiçã leve enganada,
 Oh gente humana em teu perigo ouçada.

LXXVII.

O claro Betis, o Ana caudaloso,
 E o sacro promontorio já dobravaõ,
 E com Favonio alegre o seyo undoso
 Da Lusitana costa navegavaõ :
 Para onde o Tejo paga seu famoso
 Tributo, as leves proas se inclinavaõ,
 Levando ao mar riquissimo thesouro
 De prata as aguas, e as areas de ouro.

LXXVIII.

Huma garça do Tejo ao ar se erguia,
 Que o vento na presteza atraz deixava,
 E como que a queixarse ao Ceo subia,
 Ao fogo as leves penas arriscava :
 A que huma aguia real detraz seguia,
 Que em voltas por chegarlhe se apressava,
 Levando sempre a vista firme, e prompta
 Na garça, que entre as nuvens já remonta.

LXXIX.

Depois de em largos gyros ter cortado
 Os diafanos ares vem descendo,
 Como hum rayo de Jupiter alado,
 A garça as brancas azas encolhendo :
 A que a aguia por hum, por outro lado
 C'os cerrados encontros o ar rompendo,
 Instando opprime, e com furor afferra,
 Onde era o fim da vida o fim da guerra.

LXXX.

Vendo Ulyffes o caso aos seus gritava:
 Aqui, amigos, se acaba o graõ caminho,
 Com que d'hum fado n'outro nos levava
 Boreas, varrendo o mar c'o negro pinho:
 Para este porto o fado nos guiava,
 Aqui alcançamos desejado ninho,
 Que estes sinaes, que vejo mo declaraõ:
 A que todos com vozes acclamaraõ.

LXXXI.

Cada qual do trabalho satisfeito,
 Que tem passado, está ledó, e contente,
 O Tejo ás naos cançadas punha o peito,
 Que atraz da popa murmurar se fente:
 Chegaraõ aonde em dilatado leito
 Emula ao mar se estende a graõ corrente,
 E cada huma das naos qual mais ligeira
 A proa pega na humida ribeira.

LXXXII.

Descansaõ nas amarras, e procura
 Sahir a gente em terra alvoroçada,
 A area beija, e bebe a fonte pura
 Nas mãos por alvas pedras derivada:
 Assentaõse contentes na verdura,
 Onde o prado lhe faz verde almofada
 Junto das fontes, onde seus licores
 Bebem avidamente hervas, e flores.

Como

LXXXIII.

Como verdes doces, os levantados
 Bosques davaõ repouso ás brandas aves,
 Que espalhando queixumes namorados,
 Leves fazem da calma as horas graves:
 Chovem das folhas sonos soslegados,
 Que perturbavaõ Zefiros suaves,
 Entre as hervas parecem serpes vivas
 De crystal puro as lynfas fugitivas.

LXXXIV.

Aqui hum pastor de venerando aspeito,
 Que o gado neste monte apascentava,
 Nos annos grave, a quem no largo peito
 A copiosa barba descantava:
 A's perguntas, que Ulysses tinha feito
 Da terra, e por que Rey se governava,
 Lhe diz: Aqui se estende o mar profundo,
 Onde da agua começa o mayor mundo.

LXXXV.

Aqui de Lusitania he graõ cabeça,
 Donde passar naõ saberá o desejo,
 Aqui a terra se acaba, o mar começa,
 Aonde seu nome perde o doce Tejo:
 Que para que com o Lethe se pareça
 Nos ares, na frescura, no sohejo
 Mimo de terra, quantos o beberaõ
 De tudo o mais do mundo se esqueceraõ,

Por

LXXXVI.

Por Gorgoris o Reyno he governado,
 Que o ama, sem queixarse de opprimido
 De outro poder mayor, nem he vexado
 Do tributo com traças admittido:
 Com duas canas diante acompanhado
 Dos seus amado sahe, e sahe temido,
 Quem quer que o temaõ por injustos modos,
 Quando todos o temem, teme a todos.

LXXXVII.

De Jupiter he neto, porque estando
 Na torre Danae donde a recolhia
 Achrisio, num orvalho alegre, e brando
 Convertido o graõ Jupiter descia:
 Daqui Perseo nasceo, Danae cortando
 Co' filho o mar por defusada via,
 A Italia veyo em braços de Neptuno,
 Onde a quiz por esposa o graõ Piluno.

LXXXVIII.

Perseo cresceo, e co' a fatal espada
 Talares de Cilenio, escudo forte
 De Pallas, a cabeça vio cortada
 De Gorgona, que entrega á eterna morte:
 Do ar pizando a regiaõ dourada
 A Estella vio por peregrina forte,
 A' terra desce em lucidos talares,
 Abrindo namorado os leves ares.

LXXXIX.

Governava este Reyno o grande Abante
 Da bella Cynthia esposo, e pay de Estella
 Dotada de hum angelico semblante,
 Sobre os extremos de belleza bella:
 Perseo a vio, e amou, e nesse instante
 Porque lha nega o pay, quiz pertendella
 Por armas, e co' escudo, que trazia,
 A singular batalha o desafia.

XC.

No Cynthio monte armado Abante espera,
 Confiado em suas forças, e o valente
 Perseo descobre logo a imagem fera
 No escudo, que cingia a graõ serpente:
 Abante alheyo do que de antes era,
 Em pedra dura transformarse lente,
 E os que neste perigo o acompanharaõ,
 Os membros em penhascos transformaraõ.

XCI.

Foy Estella por elle alli roubada:
 Hymeneo, que lha dera por esposa,
 Assiste sem cothurnos, e apagada
 A tocha d'antes clara, e luminosa:
 De Cynthia tomou Cintra celebrada
 O nome, que em rochedos he famosa,
 Gorgoris nasce, e como a idade chega,
 Perseo se parte, e o Reyno ao filho entrega.

Por

XCII.

Por estes montes Gorgoris galhardo
 Ao urso, e javali fero arremete,
 Sacudindo ligeiro o mortal dardo
 De cima do belligero ginete:
 Ao veado cornigero, ao pardo,
 O animal mais feroz bravo acomete,
 He no rio, e nos montes fatigada
 A veloz garça, e a perdiz pintada.

XCIII.

Este alto Rey, que excede em valentia
 Ao forte Alcides, vence juntamente
 Ao seu valor na branda cortezia,
 Mais que na lingua em obras eloquente:
 Sendo disto avisado elle viria
 Regalarvos, e a toda a Grega gente,
 Que sempre ás naos, que porto aqui tomaraõ,
 Nelle favor, e acolhimento acharaõ.

XCIV.

Cessou, e o monstro, que as estrellas toca,
 Que com mil olhos vê, mil pennas voa,
 Que adquire forças caminhando, e troca
 Em varias fórmas tudo o que apregoa:
 Applicando ao metal sonoro a boca,
 Que deste polo ao mais remoto soa,
 Tinha, já publicado como a Armada
 Estava sobre as ancoras fundada.

XCV.

Já Gorgoris a gente preparava
 Por ver as naos, que ao porto tem chegado,
 E a pequena Cidade se alterava,
 Donde sahia de armas rodeado:
 Quando com Leostenes encontrava,
 Que do Grego fortissimo enviado
 Os discursos, e os erros lhe declara
 Dos mares, por que Ulysses navegara.

XCVI.

Elle, que as causas na memoria tinha
 De amar a Ulysses, desce da alta ferra,
 E alvoroçado pelo ver caminha
 A offerecerlhe o porto, e propria terra:
 Encontra o Grego, que a buscallo vinha,
 Tornase em paz a imaginada guerra,
 Daõse os braços, e as mãos, e do que via
 Ulysses obrigado lhe dizia.

XCVII.

Já dos trabalhos, que passado tenho,
 Me esqueço para os dar por bem passados,
 Pois por elles a vossas terras venho
 Para favores receber dobrados:
 Os mares, que sulquei no fraco lenho
 Entre o rigor dos ventos indomados,
 Me seriaõ suaves, se cuidara,
 Que a fortuna a este porto me arrojara.

Ha

XCVIII.

Ha muitos annos, Gorgoris dizia,
 Que vos venero só por nome, e fama;
 Que ouvindo amor nos animos se cria,
 Como por olhos por ouvidos se ama:
 O que de Achilles, e de vós ouvia.
 E de Troya já entregue á mortal flama,
 Me acendia num fogo, e num desejo
 De ir ver o Xanto, e de esquecer o Tejo.

XCIX.

Na regia sala a Ulysses esperava
 Astrea com Calypso peregrina
 No parecer, que os ares inflammava
 Nos rayos de tua luz clara, e divina:
 O paço de tapizes se adornava,
 De Persico brocado, e seda fina,
 As lavradas cadeiras poem diante
 De evano, e puras linhas de elefante.

C. X

A todos diz Ulysses: Justamente
 Espero achar em vós favor, e amparo,
 Podendome animar ser descendente
 Do vosso mesmo sangue illustre, e claro:
 Gerou Achrisio Jove, elle o valente
 Laerte de Anticlea esposo charo,
 Destes nasci, a quem o fado chama
 Por trabalhos sem fim á immortal fama.

Vós

CI.

Vós procedeis de Danae, por quem dece
 Jupiter namorado, e taõ rendido,
 Que em graos de ouro por preço se offerece,
 Do Olympo, e suas grandezas esquecido:
 Avô de ambos he Jove, e se conhece
 Ter deste illustre tronco procedido
 Os grandes ramos desta planta altiva,
 Donde dos dous o sangue se deriva.

CII.

Asentaõse, e Ulysses levantando
 A voz, que de Hybla os favos igualava,
 As iras de Neptuno vay contando,
 Que pelo cego filho executava:
 De Circe o gazalhado, e como entrando
 Nos campos infernaes, que a Estige lava,
 Só por ver Anticlea aventurara
 Ao Cerbero trifauce a vida chara.

CIII.

Pendem de sua boca, em quanto conta
 Da navegaçaõ larga o graõ perigo,
 Doce a memoria faz da antiga affronta
 Com graça nova, e com saber antigo:
 Calypso (que com a alma, e vista pronta
 Tecendo hum labyrintho está comfigo
 Do que ouve ao Capitãõ grave, e eloquente)
 Hum cego fogo nas entranhas sente.

En-

CIV.

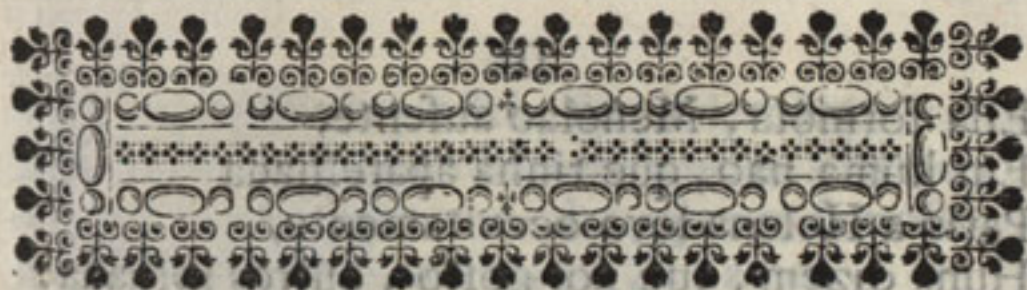
Entre as Reaes pessoas assentado
 Ulysses se enlevava no que via
 Da formosa Calypso, que a seu lado
 Mais formosa que o Sol lhe parecia:
 Nos olhos se encontravaõ, e alterado
 O coração na vista suspendia,
 Descubriendo o que sente no que calla,
 Que amor he mudo, e pelos olhos falla.

CV.

Era gastada a vagarosa tarde,
 E das estrellas lucidas cahindo
 A noite escura vem lenta, e cobarde,
 A sombra as portas do temor abrindo:
 Quando a formosa sala em fogos arde,
 Hum novo, e claro dia repetindo,
 Enchiaõ lautamente a regia meza
 Os manjares com pompa, e com grandeza.

CVI.

Vencida a cea, ao Capitaõ famoso
 Perguntavaõ da guerra, e da victoria
 As causas, porque o llyon poderoso
 Perdera a antiga, e peregrina gloria:
 E do exercito Grego victorioso
 As batalhas, que tinha na memoria:
 (Por lhe dar gosto o Grego referia
 Com grave, e branda voz, e assim dizia.



ARGUMENTO

DO SEXTO CANTO.

DE Helena orapto a Gorgoris contava
 O Grego, e grande Armada, que partia,
 Como com Paris em duello entrava
 O Atrida, a que Acidalia defendia:
 E como Rhejo a soccorrer chegava,
 E com Heytor Achilles combatia,
 A morte de Dolon, e como o duro
 Grego abrazou de Troya o forte muro.

I.



O' aquelle raro monstro de belleza,
 No mundo por desgraças affamado,
 Que de Leda, e de Jupiter se preza
 Menelao, diz Ulyses, foy casado:
 De cuja vista a liberdade preza
 Paris contente vio amante, e amado,
 Que Venus quiz mostrar-se agradecida
 Da sentença, que deo por ella em Ida.

Ella

II.

Ella formosa, Menelao ausente,
 Em huma nao, que tinha aparelhada
 Paris a Helena leva occultamente,
 Huns dizem, que por gosto, outros forçada:
 Já o filho de Atreu, que a injuria sente,
 Agamenon convoca, e n'huma Armada,
 Que debaixo escondia o mar Egeo,
 Parte, e com elle o filho de Peleo.

III.

Em mil armadas naos o acompanhavaõ
 Os povos de Boecia, e Panopea,
 Os de Daulida, e Crisia, e os que gostavaõ
 Do famoso Cefiso a fertil vea:
 Os que a fonte Lilea povoavaõ,
 E os da famosa Euboya, e Eritrea,
 Que saõ os que ha de mais valente peito,
 Do ponto Euxino até o Herculeo estreito.

IV.

De Thirintia, e de Herminia a forte gente,
 E c'os Argivos os de Esparta, e Faro,
 E os que bebem de Amiclas a corrente,
 E de Trios ameno o crystal claro:
 De Troise, e de Pidauro juntamente,
 Da forte Egina o lavrador avaro,
 E os de Helle, onde já foy navegante
 Helle, que á esposa foge de Atamante.

Vem

V.

Vem os de Creta, e Rhodes valerosos
 Myrmidones, e os de Ithaca, que eu chamo;
 Que he terra, e gente minha, que os famosos
 Soldados seguem de Egilipe, e Samo,
 Os Arcades, e Etolios generosos,
 A que orna a testa o victorioso ramo;
 Que he pouco todo o liquido elemento
 A tanta faya, a tanta vela o vento.

VI.

Partio a grossa Armada, e hia cubrindo
 O mar, que hum grande bosque parecia;
 A azul espalda de Neptuno abrindo,
 Já a terra a pezada ancora mordida:
 A gente sahe na praya, o Sol ferindo
 Nas armas, representa o ar, que ardia,
 Campo de fogo, e a gente, que marchava,
 No estrepito hum trovaõ, que atravessava.

VII.

Todos desembarcámos n'hum momento,
 Os cavallos aos carros ajuntámos,
 E pelo largo campo ao leve vento
 As alegres bandeiras despregámos:
 Cercaõ vallos o grande alojamento,
 Vestem tendas o campo, que occupámos,
 O Xanto geme, as terras emmudecem,
 E da alta Troya os muros estremecem.

VIII.

Junto de Troya hum pouco se levanta
 Hum eminente passo, donde tinha
 Exploradores Priamo, que espanta,
 O esquadraõ, que talando as terras vinha:
 Estes lhe dizem, como a gente he tanta,
 Que inunda os largos campos, e caminha
 Para seus muros; e do grave espanto
 Atonito de a ver se pára o Xanto.

IX.

Bem como o lavrador, que da semente
 Os graves sulcos tinha enriquecido,
 Vendo o rio inundar, e que a crescente,
 Tem já suas verdes margens excedido,
 Contempla do alto a rápida corrente
 Do rio pelos campos estendido,
 E vê, que affogará qualquer tardança
 Da verde terra a fertil esperança.

XV

Tal dos seus está Priamo cercado,
 Com que este grave aperto conferia,
 Hum vota sem alento, e perturbado,
 No rosto a outro o coração se via:
 Não soffre dilaçoens tempo apertado,
 Antenor sabio, e velho lhe dizia:
 Co' as armas recebamos o inimigo,
 Entrando todos no commum perigo.

XI.

Ao uso de Bellona offerecido
 Já não abria a terra o ferro duro,
 Em forte lança, e espada convertido,
 Em elmo, e peito lucido, e seguro:
 A fouce, e antigo rastro, que escondido
 Estava na ferrugem, limpo, e puro
 Sahe para ver o Sol resplandecente
 Com nova fôrma da fornalha ardente.

XII.

Ordenase, que o grande Heytor tomasse
 A redea, e Capitaens consigo eleja,
 Que repartisse as hostes, e ordenasse
 O campo, e dêsse o modo da peleja:
 Que os de Dardania Eneas governasse,
 E acompanhado neste officio seja
 De Archiloco, e Achamas cavalleiros,
 Ambos de estranha força, ambos guerreiros.

XIII.

Que a forte gente, que da fertil Ida
 Sahio até a ribeira celebrada
 De Esopo pelas armas taõ temida,
 Seja do forte Adresto governada:
 A quem do pay Precopio a conhecida
 Morte (que he sabio) foy prognosticada,
 Sem o mover do intento, que forçado
 Pelos cabellos o arrastava o fado.

XIV.

De Arisbe, Cesto, e Abido a dura gente
 O valente Hyrtacides governava,
 Que os cavallos, que cria a Seelente
 Ribeira, ferocissimos domava,
 Os Pelafgos Hypoto, que a excellente
 Larissa deo, que Pilio acompanhava,
 Ambos filhos de Letho, e não tem conto
 Os que Achamas trouxera do Helleiponto.

XV.

Como a guerra, e furor por pontos crece,
 A gente popular, que o risco via,
 Diz a Paris, que injusta acção parece
 Negar a Menelao o que pedia:
 Outro diz, que a contenda só merece,
 Que os dous provem seu braço, e valentia;
 Que elles só fação a aspera peleja,
 E ao vencedor Helena o premio seja.

XVI.

Este concerto Paris não recusa,
 E a todos com valor se poem diante,
 Por entre a multidão cega, e confusa
 Falla com voz composta, e arrogante:
 O ignaro povo sem razão me accusa,
 Que com espada, e coração constante
 Nada temo, que sabe o animo forte
 Forçar estrellas, e vencer a forte.

XVII.

Já o duello os Gregos lhe pediaõ,
 Paris se offerencia ousadamente
 A' duvidosa forte, e já vestiaõ
 Sobre a tecida malha o arnez luzente:
 Já Gregos, e Troyanos concorriaõ
 No campo, que guarnece Marte ardente
 De Capitaens, e de armas, que o cercavaõ,
 Que alegre vista, e horrida formavaõ.

XVIII.

Depois de assim o duello concertado,
 O lugar da batalha se affinala,
 Já tinhaõ varias rezes degollado,
 E o cheiro de Pancaya o fogo exhala:
 Menelao ante Jupiter prostrado
 Sua grave affronta com silencio fala,
 Cada qual promettendo fé segura,
 Por Febo intonso, e Phlegetonte o jura.

XIX.

Concertaõ, que o que delles for vencido;
 Ou vencer, com Helena juntamente
 As ioyas goze, ou torne a seu marido,
 Segundo a sorte for triste, ou contente:
 Paris as fortes armas tem vestido,
 E embraçado o escudo refulgente,
 Com agulha a correa debuxada,
 De que pendia a generosa espada.

XX.

A celada compoem , onde se aperta
 A famosa plumagem , que brotava
 Da boca de huma serpe , que desperta
 Nos olhos , como viva , scintilava :
 Tem Menelao a colera encuberta,
 Que n'alma a grave dor dissimulava,
 Qual vendo o javali irado treme
 O libré o forte, e por soltar-se geme.

XXI.

Deo a Paris lugar primeiro a forte,
 Para feir co' a lança ao inimigo,
 Naõ quer Priamo ver taõ duro, e forte
 Combate , e ao caro filho em tal perigo :
 Que Paris vença , ou tenha honrada morte,
 (Diz elle) ou caso adverso , ou fado amigo,
 Naõ poderey ver transe taõ custoso,
 Tudo em maõs deixo a Jove poderoso.

XXII.

Do campo se sahio , e levantando
 O braço, Paris tira a grossa lança,
 Menelao a recebe no dobrado
 Escudo , onde ferindo ella descança :
 A sua voa , e rompe o ar delgado ,
 E Paris affrontado da tardança ,
 Cuberto do escudo , com mór pressa
 Contra o ferro inimigo se arremessa.

XXIII.

Já cada qual dos dous a espada ardente
 Mostra nos duros punhos apertada,
 Sobre elmo, sobre escudo refulgente
 Os golpes soaõ de huma, e d'outra espada:
 Pariz ajoelhou, a que o valente
 Menelao corre, e azindo da celada,
 Arrastando o levava, onde acabara,
 Se Venus, que isto via, o naõ guardara.

XXIV.

Huma forte correa, que o trazia
 Já sem alento, Venus lhe desfata;
 Com elle n'uma nuvem se escondia,
 Que sobre o largo campo se dilata:
 Da vista foge, e Menelao, que via
 Voar a nuvem em circulos de prata,
 Acidalia conhece, que ao Troyano
 A vida quiz salvar por este engano.

XXV.

Nas maõs lhe fica o elmo, e descontente
 Com ira o rompe, e vinga a sorte escaça,
 Qual o touro feroz, que ao lado fente
 O que a defasiallo entrou na praça,
 Se a capa lhe deixou, corre vehemente,
 E co'a testa inclinada a despedaça,
 Tal Menelao nas maõs tendo a celada,
 Lhe diz: Perjuros, que he da fé jurada?

Ferve

XXVI.

Ferve o concurso, os campos se alteravaõ,
 Huns, e outros com armas acodiaõ,
 Huns o defendem, outros o accusavaõ,
 E o tumulto co' as vozes acendiaõ:
 Os Gregos Capitaens com força instavaõ,
 Que quebrarse os concertos naõ podiaõ,
 E entre esta confusaõ está diante
 Menelao victorioso, e arrogante.

XXVII.

Já o Rey de Missena em toda a parte
 Manda as tubas tocar, para que o siga
 O Grego bando, e qual irado Marte
 De Troya os muros a tremer obriga:
 Sobre o carro veloz furioso parte,
 Que destramente guia o velho auriga,
 Toma nas maõs a lança, e parecia
 Hum cometa, que infaulta luz vertia.

XXVIII.

Qual no Ceo claro a autumnal estrellã
 Vence os densos vapores refulgente,
 Quando a medonha luz, que nasce della
 Com males ameaça a mortal gente:
 Assim o Grego nesta parte, e aquella
 As esquadras visita diligente,
 Vendo, ordenando, e abrazando tudo
 Co' a luz medonha do temido escudo.

XXIX.

Marchavaõ já as esquadras ordenadas,
 Como as ondas, que o bravo mar levanta,
 Que humas succedem a outras apressadas,
 Té que na praya o rolo se quebranta:
 E encontrando nas rochas levantadas,
 Ferem com tal braveza, e furia tanta,
 Que erguendo o mar escumas arrogante,
 Mostra que as ferras quer levar diante.

XXX.

Os Gregos vaõ desta arte arremetendo,
 Mostrando animos fortes, e guerreiros,
 Honrosas mortes dando, e recebendo,
 Onde desejaõ todos ser primeiros:
 Aos que o lugar, e a vida vaõ perdendo,
 Succedem no perigo os derradeiros,
 Cahe Archidamo alli qual grande torre,
 Que he o primeiro, que entre as lanças morre.

XXXI.

A este mata Anthiloco arrojando
 A lança, que os delgados ares parte,
 Que o bem dobrado escudo atravessando
 I he passa o peito de huma, e d'outra parte:
 No ar Creonte o braço levantando,
 Que de seus tiros treme o proprio Marte,
 Lançar a muitos faz de cada tiro
 A alma envolta no ultimo suspiro.

Logo

XXXII.

Logo o filho de Priamo galhardo
 Antifo, para darlhe escura morte,
 Animoso vibrava o mortal dardo,
 Que a Licaon levou a imiga sorte:
 Eu, que o via cahir, para o bastardo
 Antifo ardendo huma mortal, e forte
 Lança arrojey, que na soberba fronte
 Caminho abrio do altivo Archigeronte.

XXXIII.

O forte Diomedes neste dia
 Como hnm leão correndo desatado,
 Pelas Troyanas lanças se metia,
 Como se fora o campo desfarmado:
 A Heytor buscando, as hostes discorria,
 Tendo o campo de corpos semeado,
 Pandaro o via, e logo da encurvada
 Lua soltava a dura setta ervada.

XXXIV.

Junto do hombro o fere, onde a armadura
 Lugar ao golpe dava, mal ferido
 Diomedes se conhece, que da pura
 Pallas foy levantado, e soccorrido:
 Nectar lhe applica, e co' a divina cura
 Mais forte ao campo torna, e mais temido,
 Salta no carro, que Nifiros guia,
 Que leu pezo, e governo conhecia.

XXXV.

Ao atrevido Pandaro defende
 Eneas em seu carro, onde seguro
 Não está de Tydides, que pertende
 A vingança co' ferro, e braço duro:
 A grave lança atira, os ares fende,
 Até parar tingindo o ferro puro
 No sangue de Phegeo, que morto, e exangue
 Vomita a vida no espumoso sangue.

XXXVI.

Já co' a espada na mão do carro salta,
 A que Eneas se oppoem no campo aberto,
 Hum baixa a espada traz, outro a poem alta,
 Hum descoberto o corpo, outro cuberto:
 Fere a Eneas na perna, onde se esinalta
 De sangue o verde campo, e tinha perto
 Da vida o triste fim, se Venus chara
 Deste grave perigo o não guardara.

XXXVII.

Elle, que nos enganos a conhece,
 Contra Venus a espada ergue atrevida,
 Correndo vay, e Venus estremece,
 Que de hum golpe na mão se achou ferida:
 Deixando o campo já desapparece,
 E na sala dos deoses offendida
 A Jupiter chorando o caso conta,
 E affrontada faz bella a propria affronta.

XXXVIII.

Marte , ou fosse movido de alta inveja,
 A Diomedes se oppoz bravo diante,
 Ou movido de amor antigo seja,
 Com elmo ardente, e hombros de diamante,
 Chamando o está com vozes á peleja,
 A que elle sahe com coração constante,
 E a grossa lança cada hum despede
 Com força desigual, com igual sede.

XXXIX.

Pallas, que a Diomedes acompanha,
 De Marte a forte lança lhe desvia,
 E a de Tydides com huma furia estranha
 Contra Mavorte pelos ares guia:
 Toca de Marte o peito, e com tamanha
 Força nas fortes armas o feria,
 Que torna atras, ao ar resurtem logo
 Faiscas, que acendiaõ Marte em fogo.

XL.

Os Troyanos cansados não podendo
 Sustentar-se no campo, as costas davaõ,
 Vaõse aos muros, e vallos recolhendo,
 Donde dardos, e lanças arrojavaõ:
 Heytor bravo na voz, na vista horrendo,
 Corrido de que os seus se retiravaõ,
 De colera abrazado, de ira cego
 Correr mil rios faz de sangue Grego.

XLI.

Assim rindo a fortuna ora aos Troyanos,
 Ora aos Gregos, as sortes variava,
 E sustentando a guerra tantos annos,
 A nenhuma das partes inclinava:
 Que entre os deoses do Olympo soberanos
 Favor Venus a Troya, e a Grecia dava
 Pallas, e Heytor, que estas tardanças sente,
 Dos Gregos desafia o mais valente.

XLII.

Antes que o caso em sortes se possesse,
 Para o campo sahir se offerencia
 O forte Agamenon, que reíplandece,
 Como Marte, nas armas, que vestia:
 Hum nobre, e honroso fogo em todos crece
 De mostrar seu valor, e galhardia,
 Buscando em dura guerra honrada morte;
 Cahe em Creonte a duvidosa sorte.

XLIII.

Entraõ no campo os monstros de braveza,
 Em quem das armas o valor se encerra,
 Os escudos embraçaõ com destreza,
 E debaixo dos pés lhe treme a terra:
 Nas forças, e valor cada hum se preza
 De ser mayor que o mesmo Deos da guerra;
 Metendose na espada do inimigo
 Esquecidos da vida, e do perigo.

Nos

XLIV.

Nos escudos fortissimos reparaõ
 Os golpes, que naõ cahem sem grande effeito,
 Correndo hum para o outro se toparaõ,
 Opondo escudo a escudo, e peito a peito:
 As ardentes espadas levantaraõ,
 E já o escudo em muitas partes feito
 Mal defendia os corpos, e as dobradas
 Armas se vem dos golpes aboladas.

XLV.

Nem de Vulcano na horrida officina
 Os pezados martellos tanto soaõ,
 Quando a massa estendendo diamantina
 Succede hum golpe ao outro, e tudo atroaõ:
 Das fortes armas, e da malha fina
 Já muitas peças pelos ares voaõ,
 E do espumoso sangue, que corria,
 Roxa a armadura toda perecia.

XLVI.

Do Olimpo o grande Jupiter olhava
 A batalha taõ aspera, e temida,
 De Creonte, que a Parca ameaçava,
 Quiz o fio estender da breve vida:
 Ao Sol, que ao Occidente caminhava,
 Fez que tomasse mais veloz corrida,
 E a noite o negro coche acelerasse,
 Porque a batalha fervida atalhasse.

Quan-

XLVII.

Quando com justo passo a Aurora abria
 Nos Ceos a claridade matutina,
 Vendo o filho de Atreu, que vinha o dia,
 A morrer, ou vencer se determina:
 Já os muros, gritando, acometia:
 Quando a varia fortuna, que se inclina
 Em favor dos Troyanos, nos mostrava,
 Que ella mesmo por elles pelejava.

XLVIII.

Nesta batalha os deoses soberanos
 Ao grande Heitor favor, e ajuda deraõ,
 E com mortes crueis, e graves danos
 Os Gregos até as naos se recolheraõ:
 Ficaraõ victoriosos os Troyanos,
 E por saber o que fazer esperaõ,
 Como cuberto o ar de sombra vimos,
 A explorar o inimigo nos partimos.

XLIX.

Com Diomedes parti, quando occupava
 Da parda terra a noite a escura fronte,
 O Ceo com suas luzes scintilava,
 Que as trévas affugentaõ do horizonte:
 Quando perto Diomedes divizava
 Huma sombra, que desce do alto monte,
 Escondidos estamos esperando,
 Té ver, que a sombra a nós se vem chegando

Era

LIX

Era Dolon Troyano, que se atreve
 Vir ao campo dos Gregos no segredo
 Da noite escura, cuja sombra leve
 Sepulta os valles, que occupou mais cedo:
 Elle a estrada repete escura, e breve,
 Ligeiras azas lhe emprestava o medo,
 Fugio, foy perseguido, e foy tomado
 Pegada a voz ás fauces de affrontado.

LI.

Conta-nos como o grande Heitor deseja
 Saber o que no exercito passava,
 Que a elle o manda, por que note, e veja
 Se a gente Grega espera, ou se embarcava:
 Se os animos dispoem para a peleja,
 E o que sobre isto entre elles se tratava:
 A ver, dizia, estes segredos vinha,
 E aqui me trouxe a má fortuna minha.

LII.

Entaõ lhe foy Diomedes perguntando
 O modo, em que os Troyanos se alojavaõ,
 Tudo o prezo Dolon lhe hia contando,
 Os lugares, e postos, que occupavaõ:
 E que em o Sol c'os raros apontando,
 Para ir queimar as naos se aparelhavaõ,
 E como de socorro o valeroso
 Rheso veyo c'o Thrace bellicoso.

O qual

LIII.

O qual hum carro traz, que bem podia
 Competir c'ò do Sol em formosura,
 Cujos cavallos cada qual vencia
 Nos pés o vento, a neve na brancura:
 E que entre as mais riquezas, que trazia,
 He de ouro huma fortissima armadura,
 Que prezo me tenhais, me diz, confinto
 Até verdes c'os olhos, que não minto.

LIV.

Diomedes lhe tornou: Pois na temida
 Noite te atreves com ligeira planta
 Os Gregos explorar, paga co' a vida
 Taõ grande atrevimento, astucia tanta:
 Dos hombros a cabeça dividida
 Lhe cahe, cegando a espada a vil garganta;
 Lança c'ò sangue a alma, e o triste espirito
 Desce bramindo ás aguas de Cocito.

LV.

Logo o caminho fomos profeguindo,
 Até que no arrayal contrario entrando,
 A muitos, que em descuido estão dormindo;
 Do sono a eterno sono imos passando:
 Dalli a grande tenda descobrindo,
 Que Rhefo occupa com repouso brando,
 Eu lhe corto a cabeça, e o corpo frio
 Lança de sangue hum caudaloso rio.

E dan-

LVI.

E dando a mesma morte aos que o guardavaõ,
 Os cavallos ao carro inlignate atámos,
 E as armas, que ao redor pendendo estavaõ,
 Victoriosos, e alegres carregámos:
 As redeas, com que brandos se domavaõ
 Os ligeiros cavallos, concertámos,
 Quantos o carro vem, cuidaõ, que Rhefo
 He da quadrilha o glorioso peso.

LVII.

Sahimo-nos do campo, conhecendo,
 Que o esquadraõ belligero se armava
 Para com a nova luz amanhecendo
 Ir sobre a Armada, que no porto estava:
 Agamenon o carro, e preza vendo,
 Honras nos promettia, os braços dava,
 As armas, e os cavallos vê nevados,
 Que parece que ao Sol foraõ furtados.

LVIII.

Apenas cahe sobre os mayores montes
 A duvidosa luz do Sol ardente,
 Subindo aos abrazados horizontes
 Para espertar no mundo a cega gente:
 Quando qual rio, que as antigas pontes
 Ameaçando, corre impaciente,
 Se diffundia o imigo, que se chega
 A pôr a fogo, e ferro a Armada Grega.

LIX.

O largo campo de armas inundava,
 E a Grega gente toda recolhida
 Defenderse nos vallos procurava,
 Tratando huns da victoria, outros da vida:
 A Diomedes huma setta, que voava,
 De purpura banhou de huma ferida,
 Que peleja taõ dura, e porfiada
 Nem esta idade a vio, nem a passada.

LX.

A's naos levava Heitor ardentes flãmas,
 Fogo, gritava, ás naos, a quem seguiaõ
 Alchatoe, e Agenor, e Polydamas,
 E outros que ao mesmo effeito concorriaõ:
 Cingindo as fronte de eminentes ramas
 Os filhos de Antenor alli se viaõ,
 Levar ás naos as flammæ crepitantes,
 Archiloco era hum, outro Atamantes.

LXI.

Isto o famoso Achilles considera,
 E suas armas a Patroclo vestia,
 Que aos Troyanos vencer co' a fama espera,
 Tanto o braço de Achilles se temia!
 E cuidando os que o vem que Achilles era,
 Todo o arrayal voltava, e lhe fugia,
 A quem o medo a morte faz presente,
 Que tanto a opiniaõ póde entre a gente.

O

Com

LXII.

Como o lobo voraz, que na manada
 Das ovelhas entrou, ellas sentindo
 O inimigo, com furia arrebatada
 Sem ordem derramadas vaõ fugindo:
 Tal ao furor da generosa espada,
 Com que largo caminho vay abrindo,
 As hostes inimigas se apartavaõ,
 E as espaldas fugindo lhe mostravaõ.

LXIII.

Declarase a fortuna entaõ notoria
 Por nossa parte, e Patroclo a seguia
 Querendo entrar em Troya, que a victoria
 Neste falso favor se promettia:
 Achase o mór perigo na mór gloria,
 Quando co' a lança as portas já feria,
 Na mão de Apollo o arco, e corda soa,
 E nas azas da setta a morte voa.

LXIV.

No rosto o fere, e logo sobre a terra
 Inclina, pondo a mão por sustentarse,
 Co' a eterna sombra os olhos abre, e cerra,
 Provando em vaõ tres vezes levantar-se:
 Sobre elle corre Heitor, adonde a guerra
 Mais aspera começa a declarar-se,
 Contra Patroclo hum corre a despojallo,
 Outro por defendello, e por livrallo.

LXV.

Como, quando dobrando seus ardores
 O Syrio fogo, as melles carregadas
 Vão derrubando os duros segadores,
 Que pelo campo atraz deixoã cortadas:
 Assim se vem por mãos dos vencedores
 Muitas gargantas pelo chaõ segadas,
 Jazem truncados corpos sobre a terra,
 Amargo fructo da sanguinea guerra.

LXVI.

Alli o bravo Heitor, que não descança,
 Vendo que o elmo a Patroclo cahira,
 Lhe arroja a grande, e temerosa lança,
 Que as vias atalhou, com que respira:
 A purpurea alma da ferida lança,
 Que a Phlegetonte desce ardendo em ira,
 Sem lhe valerem armas, porque veja
 Que contra o fado, e Ceo ninguem peleja.

LXVII.

Entre o rigor das armas retirado
 Comfigo Achilles só considerava
 As mortes, com que cobre Marte irado
 As prayas, que co' sangue o Xanto lava:
 Ou porque de Briseida privado
 Agamenon o tem, que mais amava,
 Ou porque se entretem na doce pena,
 Que a vista lhe causou de Policena.

LXVIII.

A morte sente do fiel amigo
 Achilles, e de dor, e de ira infano
 Já defeja meterse no perigo
 Para de fangue se fartar Troyano:
 Já desprezando estava o ocio antigo,
 Vendo que causar póde mayor dano
 Qualquer tardança; o peito, e a celada
 Adapta, ao lado cinge a forte espada.

LXIX.

Já de Thetis o filho valeroso
 Junta ao carro os cavallos, que no rafo
 Campo levaõ com curso impetuoso
 Balio, Capystro, e Xanto com Pedafio:
 O Hespero imitando temeroso,
 Quando encendido corre pelo Occaso,
 Levando a invicta espada, e braço forte
 Co' ultimo castigo o horror da morte.

LXX.

Os Troyanos o vem com grande espanto
 De fortes membros, de virtude rara,
 E qualquer, que ouza velo, o teme tanto,
 Que o campo, e proprias armas desampar.
 Mudada leva a cor o claro Xanto
 Do muito fangue, e impedido pára
 Dos que a morte da espada não quizeraõ,
 E nadando nas ondas a beberaõ.

LXXI.

Como a langosta fardida passando
 Hum lago, ou rio de voar cansada,
 Huma sobre outra morre, e vay formando
 Para a que detraz vem segura estrada:
 Assim os Troyanos por fugir nadando
 De Achilles, que os seguia, á forte espada,
 Entravaõ no Escamandro, e na corrente
 Huns morrem, outros passaõ juntamente.

LXXII.

Nas veas congelado o medo frio,
 As armas os Troyanos recusavaõ,
 Esquecido o valor, e antigo brio,
 Para salvar a vida as costas davaõ:
 Heitor Achilles chama a desafio,
 Hum contra o outro as lanças arrojavaõ,
 Achilles Marte Grego, e da outra parte
 O valeroso Heitor Troyano Marte.

LXXIII.

Erguia Heitor o braço, donde a lança
 (Que era huma faya) despedida dece,
 Que ameaçando tudo, quanto alcança,
 Rayo na mão de Jupiter parece:
 Cortando os ares vem té que descança
 No escudo, com que Achilles se offerece
 Ao golpe, a lança fere, e não podendo
 Passar, do que fizera está tremendo.

De

LXXIV.

De Heitor o Grego o peito rutilante
 Reconhece, que a Patroclo vestira,
 Embravece co' a dor de o ver diante,
 E da vista arrojava rayos de ira:
 A hum tigre ferido semelhante,
 Que a varia pelle arriça, e fogo espira,
 Quando do silvo, ou letta provocado
 Nas lanças entra de fereza armado.

LXXV.

Na maõ a grossa lança sopezando,
 Todo em corage, e em furor se acende,
 Que do escudo huma parte penetrando,
 Já nelle preza inutilmente pende:
 As espadas nos punhos apertando,
 Cada qual desce, a seu contrario attende,
 Que toparse vieraõ fronte a fronte,
 Qual se hum monte topara n'outro monte.

LXXVI.

Nem quando impera Jove soberano
 Com tal furor os Cyclopes valentes,
 Nas negras ferrarias de Vulcano
 Lhe forjaõ rayos lucidos, e ardentes,
 Como o Capitaõ Grego, e o Troyano
 As espadas levantaõ refulgentes,
 Ferindo os elmos, onde tremolavaõ
 As plumas, de que o campo semeavaõ,

LXXVII.

Qual dous leoens famintos sobre a preza
 Do veado, que morto tem diante,
 Chea a boca de sangue, e de braveza,
 Cada qual mais cruel, mais arrogante:
 A escura vista em puro fogo aceza,
 Dando hum rugido, e outro penetrante,
 Se abraçaõ, rasgaõ, té que o mais ferido
 Sem descubrir fraqueza, cahe rendido.

LXXVIII.

Affim os monstros da guerra arremetiaõ,
 Do alto abaixo olhando se buscavaõ,
 N'huma parte apontavaõ, outra feriaõ,
 E as mais vezes o golpe executavaõ:
 Agora as armas com engano abriaõ,
 E nellas juntamente se cerravaõ,
 Tentandose por huma, e outra parte,
 Oppondo a arte á força, e a força á arte.

LXXIX.

Prova o valente Heitor toda a destreza,
 Que em vaõ ferir Achilles pertendia,
 Acha nelle, e nas armas a defeza,
 Que a toda a espada, e forças resistia:
 Bem como a ignea pedra ardendo aceza
 Dos golpes do fuzil, já o ar se via
 Das ardentes faiscas abrazado,
 Que resurtem do escudo temperado.

Hei-

LXXX.

Heitor a fria morte vê defronte,
 Que na espada inimiga anda escondida
 Em negro fangue de huma, e d'outra fo
 Vay pouco a pouco destilando a vida:
 A armadura mais forte, que fez Bronte,
 Por mil partes estava dividida,
 O aperto, a que a vida he já chegada,
 Com mil bocas o diz a propria espada.

LXXXI.

Conhece-se ferido, e que o fervente
 Sangue já as fortes armas lhe banhava,
 Contra Achilles corria impaciente,
 Que a vida, e o perigo desprezava:
 Girava a hum lado, e a outro a espada ardente,
 Co' a voz, que solta, aos montes abalava,
 Que hum trovão parecia a voz pezada,
 Traz elle hum rayo o fulminar da espada.

LXXXII.

Sentia a coxa esquerda mal ferida,
 O escudo lança atraz, a espada afferra,
 Que sobre Achilles cahe grave, e temida,
 Com que ambos os joelhos poz por terra:
 Bravo se ergue da affronta recebida,
 Aperta os dentes, co' inimigo cerra,
 Nos braços o levanta, e entre os braços
 Se dão ambos durissimos abraços.

LXXXIII.

Nem da setta belligera feridos
 O urso fero ou javali arrogante
 Fazem soar taõ grave a seus bramidos
 A gruta, ou a caverna mais distante:
 Com quanta força os Capitaens temidos
 Para affrontar-se os peitos poem diante,
 A seus braços os montes responderaõ,
 E feridos da planta estremeceraõ.

LXXXIV.

Como se Peleo, e Olympo se topassem
 De duras rochas fronte, e peito armados,
 E na tosca aspereza se abraçassem
 Co's braços de seus troncos carregados,
 E em fontes de apertados rebentassem:
 Assim estes vivos montes abraçados
 Se apertaõ, onde Heitor qual vivo monte
 Brotava sangue de huma, e d'outra fonte.

LXXXV.

Importalhe ajudarse de destreza
 Na palestra, em que o corpo exercitava,
 Tenta co' a força Achilles na fraqueza
 Das pernas, que hum estende, outro encurvava;
 Fazendo vacillar a fortaleza
 Das colunas, que Alcides respeitava,
 E Achilles affrontado do perigo
 A destreza temia do inimigo.

LXXXVI.

O braço cada qual irado estende,
 E co' inimigo se ata em laço estreito,
 Huma vez se soltava, outra se prende
 Torcendo os braços, chegaõ peito a peito:
 No ar o Grego o grande Heitor suspende,
 Depois que varias provas teve feito,
 Grande parte do campo assim discorre,
 Credo trazer nos braços huma torre.

LXXXVII.

De naõ vencer corrido, e affrontado,
 O corpo robustissimo cingia,
 E o grave pezo n'um, e n'outro lado
 Vacillando, mostrava que cahia:
 Porém todo pendente, e reclinado
 Com novo esforço, e nova valentia
 Em pé ficava, quando á terra inclina
 Depois de ameaçar fatal ruina.

LXXXVIII.

Como Antheon o duro Heytor ficava
 Depois de ter tocado a amiga terra,
 De novas forças, e vigor se armava
 Para seguir a começada guerra:
 Maravilhado Achilles se mostrava,
 Vendo o valor, que no alto peito encerra,
 Que seu grande vigor o defengana,
 Que naõ he seu esforço cousa humana.

LXXXIX.

Vio começar o Sol este duello,
 E já entã inclinava a luz Febea,
 Sem fangue se acha Heitor, que de perdello
 Roxa tornada tinha a branca area :
 Achilles, que na maõ tinha o cabelo,
 De que a fortuna a escura fronte arrea,
 Bravo , e furioso instava com intento,
 Que não tomasse Heytor hum breve alento.

XC.

Achilles , que se vê mais alentado,
 Estreitamente aperta Heitor comfigo,
 Mete o joelho esquerdo ao dextro lado,
 Carregando nos peitos do inimigo ,
 Que sem poder susterse, cahe forçado,
 Sem descuidarse em seu valor antigo,
 Que nos braços o aperta taõ vehemente,
 Que ambos a terra medem juntamente.

XCI.

Heitor, a quem o peito a dura lima
 Da dor grave em mil partes dividia,
 Tendo de Achilles o graõ pezo em cima,
 A quem já constar taõ mal podia:
 Mostrando que ainda assim menos o estima,
 D'um lado n'outro o corpo revolvía,
 Que sem temer contrario taõ temido,
 Vencido quer não parecer vencido.

XCII.

Vê no ar levantado o braço forte,
 E apertado hum punhal na dextra erguida,
 Do alto ao rosto vê descer a morte,
 Indo esconderse o ferro na ferida:
 Gozando Achilles mais ditosa forte,
 Os laços corta desta illustre vida,
 Tendo outra vez no ar a adaga fera,
 Como que a alma por ferilla espera.

XCIII.

Triunfa a morte, e Marte do arrogante
 Despojo, que no campo se estendia,
 A espada jaz, e o escudo rutilante,
 Que Grecia toda com razão temia:
 O Ilion poderoso, e triunfante
 Nelle a gloria contempla, que perdia,
 Cuja alta fama, quando o Ceo tocava,
 Nesta viva coluna descansava.

XCIV.

Achilles vencedor quasi vencido
 O escudo abraça, que já mal sustenta,
 Toma a espada das forças impedido,
 E a planta move vagarosa, e lenta:
 De cansado dos golpes, e opprimido
 Estar com pouca força representa,
 E com tremante passo a mão pezada
 Vay fazendo bordão da propria espada.

XCV.

Recolhemse em seus muros os Troyanos,
 As vidas segurando, e defendendo,
 E nelles contra os fados tantos annos
 Sustentaõ o furor de Marte horrendo:
 Eu vendo os riscos, e perpetuos danos
 Que por pontos, e horas vaõ crescendo,
 Hum cavallo inventei, com que podessem
 Entrar em Troya os Gregos, e a rendessem.

XCVI.

No monstruoso corpo, que com tanta
 Soberba cresce, que a arte propria admira,
 Primeiro medo infunde do que espanta,
 Parecendo que he vivo, e que respira,
 Representando hum monte se levanta,
 O largo ventre cheyo de armas, e ira,
 Grave, e fatal prenhez, onde se encerra
 N'uma apparente paz occulta guerra.

XCVII.

No cavallo ficamos encerrados
 Os que a forte escolheo, e a Grega armada
 Fingidamente aos ventos socegados
 Na negra antena solta a vella inchada:
 Vendo que nos partimos, os cansados
 Troyanos sahem ao campo, e a levantada
 Machina os admirava, a alguns parelle
 Que fogo ao graõ cavallo se puzesse.

Dei:

XCVIII.

Deixamos entre os bosques escondido
 Ao astuto Sinon, auctor de enganoso,
 Que se finge dos Gregos offendido,
 Dando nas maõs dos miseros Troianos:
 Conta que delles tinha recebido
 (Assistindo na guerra tantos annos)
 Males, e affrontas, corre a ouvillo a gente,
 Que enternecida o cria facilmente.

XCIX.

A que viera perguntado, e donde,
 Responde promptamente, e confiado,
 Com lagrimas mistura o que responde,
 Aos que por vello, e ouvillo o tem cercado:
 Sem a fraude luzir que n'alma esconde,
 Lhe conta que o cavallo levantado
 Os Gregos co' trabalho edificaraõ,
 Que á victoriosa Pallas consagraraõ.

C.

Persuademse todos os que ouviaõ
 A Sinon, que o cavallo o muro entrasse,
 Se bem ao rude povo outros diziaõ,
 Que com suppostas chammãs se abrazasse:
 Varios votos se daõ, os mais vencidaõ,
 Que para entrar, o muro se rasgasse,
 Sem ver quaõ grandes erros traz consigo
 Crer a fé, e as offertas do inimigo.

Entra

CI.

Entra o fatal cavallo, e na segura
 Praça o deixaõ ficar, soberbo, e quedo,
 Desce a cobrillo logo a noite escura,
 Que no mar se banhara o Sol mais cedo:
 Naõ se via no Ceo estrella pura,
 Tudo eraõ trevas, tudo horror, e medo,
 E os que encerrados no cavallo estamos,
 Pela sombra a fahida anticipamos.

CII.

Qual da vibora os filhos, que a comprida
 Dilaçaõ do nascer abbreviando,
 Rasgaõ da mãy o ventre, porque a vida
 Tem com sua morte, o morto pay vingando;
 Tal das entranhas, onde está escondida
 A Grega gente, as horas apressando,
 Armada nasce para a dura guerra,
 Como os que semeou Cadmo na terra.

CIII.

De noite as armas vaõ resplandecendo
 Entre as chammas do fogo levantadas,
 Qual c'os rayos de Cynthia o ar ardendo,
 Se vem ondas do mar alumiadas:
 Huns vaõ fugindo, e outros recolhendo
 A dura maõ nas fervidas espadas,
 A sombra o graõ tumulto, e furia augmenta,
 Que os perigos esconde, e os accrescenta.

Cres-

CIV.

Cresce o tumulto, vozes, e armas crecem;
 Que faz a escuridade mais temidas,
 Varias mortes entre ellas se offerecem,
 Dando outra eterna noite a tantas vidas:
 Arde a Neptunia Troya, onde perecem
 Nos fios das espadas homicidas
 Os seus, que Pyrrho com mortal estrago
 De Phrigio fangue faz de Troya hum lago.

CV.

A fabrica mayor, mais levantada,
 Da violencia dos fados opprimida,
 Por maõ da dura guerra cahe prostrada,
 E em sua grandeza mesma está escondida:
 Do eterno pay dos seculos gastada,
 Que tira aos duros marmores a vida
 Trofeos de ambas fortunas, que em pedaços
 Faz na robusta força de seus braços.

CVI.

A natureza, quando Troya ardia,
 Parece que no antigo chaos se encerra,
 O Ceo de negro luto se cobria,
 Quando em sepulchro ardente a Troya enterra,
 Tarda o Sol em trazer o novo dia,
 A escura sombra occupa o mar, e a terra,
 Que por não ver arder cousas tão bellas
 O Ceo cerrava os olhos das estrellas.



ARGUMENTO

DO SETIMO CANTO.

POr festejar Ulysses ordenava
 Gorgoris real caça, e monteria:
 Ulysses, que a Calypso acompanhava,
 Por venturosa sorte se perdia:
 Logo erguia a Lisboa adonde achava
 Agouros de mais alta monarchia,
 Fallalbe o Tejo, e cant a docemente
 Legea altas victorias do Oriente.

I.



Orgoris admirado do que ouvira
 Contar a Ulysses com saber facundo,
 Com inveja de gloria arde, e suspira,
 Porq̃ na ultima parte está do mundoa
 Porém Calypso muito mais se admira:
 Perturbada, e suspensa, no profundo
 Pensamento amoroso combatida,
 De si propria comsigo está rendido.

P

Ca

II.

Calypso pensativa bem mostrava
 Estar ferida de amorosa seta,
 Com varios pensamentos pelejava
 Na melhor parte da alma, e mais secreta:
 Na cama em campo de batalha estava,
 E perturbada a alma, e inquieta;
 Secretario do mal, que traz consigo,
 Ao campo faz, e ao silencio amigo.

III.

Para hum jardim sahia acompanhada
 De huma criada, de quem mais se fia,
 A esta só as historias da abrazada
 Troya, que ao Grego ouvira, repetia:
 Gabalhe a gentileza, e estremada
 Eloquencia, em que a todos excedia,
 Que não póde haver rayo assim violento,
 Como a continuação de hum pensamento.

IV.

Abrindo vinha o Ceo nocturno, e frio
 Do Rey da luz a bella embaixadora,
 E mudando em aljofar o rocio,
 Urnas de ouro derrama a roxa Aurora:
 A branda testa as perolas em fio
 Toucavaõ, com que mais ao Sol namora,
 E com o véo das nuvens, que a cercava,
 Do rosto as frias gotas enxugava.

V.

Festejando a Princeza do Oriente,
 Que sahe as nuvens lucidas pizando;
 Os filhos do ar com pena diligente
 Vinhaõ o Ceo, e a terra namorando:
 Que com farpada lingua docemente
 Naõ aprendida musica espalhando,
 Quando nas leves azas se levantaõ,
 A alma suspendem, e o sentido encantaõ.

VI.

Traz della os abrazados horizontes
 Com ardente pincel o Sol bordava,
 E a altiva testa dos soberbos montes
 De raios de ouro, e prata coroava:
 As plantas, rios, flores, prados, fontes;
 Cada hum com lingua muda ao Sol fallava
 Como que agradecia a graõ belleza,
 Com que enfeitava o Sol a natureza.

VII.

Mostrava a terra verde as bellas flores
 Vestidas com tal graça, e alegria
 De mais finas, e mais suaves cores,
 Que estarse rindo o prado parecia:
 O vento c'os primeiros resplandõres,
 Entre as folhas callado entaõ dormia,
 E as fontes, que passando murmuravaõ,
 A suave repouõ convidavaõ.

VIII.

Sahe Gorgoris dos seus acompanhado
 Para onde o forte Ulysses o esperava,
 Que corre a recebello alvoroçado,
 A quem no rosto o coração mostrava:
 Porque o monte he de feras povoado,
 Por alegrar a Ulysses ordenava
 Huma caça real, e monteria,
 Com que fatigue a selva, e gaste o dia.

IX.

Já de atavios ricos adornadas
 As egoas remendadas se apercebem,
 Que no campo do Tejo saõ criadas,
 Seus fenos pascem, suas correntes bebem:
 Que de Boreas, e de Euro cubiçadas
 De feu fecundo espirito concebem,
 Dando aos filhos por este nascimento
 A ligeireza do paterno vento.

IX.

Gorgoris para a caça apercebido,
 Das insignias do campo se guarnece,
 Carrega ao hombro de ouro arco brunido,
 E a aljava rica sobre o lado decê:
 No cordaõ de ouro, e seda retorcido
 A esmaltada buzina resplandece,
 Curta lança na mão, que foy mais vezes
 Terror mortal dos javalis montezes.

Entre

XI.

Entre os mais hum libreo leva famoso,
 Branco, de negras malhas todo cheyo,
 De largos peitos, rosto portentoso,
 Que tem a formosura em ser taõ feyo:
 Hia cuberto de aço luminoso,
 Lustroso, forte, e engraçado arreyo,
 No pescoço hum colar, que com pungentes
 Pontas affronta as feras mais valentes.

XII.

Mostra-se logo Astrea, e a formosa
 Calypso ao monte, que se alegra em vellas,
 Qual na noite serena, e luminosa
 Se acende o claro Ceo de luzes bellas:
 Ulysses, que na luz pura, e ditosa
 Das duas suavissimas estrellas
 Se vê abraçar, já de sua dor contente
 Contava á causa della o mal, que sente.

XIII.

Diz a Calypso entaõ: Vede, Senhora,
 Como tudo se alegra em vós sahindo,
 O Ceo, o mar, a terra vos namora,
 E as boninas á roda se estaõ rindo:
 O Sol, porque vos vê na terra agora,
 De envergonhado os rayos encubrindo,
 Das cores, que lhe sahem sobre estes montes,
 Abraza os prateados horizontes.

Qual

XIV.

Qualquer ave, que ao ar livre se estende,
 Vendovos taõ formosa, já parece,
 Que outra voz toma, e outro canto aprende,
 Com que do campo por vos ver se esquece:
 Pois se vos ama quem vos naõ comprende,
 Que fará quem vos ama, e vos conhece,
 Se tudo em fim se rende á vossa vista,
 Quem taõ livre será, que lhe resista?

XV.

Mal (formosa Calypso) o incendio, que arde,
 Mal se esconde o amor, e se refrea,
 Naõ soffre esta afeição, que mais aguarde,
 E o fogo, que em minha alma amor atea:
 Atrevido calley, fallo covarde,
 Naõ tenho coufa, que naõ veja alheya,
 Que em vos vendo, vos dey tudo o que tinha,
 Que até minha alma por ser vossa he minha.

XVI.

E se atégora o medo a voz me atava,
 Naõ he muito ante vós tella impedida,
 Com lingua muda minha dor fallava,
 E a pura alma nos olhos derretida:
 Que os vossos me mataraõ, bem mostrava,
 Sahindo o fangue á vista do homicida,
 Morte, e vida me daõ, vendo-os taõ bellos,
 Desejallos a morte, a vida vellos.

XVII.

Calypso o ouve, e como se envergonha,
 Não responde, e nas faces se cubria
 De huma cor abrazada de vergonha,
 Com que inda mais formosa parecia:
 Bebendo esta suavissima peçonha
 Nas amorosas queixas, que lhe ouvia:
 Quando este gosto alegre lhe interrompem
 Buzinas, que soando os ares rompem.

XVIII.

As vozes dos monteiros o ar feriaõ,
 Com que os ecos nos montes se dobravaõ,
 Prezos nas trellas os libreatos gemiaõ,
 Que a sahir, e a afferrar se aparelhavaõ:
 Já de huma brenha altissima sahiaõ
 Dous javalis, que o monte atraveffavaõ,
 De monstruosos corpos, que fugindo,
 Co' as meyas luas vaõ o mato abrindo.

XIX.

Hum delles corre o monte, não soffrendo
 Dos monteiros as vozes, e o ruido,
 Por hum valle cortava discorrendo,
 Onde possa escapar sem ser sentido,
 Calypso o topa, o palafrem temendo
 A brava féra, pelo monte erguido
 Corre espantado, e Ulysses não descança,
 Té nas entranhas lhe esconder a lança.

Quan-

XX.

Quando tornava alegre, e victorioso,
 E Calypso buscava na espestura,
 A huma, e outra parte temeroso
 Discorria com vista mal segura,
 Cahida em fim a encontra, e do formoso
 Rosto eclipsada a viva formosura,
 Pálido chega, que sem alma vinha,
 Buscando o corpo, que por alma tinha.

XXI.

Com voz saudosa, e de suspiros chea
 As mãos lhe beija, e docemente chora;
 Quizse fazer formosa a morte fea
 Com vossa formosura, alta senhora,
 Lhe diz Ulysses, e da branda vea
 De huma fonte a rocia, e como Aurora,
 Que abre o Oriente, entãõ Calypso abria
 O Sol da vista, donde nasce o dia.

XXII.

Affim com ella entrava desmayada
 Por huma pobre casa de pastores,
 Onde por molle cama, e regalada
 Tem brandas pelles, e puniceas flores;
 Da tarde grande parte era passada
 Em saudosas lagrimas, e amores,
 On de mais testemunhas não se achavaõ,
 Que arroyos, que do caso murmuravaõ.

XXIII.

Nos montes, e apartados arvoredos
 Muitos nocturnos passaros voaraõ,
 E nas concavidades dos penedos
 Vozes de aves infastas se escutaraõ:
 Sem cothurno, e sem faxa a estes segredos
 Assistio Hymineo, e naõ faltaraõ
 Gemidos de animaes, que o ar abrindo,
 Foraõ tristes agouros repetindo.

XXIV.

Em seus braços Calypso as horas passa,
 Que da prizaõ suave se contenta,
 Hum amoroso laço ambos enlaça,
 Ambos huma alma anima, ambos sustenta:
 Na bella vista, e peregrina graça,
 Em quanto elle seus olhos apascenta,
 Praticando co' a alma a alma estava,
 E o coração co' coração fallava.

XXV.

Está Chelos á vista altivo monte,
 Fertil de muita caça, que com tanta
 Altivez sobre as nuvens ergue a fronte,
 Que do Olympo, e do Pindo se adianta:
 De cuja espalda huma perpetua fonte,
 Cahe até lhe beijar a humilde planta,
 Depois que pelo frio inverno teve
 Penteadas do vento as cans de neve,

XXVI.

Dos monteiros soava a vozeria,
 Das buzinas o estrondo juntamente,
 Ferve a montanha toda, onde tremia
 O tronco mais robusto, e eminente:
 Das altas brenhas o eco respondia,
 Como que a voz humana represente,
 Sahem as feras, deixando suas moradas,
 De ligeireza, e de fereza armadas.

XXVII.

Os animaes cobardes fugitivos
 Sahem em esquadras, cuja variedade
 Espanta, alguns ás mãos se tomaõ vivos,
 Sem lhe valer sua grande agilidade:
 Ligeiros gamos, corços, e os altivos
 Veados sahem, que na velocidade
 Dos pés a vida trazem, e na corrida
 Hiaõ fugindo dilatando a vida.

XXVIII.

Alli hum dobra o arco, a terra esmalta
 Do negro sangue da inocente fera,
 Este subido na arvore mais alta,
 O bravo porco, e o veado espera:
 A rede outro estendia adonde falta,
 Outro do cordaõ larga, onde prendera,
 O libréo forte, e manda que arremeta,
 Sahindo qual de hum arco a aguda seta.

Apos

XXIX.

Apoz fylvestres cabras, que espalhadas
 Pascendo os largos valles vaõ cobrindo,
 Gorgoris vay com voltas dilatadas,
 A humas dando morte, outras seguindo:
 Ellas trepaõ nas penhas levantadas,
 E de huma pedra n'outra vaõ subindo,
 Gorgoris te avantaja na destreza
 A todos, no ar do corpo, e gentileza.

XXX.

Crendo que entrara Ulysses na espestura,
 Pelo alcançar os montes fatigava,
 Quando hum sabujo, e outro pela escura
 Mata rompendo o valle atraveflava:
 Hum veado arrebenta, que a armadura
 Da frente em varias pontas rematava,
 Bate os fendidos pés, e indo voando
 Por ver quem o seguia pára olhando.

XXXI.

Nas egoas os monteiros apressados,
 Que parece que o vento nasceo dellas,
 Seguros vaõ batendo ambos os lados
 Co's rayos de agudissimas estrellas:
 Nos valles, e nos montes impinados
 Mil voltas davaõ nas seguras sellas,
 Monte, filhos, e cova conhecida
 As feras deixaõ por fugir co' a vida,

XXXII.

Cansada á egua Gorgoris levava,
 E n'um ginete Hispano se subia,
 Este o chaõ taõ veloz atropellava,
 Que mostra que voava, e naõ corria:
 Co' as maõs ferradas, que no ar dobrava,
 Taõ ligeiro, e taõ forte o chaõ batia,
 Que desafia os ventos, e parece
 Que co' pezo que leva entoberbece.

XXXIII.

Foyse cerrando o ar, foyse cobrindo
 De nevoa grossa, o cervo amedrontado
 Por hum valle, e outro valle sacodindo
 Os pés, apenas piza o verde prado:
 Chega a hum precipiçõ, alli cahindo
 Co' furor da carreira arrebatado,
 N'uma perna do alto juntamente
 Cahe afferrado de hum libréo valente.

XXXIV.

Este o veyo seguindo, que animoso,
 Vendo-o cansado, fortemente afferra,
 O caminho descendo alto, e fragoso
 Detendo-o vay, cozendose co' a terra:
 E quando cahe do monte cavernoso,
 Vendose despenhar naõ defafferra,
 Para que a ambos seja desta sorte,
 O perigo commum, commua a morte.

XXXV.

Gorgoris por ferillo a lança erguendo,
 Chegado a ponto de cahir esteve
 C'os pés no precipicio, onde temendo
 O ginete suspenso se deteve,
 E o perigo, e ruína conhecendo,
 Volta em roda no ar, ligeiro, e leve,
 Desfazle a nevoa, e vê no chaõ prostrado
 O libreo forte, e o timido veado.

XXXVI.

Tornava aos seus correndo o monte erguido,
 Que o ginete com leves plantas mede,
 Quando acha hum javali na agua metido,
 Que em sangue mata, e naõ no rio a sede;
 Este alli apertado, alli timido,
 Das lanças, descompondo a forte rede,
 As costas segurando, a testa vira,
 D'um lado n'outro volta ardendo em ira.

XXXVII.

Tasca furiosa escuma, quando fente
 As lanças, esgrimindo o navalhado
 Cutelo de marfim do agudo dente
 Contra os inimigos, que sentia ao lado;
 A vista irada aceza em fogo ardente,
 A cola retorcida, o eriçado
 Cerro das negras sedas encrespadas,
 Qual para a guerra lanças ordenadas.

XXXVIII.

Instando com furor acometiaõ
 Os libreatos mais valentes, que afferravaõ,
 Os fabujos de fóra alto latiaõ,
 As horridas buzinas no ar soavaõ :
 Os monteiros co' as lanças o feriaõ,
 Com que os caens afferrallo se animavaõ,
 Chegaõ, e o que mais chega sahe voando,
 Na ferida as entranhas palpitando.

XXXIX.

Com elle alli envestia o mais famoso
 Libréo, que na pendente orelha afferra,
 A fera ronca, e do marfim lustroso
 Bramindo as meyas luas abre, e cerra :
 Té que de hum bote o caõ forte, e nervoso
 Aberto cahe, tingindo o sangue a terra,
 Onde lançava a espumosa vida
 Envolta em negro sangue da ferida.

XL.

Gorgoris, tendo a lança levantada,
 Duro arremeço faz, dizendo : Nesta
 Verás a morte, e a fronte carregada
 Rompe o ferro amolado, e dura testa :
 Tremendo cahe do golpe ensanguentada
 Sobre seu grande corpo a fera besta,
 A quem com gosto o vencedor levanta,
 E os que espantara viya, morta espanta.

XLI.

Já Gorgoris da caça fatigado,
 Morto o graõ javali, de Chelos dece,
 Monte alto, donde o nome derivado
 De Chellas hoje dura, e permanece:
 Nos valles Caballinos vê prostrado
 O que Ulysses matou, que inda parece
 Que o nome querem conservar comfigo
 Com pouca corrupçaõ do nome antigo.

XLII.

Alli chegou Ulysses, e tornando
 Para a Cidade, goza dos favores
 Da graõ Calypso, em cujo peito brando
 Tanta impressaõ tem feito seus amores:
 Nestes doces cuidados enganando
 Os dias, que entaõ julga por melhores,
 Nota hum sitio eminente, e mais seguro
 Para erguer da Cidade o nobre muro.

XLIII.

C'os seus o caso Ulysses conferia,
 Huns erguer a Cidade lhe approvavaõ,
 Outros votando por diversa via,
 Fundar os novos muros reprovavaõ:
 Que se erga a graõ Cidade se vencia
 Contra os que pela patria suspiravaõ,
 Que he graõ doçura a com que a patria amiga
 A suave lembrança nos obriga.

Hum

XLIV.

Hum grande altar a Jupiter potente,
 Ulysses forma, ante elle se prostrava,
 E coroado de arvore eminente
 Com grande affeito o forte Grego orava:
 Concorre a acompanhallo alegre a gente,
 E cada qual de Baccho coroa
 A ardente taça, e por diversos modos,
 Dando vozes ao Ceo, se alegraõ todos.

XLV.

E da arvore do Sol cingindo as fronte,
 A erguer os novos muros se animavaõ,
 Ao Genio, que habitava aquelles montes,
 E antiga terra, em versos celebravaõ:
 Ao velho Jano as Nayades das fontes,
 Ao graõ Neptuno, e a Eolo libavaõ:
 Toou Jove do alto, e pelo raro
 Ar corre hum resplendor divino, e claro.

XLVI.

Todos com vozes altas vaõ seguindo
 O grande agouro, que no Ceo se via,
 Com duro ferro a dura terra abrindo,
 Que agradecerlhe os golpes parecia:
 Que nome lhe dariaõ conferindo
 A' Cidade fatal, que entaõ nascia,
 Hum lhe chama Ulyssipo, outro a nomea
 Pelo famoso Ulysses Ulysea.

CANTO VII.

XLVII.

Que se chame Ulyssea concordaraõ,
 Viva Ulyssea, dizem, gloriosa,
 Quando nos fundamentos, que lançaraõ,
 Coufa descobre o Ceo rara, e famosa:
 Que no templo, que a Pallas levantaraõ,
 Huma cabeça humana portentosa
 Viva nas cores viaõ, e huma espada
 Dos poderes do tempo reservada.

XLVIII.

Hyripilo agoureiro Ulysses chama,
 Que com astro divino lhe dizia:
 Aonde esta cabeça teve a cama,
 Quer Jove erguer mais alta Monarchia:
 Aqui grandes varoens de eterna fama,
 Além dos termos, que prescreve o dia,
 Faraõ que no Universo se conheça,
 Que he de Europa Ulyssea alta cabeça.

XLIX.

Tanto que o cerco repartido esteve
 Da famosa Ulyssea, honra de Marte,
 E o muro, e templo assignalado teve,
 Ruas abrindo vay, praças reparte:
 Ferver se via a obra em tempo breve,
 E o trabalho exceder modellos, e arte,
 Pelos montes se ouvia, donde mora,
 Os golpes repetir Echo sonora.

Q

Quan

LIX

Quantos robustos braços se veriaõ
 Suar na obra , tendo por suave
 Trabalho o com que os marmores partiaõ ,
 Arrastando no carro o peso grave:
 Outros o monte , e bosque alto feriaõ ,
 Donde a pesada pedra , e grossa trave
 Deisce , que ao templo , e muro se accomoda,
 Pelo artificio da voluvel roda.

LX

Este a lenha do monte ás costas passa
 Ao fogo intenso , que arde , outro trabalha
 Fazendo a dura terra em molle massa
 Para a cozer na fervida fornalha :
 Qual porque sirva na soberba trassa,
 A pedra pule , e a coluna entalha ,
 E outro sobre a porta levantada
 A cornija accomoda carregada.

LXI

Como se na obra Dedalo assistira ,
 Com graõ cuidado , e graõ fervor se obrava ,
 Cada hum succede no trabalho , e tira
 O carro , que gemendo atravessava :
 Quem vê o muro , com razaõ se admira
 Como huma pedra , e outra assim quadrava ;
 Que representa a obra illustre , e rara ,
 Que a cithara Thebana edificara.

LIII.

Já se viaõ crescendo erguer seguros
 A testa altiva os muros levantados,
 Rompendo com a grandeza os ares puros,
 Das correntes do Tejo rodeados:
 Ameaçando do alto os fortes muros,
 De lustrosas ameas coroados,
 (Sobre o tanque do Oceano profundo)
 As coroas do velho, e novo mundo.

LIV.

Vendo o carro do Sol na mór altura,
 Do suave trabalho se apartava
 Ulysses, e onde a vea doce, e pura
 Suas amenas prayas beija, e lava:
 N'huma lapa, que abrio na rocha dura,
 Que a repouso, e descanso convidava,
 Entra para entregar-se ao sono lento,
 E dar hum breve alivio ao pensamento.

LV.

Neste rochedo grande porta abria
 O rio, que ovas pardas pendurando,
 Como de natural tapeçaria,
 Vay a Neptuno alcobas adornando:
 Que em lugar de prezada laçaria
 A rocha pouco a pouco foy limando,
 Que as pedras gasta da agua o molle dente
 Co' a força naõ, mas co' ferir frequente.

LVI.

Mostrava nesta rustica bruteza
 Exceder os burís de arte melhores,
 Onde, como zombando, a natureza
 Entalhou pedras de fútis labores :
 Hum arco se formava de grandeza
 Estranha, onde a caverna dos ardores
 Do Sol não offendida, a mais suaves
 Sonos dava lugar nas horas graves.

LVII.

D'entre as pedras em gotas distillada
 A fonte, em puras lagrimas descendo,
 Está fíes de prata congelada,
 Para enfiar as pérolas, vertendo :
 No chaõ em partes a agua reprezada
 Por labyrinthos de crystal correndo,
 Meandros fórma, e pela molle fralda
 Com vidros cobre musgos d'etmeraldá.

LVIII.

No tempo era, que o Sol mais abrazado
 Exhalava no ar flammás ardentes,
 Quando sua pompa exangues pelo prado
 Cahindo inclinaõ as flores excellentes :
 E quando rumiando o manso gado
 As sombras busca, e liquidas correntes,
 Bordava a ardente luz de Apollo louro
 De Nemeo leaõ a pelle d'ouro.

LIX.

Ouvindo o canto das lascivas aves,
 Que o ar suave enchiaõ de harmonia,
 E o murmurar da fonte, que nas graves
 Pedras quebrando seu crystal rompia:
 E com o sopro das leves, e suaves
 Auras, que as verdes folhas revolvía,
 Entre as humidas azas de Morfeo
 D'alma os graves cuidados suspendeo.

LX.

No mais fundo do Tejo hum sumptuoso
 Palacio o Rio habita, de luzentes
 Cafiras, e crystal puro, e lustroso,
 Que as paredes faziaõ transparentes:
 Aqui foy avisado o Tejo undoso,
 Que junto de suas liquidas correntes
 Ulysses n'uma lapa repousava,
 E logo o centro pelo ver deixava.

LXI.

Manda hum Tritaõ, que do humido aposento
 De escamas d'ouro lucidas vestido
 Sahindo fora, dê sonoro alento
 Com a negra boca a hum buzio retorcido:
 Voa nas azas do ligeiro vento
 O som por varias partes repetido,
 Deixaõ as naturaes concavidades
 Para acodir ás humidas deidades.

LXII.

De vestes roçagantes, e luzidas
 De hum crystal molle, e molles esmeraldas
 Hum sahe vestido, e outro guarnecidas
 De escamas d'ouro as nitidas espaldas:
 Outros camisas brancas tem vestidas
 De congelada escuma, e nas grinaldas,
 As Ninfas vaõ aljofar enlaçando
 No coral fino, em suas ondas brando.

LXIII.

Chegaõ aonde o Tejo os esperava
 N'um folio altivo, claro, e preeminente
 Na sala, cujo tecto carregava
 Em colunas de massa transparente:
 Alli sobre urnas de ouro se encoitava,
 Sahindo de cada huma huma corrente,
 Por fallarlhe a cabeça sacudia,
 E o chaõ de aljofre, e perolas cobria.

LXIV.

Contalhe como Ulysses he chegado,
 E á Lusitania hum seculo famoso,
 Em que ha de ser do Tejo subjugado
 De ambas as Thetis o temido esposo:
 Que quer ir visitallo acompanhado
 Das deidades do rio caudaloso,
 Todos o approvaõ, e elle nesse instante
 Os passos move, os deoses vaõ diante.

Pizando

LXV.

Pizando sahe as humidas áreas
 O velho Rio, n'uma verde cana
 Arrimado, entre o coro das Nereas,
 Coroado de junco, e de espadana:
 As Nayades famosas, e as Napeas,
 Descem das fontes, donde o Tejo mana,
 Vaõ com elle as Oreades, e as Drias,
 E a verde alma das plantas Amadrias.

LXVI.

Mil vezes salve, ó Ulysses venturoso,
 Ao sabio Grego diz o antigo Rio,
 Que este porto será por ti famoso,
 Da plaga Austral além do Norte frio:
 Quando os peixes de prata, e mar furioso
 Reconheçaõ meu largo senhorio,
 Quando vencedor pize o Tejo ufano
 A cerviz dura ao tumido Oceano.

LXVII.

Ergue a nobre Cidade, e não te espante
 O graõ furor de Gorgoris valente,
 Por minhas ondas passarás avante,
 Onde armas acharás, e ousada gente:
 Eu por guia te irey sempre diante,
 Humilhando esta tumida corrente,
 Que quando este ditoso pezo a opprima,
 Correráõ minhas ondas para cima.

Man-

LXVIII.

Mandou entaõ o Rio venerando
 A Legea, que toque a doce lira,
 E o suave instrumento acompanhando
 Com a branda voz, que o Ceo, e a terra admira:
 Reconte a profecia, que cantando
 Os segredos do fado, a Protheo ouvira,
 Como abriria á Lusitana gente
 O mar té as roxas portas do Oriente.

LXIX.

Ella obedece, e c'uma graça estranha
 Poem a animada neve no instrumento,
 A que com a voz angelica acompanha,
 Cessou nas folhas escondido o vento:
 Naõ podendo caber cousa tamanha,
 Se naõ for n'um divino pensamento,
 E o que a Protheo ouvira, referia
 Cantando a bella Ninfa, e assim dizia.

LXX.

Entre os segredos da futura idade
 Grande gloria te espera, ó Tejo ufano,
 Quando os muros erguer da graõ Cidade
 Em tuas margens hum Grego soberano:
 Em cujo imperio, e eterna magestade
 Depois do mar de Atlante, e do Oceano
 Se ha de ver o mar roxo navegado,
 Perdendo a cor vermelha de enfiado.

LXXI.

Tomando o quinto Affonso bellicoso
 Na Regia mão do Reyno a redea leve,
 E achando aquelle coração famoso
 O Lusitano imperio estreito, e breve:
 As vellas dando ao mar tempestuoso,
 Já co's mares Atlanticos se atreve,
 Verá a ultima terra, aonde viviaõ
 Tres irmaõs, que de hum olho se serviaõ.

LXXII.

Depois do Infante Henrique com valente
 Coração vencer de Africa os ardores,
 Arguim, e as ilhas Garças juntamente,
 E os da ferra Leoa habitadores,
 Vencendo de Guiné o Sol ardente,
 Descobre as grandes ilhas dos Açores,
 Porque sejaõ do imperio Lusitano
 Limite o Ceo, e as ondas do Oceano.

LXXIII.

Virá o graõ Manoel esclarecido,
 Que com grossas armadas sollicita
 Hum, e outro Neptuno, onde atrevido
 O quinto Affonso, e grande Henrique imita:
 Este, que por valor será temido,
 Em quanto hum, e outro Sol com a luz visita,
 Fará que os Portuguezes vaõ subindo
 Até as fontes beber do Gange, e Indo.

Dei.

LXXIV.

Deixando subjugada a Barbaria,
 Onde se vê o Ethiope abrazado,
 Porque o carro do Sol o filho guia
 Por caminho do Ceo menos trilhado:
 E os que do lago bebem a agua fria,
 Donde o Azanaga corre ao mar salgado,
 E os que de Zaire vem mudar o estilo,
 Rico das aguas, que lhe empresta o Nilo.

LXXV.

Como quem gloria só procura, e ama,
 Não temerá mandar a forte gente,
 Com que os mares cortando o forte Gama,
 Abre as fechadas portas do Oriente:
 O cabo tormentorio de alta fama,
 Que esta naval affronta não consente,
 Humilhará suas ondas, e braveza
 A's forças, e á fortuna Portugueza.

LXXVI.

Victorioso o Gama illustre paça,
 Vencendo os elementos, e vencendo
 As perfidias, e enganos que em Mombaça
 O Rey astutamente irá tecendo:
 Debaixo a Equinocial, que o mundo abraça,
 Verá Melinde na Ethiopia ardendo,
 Fazendose temer da negra gente
 Abrazada do fogo do eixo ardente.

LXXVII.

Já neste tempo as metas, que o Thebano
 Alcides poz aos mares arrogantes,
 Seraõ fabula vil, que do Oceano
 Descobrem mais os Lusos navegantes:
 Quando com furor alto, e mais que humano
 Seus lenhos terras nunca vistas d'antes
 Descobriráõ do Austro á Noruega,
 Onde o Sol arde, e donde nunca chega.

LXXVIII.

Levarás tu primeiro, ó forte Gama,
 As Lusitanas Quinas, e as antenas
 Taõ longe, que da vista as perde a fama,
 Que tantos olhos tem, e tantas pēnas:
 Onde hum perpetuo Estio o mundo inflāma,
 E Cynthia faz as noites mais pequenas,
 Té os hyperboreos frios pouco estimas
 Passar, emulo ao Sol, por varios climas.

LXXIX.

Irá logo o Cabral varaõ famoso,
 Ver do Brasil a costa prolongada,
 Onde hum trofeo levanta glorioso,
 Em que deixa sua fama eternizada:
 O mar irá cortando victorioso,
 Té ver de Moçambique a desejada
 Costa, vencendo o largo mar, que abraça
 A viçosa Quiloa com Mombaça.

LXXX.

Vencido o mar vermelho, vence o duro
 Inimigo, que finge ser amigo,
 Mancha em seu bruto sangue o ferro puro
 De sua graõ perfidia igual castigo:
 Podendo ver no derrubado muro,
 Que era melhor amigo que inimigo;
 Fará em Cochim em paz a nobre escala,
 Abrindo o ignoto porto de Cofala.

LXXXI.

A este o grande Novoa irá seguindo,
 Que os seynos Persio, e Arabico passando
 De Calecut as naos, que estaõ cobrindo
 A costa Malabar, vay destroçando:
 Com quatro sós a cento resistindo,
 Parte mete no fundo, e outras tomando
 Té lhe fugir o inimigo de affrontado
 Do Portuguez já de vencer cansado.

LXXXII.

Quanto convém que sejaõ preferidos
 Para os cargos da guerra os esforçados,
 Que ao valor os lugares saõ devidos
 Para os que em obras qnerem ser honrados:
 Os que veñ do alto tronco, se esquecidos
 Do herdado exemplo estaõ de seus passados,
 Que a virtude abraçaraõ preeminente,
 Roubaõ lugar alheyo injustamente.

Que

LXXXIII.

Que montaõ os leoens, as aguias puras,
 Com que a soberba espera eternizarte?
 Que montaõ atrios, carros, e pinturas,
 Se quer a ignavia nellas gloriarse?
 Que as fumosas imagens, as figuras,
 De que a vangloria sabe namorarse,
 Affrontaõ os que imbelles encostados
 No tronco antigo estaõ de seus passados.

LXXXIV.

Tornará o forte Gama, já Almirante,
 A ver da Persia os procellosos mares,
 Levando o Rey de Calecut diante,
 Vencido entre o furor dos Malabares:
 Onde com o de Cochim a paz constante
 Assentará em seus postos, e lugares,
 Trazendo o graõ tributo, que a Lisboa
 A ElRey seu Senhor manda o de Quiloa.

LXXXV.

Do primeiro Albuquerque a forte espada
 Em favor de Cochim na dura guerra
 Temerá o Caymal, que debellada
 Virá igualar a Repelim com a terra:
 Vendo n'hum mesmo tempo derrubada
 Quanta no Camorim força se encerra,
 Que entre os dous Albuquerquees não duvida
 Perder além do estado a propria vida.

LXXXVI.

Honraraõ seu sepulchro os levantados
 Trofeos, insignias de invejada gloria,
 As bandeiras pendentes, os gravados
 Arnezes, onde vive alta memoria:
 As taboas dos navios abrazados,
 Portas, chaves, tambores de victoria,
 Espadas inimigas penduradas,
 A' mefma eternidade confagradas.

LXXXVII.

Irá fazer aguada o graõ Saldanha
 No tormentorio cabo, e costa ardente;
 Dando seu mefmo nome á terra estranha;
 Que nella ha de durar eternamente:
 A quem com as fortes armas acompanha
 Contra os da India, e Camorim potente
 O graõ Pacheco, que com a espada nua
 A fama de seu Rey estende, e a íua.

LXXXVIII.

De fortes paraós com dura guerra
 Mambeja cubrirá de naval muro
 O estreito passo, e de esquadroens a terrá
 C'os Reys de Cucuraõ, e de Bipuro,
 Descendo o Rey de Catagém da ferra
 De Coriga, e Tanor com braço duro,
 Todos confederados, e de modo,
 Que os podéra temer o mundo todo.

Nada

LXXXIX.

Nada teme o Pacheco, nada o espanta,
 Podendo toda a India só temello,
 Com pouca gente se arremessa a quanta
 Virá na terra, e mar a acometello:
 Sahindo hum trovaõ negro da garganta
 Bramindo pela boca de hum camello,
 Os paraós destroça, onde o espumoso
 Neptuno ardendo entrava furioso.

XC.

Dos castellos, e popas torreadas
 As duras settas despedidas voaõ,
 De tambores, e trompas as dobradas
 Vozes nos ares repetidas soaõ:
 Voaõ dardos, e chuças amoladas,
 Soberbos golpes todo o mar atroaõ,
 Hum cahe atraveßado, e outro exangue
 Nas ondas nada de seu proprio sangue.

XCI.

Qual morto cahe as ondas penetrando,
 Crescendo o mar co' sangue da ferida,
 E qual nellas absorto anda nadando
 Por á morte escapar, que tem bebida:
 Qual no remo se pega, e vay trepando,
 E esforçandose está para a subida,
 E cahe ferido do pelouro ardente,
 Deixando a vida, e remo juntamente.

XCII.

Eis que do bronze concavo incendiado
 Rebenta o pó sulfureo abrazado,
 Que dando no ar asperrimo bramido,
 Na abobada do Ceo responde o brado:
 Voa o pelouro em flammaz escondido,
 Qual o rayo de Jupiter irado,
 Que de Tyfeo a grande furia imita,
 Quando as pedras ardendo ao ar vomita.

XCIII.

Virá segunda vez este inimigo,
 Cometer com mais velas, e mais gente
 O mesmo vao, não tendo mais consigo,
 Que só a si mesmo, o Capitão valente:
 Entra com dous bateis neste perigo,
 Pasma em vello o inimigo, e já se sente;
 Que tem posta a esperança na fugida
 Por não deixar antes do passo a vida.

XCIV.

O' Alcides Lusitano, honra de Hespanha,
 Digno de eterna, e soberana historia,
 A que o trabalho proprio, e terra estranha
 O fructo rendem de invejada gloria:
 A patria, a quem tu dás honra tamanha,
 E ao mundo, onde espalhaſte tua memoria;
 Exemplo, e espelho deixas, onde veja,
 Que alta virtude dá por fructo inveja.

Qual

XCIV.

Nasce, dizia, hum resplendor divino
 Do Almeida, e seu braço soberano,
 Quando dos Reys castiga o desatino
 De Mombaça, e de Onor com mortal dano:
 Que o de Cochim no folio peregrino
 Com braço, e peito assenta mais que humano:
 Primeiro Visorrey, por elle vejo
 Chorar perlas o Ganges, e o patrio Tejo.

XCVI.

Com elle irá Lourenço valeroso,
 Que do valor do pay segue as pizadas,
 Que deixará em Cochim o alto, e famoso
 Padraõ com as Quinas de ouro levantadas,
 Onde hum sepulchro, e outro portentoso
 Descobrirá, que as fabulas sonhadas
 Ensinão com rumor, e fama escura
 Ser dos primeiros pays a sepultura.

XCVII.

Mas em Chaul a imiga, e dura forte,
 Que durar hum bem grande não consente,
 Lhe dá entre as lanças a formosa morte,
 Que invejada será perpetuamente,
 Rompelhe a forte bala o peito forte,
 Levandolhe huma perna hum rayo ardente
 Do corpo, aonde a alma se detinha,
 Que só ao coração por armas tinha.

XCVIII.

Porém o velho pay, a quem não cança
 O exercicio do sanguineo Marte,
 De Dabul tomará cruel vingança,
 Onde levanta o bellico estandarte:
 Queima, por terra poem, e não descança,
 Té que o fogo se atea em toda a parte,
 Tudo effeitos crueis de forte rayo,
 De que encolhido treme o graõ Sabayo.

XCIX.

Mirocem, que nas forças atrevido
 De armadas galés, e bellico aparelho
 Se atreve a resistir, foge vencido,
 E o mar d'antes azul fará vermelho:
 Onde as bandeiras do Sultaõ temido
 Piza com as plantas o valente velho,
 A quem guarda depois a terra dura
 Do Cabo a estranha, e iniqua sepultura.

C.

Logo o famoso Affonso o mar cubrindo
 De naos, os Malabares affugenta,
 Do graõ Neptuno as ondas opprimindo,
 Que de seu grave peso já rebenta,
 Levando o Marichal, que á fama abrindo
 Novos caminhos, pela espada augmenta
 A vida, que c'o sangue, que derrama,
 Vencido vence, e vive pela fama.

CI.

Seguindo estes varoens o graõ Soares,
 Temido se fará naquella parte,
 Que Arabia volve os procellosos mares;
 Logo o Siqueira, Lusitano Marte:
 Tremem de Ormuz os muros, e lugares
 Do valor do magnanimo Duarte,
 Que c'o vento das azas, que abre, e ferra
 Sua fama os fortes muros poem por terra.

CII.

Quando o terceiro Joaõ Rey excellente
 Subir ao Real solio, desejando
 Profeguir as victorias do Oriente,
 Do Olympo só os caminhos affectando,
 Mandará o forte Gama taõ valente,
 Que dos annos o peso desprezando
 Comete o mar, sem descubrir fraqueza,
 Que o coração desmente a natureza.

CIII.

Tremerá toda a India só de vello,
 Seu esforço, seu braço, sua fortuna,
 Treme Neptuno, e mostra em fim temello,
 A tempestade indomita, e importuna:
 Porém só o fado poderá vencello,
 Quebrando esta firmissima coluna
 Do novo mundo, aonde descancava
 O peso, que em seus hombros carregava.

CIV.

Succederlheha morrendo o grande Henrique,
 Porque tambem no esforço o represente,
 Que deste Fenix quer o Ceo, que fique
 Outro nas mortas cinzas do Oriente,
 Que em Baticala tantas naos a pique
 Ao centro manda, e rende juntamente,
 Para que o C,amorim se defengane
 Pelejando em Coulete, e em Panane.

CV.

No Malabar a grande fortaleza
 Elle defenderá no estreito paço
 Com Heitor da Silveira, que se preza
 De Lusitano Heitor no forte braço:
 Quando a todos mostrar não ter defeza,
 Os peitos nús, como se foraõ de aço,
 A's mortes exporáõ, e aos móres riscos
 Sem a vista temer dos basiliscos.

CVI.

Da India os mares lavrará o temido
 Sampayo, que com poucos Portuguezes
 Verá desbaratado, e destruido
 O poder do inimigo tantas vezes:
 Sentilloha Bacanor, e o atrevido
 Geral de Bisnagá, que a seus revezes
 Não acha malha, ou elmo, que resista,
 Confessando, que o vence só com a vista.

Aqui

CVII.

Aqui a Ninfa hum pouco levantando
 A voz sonora, diz: Pelo Oceano
 Virá o Cunha illustre navegando,
 Que a Mombaça fará taõ grande dano:
 Vence Cambaya, e a Batel queimando,
 Fará temido o nome Lusitano,
 Que pelos inimigos, que tem morto,
 Dos mortos dará nome ao mesmo porto.

CVIII.

Em Dio a nobre fortaleza erguendo,
 Que o Sultaõ Mahamud com grande inveja
 Quer igualar com a terra, naõ podendo
 Chegar co' forte braço, onde deseja:
 Luas Turquescas chama, que vertendo
 Sangue no mar se poem, e na peleja
 Veraõ nas roxas ondas seus turbantes
 Nadar morrendo os Turcos arrogantes.

CIX.

Irá logo o Noronha, e o novo Gama
 Tomar o leme do famoso Estado,
 Que o irmaõ rega co' sangue, que derrama,
 Que a terra, e Ceo tem ambos conquistado:
 E o grande Martim Affonso, cuja fama
 Fará ao esquecimento ser lembrado
 De sua gloria, que taõ mal se encerra
 Nos espaços do ar, e nos da terra.

Aqui

CX.

Aqui, dizia a Ninfa, he necessario
 Outro peito, outra voz, outra sciencia;
 E que me empreste o plectro o mesmo Clario,
 Pondo em meus beijos favos de eloquencia,
 Para que cante, a quem de marmor Pario
 Estatuas deve a humana providencia,
 Antes estatuas de ouro, e de alabaastro
 O illustre, o pio, o invencivel Castro.

CXI.

Succederás, ó Castro venturoso,
 Em quem de Alcides o valor se encerra,
 Quando o Rey de Cambaya poderoso
 A Dio sitiará por mar, e terra:
 Onde teu mesmo filho valeroso,
 Envolto no furor da dura guerra,
 Piza as bandeiras, onde no ar tremola
 Com as meyas luas a soberba cola.

CXII.

Aqui mudando o canto em lastimado
 Accento triste, a Ninfa proseguia:
 Aqui, mancebo illustre, rodeado
 Dos teus, que haõ de imitarte na ousadia,
 Vendo dar fogo sobre a mina armado
 Renasces, como Fenix, neste dia
 Nas roxas flammaz, onde abriste logo
 Para voar mais alto azas de fogo.

CXIII.

Embraçado o escudo rutilante,
 Vem o famoso Castro com presteza
 A focorrer os seus, elle diante
 Pouco estimando a perigosa empreza,
 Armado sahe de hum animo constante
 Desprezador da vida, e só se preza
 Da alta virtude, que a seu braço unida,
 A India toda o teme, e a faz temida.

CXIV.

Tal preço de sua barba, e tal valia
 Teraõ só dous cabellos, que o thesouro
 Mayor do Sol (que com seus rayos cria
 Nas grandes veas, cujo sangue he ouro)
 Menos estima tem, que a quanto a fria
 Noite esconde, e descobre Apollo louro,
 Tocando o mais remoto parallelo,
 Excede desta barba hum só cabello.

CXV.

Irá o grande Cabral tomar o pezo
 Do novo mundo aberto no Oriente,
 Que a Chambe voa em puro fogo acezo,
 E a terra abraza como rayo ardente:
 Bardelá o sente, onde cercado, e prezo
 Arde o Rey, e com elle a Maura gente,
 E na marinha, e miseras aldeas
 Purpureas torna as pallidas areas,

CXVI.

Logo irá o Noronha, que correndo
 De Ormuz o mar com a poderosa armada;
 A' fortaleza chega, que tremendo
 Cahe de seus fortes rayos abrazada:
 Eufrates de suas naos co' pezo horrendo,
 Oprimido dará por força entrada;
 Que ás Portuguezas armas, e aos intentos
 Obedecem té os proprios elementos.

CXVII.

Quando tremer Malaca da ousadia
 Dos Reys vizinhos, vence a furiosa
 Gente co' duro braço Dom Garcia,
 Tornando imbelle a esquadra bellicosa,
 N'hum barco, aonde em pó Vulcano ardia,
 Sahe pelo ar com força portentosa
 Voando a morte, e leva juntamente
 Ao General, e ao filho a balla ardente.

CXVIII.

Ferve o mar, e já em ondas se levanta
 Todo de branca escuma coroadado
 Co' armada imiga, que só vella espanta
 C'hum lenho, e outro lenho torreado:
 Quando o metal, que os animos quebranta,
 O rayo lança com sonoro brado,
 O inimigo a ousadia em medo troca
 Ouvindo o estrondo da sulfurea boca.

CXIX.

Huma armada com outra a hum tempo aterra
 Prenhe do occulto fogo, que sahindo
 Em negros gyros cobre o mar, e a terra,
 Incendios exhalando, e repetindo;
 A balla voa, que o metal encerra,
 Que nos ares caminho largo abrindo,
 De Jupiter o ardente rayo imita,
 Que huns despedaça, a outros precipita.

CXX.

Voa Vulcano ardente, e com violento
 Estrondo alto bramido, e voz funesta
 Os cornos quebra no ar ao negro vento,
 Quando entre as nuvens ergue a dura testa,
 Treme Neptuno, e sobre o falso argento
 Chama os marinhos deoses, e se apresta,
 Vendo do grande estrondo, e das pezadas
 Ballas as crespas ondas infestadas.

CXXI.

Já se afferraõ as popas diligentes,
 Abrindo o ferro alli sanguinea porta,
 De mil vidas o fio nos ardentes
 Fios de seu cutelo Atropos corta:
 E sobre as rapidissimas correntes
 Nadará tanto sangue, e gente morta,
 Que a quem as vir de roxo sangue cheas
 Pareceráõ as ondas Eritreas.

De-

CXXII.

Depois o largo mar irá cortando
 O forte Mascarenhas, não vencido,
 Por Rey de Visapor alevantando
 O irmaõ á vista do Hidalcaõ temido:
 O graõ Barreto a India governando
 Verá a seu braço o Camorim rendido,
 Que de alto esforço, e de valor deseja
 Encher o mundo, e de gloriosa inveja.

CXXIII.

Tremendo está a fortissima Cidade
 De Mangalor, té as pedras abrazada,
 Onde o Rey com a vida a liberdade
 Deixa nos fios da inimiga espada:
 E o de Cambaya em marcia tempestade
 Verá Manora, e Assarim queimada,
 E o Hidalcaõ fugindo, que a Sallete
 Com vingativas armas acomete.

CXXIV.

Logo irá o famoso Constantino
 Do Real tronco ramo florecente,
 A cujo alto valor, e peregrino
 Será estreito Imperio o do Oriente:
 Dámaõ provando o aço puro, e fino,
 A seu braço se rende, e o potente
 Rey de Janapataõ por maravilha
 A seus pés a corõa, e o sceptro humilha.

CXV.

Logo o grande Coutinho, e o esforçado
 Mendouça, e o graõ Noronha com presteza
 Ergue de seus soldados ajudado
 De Mangalor a nobre fortaleza:
 Aqui o rouco plectro, e já cansado
 A Ninfa despertava com destreza,
 Dando á sonora voz mayor alento,
 Affina as doces cordas do instrumento.

CXXVI.

Virá (diz ella) á India a governalla
 O grande Dom Luiz, rayo da guerra,
 Com cuja vista o mar tremendo calla,
 E em vello treme, e emmudece a terra:
 Este, que a grande fama aos Ceos igualla,
 Lá no monte Parnel queimada a ferra
 Fará o Mogor fugir, pizando a praya
 Da ardentissima costa de Cambaya.

CXXVII.

A Onor debella, que co' a hervada seta
 Em nuvens tolda o ar, com que tirava,
 Dandolhe occasiaõ, que entaõ cometa,
 Porque á sombra das settas pelejava:
 Quando o Rey dos Achens mais inquieta
 Os muros de Malaca, alli se achava
 Dom Leoniz, ou leaõ melhor dislera,
 Que rosto a rosto o inimigo espera.

Este

CXXVIII.

Este famoso Atlante aos hombros tendo
 Da India o peso, vencerá a porfia
 Do Hidalcaõ, que a Goa acometendo,
 Tremerá de sua estranha valentia:
 De cabeças hum grande monte erguendo,
 Estas em carros ao inimigo envia,
 Desterrando a soberba Mauritana
 De Goa até a remota Tapobrana.

CXXIX.

O' patria insigne, ó terra venturosa,
 Ditoso Rey de taõ altiva gente,
 Que em toda a parte a esfera luminosa,
 Onde he mais fria, e onde mais ardente,
 Vê a Lusitana espada victoriosa,
 Que hum Portuguez fugido, e descontente
 Bastará a revolver o mar profundo,
 E abrir nelle caminho a hum novo mundo.

CXXX.

Que terra taõ remota, e taõ estranha,
 E qual no mar vermelho procelloso
 Inculta Ilha, em Scithia alta montanha,
 Na Ethiopia deserto perigoso:
 Qual regiaõ Boreal, que a neve banha,
 Onde da fama, e seu clarim famoso
 (Além do berço, em que se iguala o dia)
 Não chega o som de tanta valentia.

CXXXI.

O Alfeo, o Pó, o Garona, o graõ Sylauro,
 Que as arvores em duras pedras troca,
 O Eufrates, Danubio, Arno, e Metauro,
 E o Ganges, que do Sol as plantas toca,
 Caistro, Ermo, Pactolo, Amphrifo, e Dauro,
 E o Nilo, que entra ao mar por tanta boca,
 E os mais, que callo, ajoelhados vejo
 Esperar. santas leys do antigo Tejo.

CXXXII.

Ouve o Tejo a Legea o doce canto,
 E antes de se ir ás ondas, onde mora,
 De grande gloria cheyo, e grande espanto
 Do que ouvira cantar pérolas chora,
 Inclina ao Grego a branda vista, em quanto
 Com lingua de agua fórma voz sonora,
 E estas palavras mysteriosas falla:
 O' eu ditoso, ó tu ditoso; e calla.

CXXXIII.

A Ulysses deixa o venerando, e velho
 Rio, de altas riquezas abundante,
 Ao lado os rios vaõ de seu conselho,
 Os mais pequenos rios vaõ diante:
 Nas ondas claras, qual em claro espelho,
 Via Febo seu carro rutilante,
 As Nayades, e Oreas para as fontes
 Se tornaõ, as Amadrias a seus montes.

CXXXIV.

Desperta Ulysses, indo levantando
 Os olhos quasi absorto, e sem sentido
 Ergue-se, a gruta observa, a côr mudando
 Co' sangue a seu principio recolhido:
 Como aquelle, que incauto passeando,
 Vio cahir junto a si rayo encendido,
 Assim Ulysses fica, assim se admira
 Do grave canto, que a Legea ouvira.

CXXXV.

Levanta as sobranceiras admirado,
 Repetindo o que a Ninfa lhe dissera,
 E o que inda em sombras lhe escondia o fado;
 Com profundo cuidado considera:
 Chega ás primeiras ondas do dourado
 Tejo, e ajoelhado alli o venera,
 Toca a agua com as mãos, a voz levanta,
 Hymnos ao Tejo, e seus louvores canta.



ARGUMENTO

DO OITAVO CANTO.

A Gorgoris Megera o peito inflãma,
 Guerra com tuba horrifona apregoa,
 Adraſto a Ulyſſes, que elle amou por fama,
 Soccorro dá por defender Lisboa:
 Apaga o Tejo a voadora chũma,
 Que ás naos ſe pega, e do alto chove, e toa,
 Gorgoris ſe recolhe, e a Aurora abrindo
 O Ceo, de armas o campo vem cobrindo.

I.

QUando o muro de ameas coroado
 Da famosa Ulyſlea ao ar ſe erguia,
 Correo hũ reſplendor ao dextro lado,
 Que clara luz nos ares diffundia:
 Gorgoris do que vê maravillhado,
 Sabios convoca, o caſo conferia,
 Até que de cansado em ſono lento
 Faz tregoaſ co' cuidado, e pensamento.

Em

II.

Em tanto Circe, que na mente altiva
 Os successos de Ulysses observava,
 Vendo, que de Calypso a chãma viva
 Amor pelas medullas lhe ateava:
 Com excessivo amor, dor excessiva
 Os sepultados fogos despertava,
 A Tesifone invoca, da vingança
 Concebendo certissima esperança.

III.

Vós, espiritos, diz, que no escondido
 Tartaro repartís a pena dura,
 Ouvime, e o curso rápido, e temido
 Pare da Estige envolta em sombra escura:
 O favor me darás taõ merecido
 Tesifone, pois vi do Sol a pura
 Face em teus braços, cuja mão divina
 Exercitou o officio de Lucina.

IV.

Se bem tu, deosa amiga, me ensinaste
 Os trabalhos do Sol, e o movimento,
 De Febe os incrementos me mostraste,
 E o que mais em si esconde o Firmamento:
 Pois como mãy, ó deosa, me creaste,
 Vê de Ulysses o ingrato pensamento,
 Da-lhe o duro castigo, que merece,
 Acode ao mal, que co' a tardança crece.

V.

Quando Cynthia nos campos de çafira
 Os seus diamantes lucidos semea,
 A Gorgoris dormindo n'alma inspira
 De Ulysses, e Calypso a culpa fea:
 A furia, que de Circe a queixa ouvira,
 A rapida corrente, a inculca area
 (Obrigada do encanto, que a chamava)
 Das margens deixa, que o Cocyto lava.

VI.

Ella junto da praya desgrenhada
 A's cobras da cabeça permittia
 Lamber as tristes ondas da abrazada
 Ribeira; que de enxofre as revolvia:
 Não sahe da mão de Jove a setta irada
 Com a presa, que Tififone sahia,
 Que com a pompa das cobras o horizonte
 Vinha aslombando da cerulea fronte.

VII.

Sahe da Tenaria porta, onde chegaraõ
 Os cavallos do Sol, e estremeceraõ,
 De fumo o ar enchendo perturbaraõ
 Os ares, o caminho, e luz perderaõ:
 Os cabellos de Atlante se eriçaraõ,
 E nos robustos hombrcs lhe tremeraõ
 Os estrellados eixos, que os aslombra
 Do feyo rosto a denegrída fombra.

VIII.

De espantado largava o graõ Gigante
 O alto pezo da esfera crystallina,
 E arriscando o estellifero Tonante,
 Ameaçava o Ceo grave ruina:
 E o velho Proteo co' rebanho errante
 No mais fundo do pego determina
 Ir esconderse nas cavernas, onde
 Os segredos do mar Neptuno esconde.

IX.

Tornando o Tejo atraz, os levantados
 Muros batendo vay da alta Lisboa,
 A ferra Mariana os congelados
 Cornos facode, e delles chove, e toa;
 Ao Mondego em rodeos dilatados
 Cahe da cabeça a liquida coroa,
 E ao Douro o medo frio os braços ata
 Nos puros laços da lasciva prata.

X.

Sentio nos grossos ares o ruído
 O Pachino, o Peloro, o Cassio monte,
 De ambos os mares o Istmo combatido
 Se quiz abrir ao mar, que tem defronte:
 Temeo Pirene, e o Rifeo temido,
 Rodope altivo, e a Parnasia fonte,
 E as mãys, onde os gemidos penetraraõ,
 Ao peito os tenros filhos apertaraõ.

A terra

XI

A terra toda, o mar, por onde passa,
 Inficionados deixa, e já se sente
 A pallida doença, a fome escassa,
 E até nas mesmas fontes sede ardente:
 Igual a morte a todos tudo abraça
 O ar pezado, negro, e pestilente
 Seu torpe alento faz, que tudo offende,
 E dando huma mão n'outra fogo accende!

XII

Pára no monte Almata, onde semea
 A discórdia fatal, que arder se via
 Nos duros defensores de Ulysséa,
 E em quem seus novos muros offendia:
 Té os boys, que o lavrador na propria aldeia
 Vendo a manhã sahir, no jugo unia,
 Renovando o trabalho começado,
 O jugo rompem sem soffrer o arado.

XIII.

Em tanto a furia hum corpo do ar tomando;
 No silencio da noite escura entrava
 N'um aposento, adonde repousando
 Em alto sono a Gorgoris achava:
 Huma grave, e severa voz formando,
 Com barba, que no peito descansava,
 N'um bordão arrimada, que trazia,
 Meneando a cabeça lhe dizia.

LISBOA EDIFICADA:

XIV.

Dormes , valente Rey , taõ pouco sentes
 Que te occupe o inimigo a propria terra
 Sendo opprimido de estrangeiras gentes!
 Quem dorme ao proprio dano os olhos cerra:
 Naõ dormem, nem descansãõ Reys prudentes,
 Desterre ao ocio vil a honrosa guerra,
 Melhor parecerias abraçado
 O escudo , scintillando o arnez gravado

XV.

Cinge, graõ Rey, a generosa espada,
 Que em ocio tens, podendo ser temida;
 Abre a porta , que Jano tem cerrada,
 Do Olympo segue a estrada esclarecida:
 Por Calypso tua fama está manchada,
 Depois de fama, e honra estar perdida
 Naõ fica que perder, que esta jaçtura
 Ao tempo vence , e eternamente dura.

XVI

Eu sou Polibio , que no tempo antigo
 De Capitaõ servia a teus mayores,
 Para outra vez poder morrer contigo
 Corpo melhor tomey, forças melhores:
 E para te ajudar neste perigo
 Da sepultura teus predecessores
 Verás sahir com animos altivos,
 Que os mortos se erguem , quando faltaõ vivos.

Gor

XVII.

Gorgoris já desperto, e do que ouvira
 No coração fogoso, e vista ardendo,
 Imaginando estava, se he mentira,
 Ou illusão do sonho o que está vendo:
 Naquella parte, onde a Polibio vira,
 Os olhos, e alma prompta suspendendo,
 Erguia o pavilhaõ, e observa attento
 As paredes, e sombras do aposento.

XVIII.

Com ardente pincel de resplandores
 Apenas a alva as sombras animava
 Das nuvens, que pintara em varias cores,
 Pela parte mais rara o Sol passava:
 Luz ao Ceo, cõr ao prado, vida ás flores
 Sahindo, ardendo, e rociando dava:
 Quando Gorgoris deixa a branda cama,
 E os mais prudentes a conselho chama,

XIX.

Que huma visãõ, dizia, prodigiosa
 Aquella noite toda o perseguira,
 E que com voz pezada, e temerosa
 Seu descuido, e tardança lhe arguira:
 Botando pela vista portentosa,
 E pela negra boca fogo, e ira,
 Que a alma lhe deixou taõ perturbada,
 Que a affronta inda não cuida, que he passada.

Pro

XX.

Propondo o caso a todos , referia
 Como o sagaz Ulysses o enganara
 Por levantar com manha , e ousadia
 O muro , onde se acolhe , e se repara :
 Cada hum. tira do peito o que sentia ,
 Pela patria offerece a vida cara ,
 Varias conselhos daõ por varios modos ;
 Que a Cidade se arraze assentaõ todos.

XXI.

Porém , que antes de tudo se mandasse
 Alcino, Cidadãõ prudente, e velho,
 Que os motivos da guerra declarasse,
 E o que tinha assentado em seu conselho;
 Que Gorgoris em tanto preparasse
 Armas com todo o bellico aparelho :
 Partio Alcino , que de Ulysses teve
 Reposta ao que propoz , astuta, e breve.

XXII.

Depois de o ter ouvido , carregando
 A frente , proseguia gravemente :
 Que alli fizera assento desejando
 Fazer vassallos seus a Grega gente :
 Que os perigos dos mares receando,
 Para o poder servir perpetuamente
 Quizera ter morada , em que vivesse,
 Onde de sua patria se esquece sse.

XXXIII.

Que as leys o permittiaõ da amizade,
 E obrigavaõ as leys da natureza
 Dar hospicio, e favor, dar liberdade,
 Que de hum Rey he mais propria esta grandeza;
 Se com tudo offendia huma Cidade
 Breve, estreita, sem força, e sem defeza,
 Que facil abrazalla lhe seria,
 Se o fado esta ruina permittia.

XXIV.

Que visse como a caso naõ tomara
 Porto, mas por impulso mais que humano
 A fereza dos ventos contrastara
 No bravo Egeo, e tumido Oceano:
 E lhe lembrasse a luz divina, e clara,
 Que o ar abrio, por Jove soberano
 Querem mostrar, que no ethereo assento
 De Lisboa approyava o nascimento.

XXV.

Gorgoris, que a reposta considera,
 Com a gente ao campo sahe, que armada tinha;
 Porém a Ulysses o animo lhe altera,
 Porque em buscar soccorro se detinha:
 Vê sua pouca gente, e naõ espera,
 Para antiga Tubuci em fim caminha,
 Aonde o Rey Adrasto senhorea
 A famosa Colipo, e grande Amea.

Con

XXVI.

Com poucos companheiros se partia
 Em huma embarcaçãõ leve, e pequena,
 Que mais pequena, e leve parecia
 Ao doce Tejo, e sua corrente amena,
 Que tanto estima o pezo, que corria
 Com veyta taõ suave, e taõ serena,
 Que a prompta vista mal determinava
 Para que parte o Tejo caminhava.

XXVII.

Chega a Tubuci a tempo, que occupado
 Adrasto em sacrificio sumptuoso,
 Entre hum bosque de hum valle consagrado
 Altares ergue a Alcides valeroso:
 E vendo tudo de armas povoado,
 Manda a seu filho, que do porto undoso
 A area toque a se informar da gente
 Da sua em traje, e armas diferente.

XXVIII.

Vendo Filarco a Ulysses, e sabendo
 Quem era, dalhe os braços, e comsigo
 O leva ao pay, que alegre recebendo
 O grande hospede, o honrava, como amigo;
 A quem pelloa, e terra offerecendo,
 Estou, lhe diz, n'hum sacrificio antigo,
 Que naõ posso deixar; e ambos tomavaõ
 Copas, que a Jove, e a Hercules libavaõ.

XXIX.

Contalhe , que esta festa celebravaõ
 Os povos , que alli juntos concorriaõ,
 Que de Alcides a fama , e gloria honravaõ
 Com as grandes aras , que a seu nome erguiaõ,
 Porque entre as cousas , que por fama achavaõ,
 Era a de huma victoria , que diziaõ,
 Que Alcides alcançara de hum tyrano,
 Que devastara o Reyno Lusitano.

XXX.

Chamavase (diz elle) Pithodemo,
 De grandes forças , lutador famoso,
 Que em membros excedia a Polifemo ,
 Temerario igualmente , e temeroso :
 Este junto do mar no duro extremo
 D'hum monte , que sustenta o luminoso
 Olympo , n'huma gruta se escondera,
 Que capaz aposento aos roubos era.

XXXI.

Fez hum jardim famoso , que igualava
 O que já n'outro tempo Hesperia tinha,
 Onde os pomos hum rio , que passava
 Com brandas aguas , sustentando vinha :
 Alcides , que maçans no rio achava ,
 Por sua margem fresca alto caminha,
 A ver aquelles pomos , que cahiaõ,
 Em que terreno , em que jardim nasciaõ.

XXXII.

Foy pelo rio das Maçans correndo,
 Que este nome conserva hoje comfigo,
 Chega a hum monte, que as nuvens excedendo,
 Era de aves, e feras fero abrigo:
 Do alto cume ao baixo discorrendo,
 A porta vê, que de hum penedo antigo
 Está sellada, e nella vê cravados
 Os despojos dos tímidos veados.

XXXIII.

Do leão, e do urso alli se via
 A enrugada testa estar pendente,
 E a negra, e fera boca, onde luzia
 De cada lado o navalhado dente:
 O rebanho escondido alto mugia
 Do monte nas entrânhas eminente,
 A porta tenta, quando vê diante
 O monstroso corpo de hum gigante.

XXXIV.

Caminhante, lhe diz, ousado, espera,
 Que tua vinda estimo em grande extremo,
 Porque essa féra massa, e testa féra
 As portas honrarão de Pithodemo:
 Ergue o bastão, que hum tronco inteiro era,
 A que Alcides responde: Não te temo,
 Monstro, só em palayras arrogante,
 Sabe, que ao grande Alcides tens diante.

XXXV.

Só com ouvillo a voz, e côr perdendo,
 Vencido está da fama, e do que ouvira,
 E resistir a Alcides mal podendo,
 Ao intratavel monte se retira:
 Sobre as azas do vento vay correndo,
 Traz d'elle Alcides sobe ardendo em ira,
 Que á porta outra vez desce, e mudo, e quedo
 Os duros hombros prova no penedo.

XXXVI.

Naõ podendo vencello, ao duro monte
 Sobe irado, tomando novo alento,
 Onde de pedras orna a crespa fronte,
 Que sempre açouta a tempestade, e o vento,
 Onde nem ramo soa, ou ferve fonte,
 De aves nocturnas horrido aposento,
 Enorme, e feyo, povoado apenas
 De secos juncos, e de quentes penas.

XXXVII.

No mais alto huma penha ao ar erguida
 Se mostrava, que Alcides enojado
 Abraça duramente, que impellida
 Nuta levada n'hum, e n'outro lado,
 Cahe do monte graõ parte desafida,
 Vê-se de Pithodemo o agasalhado,
 Que pállido, e medroso naõ atina,
 Que causa tem taõ subita ruina.

Naõ

XXXVIII.

Naõ rompem com estrondo semelhante
 Os largos feyos de agua carregados
 As nuvens, que toando o Ceo diante,
 Soltaõ chuveitos negros, e pezados:
 Nem com tal furia vibra o graõ Tonante
 Os rayos por Vulcano fabricados,
 Quando as costas do mar feridas gemem,
 E as esferas do Ceo nos polos tremem.

XXXIX.

Pithodemo confuso está, e medroso
 Vendo taõ perto o ultimo perigo,
 Pedras arroja a Alcides valeroso,
 Que ao centro vay bulcar seu inimigo,
 Pela abertura salta, onde animoso
 Lhe levava nos braços o castigo,
 Que fugirlhe, e esconderse em vaõ procura,
 Illustrada do Sol a cova escura.

XL.

Como se a parda terra se rasgasse
 Té ás entranhas, mostrando o escuro Averno,
 Onde da morte pállida ficasse
 A escura regiaõ aberta ao Ceo superno:
 Se a pura luz do Sol ousada entrasse,
 Na horrenda confusaõ do triste inferno,
 Seria entre os tormentos, e crueldade
 Temida, e odiada a claridade.

XLI.

Tal Pithodemo as sombras vay buscando;
 Onde se esconda, e Alcides diligente
 O seguia, a caverna penetrando,
 E nos braços o aperta estreitamente:
 Nelles os duros ossos estalando,
 A alma sahe do corpo impaciente
 Deixa os membros, mostrando amortecida
 A cor do rosto, a boca denegrida.

XLII.

Já das grossas cadeas delatava
 Alcides o penedo, que servia
 De porta á escura casa, que guardava
 Os furtos, que o vil dono alli escondia:
 Deixava Alcides a pezada clava,
 E o penedo c'os braços revolvia,
 E o arrugado rosto, e barba esqualida
 Da cor descobre verdinegra, e pallida.

XLIII.

Abre a porta, ao claro Ceo mostrando
 Dos furtos o segredo manifesto,
 Alcides, pelos pés tira arrastando
 O inutil pezo, ao Ceo, e á terra infesto;
 Que com seu bruto sangue está afeando
 Os olhos tristes o medonho gesto
 De Pithodemo morto, horrido, e feo,
 Qual novo Caco, ou Africano Antheo.

Tanto

XLIV.

T'anto que a fama, que com tantas pēnas,
 E tantas linguas, e olhos que não cerra,
 O mundo corre, e as cousas mais pequenas
 Sempre acrescenta, quando menos erra,
 Naquellas regioens frescas, e amenas,
 No baixo valle, e mais remota ferra
 Divulgou esta morte, ninguem fica
 Sem ver de Pithodemo a casa iniqua.

XLV.

Despovoaõse os campos, e os lugares
 Por ver deste tyranno o corpo infando,
 Que levaõ com fortissimos collares
 Hora no ar suspenso, hora arrastando:
 A Alcides erguem, e a Megara altares
 Em honra deste dia memorando,
 E o tempo gastador, que tudo come,
 De Collares conserva o proprio nome.

XLVI.

Isto Adraсто lhe disse, e levantado
 Do sacrificio, alegre se partia,
 E a Ulysses, que levava ao dextro lado,
 Favor liberalmente promettia:
 Da guerra as causas tinha relatado,
 E como as ouve Adraсто, respondia:
 Pezame verme carregado, e velho,
 Que só posso ajudarvos co' conselho.

XLVII.

Lá no vigor da verde mocidade
 Eu partia hum leão, eu só prostrava
 Hum touro, onde ninguém na agilidade,
 Na força, e na carreira me igualava:
 Tudo leva comfigo a longa idade,
 Té o animo, que os membros governava,
 Na pezada velhice á triste vida
 He de seu proprio dono aborrecida.

XLVIII.

De Gorgoris Adrasto era inimigo,
 Porque infestado já da guerra dura
 D'elRey Licinio fora em tempo antigo,
 Que hum mortal odio eternamente dura:
 Promettelhe ajudallo como amigo,
 E sobre esta palavra, e fé segura
 Thefouro, armas, e gente lhe offerece,
 Que Ulysses cortezmente lhe agradece.

XLIX.

Filarco está presente, a que o facundo
 Ulysses persuade a dura guerra,
 Que elle com gosto aceita, e do profundo
 Odio instigado, que no peito encerra:
 Não temais, lhe dizia, a todo o mundo,
 Que ainda que se ajunte o Ceo, e a terra,
 Só esta basta, e hum pouco a cor mudada,
 Leva até o méyo a generosa espada.

Em

LIX

Em aneis de ouro todo lhe enredava,
 Collo, e hombros, o lucido cabello,
 Do rosto a magestade acompanhava,
 Que entre suas ondas era inda mais bello:
 De minio a cor as faces lhe adornava,
 Naõ podendo a inveja reprehello,
 Que parecia a cor assim abrazada
 Huma rosa nas faces desfolhada.

LIX

Qual o catulo novo, que se via
 Da teta da leoa descontente,
 Da gruta escura sahe, aonde se cria;
 Que de animoso deixa impaciente:
 As unhas prova, que na pedra afia,
 Armada a boca já de fero dente,
 Sobe ao monte com a vista em fogo aceza,
 Solicitando a fugitiva preza.

LII

Affim Filarco a Ulysses se offerece,
 De fortes armas vindo ao campo armado;
 Gorgoris entre tanto resplandece
 Dos esquadroens guerreiros rodeado:
 Sobre hum carro voando, que parece
 Deixar na area apenas estampado
 Sinal da roda, vay com grave assombro
 Huma lança brandindo sobre o hombro.

LIII.

Já o rouco clangor da horrenda , e brava
 Tuba nos leves ares se estendia,
 Que topando nos montes se quebrava,
 Onde a guerra em mil bocas repetia :
 Guerra nos montes , guerra no ar soava,
 Em seus quicios gemendo Jano abria
 A ferrea porta , onde a paz encerra
 O estupendo furor da dura guerra.

LIV.

Entre a nuvem do pó , que que levantada
 No ar Leostenes vio , que o faz escuro,
 Se via scintillar a gente armada
 Nas lanças , e nos peitos de aço puro :
 Armas , armas gritava , hum leva a espada ;
 Outro á porta descia , e sobe ao muro ,
 Todos a hum tempo se armaõ , e desenrolaõ
 As bandeiras marciaes , que no ar tremolaõ.

LV.

De fóra ao muro escadas se applicavaõ,
 Que os de dentro com furia rebatiaõ ,
 Lanças no ar voando se topavaõ ,
 Huns dardos do alto descem , outros subiaõ :
 As portas já com maquinas tentavaõ ,
 Que os cercados com outras defendiaõ :
 Fulgurando nas armas vem diante
 Lanoso , que era em membros hum gigante.

LVI.

De armas luzentes vem vestido, e dellas
 Os rayos scintillavaõ o ar enchendo
 Das laminas, que verdes, e amarellas
 Humas vaõ sobre as outras succedendo,
 E nas armas ferindo, as escarsellas
 Ruido excitaõ, quando as vay movendo,
 E o grave peso seu naõ o embaraça
 Para esgrimir a carregada maça.

LVII.

Traz Gorgoris consigo a Valinferno
 Graõ Capitaõ de muita gente armada,
 Que tem o famosissimo governo
 Da Cidade por Hercules fundada :
 Onde o Mondego com licor eterno
 Os fortes muros beija, e a dourada
 Margem regando com saudosa vea,
 Cerca de crystal puro ilhas de area.

LVIII.

E de aço na fortissima corrente
 Traz duras feras, com que pelejava,
 Hum Lybico leaõ, huma serpente,
 Bravo, e fero o leaõ, a serpe brava :
 Entre as valentes feras mais valente,
 Que quem da garra, e boca lhe escapava,
 Se na massa (que he hum pinho inteiro) toca,
 Tem mór perigo, que na garra, e boca.

LIX.

Lanoso alli se achava, a voz erguia
 Contra os do muro: O' Gregos atrevidos,
 Lhe diz, onde guardais essa ousadia,
 Como imbelle rebanho recolhidos:
 Mas antes que no mar se esconda o dia
 Entrados vos vereis, e destruidos,
 Em que a Jupiter peze, e com voz alta
 Arriba, diz, e o forte muro assalta.

LX.

Ouve-se o grito universal, que davaõ
 As esquadras, que ao muro levantado
 Chegandose, as escadas applicavaõ,
 Que tem por varias partes oppugnado:
 Creonte, a quem as armas naõ pezavaõ,
 No perigo mayor mais alentado,
 O muro, e baluartes visitava,
 Tudo em ordem dispoem, tudo animava.

LXI.

D'entre as ameas altas embebiaõ
 Co' braço duro as luas encurvadas,
 Com que tapando, o Sol o ar cobriaõ
 Nuvens de settas de veneno armadas:
 A muitos, que estaõ longe o peito abriaõ,
 Atravessando as pennas apressadas
 O ar futil, e o corpo mais armado
 Deixaõ de ardente purpura banhado.

LXII.

Quer Lanoso valente entrar o muro,
 E na escada, que arrima, está subido,
 Graves golpes soffrendo, o braço duro
 Ao muro estende de armas guarnecido:
 Qual costuma descer do seyo escuro
 O granizo da nuvem sacudido,
 Tal a chuva das pedras, que cahjaõ,
 Nas armas, e no escudo a rebatiaõ.

LXIII.

Elle co' escudo o corpo vay cobrindo,
 Que cravado de settas embracava,
 De huns os golpes recebe, outros ferindo,
 Qual torre as mesmas torres igualava:
 Subindo Alcino, e Alastor subindo,
 A ambos a inveja a vida lhe tustava,
 Que a brava espada alli Creonte esgrime,
 Com q' do muro a hum deita, ao outro opprime.

LXIV.

Hum cahe ferido, logo o outro morre,
 Porém o valentissimo Lanoso
 Entre as âmeas da soberba torre
 Bravo acomete o passo perigoso:
 A defenderlhe a entrada Sergio corre,
 Vendo inimigo taõ forte, e poderoso,
 Que já parece de ferido, e exangue
 Huma peña de ferro em mar de sangue.

De.

LXV.

Depois que sobre o muro foy rompendo
 Pelas armas, e tiros atrevido,
 Muitas feridas dando, e recebendo,
 De espadas, e de lanças opprimido,
 Grande espaço resiste, e não podendo
 Durar já de acossado, e de ferido,
 Da parte, donde o muro he menos alto,
 Té o fosso mede em perigoso salto.

LXVI.

Grande rumor as armas excitaraõ
 Co' grave golpe do feroz Lanoso,
 E sobre a terra as veas derramaraõ
 Do negro fangue hum rio caudaloso:
 Até que os seus nos braços o tiraraõ
 Do conflito da guerra perigoso,
 Quando desamparado quasi teve
 Ao carregado tronco a vida leve.

LXVII.

Depois de na batalha sanguinosa
 Com mil combates asperos, e duros
 Ter Gorgoris passado a trabalhosa
 Tarde, batendo os levantados muros:
 Vendo gastado o Sol, e que a formosa
 Luz molhava no mar seus rayos puros,
 Para ir queimar as naos se aparelhava,
 Que á terra a tenaz ancora ligava.

Com

LXVIII.

Com sua sombra a noite carregada
 A toda a pressa atraz da luz corria,
 E sobre os horizontes dilatada
 Encobre os rayos do formoso dia:
 Já de luzentes féras rodeada
 A Caçadora lucida seguia
 Co' Syrio caõ na clara noite estiva
 A urfa torpe, a lebre fugitiva.

LXIX.

Passando atravessava n'hum formoso
 Ruço, que negro o cabo, e crinas tinha,
 Que os fortes braços levantando airoso
 Té os largos peitos pelos ares vinha:
 Chea de prata a boca do espumoso
 Freyo, taõ agil, taõ veloz caminha,
 Que apenas final deixa, donde punha
 As meyas luas da ferrada unha.

LXX.

Por entre a sombra as teyas levantando
 Ao mar Gorgoris corre ousadamente,
 Que á vista dos cercados caminhando
 Do Tejo busca a rápida corrente:
 De Baccho as negras furias imitando,
 Vencia a noite escura a faxa ardente,
 Ficaõ da luz dos pinhos abrazados
 De densa nuvem os ares coroados,

LXXI.

Dormindo sobre as ancoras estavaõ
 As naos, quando do fogo a teya ardendo,
 De fóra as maõs imigas applicavaõ,
 As enxarcias, as proas, o ar lambendo:
 Creonte, a quem os olhos se arrazavaõ,
 A Jupiter Tonante a voz erguendo:
 Move, dizia, ó soberano Jove
 Tuas fortes armas, se esta voz te move.

LXXII.

Defende, graõ Senhor, a Grega Armada,
 Que foy por ti mil vezes defendida,
 Que a Scilla, e a Carybdes indomada
 Venceo, e de Euro a furia embravecida:
 De rayos mostra a maõ divina armada,
 Que he no inferno, na terra, e Ceo temida,
 Com pressa acode, pois a causa he tua,
 Antes que a Armada Gorgoris destrua.

LXXIII.

Ao grande estrondo logo o Tejo undoso
 Fóra das ondas a cabeça lança,
 Vê Gorgoris com flammis victorioso,
 Que por queimar a Armada não descança:
 Derrama da urna de ouro o seu copioso
 Crystal, com que a corrente pura, e mança
 Altera grandemente, e com mór brio
 Já suas margens excedia o rio.

LXXIV.

Vay as furiosas ondas levantando,
 Entumecendo ferras de agua erguia,
 Hum monte n'outro monte encapellando,
 As fauces do ceruleo abyflo abria:
 Contra o bravo inimigo pelejando,
 As espadanás, de que se cingia,
 Como espadas oppunha oufadamente,
 Fiel amigo a feu amigo ausente.

LXXV.

Convoca os grossos ares, n'hum momento
 Se vem os horizontes abafados
 Das nuvens, que trazia o fero vento,
 Dos Hyperborios frios congelados:
 Corre a huma parte, e a outra o Ceo violento
 Com mil chuveiros negros, e pezados,
 Tudo era grave horror, e representa
 Irse armando no ar grande tormenta.

LXXVI.

A agua o ar açouta congelada,
 Que no rosto os feria gravemente,
 Causando a tempestade inopinada
 Medo fatal na Lusitana gente:
 Fugia a multidão desenfreada,
 Huñs a outros matando insanamente,
 Rios de agua, e de sangue misturavaõ
 Os que a todo o correr as costas dayavaõ.

LXXVII.

Cahindo rayos, o ar, e o Tejo ardendo,
 O Tejo o Ceo nos rayos imitava,
 A mesma natureza parecendo,
 Que armando os elementos pelejava,
 Tempestade de fogo, e de agua erguendo,
 E quem fugia d'hum, n'outro topava,
 Subindo ao Ceo as ondas, e sobre ellas
 Cahem diluvios de rayos das estreillas.

LXXVIII.

Vemse de seus amigos offendidos,
 Crendo, que os inimigos tem ao lado,
 A agua o sangue iguala dos feridos,
 Que a propria cor ás ondas tem mudado:
 Quem foge ao ferro, cahe nos encendidos
 Fogos: quem delles foge, no enrolado
 Pégo se abraza, onde perece logo;
 Que hũ arde em agua, outro se afoga em fogo.

LXXIX.

Alli huns sobre os outros pereceraõ,
 Abrindose caminhos com as espadas,
 Outros nas ondas tumidas verteraõ
 Doces vidas, bebendo aguas salgadas:
 Das bandeiras, e insignias, que perderaõ,
 Se vem do Tejo as ondas semeadas,
 Trofeos de seu furor, que com graõ festa
 Ergue nos cornos da cerulea testa.

LXXX.

Gorgoris affrontado, e já rendido,
 Porque o rio o persegue, o Ceo, e o vento,
 Oppoem ao Ceo as armas atrevido:
 Infana dor, infano atrevimento:
 Mil vezes affogado, e mil perdido
 Com viva alteraçã do pensamento
 Esperava do Sol os rayos puros
 Para tentar de novo os novos muros.

LXXXI.

Quando outra vez a Aurora o seu thesouro
 Descobre em luz banhado no Oriente,
 E imitando ao seu cabello louro,
 O mar se empola em ondas juntamente:
 Pizando estrellas com cothurnos de ouro,
 As flores poem na testa preeminente,
 Lançando aljofar das mimosas fraldas,
 Sobre os campos de verdes etmeraldas.

LXXXII.

Sahe Gorgoris mais bravo, os seus anima,
 Sobre o carro a lança no ar brandindo,
 Aos do muro arremeça, onde os de cima
 Vaõ chuveiros de settas despedindo:
 Graves escadas para o muro arrima,
 E por ellas hum tempo está subindo,
 Sobre a cabeça o escudo, e afferrada
 Na alta escada huma maõ, outra na espada.
 Com

LXXXIII.

Com elle Arga , e Gerés , varoens temidos ,
 Entre as ameas poem duras escadas ,
 Das armas inimigas opprimidos ,
 E as que vestem dos golpes aboladas :
 De disformes encontros sahem feridos ,
 Apertadas nos punhos as espadas ,
 Onde cahindo cada qual media
 O espaço , que do alto ao fosso havia.

LXXXIV.

Naõ montava a Agenor dobrado peito ,
 Nem elmo forte a Menesteo valente ,
 Nem o escudo de sete dobras feito
 A Licon , que na espalda a morte sente ,
 A hum Gorgoris co' a ponta abria o peito ,
 Na testa d'outro tinge o ferro ardente :
 Naõ se acha quem a oppor-se se lhe atreva ,
 A Pico a perna , a Sylvio o braço leva.

LXXXV.

Moço era Sylvio , o gesto descobrindo ,
 Era no braço forte , em rosto bello ,
 Invejaraõlhe a cor cisnes do Pindo ,
 E o mesmo Apollo o ouro do cabello :
 Que igual outro naõ vio de Atlante ao Indo
 O abrazado senhor da antiga Delo ,
 E da cerulea até a vermelha Thetis ,
 Do Tejo a Tanais , e do Gange a Betis.

LXXXVI.

Aos seus, dizia Gorgoris, oufados
 Capitaens: Não soffrais, que nesses muros
 Fiquem Gregos logrando os desejados
 Campos do ameno Tejo em paz seguros:
 Todo o caminho he facil a esforçados,
 Brandos acha o valor os passos duros,
 Seguime; e por seguillo os seus correndo
 Hum tecto no ar de escudos vaõ tecendo.

LXXXVII.

Cubertos chegaõ dos escudos fortes,
 Sobre elles deice a tempestade fera
 Das pedras, donde voaõ tantas mortes,
 Qual se cahiraõ da mayor esfera:
 Pezos disformes cahem de varias fortes,
 Que hum monte cada qual fundir podéra,
 Arrojaõ grandes lanças, seguem logo
 Graves teyas de pez ardendo em fogo.

LXXXVIII.

Trazem os Lusitanos levantada
 Huma disforme trave de grossura
 Excessiva, que a testa tem cravada
 Do ariete mortal, pezada, e dura:
 Nas rodas velocissimas tirada
 Na ferrea porta bate mal segura,
 E a seus soberbos golpes vacillando
 A porta geme, o muro está nutando.

Não

LXXXIX.

Naõ basta o marmor solido, e constante
 A resistir a força, que trazia,
 Que os quicios de metal firme, e possante
 Rebentaõ, com que a porta se rompia:
 Nenhum grande reparo era bastante;
 Quando a testa cruel nelle feria,
 Acomete o inimigo a aberta entrada,
 E acha de gente a viva porta armada.

XC.

Alli a espada forte revolvendo
 Leostenes, o inimigo ousado offende,
 Duras malhas abrindo, e desfazendo,
 Braços, escudos, e cabeças fende:
 De mortos sobre a porta hum monte erguendo,
 Já com elle dos vivos se defende,
 E tal estrago faz, que entrar a porta
 A' gente viva impede a gente morta.

XCI.

Instaõ os inimigos, este atira
 O forte dardo, aquelle da encurvada
 Lua a corda facode, porque o fira,
 Outro no ar levanta a larga espada:
 Elle a todos responde em fogo, e ira,
 Naõ recebe ferida mal vingada,
 Nobres saõ todas, e das suas feridas
 Sahiraõ pelas costas muitas vidas.

Aqui

XCII.

Aqui o soberbo Fulvio, que presente
 Se acha, o escudo abraça, e do luzido
 Ferro, qual d'hum espelho transparente,
 Cercado move os passos atrevido:
 Contra todos aperta a espada ardente,
 E no famoso escudo recolhido,
 Bramindo se arremessa, que podera
 Tremer delle Mavorte, e a quinta esfera.

XCIII.

Naõ freme assim do caçador Rifeo
 Barbara tigre, que da setta dura
 Leva as pennas no lado, quando veo
 Beber na calma ardente á fonte pura:
 Nem com tanto furor o mar Egeo
 Com as forças de Austro em tempestade escura
 Ergue as tumidas ondas, com que aspira
 Bater do Olympo os muros de çafira.

XCIV.

Tem negra cor, cabello retorcido;
 Fundidos olhos, testa abbreviada,
 E do beijo o bigode sahe comprido,
 No largo queixo a barba tosquizada,
 Grosso, e rombo o nariz, e denegrado,
 De sulcos profundissimos lavrada
 A triste face, e de verrugas chea,
 Que a menor fealdade era ser fea.

XCIV.

Já deita sangue mais que de huma fonte,
 Já a mão não rege a espada, e sempre esteve
 Sem perder a braveza, que defronte
 Com quantos se lhe oppoem bravo se atreve:
 Contra todos levanta a altiva fronte,
 Faz tudo quanto a valeroso deve,
 E quando vê de todo que desmaya,
 Escolhe hum, a que mate, e com que caya.

XCVI.

Cahe sem alento, e tendo vomitado
 A alma, e sangue, nelle o corpo vira,
 Dando o peito ferido hum apressado
 Anhelar congoxoso, com que espira:
 Ainda o escudo assim tinha abraçado,
 E a espada no pulso, e quem o vira,
 Cuidara, que era vivo, e está de modo
 Que era huma só ferida o corpo todo.

XCVII.

Em quanto nestas provas vão passando,
 E a porfia da guerra se dilata,
 O Sol seu carro ás ondas inclinando,
 Torna as agua do Tejo em pura prata:
 Sua corrente Ulysses vem cortando,
 Que mais veloz, e alegre se desata,
 Com socorro, que traz, e o pezo grave
 A's espaldas do Tejo era suave.

CXVIII.

Os cercados daõ vozes de alegria,
 Tocaõse as roucas tubas, que soavaõ,
 De mil gritos hum grito o Ceo feria,
 Volteando as bandeiras tremolavaõ:
 Ulysses, que do Tejo os muros via,
 Que as armas inimigas affombravaõ,
 A proa á terra inclina, que deseja
 Meterse na Cidade, e na peleja.

XCIX.

Porém Gorgoris n'alma a pena sente
 De ver taõ graõ soccorro, e as vivas cores
 Das flamulas, que cobrem a corrente,
 E acendem no ar altivos resplandores:
 Deixa o combate, e corre diligente
 A' praya, onde esperava os vencedores
 Ferros tingir, se ao Tejo entaõ fizesse
 Que em lugar de crystal sangue corresse.

C.

Alli ligeiro voa, alli corriaõ
 Os que seguindo o vaõ, e sobre as manças
 Ondas do Tejo a terra huns pertendiaõ,
 Que outros defendem com soberbas lanças:
 Botes soaõ, espadas retiniaõ,
 E da Cidade as novas esperanças
 Huns procuraõ cortar, outros por ella
 Perdem a vida, e querem defendella.

Sobre

CI.

Sobre hum dourado bargantim Phylarcc
 O socegado rio vem cortando,
 Mil vezes dobra, e mil foltava o arco,
 Donde as aladas settas sahem voando:
 Na terra pega a proa o leve barco,
 Donde n'hum salto desce, e alli abraçando
 O forte escudo, a grave espada afferra,
 Arde em furor, c'os inimigos ferra.

CII.

Em roda a espada vibra generosa,
 Que iguala a de Orion, quando subindo
 No ar por entre a noite tenebrosa,
 As nuvens' prenhes de agua vay ferindo:
 Quando com luz infauſta, e temerosa,
 Com rayos sahe a escuridade abrindo,
 E ajudado das turbidas procellas
 A ferro poem exercitos de estrellas.

CIII.

Do bargantim por hum, por outro lado
 Todos com as maõs nas armas se arrojavaõ,
 Huns graõ parte do Tejo tem gostado,
 E os corpos nos escudos sustentavaõ:
 Este, que toma fundo, passa armado,
 E outros, que ainda fundo naõ achavaõ,
 Nadaõ até que a planta a praya toca,
 Outro á terra co' a espada sahe na boca.

CIV.

Gorgoris pela praya discorria,
 E os seus com grandes vozes animava;
 Vendo, que ao Occidente inclina o dia,
 E a gente a seu pezar desembarcava:
 A Sergio, que do barco á praya via
 Sahir, co' ferro nu se arremessava,
 Moço galhardo, a quem a guerra engana;
 Grande senhor da ferra Mariana.

CV.

A primeira lanugem ao moço louro
 A face apenas veste, e tremolando
 Em suaves anneis o futil ouro
 Decoramente o rosto vay cercando:
 Em sete partes o dobrado couro
 Do escudo abria o ferro penetrando,
 Na espalda mostra a ponta ensanguentada,
 E nos peitos co' punho bate a espada.

CVI.

Os que a seu Rey no barco acompanhavaõ,
 Todos a soccorrello concorreraõ,
 E como a hum lado todos carregavaõ,
 Grande parte do Tejo recolheraõ:
 Huns debaixo dos outros se affogavaõ,
 Outros lançando as ondas, que beberaõ,
 A' terra sahem, e quando á praya chegaõ,
 A vida na inimiga espada entregaõ.

Ulysses

CVII.

Ulyfles entre tanto tem vestido
 As fortes armas, e do barco deçe,
 Reſplandecendo armado, e taõ temido,
 Que o inimigo de vello fõ estremece:
 A Telefo até o pomo vê escondido
 O eſtoque, e com ſeu ſangue o Tejo crece,
 Que ſobre as ondas cahe morto, e exangue,
 E as aguas, que bebera, paga em ſangue.

CVIII.

Ouve Creonte o eſtrondo, e do que ouvira
 Mayor aquella affronta imaginava,
 E nos cerrados muros naõ cabia,
 Porque alli pelejando naõ ſe achava:
 Sahe da Cidade, o imigo acometia
 Por hum lado, a quem tanto perturbava;
 Que eſtá aſlombado, mas conſtante, e quedo,
 Como quem nunca vira o roſto ao medo.

CIX.

Co' a preſſa, e grave horror, q̃ a noite augmenta,
 Hum foge indo ferido, o outro geme,
 A huns ſegue o inimigo, que aſfugenta,
 Outro ſem o ſeguirem foge, e teme:
 Qual ſobre a rocha, onde o mar rebenta,
 Aos duros golpes o penhaſco treme,
 Gorgoris atalhado, e impedido,
 Se vê d'hum lado, e d'outro combatido.

CX.

Creonte o arco forte sacudindo,
 Com a setta alada os leves ares fende,
 Ao bruto, e fero Capaneo ferindo,
 Que os grandes membros sobre a terra estende:
 Caminho a morte na ferida abrindo,
 Onde a dourada fibula se prende,
 Estava co' tremor da morte horrendo
 O corpo em negro sangue revolvendo.

CXI.

Homem tímido, e vil de nascimento,
 Nobre só pela mãy, que tinha feito
 Provas de graõ traidor, e fraudulento,
 Sendo no rosto hum, outro no peito:
 Cruel, e de alterado pensamento,
 Cabeça ao alto aguda, corpo estreito,
 Affeminada a voz, menos suave,
 Que branda soa, e logo grossa, e grave.

CXII.

A tudo a morte, e grande horror cobriaõ,
 Vêse de corpos todo o campo cheyo,
 Debaixo estaõ feridos, que gemiaõ
 Affogados de sangue seu, e alheyo:
 Confusamente alli se revolviaõ
 Mortos, e vivos neste horrendo, e feyo
 Espectaculo, e quanto alli se achava
 Em desiguaes fortunas se igualava.

Aperta

CXIII.

Aperta o ferro Ulysses, e seguia
 O inimigo, que foge a medrentado,
 Gorgoris por deter os seus porfia,
 Delles temido mal, mal escutado:
 Por entre ferro, e ferro estrada abria,
 Que sempre o medo foy desenfreado,
 Este mais que o inimigo os affugenta,
 Que tudo faz mayor, tudo accrescenta.

CXIV.

Huns sem ordem fugindo, outros instando,
 Donde hum pé se levanta, outro se imprime,
 Vaõ os mortos aos vivos atalhando,
 E o que morto cahio ao vivo opprime:
 A espada, e braço todo Ulysses dando
 A Peneo, (que com graõ destreza esgrime)
 O fez cahir entre mortaes assombros,
 Inclinando a cabeça sobre os hombros.

CXV.

Era formoso ainda enfanguentado,
 Na triste, e maltratada formosura,
 E no pállido rosto, e desmayado
 Mostrava da alma a nobre sepultura:
 Qual branco lirio, que cortou o arado,
 Inclinava a cerviz na terra dura,
 Que a cor, e graça (posto que sem vida)
 Naõ era de seu rosto despedida.

CXVI.

Aos seus Gorgoris diz: Fieis amigos,
 Vós, que os furores sustentar podéstes
 De outros mais fortes, e asperos inimigos,
 Este brio, e valor onde o perdestes?
 Vós, que as mortes tragando, e os perigos
 Em marmores eternos escrevestes
 O nome Lusitano, que hoje dura,
 Quereis fazer tão clara fama escura?

CXVII.

Vay a morte seguindo o que he medroso,
 Sempre o ousado goza alegre forte,
 A gloria está no caso perigoso,
 Nada acha muito o coração, que he forte:
 Entre o furor da guerra temeroso
 Me deixais só, sabey, que honrada morte
 Eternamente dura, e permanece,
 Que quem a morte teme, esse a merece.

CXVIII.

Naõ pára a multidão defenfreada,
 E Gorgoris ousado está diante,
 No coração, nos membros, e na espada
 Temeroso, nas forças arrogante:
 Trazendo-a dos que fogem ensanguentada,
 A que co' ferro, e rigido semblante
 Ameaça, detem, increpa, e chama,
 Sem o freyo os deter da honrosa fama.

CXIX.

Cerrase a noite, e ás cousas vay roubando
 A cor, com que a victoria se atalhava,
 E entre a sombra da noite escura errando,
 Cegas mortes o ferro incerto dava:
 Por ultimo este dia imaginando
 Da guerra, o grande Ulysses pelejava,
 E sem falta aqui fora o fim da guerra,
 Se a sombra não cobrira o ar, e a terra.

CXX.

Foy o fim da batalha o fim do dia,
 E descontente Gorgoris se parte,
 Os successos na mente revolvía
 Do fado iniquo, e do contrario Marte:
 Dos instrumentos bellicos se ouvia
 O som guerreiro n'humas, e n'outra parte,
 Triunfaõ os vencedores, huns curavaõ
 Feridos, e outros mortos sepultavaõ.

CXXI.

Estaõ os verdes campos povoados
 De troncos de homens mortos, e feridos,
 Sobre seu proprio sangue reclinados,
 Pelas roxas areas estendidos:
 Mesas funestas, onde os esfaimados
 Lobos com tristes vozes, e bramidos
 Descem de noite da fragosa serra
 As reliquias gastar da dura guerra.

Davaõ

CXXII.

Davaõ novas do Sol, que já nascera,
 Estendidas as sedas matutinas
 Nas janellas do Ceo, e a quarta esfera
 Corrida tinha as lucidas cortinas:
 A destoucada noite não espera
 O resplendor das luzes peregrinas,
 De altos montes cahindo arrebatada,
 Mede os ares com planta congelada.

CXXIII.

O Grego com Phylarco estava vendo
 Como já ao campo Gorgoris sahia,
 Sobre a cabeça a todos excedendo
 Da Lusitana gente, que o seguia:
 Das tubas se ouve o som de Marte horrendo
 Nos montes, onde o echo o repetia,
 Fere os peitos luzidos, e galhardos
 O Sol metido entre nublados pardos.

CXXIV.

Vinhaõse pondo em ordem de peleja,
 E Ulysses a Phylarco perguntava:
 Quem são os Capitaens; porque deseja
 Saber que gente Gorgoris levava:
 E porque melhor tudo note, e veja,
 D'num lugar eminente os contemplava,
 Elle, que os conhecia, e partes donde
 São naturaes, ao Grego assim responde:

CXXV.

O que diante está grave, e severo,
 Que d'ouro, e verde traz custoso arreo
 Batendo as cilhas do ginete Ibero,
 Que pratea de escuma o aureo freo,
 He Gorgoris na armas Marte fero,
 Que ao lado esquerdo leva o grande Antheo
 De Gerabria senhor, cuja armadura
 He de hum dragaõ a pelle forte, e dura.

CXXVI.

Esta herdou de Tyfeo, que de materno
 Sangue tem por avô, quando os gigantes
 Pertendendo escalar o Ceo superno,
 Poem sobre montes montes arrogantes:
 Onde a Lua, e o Sol, que desse eterno
 Globo saõ puras almas rutilantes,
 Do medo de seus braços perturbados
 Perderãõ curso, e luz, como infiadados

CXXVII.

De espessa barba, hirsuta, negra, e feya
 Tem o rosto té o olhos povoado,
 A testa estreita, de cabellos cheya,
 E dos olhos o lume atraveslado,
 De monstruoso corpo, a quem affeya
 O ventre prodigioso, e carregado,
 A todos no valor vencer deseja,
 Que em fogos arde de gloriosa inveja.

CXXVIII.

O outro, que atraz delle vay brandindo
 A grossa lança, he Mincio valeroso,
 Senhor do grande Arcio, que encobrando
 Nas armas vay o coração fogoso:
 Este no monte hum javali bramindo
 Tomou nos duros braços, e o formoso
 Sol fez olhar a desmedida fera,
 Que nunca a ver o Sol a testa erguera.

CXXIX.

De huma panthera a pelle traz famosa,
 Da qual os peitos arma, e traz luzida
 Celada, de que a boca portentosa
 Campea de alvos dentes guarneçada:
 E huma, e outra orelha prodigiosa
 Como pluma no ar se vê subida,
 Hum arco de elefante traz brunido,
 Esforçado nas armas, e temido.

CXXX.

Aquelloutro, que vês bravo, e seguro
 Atravessar no carro refulgente,
 Açoutando co' a pluma azul o puro
 Ar, que a vay meneando brandamente,
 He Celio, a que obedece o forte muro
 De Nabancia, nas forças excellente,
 Galhardo, e aprazível, que por arte
 Adonis he na paz, na guerra Marte.

CXXXI.

O da casaca azul he o poderoso
 Polimio, que traz gente costumada
 A' dura guerra lá do Minio undoso,
 De grossas lanças fortemente armada:
 O do bastaõ he Alcino, do nervoso
 Arco tirando a dura setta hervada,
 De Pineto senhor, que traz a gente,
 Que ao Limia bebe a liquida corrente.

CXXXII.

Este na affronta ardendo em fogo, e ira
 He prodigio fatal da natureza,
 Quando a espada pezada em roda gira,
 No corpo monstruoso, e na fereza:
 Saõ fogo os olhos, fumo o que respira,
 Parece a espada, em puro fogo aceza,
 Hum açoute do Ceo, na agilidade
 Rio inundante, ou fera tempestade.

CXXXIII.

O que vês de armas verdes, he Leutaro
 Capitaõ mui valente, dos amenos
 Campos do Rio Nebis fresco, e claro
 Conduz os Numitanos, e Lubenos:
 E o morador do promontorio avaro,
 Que junto ao fresco Avô os verdes fenos
 Co' gado pasce na viçosa terra,
 Gente robusta para a dura guerra.

He

CXXXIV.

He velho, e coração tem bellicoso,
 Que trabalho já mais póde vencello,
 He delgado nos membros, mas nervoso,
 E mal lhe veste a face o raro pello:
 A calva de ornamento mentiroso
 Cobre adoptiva rede de cabello,
 Fingindo idade verde na madura
 Por beneficio da arte, e da pintura.

CXXXV.

O que o neto da escuma debuxado
 Traz no escudo fatal, com que se arrea,
 He dos soldados Glauco acompanhado,
 Que o Dorio velocissimo rodea:
 O que das feras vês estar cercado
 He Valinferno, a quem a pura vea
 Do Mondego obedece, e o jugo sente
 De Rusticana, e Araduea á gente.

CXXXVI.

Este, e Bolaõ por armas conquistaraõ
 As largas prayas do Mondego frio,
 E da Herculea Cidade, que ganharaõ,
 Valinferno escolheu o senhorio:
 A Bolaõ só os campos lhe ficaraõ,
 Que inunda o fresco, e caudaloso rio,
 Temidos qual no Olimpo consagrado
 Temem as estrellas a Orion armado.

O que

CXXXVII.

O que na famosissima quadriga
 Traz de ouro o elmo erguido na vizeira,
 Cujos cavallo fez o destro auriga
 Romper o campo com veloz carreira,
 He Clyto, de alta fama, e casa antiga,
 Que nos montes da Lua a derradeira
 Terra do mundo occupa, este nos braços
 Toma hum leão, que rasga em mil pedaços.

CXXXVIII.

He forte, e corpulento grande, e grosso,
 De membros, e estatura gigantea,
 Huma torre animada, hum graõ colosso,
 Que tudo o que tem perto senhorea:
 No fresco Abril dos verdes annos moço,
 E na testa estupenda lhe campea
 A coroa da planta illustre, e verde,
 Que nem os rayos teme, ou folhas perde.

CXXXIX.

Vês aquelle, que a massa irado esgrime,
 He Geres, junto delle os passos Arga
 Move, a que a dura massa pouco opprime,
 Que a taõ robusto braço he leve carga:
 He sua fama, e seu valor sublime,
 Que junto de Aqua Flavia a grande, e larga
 Montanha occupa, donde bem podera
 Temello por mais fero qualquer fera.

CXL.

De pastores á funda costumados
 Traz grande copia, com lustroso alardo
 Guiando os robustissimos soldados,
 Hum, e outro sahio bravo, e galhardo:
 Os peitos dos despojos só guardados,
 De hum leaõ, e nas mãos hum forte dardo,
 A coxa, e hombro a nobre espada aggrava,
 E de pelle de tigre a forte aljava.

CXLI.

Geres de idade, e de vigor robusto,
 Nas armas, e trabalho calejado,
 Estatura cõmum, de rosto augusto,
 De coração audaz, nunca domado,
 Da cor do rosto juvenil adusto,
 Quadrado corpo, peito relevado,
 Que não se póde achar homem mais duro
 Da plaga Austral ao congelado Arcturo.

CXLII.

O que solta no ar a pluma leve,
 He o bravo Alcides, cuja força espanta
 Quando a espada, que cinge ao lado breve,
 Os duros elmos abre, a malha, ou anta:
 Huma serpe feroz no berço teve
 Preza com a lactea mão pela garganta,
 E pela semelhança destas lides
 Com razaõ lhe ficou nome de Alcides.

CXLIII.

De Araudes he senhor, e juntamente
 De Capiana as armas traz comigo,
 E do Barbario promontorio a gente,
 Dura para soffrer qualquer perigo:
 Os que habitaõ de Scalibis a corrente,
 Os de Evandria, e Ebura, que ao imigo,
 Qual forte Partho, tiraõ da dobrada
 Frecha fugindo a setta acelerada.

CXLIV.

Traz grande cabelleira, e de ambar chea,
 De aureos aneis todo o cabelo feito,
 De fuzis grossos barbara cadea,
 Que do hombro lhe atravessa o largo peito:
 As orelhas de perolas arrea,
 Move a terror no carregado aspeito,
 Veste luzentes armas, que se preza
 De se armar como de armas de fereza.

CXLV.

Traz gente á dura guerra costumada,
 Que o Sol naõ vio melhor desde o Oriente
 Em quantos cingem generosa espada
 Até o Tauro Scytico eminente:
 Nenhum risco, ou fadiga prolongada
 Recusou nunca a bellicosa gente,
 Todo o duro trabalho estima leve,
 Suores beber sabe, e pizar neve.

Quem

CXLVI.

Quem he aquelle, o Grego perguntava,
 Que o dragaõ pinta no soberbo escudo?
 Acrisio he, Phylarco lhe tornava,
 De corpo giganteo, alto, e membrudo:
 De Lacobriga traz os que na aljava
 Escondem a dura setta, e o dardo agudo
 Vibraõ, traz delle vay Alcimidonte
 Co' a gente, que creou o Herminio monte.

CXLVII.

He, inda que pequeno na postura,
 Arrogante, e nos feitos valeroso,
 Que desmente com as obras a estatura
 No animo valente, e generoso:
 De oslos dobrado, e feya catadura,
 De grandes forças, bravo, e temeroso,
 Nos annos moço, e na ferocidade
 Vence com forte coraçã a idade.

CXLVIII.

Estes, que o seguem, todos de dobrados
 Corpos, a quem temer Marte podera,
 Usaõ na guerra duros paos tostados,
 E as pelles de hum leaõ, ou de panthera:
 Rompem do urso c'os bastões pezados
 No corpo os oslos, e na testa fera,
 Se a caso salteou com força iniqua
 Das abelhas no monte a casa rica.

CXLIX.

Movido de alta inveja o valeroso
 Ulyfles fahe, e em vello o campo treme,
 Da Cidade abre a porta, onde o lustroso
 Metal soa c'o grave pezo, e geme :
 Elle num carro fervido, e famoso
 Com a lança ao hombro, que o inimigo teme,
 Phylarco o acompanha, e juntamente
 A Grega toda, e Lusitana gente.

CL.

N'hum mellado, que de ouro a cor vencia,
 E c'o peito as cadeiras igualava,
 Que airofamente ao passear partia,
 E té ás cilhas os braços levantava :
 A que huma sylva a testa dividia,
 E com mais graça a altiva fronte ornavava,
 Negros a cólla, crines, e topete,
 Trovaõ nos pés, e rayo se arremete.

CLI.

A cabeça Phylarco illustre arrea
 De elmo, que opprime o seu cabello louro,
 Traz no escudo huma serpe horrida, e fea,
 Que nas unhas aperta huma aguia d'ouro :
 Com a gente de Tubuci, e nobre Amea,
 E os de Colipo, que de hum grande touro
 Cingem a pelle, em cujas fundas soaõ
 Pedras, a que daõ azas, com que voaõ.

CLII.

Traz no elmo outra ferpe portentosa ;
 Que as negras azas pelo ar desprega,
 Que a cólla fera enrosca , a venenosa
 Vista , quando sibila , os olhos cega :
 Juntas move tres linguas taõ furiosa,
 Que espanto causa , a quem a vela chega,
 No fero aspeito , e movimento vago
 Mostra ser obra de hum insigne Mago.

CLIII.

Sahe Lisio, que de Jupiter se preza
 Ser claro , e conhecido descendente,
 Da Ninfa Doto , cuja graõ belleza
 Desceo do Olympo a Jupiter potente :
 Entre a gente que o segue Portugueza
 Conduz os que de Cuda a graõ corrente
 Habitaõ , e a provincia Transcudana ,
 E os que descem da ferra Mariana.

CLIV.

Robustos membros tem, no corpulento
 Tronco grande cabeça , a planta breve,
 Da vista hum rayo sahe duro , e violento,
 Qual á sua ira, e seu furor se deve :
 Representa no fero movimento
 A'quilo, quando levantar se atreve
 As ondas , com que pratear costuma
 De Atlante os pés com Africana escuma.

Sahe

CLV.

Sahe Tereo com bandeira, que partida
 De ouro leva hum leão de vista fera,
 Que movida do vento, com subida
 Garra acomete o Sol na propria esfera:
 Elle empunha huma lança desmedida,
 Que hum tronco de huma faya inteiro era,
 O ar na luz das armas se inflâmava,
 Onde o Sol, quando as fere, scintillava,

CLVI.

De Merobriga a forte gente guia,
 Que lanças usão largas, e possantes,
 E do grande Maronio, a quem seguia
 Tamaca com suas aguas abundantes:
 No escudo hum grande monte poem, que ardia,
 Botando fóra as chammas crepitantes,
 A que hum rayo feria, os passos move,
 Marte no resplandor, nos rayos Jove.

CLVII.

De armas negras vestido o graõ Broteo
 Dos montes traz consigo a dura gente,
 De grande corpo, monstruoso, e feo,
 De carregada celha, e vista ardente:
 De disformes sinaes o rosto cheo,
 Sinaes certos no rosto de hum valente,
 Temeroso na voz, hirsuto pello,
 Negras, e largas sedas por cabello.

CLVIII.

Ferrea tem a alma, a natural fereza
 Traz de aço puro, e forte guarnecida,
 Com gente, de que fica na aspereza
 Igualada á dos montes, e vencida:
 Estes, como salvagens na bruteza,
 Cada qual huma pelle traz vestida,
 Bastoens bastantes a fazer pedaços
 Hum monte, o pé descalço, e nus os braços.

CLIX.

No campo Ulysses valeroso entrava,
 Formando o esquadrão bravo, e lustroso,
 A Phylarco fortissimo entregava
 Da vanguarda o governo perigoso:
 Dous mil homens de guerra alli plantava
 Escolhidos, Phylarco taõ brioso
 Está, que o mundo acometer podera
 Com a frente do esquadrão soberba, e fera.

CLX.

Logo tres mil o seguem bem armados
 De duras lanças, que Tareo galhardo
 Conduz com mil, que feros paos tostados
 Usaõ por lança, e por agudo dardo:
 Mil com fundas, que aos ventos apressados
 Podem fazer o movimento tardo,
 E no meyo as bandeiras vaõ guardadas
 De mil escudos, e outras mil espadas.

Com

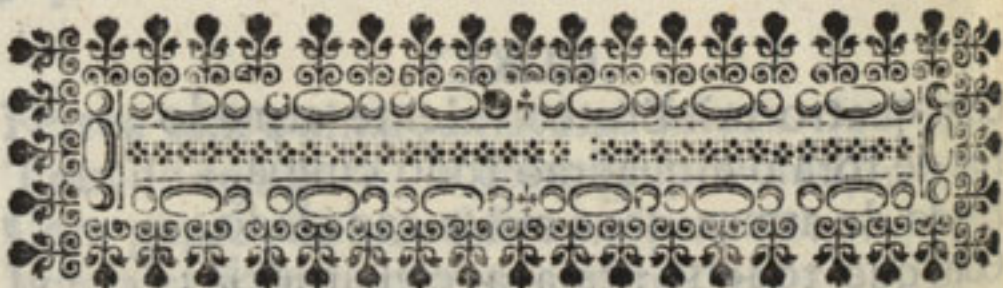
CLXI.

Com quatro mil Broteo valente armado
 Por de fóra o esquadraõ todo cingia,
 Pondo de armas dous mil a cada lado,
 Com que todo se armava, e guarnecia:
 A maõ dextra a Creonte, ao estremo
 Leostenes a opposta obedecia;
 E Ulysses sobre o carro rutilante
 A tudo assiste, a todos vay diante.

CLXII.

Já neste tempo o Sol, que ao mar guiava
 O seu carro de fogo aos horizontes
 De varios arrebois de luz bordava,
 E a noite desce dos ceruleos montes:
 Já o silencio as armas occupava,
 E já do sono as opprimidas frontes
 Na dura terra inclinaõ onde os soldados
 Passaõ em vinho, e sono sepultados.





ARGUMENTO

DO NONO CANTO.

*A O campo sabe armado o bellicoso
 Gorgoris, a quem segue a Lusa gente,
 Rios de sangue fervido, e espumoso
 De frios peitos tira a espada ardente:
 Vendo Ulysses o imigo victorioso,
 Nos muros se recolhe, e juntamente
 Gorgoris quer entrar, a gente crece,
 Com que a guerra nas portas se embravece.*

I.



*A' dos Eos fins a luz suave
 Encuberta, seguindo seu costume,
 Misturandose vay cõ a sombra grave,
 Não vence o lume a sombra, ou sombra o lume;
 Não tem inda voltado a Aurora a chave,
 Mas por detraz do mais remoto cume
 Com a manhã dourada a noite fria
 As ultimas reliquias confundia,*

Logo

II.

Logo os cavallos lucidos bufando
 Sahem das portas do Ceo, e o puro alento
 Em suave rocio transformando,
 Ferem com a luz o ar, com a planta o vento:
 Ao graõ senhor de Delo vem tirando
 No seu carro veloz com passo lento,
 Mostrando sobre as nuvens prateadas
 Do fogo ardente as crines eriçadas.

III.

Já se hia descobrindo o não maduro
 Parto do novo Sol, que vem nascendo,
 Os campos já rompia arado duro,
 Os sulcos com trabalho enriquecendo:
 Dourado estava o horizonte escuro
 Quando o geral silencio interrompendo
 Com rouco brado as trompas, que soavaõ,
 Os animos, e as armas despertavaõ.

IV.

Nuvens de negro pó se levantaraõ,
 Em cujo grave horror o ar se cerra,
 Os tambores horrifonos soaraõ,
 Com que mostra fundirse a mesma terra:
 Os echos pelos montes se dobraraõ,
 Tudo alterava o som da dura guerra,
 Torna seu curso atraz o Tejo inchado,
 Do estrepito das armas perturbado,

Logo

V.

Logo a este primeiro desafio,
 E ao som, que as tubas pelos ares deraõ,
 As Gregas trompas com dobrado brio,
 Aceitando a batalha, responderaõ :
 Aos rostos rouba a cor o medo frio
 Dos que com as maõs nas armas o venceraõ,
 E num, e noutro campo horrenda, e brava,
 Tisifone discordias semeava.

VI.

Ulysses sahe, e resplandece armado,
 Sobe do monte ao levantado cume,
 De hum a luz que o cercava rodeado,
 Grande, e augusto fóra do costume :
 Sobre a rosada face dilatado
 Hum natural ardor, e vivo lume
 No grave olhar, a authoridade crece,
 Com que elle mortal cousa naõ parece.

VII.

Bem como prodigiosa estrella aguda,
 Que vem de longe fogo scintillando,
 Com que as coroas, e os imperios muda,
 Pállida luz nos ares espalhando :
 A que com vista do alto attenta, e muda
 O nauta, e o pastor está observando,
 Que no papel do ar cum rayo escreve
 De ruinas fataes historia breve.

VIII.

Affim o Grego sahe, e os estandartes
 Imigos, e o fom, que tudo atroa,
 E diffundirse por diversas partes
 Os que vem debellar a alta Lisboa:
 De armas guarnece os novos baluartes,
 Onde a guerra mortifera apregoa,
 E por bulcar o imigo de mais perto,
 Preparase a sahir ao campo aberto.

IX.

Sobre o carro belligero partia,
 Tudo em ordem dispunha, e visitava,
 De honrosa ira os fogos, em que ardia,
 Com natural brandura temperava:
 Animo, e esforço ao timido infundia,
 Que ao valeroso em velo se dobrava,
 A todos com palavras animando,
 Merces, e honras fazendo, abraços dando.

X.

Tomando hum alto, solta a voz famosa,
 Que as bellicosas hostes escutaraõ,
 A huns suave, a outros temerosa,
 Com palavras, que n'alma se formaraõ:
 Naõ trouxeraõ carreira taõ forçosa
 As aguas, que c'o Sol se defataraõ,
 Cahindo do alto monte, donde as teve
 Prezas o inverno nos grilhoens de neve.

Com-

XI.

Companheiros, e amigos, bem se engana
 Quem de vós esperasse outra vangloria,
 Que ser vencido, como da Troyana
 Soberba já alcançastes fama, e gloria:
 Se aqui está toda a força Lusitana,
 Quer Jupiter, que n'uma só victoria
 Com esta pouca valerosa gente
 Ganhemos mil victorias juntamente.

XII.

Naõ vos espante ver como se estende
 Pelas cabeças d'uma, e d'outra serra
 A inculta multidaõ, que mal entende
 O exercicio da sanguinea guerra:
 He gente mal avinda, que depende
 De abrir com arado curvo a dura terra,
 Naõ ha de resistir, porque a defeza
 Nas plantas lhe deixou a natureza.

XIII.

A pouca gente bellicosa experta
 A muita vence mal disciplinada,
 Que esta a ruina tem propinqua, e certa,
 De sua mesma ignavia debellada:
 Varie as sortes a fortuna incerta,
 Que eu com esta a vencer acostumada
 A seu pezar espero ver mui cedo,
 Que primeiro, que o ferro os vença o medo.

O ini-

XIV.

O inimigo, que as hostes ordenando,
 Está já posto em acto de peleja,
 Vós o vereis rogar humilde, e brando,
 Quando este ferro nú diante veja:
 Quando vossas espadas vão cortando
 O elmo, ou de aço, ou de diamante seja,
 Quando o soldado, que seus campos ara,
 Vir que suas insignias desampara.

XV.

Os soldados, que aqui trago comigo,
 Comigo iguaes nos riscos, e na gloria,
 A todos sei a patria, e sangue antigo,
 E n'alma os trago, mais que na memoria:
 Qual setta voa, ou fere ao inimigo
 Espada, sem me ser a mim notoria?
 Que conheço voando, e na ferida
 O arco, que atirou, e o homicida.

XVI.

Com vosco em occasião mais importante
 Cheguei, e vi, e em fim venci chegando
 As forças, e as bandeiras do arrogante
 Marte fui abatendo, e arrastando:
 Como alli fui diante, irei diante,
 Preparando a victoria, e vós pizando
 Os troncos desses fracos lavradores,
 Honrados de vos ter por vencedores.

XVII.

Da viva voz de Ulysses animados
 Facil lhes parecia a dura empreza,
 Terçando as grossas lanças os soldados,
 A encontrarle partiaõ com pestreza:
 Agudas settas de arcos encurvados
 Graõ tempestade excitaõ, vêse aceza
 A peleja nos campos inimigos,
 Correndo para as mortes, e perigos.

XVIII.

Bem como as ondas, que no mar furioso
 Se vaõ com igual pressa succedendo,
 E a azul espalda de Neptuno undoso
 Em altos montes de agua vaõ erguendo,
 Té sahir com ruido impetuoso
 Na praya, que ferida está gemendo,
 E sobre a molle area, ou na mais alta
 Rocha quebrando o mar, aos ares salta.

XIX.

Affim corria á selva das pezadas
 Lanças no campo de armas accupado,
 No ar se topaõ settas arrojadas,
 Dardos abrem voando o ar delgado,
 Os cavallos ligeiros das ferradas
 Unhas a estampa a penas tem deixado
 No verde campo, que com voltas giraõ,
 E fumo, ardendo em colera, respiraõ

XX.

Já d'uma, e d'outra parte nas guerreiras
 Hostes se ouve o rumor, com que discorrem,
 Largaõse freyos, descemse vizeiras,
 Huns contra os outros duramente correm:
 Os cavallos se encontraõ, das primeiras
 Lanças huns cahem feridos, e outros morrem,
 Desapparece o largo campo aberto,
 De nuvens de armas, e de pó cuberto.

XXI.

Tal golpe ha, que o escudo despedassa,
 Tal que a malha fortissima rompia,
 Alli o cavallo já sem dono passa,
 Outro com elle sem vigor cahia:
 Elmo, e cabeça hum mesmo golpe amassa,
 Todo o campo da morte o horror cobria,
 Acendese a peleja, e dura tanto,
 Que excede a que mudou a cor ao Xanto.

XXII.

Logo Antiloco a dura lança enresta
 Contra o forte Trazilo que acomete,
 Falsalhe o escudo, e pela dura testa
 Do agudo ferro grande parte mete:
 Quando huma sombra pállida, e funesta,
 Que das aguas sahio do escuro Lethe,
 Lhe ocupa a vista, e com temor interno
 Cahe semivivo o corpo em sono eterno.

A este

XXIII.

A este Helefanor, hum forte Grego,
 Leva arrastando para despojallo,
 E na vã preza de avarento, e cego
 Naõ vê que Alcino vinha por vingallo:
 Atraveflado cahe no undoso pego
 De fangue, e procurando levantallo,
 Torna a cahir de novo, e assim morrendo,
 A alma irada lança, o chaõ mordendo.

XXIV.

Sobre estes corpos a contenda crece,
 Que huns levavaõ, e outros defendiaõ;
 Creonte chega a tempo, que embravece
 A peleja, que as vozes acendiaõ:
 Contra Leuco, que em velo já estremece,
 Com forças, que as humanas excediaõ,
 A lança com furor bravo arremessa,
 Com que do peito ás costas o atravessa.

XXV.

Cahe o moço gentil com graõ ruido,
 Qual costuma cahir no fresco prado
 Alamo verde, ou platano ferido
 Do duro vento, ou rustico machado:
 Pelo vingar Hipolaco atrevido
 Hum mortal dardo atira, que levado
 A Dareto chegou, que na alta fronte
 De roxo fangue abriu purpurea fonte.

XXVI.

E Gorgoris, que o campo descobria,
 Socorre a tudo, a todos animando,
 A Creonte, e Leostenes juntos via
 Por terra tantas vidas derramando:
 Mal soffre ver que o campo se cobria
 De horror, de fangue, e corpos inundando,
 Bramando geme, e nesta grave affronta
 D'um grande freixo ajunta ao conto a ponta.

XXVII.

Por entre as duras mesles das espadas
 Onzado corre, e c'o inimigo cerra,
 Com tal furor as aguas reprezadas
 Naõ se despenhaõ da impinada ferra:
 O mar, que bate as rochas levantadas,
 Rayo, que as torres igualou com a terra,
 Trovaõ, que no ar bramindo, o mundo assombra
 Fazem de seu furor pequena sombra.

XXVIII.

Tres vezes sobpezou a lança grave,
 Com que a Edipo atira, que voando,
 Representa huma antena, ou grossa trave,
 O escudo forte, e peito atravessando:
 A sombra negra occupa a luz suave,
 Cahe da ferida os membros palpitando,
 Corre de fangue hum espumoso rio,
 Pallida mostra a cor, o alento frio.

XXIX.

Logo outras lanças toma, que arrojava,
 Dando em todas huma morte differente,
 E abraçando o escudo se lançava
 Do grande carro com furor vehemente:
 Encontra Manlio, a quem o rosto ornava
 A lanugem da idade florecente,
 Deolhe c'ò braço a espada, que atrevida
 A tea corta a taõ formosa vida.

XXX.

Na nuca, e lado abrio huma larga estrada
 A Toante, que alli trouxera a sorte,
 Na vista, e peito sahe a forte espada,
 Dous caminhos abrindo á mesma morte:
 A vida de seu tronco já cortada
 Ao mesmo tempo sahe do peito forte,
 Sobre seu sangue cahe, onde espirava,
 E hum ferreo sono a vista lhe occupava.

XXXI.

Correndo o campo todo victorioso,
 A Tirio, que tratava da fugida,
 Pelas costas a espada o temeroso
 Braço fartou de sangue na ferida:
 Está a seu lado o Capitaõ Lanoso,
 Que a massa dura esgrime, e faz temida,
 E a terra tantos corpos occuparaõ,
 Que os vivos pelos mortos caminharãõ.

Qual

XXXII.

Qual lenhador, que a Pirene, ou Pindo
 Alivia dos troncos, que em pedaços
 Na terra estende, o bosque alto ferindo
 Com a dura força dos nervosos braços:
 Onde do morto tronco dividindo
 A robusta alma, atada em verdes laços,
 Ferida soa do alto golpe a terra,
 A que responde a mais remota ferra.

XXXIII.

Affim Gorgoris vay com furia tanta,
 Aceza a vista, a fronte alta, e sublime,
 Taõ prestes corre, que a ligeira planta
 Na terra apenas seu final imprime:
 Soltando a dura voz, que a tudo espanta,
 Como que em nada o Grego campo estime,
 Abre as hostes, dizendo em voz pezada:
 A toda a Grecia basta a minha espada.

XXXIV.

Nezo, que o ouve, fero lhe responde,
 E advertindo as palavras, que dizia,
 Elle as aparta de hum revez, aonde
 Nas fauces as formava a lingua fria:
 A Scilo e espada dentro n'alma esconde,
 A quem o rosto pállido cubria
 Grave horror, onde Gorgoris valente
 Lhe tira a espada, e alma juntamente.

XXXV.

A Japeto c'hum talho a testa fende
 Té os olhos, que do ar ao chaõ cahindo,
 Seu irmão Laufo chega, que o defende,
 Sustentallo nos braços presumindo:
 Já Gorgoris contra elle o braço estende,
 E do piedoso Laufo o peito abrindo,
 Ambos á terra vem, que a mesma sorte
 Irmãos na vida os fez, e iguaes na morte.

XXXVI.

O pay Licón, que os filhos vê feridos,
 Que de hum parto lhe deo a bella Agave,
 Tanto no corpo, e rosto parecidos,
 Que causavaõ aos pays erro suave:
 Vendo o poder dos fados não vencidos,
 Com a dor, que fente n'alma, dura, e grave,
 Ferido geme, e com furor suspira,
 E está suspenço entre o amor, e ira.

XXXVII.

Traz Gorgoris corria insanamente:
 Espera hum fraco velho imigo forte,
 Espera hum vivo morto, impaciente
 Dizia, que te pede a propria morte:
 Se melhor sorte a minha não consente,
 Quero vencer morrendo minha sorte,
 Que a terey por ditosa, e avantajada,
 Tendoa nos fios dessa mesma espada.

A Gor-

XXXVIII.

A Gorgoris chegou, com a espada erguida
 Desce e'hum mortal golpe, elle o recebe
 No forte escudo, e onde a cara vida
 De Licón tem morada, a espada embebe:
 Lança o sangue da boca, e da ferida,
 Que a fria terra por seus poros bebe,
 Cahe o cadaver sobre a molle area,
 Aberta a boca denegrida, e fea.

XXXIX.

Valinferno tambem soberbo esgrime
 Contra o fero Creonte a ferrea massa,
 Que ora as pedras acende, ora sublime
 Se faz temida na soberba prassa:
 O que espera, o que foge, a hum tempo opprime,
 Pizando corpos victorioso passa,
 E qual faminto lobo lhe mostrava,
 Que quanto sangue bebe, o não fartava.

XL.

De conchas Valinferno armado vinha,
 A quem do corpo o ar nas armas crece,
 Que de huma jazerina o peito tinha
 Guardado, e nelle a espaços resplandece:
 De huma pelle de tigre se detinha
 Prezo o talim, que de ouro se guarnece,
 Donde pende o alfange, e levantada
 Na mão trazia a massa carregada.

XLI.

A serpente, e leão, que lhe assistiaõ,
 Correndo o campo vaõ com lentos paços,
 Os que as armas lhe oppoem, ou resistiaõ,
 Com boca, e garra fazem mil pedaços:
 Sobre elle os fortes Gregos concorriaõ,
 Mas o graõ Briareu, que com cem braços,
 E cem espadas juntas pelejara,
 Seu grande esforço apenas igualara.

XLII.

Elle só poem o rosto, elle resiste,
 Da guerra o duro pezo elle sustenta,
 Aos que intentaõ fugir gritando assiste,
 Com que os anima, e forças lhe acrescenta:
 De huns se defende a hum tempo, outros envilte,
 Tem os que fogem, outros aflugenta,
 Mas tantas armas crescem, tanta gente,
 Que o leva a seu pezar a graõ corrente.

XLIII.

Parase Valinferno forte, e quedo,
 E o diluvio detem desenfreado,
 Alguns mandou ao tartaro mais cedo,
 C'os graves golpes do bastaõ pezado:
 A todos entra hum congelado medo,
 Vendo-o destes dous monstros rodeado,
 Bravo, ácezo na vista, e não respira
 Por boca, e olhos, sennaõ fogo, e ira.

XLIV.

Vinha em seu grande carro discorrendo
 Ulysses pelo campo, o estrago via,
 Que o bravo Valinferno vem fazendo,
 A quem ninguem se oppunha, ou resistia :
 A Gorgoris de longe estava vendo,
 Que de mortos hum grande monte erguia,
 Turbado fica, dentro n'alma geme,
 Como ouzado acomete o que mais teme.

XLV.

Bem como a aguia, que do alto esteve
 Vendo a preza entre os matos escondida,
 E nas azas librando o corpo leve,
 Se arremessa veloz sobre a ferida :
 Tal Ulysses que olhando se deteve,
 Onde ferve a batalha mais temida,
 Do alto voa, e com a crua espada
 Se faz por entre as armas larga estrada.

XLVI.

Vay contra Valinferno duro imigo,
 De Creonte animoso acompanhado,
 Leostenes o seguia, que o castigo
 Lhe levava na espada e braço armado :
 Todos se chegaõ, e no comum perigo
 Acometem por hum, por outro lado,
 Elle para mostrar que os não temia,
 Sorrindose ergue a massa, e lhe dizia.

Nes-

XLVII.

Nesta agora verás Grego insolente,
 Abrazador dos muros de Dardania,
 Se cria o brando Tejo forte gente,
 Quando castigue a tua grande insania:
 Nas entranhas terás desta serpente
 Sepulchro na guerreira Lusitania,
 Que a teus atrevimentos excessivos
 Estas feras seraõ sepulchros vivos.

XLVIII.

Cuidavas fraudulento autor de enganos,
 Quando seguro porto aqui tomaste,
 Que achavas Circe, ou miseros Troyanos,
 Que por amor, e armas debellaste:
 Tendo durado a guerra tantos annos,
 Seus muros com enganos arrastaste,
 Sabe que aqui terás mores perigos,
 Que Lusitania he tumba de inimigos.

XLIX.

Ulysses lhe tornou: Saõ escusadas
 Insolentes palavras, basta agora
 Que sejaõ lingua as folhas das espadas,
 E da veloz quadriga salta fóra:
 Leostenes, e Creonte ás indomadas
 Feras (como se a empreza facil fora)
 O escudo, e peito armado offereciaõ,
 A quem todos a hum tempo acometiaõ.

A mor-

L.

A mortal lança Ulysses levantando,
 A Valinferno sacudida parte,
 Onde a pallida morte vay voando,
 A que não pode oppor-se, ou força, ou arte:
 Mas o golpe, e o ferro desviando,
 No ar o torce o valeroso Marte,
 Que a Valinferno ampara, e com este etro
 Huma braça no chaõ se esconde o ferro.

LI.

Tira Ulysses a espada, que parece
 Hum rayo ardendo, e'o inimigo ferra,
 Elle com hum golpe, e outro irado de
 Todos graves, mortaes, e todos erra:
 E para que ferir melhor podece
 Se chega, e cahe ferindo a dura terra,
 Aonde tal cova abria a massa dura,
 Que juntos dava morte, e sepultura.

LII.

D'hum giro n'outro Ulysses o rodea,
 Golpes acena, e cautamente finge,
 Vence com a propria arte a força alhea,
 Marcial Edipo desta brava esfinge:
 Da dura malha o campo se semea,
 Co suor cresce o sangue, as armas tinge,
 Valinferno se aparta, e com braveza
 Torce cheyo de raiva a vista aceza.

Ulysses

LIII.

Ulysses bravo corre, e vay dobrando
 Os golpes, com que assombra o forte imigo,
 Que o campo já perdia vacillando,
 Que por ultimo estima este perigo:
 Vaíse de ira, e furor nobre abrazando,
 Entra, e nos braços o apertou comfigo,
 Fazendo ambos temerse nos ardentes
 Olhos de fogo, e no rangir dos dentes.

LIV.

Naõ corre com tal furia, e com tal ira
 O valente Austro, e Aquilo valente,
 Quando o mar, quando o Ceo bramindo espira
 Ondas, nuvens, e fogos juntamente:
 Quando nenhum se rende, ou se retira,
 Antes sopraõ com furia mais vehemente,
 Como os dous, que abraçarse caminharãõ,
 Nas forças, e nas armas se toparaõ.

LV.

Neste tempo Creonte do arrogante
 Leaõ, que por ferillo a garra erguia,
 Mais que a fera; elle fero está diante,
 Sem poder enxergarse que a temia:
 Com duro braço desce, e nesse instante
 Ao leaõ como Alcides remettia,
 O escudo, e espada deíta, e em fortes laços
 Comfigo o aperta nos nervosos braços.

LVI.

A fera brama irada presumindo
 Sahir dos braços , onde está apertada,
 Os cabellos eriça , a boca abrindo
 Com a voragem das fauces dilatada :
 A colla pelos ares esgrimindo,
 E a garra de ira , e de furor armada
 Sem vigor mostra , e com mortal ruina
 Os duros membros desmayando inclina.

LVII.

Já os ossos lhe tinha quebrantado,
 E entre os laços , onde estava prezo,
 Cahe com o lume dos olhos apagado ,
 Terror do monte em quanto esteve acezo :
 Solta Creonte ao já defanimado
 Tronco com a lingua fóra, inutil pezo,
 Por juntarse a Leostenes , que se sente
 Ferido , e mal tratado da serpente.

LVIII.

Brandia de ouro escalido , e de prata
 A cabeça , no ar o collo erguendo,
 Já se prende, se enrosca , e se defata,
 Fel, e escuma na boca revolvendo :
 O pescoço ora encolhe , ora dilata
 De filvos, e ira todo o campo enchendo,
 E o torpe alento , quando respirava,
 De seu veneno o ar inficionava.

LIX.

Com Leostenes a serpe estava unida,
 Que sibilando vibra a lingua aguda,
 Que tres linguas parece sacudida,
 Com a graõ presteza, que a menea, e muda:
 Na cabeça com a espada a tem ferida,
 E desmayando a serpe torpe, e ruda,
 As roscas vay abrindo, e sem alento
 Privada está de todo o movimento.

LX.

Vendo o remedio Valinferno incerto,
 De Ulysses desatar-se pertendia
 Dos braços, onde o traz em tanto aperto,
 Que já o alento, e animo perdia:
 E vendo que inimigos tem taõ perto,
 Sobre as azas do medo lhe fugia,
 Segue-o o Grego, e em quanto hia correndo,
 Estas palavras altas vay dizendo.

LXI.

Como foges de Ulysses fraudulento,
 Que os muros de Dardania poz por terra,
 Que ordenou o cavallo com intento
 De dar com paz fingida occulta guerra:
 Naõ me davas sepulchro, e fim violento
 N'uma serpente, sem tocarme a terra,
 Pois como naõ me aguardas, se te figo,
 Como temes taõ debil inimigo?

Qual

LXII.

Qual lobo foge do redil guardado ;
 Seus guardadores fervidos temendo,
 Que quando corre, sente ao proprio lado,
 Com furia, e com latidos o ar rompendo:
 Até que a lingua deita de acossado,
 Com que o fangue dos beiços vay lambendo,
 Tal Valinferno foge, e o rosto vira
 A Ulyffes, que o seguia ardendo em ira.

LXIII

C'o pezo da armadura se detinha,
 Quer assentar-se por tomar alento,
 Quando vê que atraz delle o Grego vinha,
 Que na presteza iguala ao mesmo vento,
 Como quem só nos pés a vida tinha,
 Que mais ligeiros faz o medo lento,
 Torna a correr, sentindo o espaço breve,
 Que por tomar alento se deteve.

LXIV.

Qual cerva, que acossada vay fugindo,
 E vendo sombra, ou fonte de agua viva,
 Tendo escapado aos caens, que a vão seguindo,
 Goza da fonte fresca, ou sombra estiva:
 Quando outra vez o caçador sentindo,
 Deixa o descanso, e corre fugitiva,
 Sem estimar á vista do perigo
 A calma grave, e o trabalho antigo.

Tal

LXV.

Tal Valinferno voa, onde encontrando
 A Gorgoris, lhe diz: Aos teus soccorre,
 Que Ulysses tuas hostes devastando,
 Por todo o campo sem temer discorre:
 A cor ao verde monte vay mudando
 Com sangue, que em diversas partes corre,
 E Pallas, que a seu lado anda presente,
 Poem em fugida a Lusitana gente.

LXVI.

Gorgoris, a que a nova o peito altera,
 Guiava o carro a hum alto, donde via
 O campo todo, e nelle considera
 Como de sangue, e mortos se cobria:
 De longe o escudo vê, e imagem fera,
 Que da guerreira Pallas parecia,
 A'quella parte corre, onde os que o viaõ
 Com as vozes, e com as armas o seguiaõ.

LXVII.

Qual costuma o belligero ginete,
 Que das prizoens, que teve, desatado,
 Ao campo livre fervido arremete,
 Correndo alegre n'um, e n'outro lado:
 Ao ar eriça as crines, e o topete,
 Sobre si mesmo o collo levantado,
 Tal Gorgoris valente, desprezando
 O esquadraõ, pelas armas vay entrando.

O cam-

LXVIII.

O campo atravessava em furia ardendo,
 A seguillo se movem os mais guerreiros,
 Por duras armas, e esquadroens rompendo,
 Os ultimos queriaõ ser primeiros:
 Huns derrubando, a outros socorrendo,
 Lhe diz: O' esforçados Cavalleiros,
 Estes, que tem de vós victoria, e palma,
 Tem mais que duas mãos, tem mais q' hũa alma?

LXIX.

Pára o forte esquadraõ, sem ir avante,
 Por elle socorrido, e animado,
 Ulysses valeroso está diante
 Entre o furor das armas abrazado:
 E Gorgoris c'os seus mais arrogante
 Para o ferir no meyo o tem tomado,
 De hastes hum bosque, e espadas o cercava,
 E hum chuveiro de setras, que voava.

LXX.

Qual o soberbo touro, que ferido
 Do fogo do cume impaciente
 Terrivelmente brama, e c'õ bramido
 Chama animoso seu rival ausente:
 Prova n'hum tronco os cornos offendido,
 E o vento desafia ouladamente,
 Provoca o imigo erguendo ao ar a terra,
 Por dar principio á porfiada guerra.

LXXI.

Tal affrontado Ulysses, que deseja
 A Gorgoris mostrar o que podia,
 Se preparava em acto de peleja,
 E com as armas nas mãos o cometia:
 Gorgoris deixa o carro, e porque veja,
 Que desigual batalha não queria,
 Da mão soltava a hum tempo o grave loro
 A Lampom, Lamo, Cicere, e Peloro.

LXXII.

Armados traz os membros da pezada
 Loriga, em cima o peito refulgente,
 A testa opprime o elmo, a coxa a espada
 De antigo mestre, e tempera excellente:
 Qual de luz a alta fronte coroada
 Ameaçando no ar cometa ardente,
 Com cabellos de rayos nos declara
 Ruina do mór scetro, ou mór thiara.

LXXIII.

Tal Gorgoris nas armas scintillava,
 Que airoso vay movendo bravo, e forte,
 Na vista, e espada fervida levava
 Medo aos que fogem, aos que esperão morte:
 Com Bolaõ Valinferno o acompanhava,
 E o valente Lanoso, e o graõ Mavorte,
 Que a seu grande furor não he bastante
 A resistir hum peito de diamante.

LXXIV.

Montanha inaccessible, e temida,
 De antiga selva, e monstruosas feras,
 Rio, que cahe da rocha mais erguida,
 Chuveiros negros, tempestades feras:
 Neve nos frios Alpes derretida,
 E fogo, que do Ceo lambe as esferas,
 Não podéra impedir seu forte brasso,
 Nem fizera a seus pés torcer hum passo.

LXXV.

Ulysses dos mais fortes rodeado
 Aos imigos se oppoem quando investiaõ,
 Escudo a escudo, lança a lança armado,
 Peito a peito n'hum tempo acometiaõ:
 Já de pedaços de armas semeado
 O chaõ se vê, que os golpes dividiaõ,
 E sobre os elmos, que as espadas fendem,
 Soava o ar, que scintillando acendem.

LXXVI.

Na batalha ardentissima, e travada
 Cresce o ardor com a furia da peleja,
 Já de seu sangue a terra está manchada,
 Huns a vingança move, outros a inveja:
 Já esquecidos de ferir com a espada,
 C'os punhos, e c'os poms se peleja,
 Já se topaõ c'os elmos, e membrudos
 Corpos sobre os fortissimos escudos.

Gorgo-

LXXVII.

Gorgoris , que hum graõ monte representa,
 De membros , e estatura bem composto,
 Mete hum , e outro pé , e a espada tenta,
 Que Ulysses livra , e sahe com a ponta ao rosto:
 Ferir sobre a cabeça o imigo intenta,
 E logo o forte escudo em alto posto,
 Por baixo delle o grande corpo estende,
 Com que na perna a Gorgoris offende.

LXXVIII.

Elle se vê ferido , e quando sente
 O dano , por vingarse em vaõ se cança,
 E com vergonha honrosa , e descontente
 Quer com a pressa emendar qualquer tardança:
 Com ferro , e voz responde juntamente:
 Elpera , ó fraudulento , e se abalança,
 E sobre o elmo o fere , onde cortava
 A pluma , que ferida ao ar voava.

LXXIX.

Ulysses , que do golpe recebido
 Em honrosa coragem se acendia,
 Desprezando os reparos atrevido
 Nas inimigas armas se metia :
 E por vingarse leva o braço erguido,
 Com a forte espada , que do ar descia,
 Tal resposta lhe dava , e com tal furia,
 Que bem lhe paga a recebida injuria.

LXXX.

Dobrando os golpes vay com graõ destreza,
 D'hum lado n'outro Gorgoris discorre,
 Acha no escudo já fraca defeza,
 Da ferida em graõ copia o sangue corre:
 Marte, que vê o perigo, com presteza
 A Gorgoris já exanime foccorre,
 E Ulysses, que o conhece, em fogos de ira
 Ardendo perturbado, se retira.

LXXXI.

Logo huma nuvem desce, onde encuberto
 Gorgoris sahe do campo, e não se rende,
 Que da morte cruel, que tinha perto,
 Marte oppondose a Ulysses o defende:
 Elle, que via o engano descuberto,
 Sem o temer, com a espada a Marte attende,
 Com as armas o acomete, a que a guerreira
 Pallas reprende, e diz desta maneira.

LXXXII.

Quando, Ulysses, a Marte te atrevesse,
 Não seria valor, mas furia insana,
 Se ao Ceo com braço humano te oppozesses,
 Não se iguala á divina a força humana:
 Não te basta, que a Gorgoris vencesse?
 Não provoques a furia soberana
 De hum Deos, q̄ he immortal, taõ bravo, e forte
 Que o mesmo Olympo treme de Mavorte.

LXXXIII.

Qual o lobo voraz , que pelo escuro
 Da tormenta ao rebanho vay guardado,
 E nas tetas da mãy balar seguro
 Ouve o manso cordeiro agasalhado:
 Quer entrar os reparos forte , e duro,
 Tendo o redil mil vezes rodeado ,
 E nesta trabalhosa , e vã porfia
 Passa raivando a noite larga , e fria.

LXXXIV.

Tal Ulysses rodea aquella parte,
 Donde com Marte Gorgoris fugira ,
 Torna huma, e outra vez , ao proprio Marte
 A vozes desafia acezo em ira:
 Vociferando , e rebentando parte,
 Chegando a Valinferno , vê , que atira
 C'hum graõ penedo , que nas mãos tomava,
 De que Broteo ferido se prostrava.

LXXXV.

Entaõ lhe diz: O' barbaro atrevido;
 E sem que o elmo temperado monte,
 Da generosa espada cahe ferido,
 Abrindo grande parte da alta fronte:
 Naõ cahe da nuvem o rayo despedido,
 Quando das mãos forjado sahe de Bronte,
 Com tal furor , ficando a forte espada
 Do negro sangue , e cerebro manchada.

LXXXVI.

Entre os olhos lhe voa a sombra escura,
 Por foccorrella alli Bolaõ se chega,
 Contra Ulysses erguendo a massa dura,
 Que de hum golpe o bastaõ, e as maõs lhe cega;
 De huma ponta a finissima armadura,
 E peito lhe abre, e da ferida rega
 O espumoso fangue a terra estranha,
 E o irmaõ, que vivo amou, morto acompanya.

LXXXVII.

Qual álemo abraçado á antiga vide,
 Se o duro ferro hum tronco, e outro corta,
 Obedecendo ao fado, que os divide,
 Cahe c'o verde marido a hum tempo morta;
 Assim Bolaõ, que vio a ultima lide
 De Valinferno, e aberta a fria porta
 Ao negro fangue, que das veas corre
 Das feridas do irmaõ, primeiro morre.

LXXXVIII.

Porque quando a turbada vista erguia,
 Entre as vascas da morte a Valinferno
 Sobre suas armas fanguinosas via
 Cuberto de huma sombra, e sono eterno:
 Mais que o seu fado o do irmaõ sentia,
 Donde a alma indignada ao triste Averno
 Irada desce, tendo o irmaõ defronte,
 Carga pezada ao braço de Cheronte.

LXXXIX.

Em quanto hum campo, e outro pelejava
 Com as fortes armas, de ambos taõ temidas,
 E a fortuna, e esperança igual estava,
 Perdendo tanto fangue, e tantas vidas:
 Eis que huma grande nuvem se chegava,
 Prenhe de rayos, e armas homicidas,
 Grande soccorro, com que Alfeo chegara,
 Que além do Tejo os largos campos ara.

XC.

Estes com novo ardor acometendo
 Aos que de pelejar estaõ cansados,
 Nos Gregos graõ destroço hiaõ fazendo,
 Que o campo deixaõ já defordenados:
 E de mortos hum alto monte erguendo,
 De fangue correm rios derivados,
 Quem foge, a vida tem mais arriscada
 Nos pés do amigo, e na inimiga espada.

XCI.

Da batalha suspenfa está a balança,
 Que huns favorece Pallas, e outros Marte,
 Hum mesmo temor frio, huma esperança
 Em todos igualmente se reparte:
 O escudo, o elmo, a malha, o peito, a lança
 Jazem por terra de huma, e d'outra parte,
 Que o perigo he commum, e igual o dano
 No campo Grego, e campo Lusitano.

XCII.

As armas, que já foraõ taõ prezadas,
 Pelo chaõ, como inuteis, e abatidas,
 Perdida a luz, e o lustre, ensanguentadas,
 Ao forte vencedor se vem rendidas:
 As que já foraõ ricas, e douradas,
 Em pedaços se viaõ divididas,
 Tudo o pó cobre, e o sangue, que onde alcança,
 A nada deixa a antiga semelhança,

XCIII.

Bem como quando o caõ celeste ardendo,
 Pondo-se a caso fogo na montanha,
 E o vento, que sibila, arde correndo
 Vulcano abrazador com furia estranha;
 Té os asperos penedos derretendo,
 Sem se poder vencer força tamanha,
 Com grave estrondo soa o monte erguido,
 Em leve fumo, e cinza convertido.

XCIV.

Affim Leutaro vay, a quem seguiaõ
 Geres, Arga, e Lanoso, contrastando
 Os novos muros, onde concorriaõ,
 Tudo o que achaõ diante atropellando:
 De victoriosas vozes o ar enchiaõ,
 Vaõ o campo das armas inundando,
 Viraõ os Gregos as costas, naõ podendo
 Soffrer na vista a luz de Marte horrendo.

Affim

XCV.

Assim correndo do impinado monte
 Suas margens apenas cobre o rio,
 E onde mais longe vay da antiga fonte,
 Vay cobrando mais forças, e mais brio:
 Erguendo os cornos da soberba fronte
 Acomete o ceruleo senhorio,
 Taõ inchado, e temido, e taõ ufano,
 Que elle parece o mar, rio o Oceano.

XCVI.

Ulysses bravo vendo, que crescia
 A corrente das armas, duro, e forte
 Huns anima gritando, outros feria,
 Sem que a pezada voz, e braço importe:
 Larga estrada Lanoso fero abria,
 E com elle Geres, que de Mavorte
 O valor imitava furibundo,
 A quem podéra ajoelhar-se o mundo.

XCVII.

Como resiste o monte á tempestade,
 Que açoutado do mar ergue por cima
 Das ondas a soberba immensidade,
 E as iras de Neptuno em pouco estima:
 Assim Leostenes entre a adversidade
 Das duras armas, sem que o pezo o opprima,
 Abre por ellas porta, e o ar espalha
 Elmo abolado, descofida malha.

XCVIII.

Creonte ao fero Laufo, que atrevido
 Para elle infanamente se arrojava,
 Tem a espada nos peitos escondido,
 Donde sahindo a vida, a morte entrava:
 Na espalda sahe a ponta, que o brunido
 Aço na ardente purpura banhava,
 Cahe com ruido, e com mortal assombro,
 Inclinando a cervís no debil hombro.

XCIX.

A Salio, que a Leostenes se atrevia
 Com descomposta lingua ousadamente,
 Elle com a forte espada respondia,
 Que ir mais avante as vozes não consente:
 Quando para fallar a boca abria,
 C'o ar entrando a ponta juntamente,
 Os caminhos da voz, e vida rompe,
 Onde a vida com as vozes lhe interrompe.

C.

Mataõ, destroçaõ, ferem, e não perdoaõ,
 Os laços desatando a tanta vida,
 Sobre elles lanças chovem, settas voaõ
 Na batalha taõ aspera, e ferida:
 Das feras massas feros golpes soaõ,
 Cede a virtude, vendose opprimida,
 E Ulysses, que as contrarias forças mede,
 A' mayor força, e á fortuna cede.

CI.

Viafe o Grego , e via mal tratadas
 As armas , que já apenas o cubriaõ,
 De fangue feu , e alheyo rociadas,
 Que os golpes do inimigo mal soffriaõ:
 Na Cidade recolhe as espalhadas
 Esquadras , onde os seus melhor podiaõ
 Sobre o reparo de seus muros altos
 Resistir aos duriffimos aflaltos.

CII.

Vendo Lanoso como a gente entrava
 Na Cidade provando o braço duro ,
 Aos seus , que entrem com elles incitava,
 Apertando no pulso o ferro puro :
 Tereo bravo a porta lhe occupava,
 Fazendo de homens vivos vivo muro,
 E procurando entrar , acha diante
 Leostenes , e Creonte , e o fero Atlante.

CIII.

Sahe Anteo de furor nobre abrazado,
 Huns matando com a espada, outros ferindo,
 Mincio o acompanha , e Sergio , que a seu lado
 O chaõ de inuteis troncos vaõ cubrindo:
 A Philarco acomete , que affrontado
 Contra Mincio o estoque facudindo ,
 No lado esquerdo o mortal golpe emprega,
 Que armas , e campo de seu fangue rega.

CIV.

Brama furioso, (e acha taõ leve a carga
 Das armas , que desmente a força humana)
 Qual foe pizada sibilar na larga
 Praya arenosa a vibora Africana,
 Ou leaõ, que cravada vê na ilharga
 A aguda fetta , donde a vida mana,
 Rugindo corre , e faz soar diante
 As brenhas do Rifeo , ou fero Atlante.

CV.

Vay sobre Antheo , a que huma , e outra fonte
 No sangue abrio a cortadora espada
 Na perna , e logo na soberba fronte ,
 Que está de ardente purpura banhada :
 Faz dous passos atraz , e onde o monte
 Abre huma cova , cahe sobre a pezada
 Loriga , insta Philarco por vingarse,
 Antes que Antheo podesse levantar-se.

CVI.

Fartou a sede a espada no espumoso
 Sangue , e qual cahindo o grave pinho,
 Ruido excita o corpo portentoso ,
 Desamparando a alma o proprio ninho:
 Sergio as costas virava temeroso ,
 Vendo logo atalhado este caminho ,
 Que pela espalda com mayor affronta,
 Vio nos peitos sahir c'o sangue a ponta.

CVII.

Por outra parte Ulysses defendendo
 A entrada da Cidade, não descança,
 Com a haste a hum lado, e a outro acometendo,
 A todos faz temer seu braço, e lança:
 Apartaõse os que o vem, elle querendo
 Emendar com graõ pressa esta tardança,
 A Leuco fere, e a Polimio forte
 Mete dentro do peito a fria morte.

CVIII.

Chegase a Ulysses logo o forte Atlante,
 Leostenes, e Tereo, Lizio, e Creonte,
 E abraçando o escudo de diamante,
 Cada hum ao inimigo vay, que tem defronte:
 Alpino vibra a espada rutilante,
 Na testa a Lizio fere, que na fronte
 Com a mão ao sangue acode, e diligente
 Lhe pega a mão na testa juntamente.

CIX.

Aos pés de Ulysses cahe qual grande torre,
 Nos braços elle o toma, e em fogos arde,
 Porque via, que nelles Lizio morre,
 Já cuida que a vingança chega tarde:
 Irado contra Alpino Ulysses corre,
 Alto gritando: Esperame, cobarde:
 Com tal furor com elle encontra, e cerra,
 Que do encontro os joelhos poem por terra.

CX.

Mal levantado Alpino da cahida,
 Já do escudo fortissimo cuberto
 Golpes dobrava por deter a vida,
 Que do apressado fim tinha taõ perto:
 Corre Ulysses a espada, que escondida
 Dava em seu peito á morte passo aberto,
 Sahindo delle a alma vacillante
 Em liquido coral, puro, espumante.

CXI.

Cahe o soberbo corpo resupino,
 Banha a vista de morte, indo morrendo
 O inutil tronco do valente Alpino
 Forbas arrasta, as armas recolhendo:
 Fenix, e Clito o escudo de aço fino
 Oppoem, o morto amigo defendendo,
 Porém Ulysses, que em os vendo brada,
 Faz das vozes trovaõ, rayos da espada.

CXII.

Forbas, que ao morto Alpino despojava,
 Em quanto neste officio attento esteve,
 A morte n'huma setta, que voava.
 Lhe espalha a leve vida ao vento leve:
 Vendo Ulysses o amigo, que espirava,
 Com Clito, e Fenix pouco se deteve,
 Que as cabeças de ferro guarnecidas
 Lhes faz cahir nos hombros divididas.

CXIII.

Hum grande carro chega, onde o valente
 Polimio grossas lanças atirando,
 A huma, e outra parte o diligente
 Carro movia, o campo atropellando:
 Espera, lhe dizia, e a espada ardente
 Bebia (a grande sede mitigando)
 O sangue de Filon famoso auriga,
 Que da mão perde as redeas da quadriga.

CXIV.

Cahe, e espanta os cavallos, que temendo
 Tornaõ atraz c'õo carro, que tiravaõ,
 Quebrando as prizoens fortes, e correndo
 Em saltos todo o campo atravessavaõ:
 Polux a Ulysses sahe ao campo ardendo,
 Ambos para ferir se preparavaõ,
 Vindose hum para o outro se toparaõ
 Nas armas, e as espadas levantaraõ.

CXV.

E dandolhe hum revez sobre o reparo
 Lhe rompe o Grego o escudo, e logo a testa,
 No cerebro banhanva o fino, e claro
 Aço da espada fervida, e funesta:
 Foge de o ver o timido Leutarõ,
 Contra quem braço, e espada o Grego apresta,
 Larga o escudo, e parte acelerado,
 Mas ninguem por seus pés foge a seu fado.

Hum

CXVI.

Hum golpe pelas costas com tamanhas
 Forças lhe deo, que abrindo a armadura,
 Se viaõ palpitar dentro as entranhas
 Cahindo morto sobre a terra dura :
 C'hum brado, que abalara altas montanhas,
 Cuberta a vista de huma sombra escura,
 A cabeça no peito, que anhelava,
 Entre as vascas da morte reclinava.

CXVII.

Acodem logo alli Geres, e Arga
 Com Alcides, Acrisio, Alcimodonte,
 A que parece breve a massa larga,
 Que cada golpe seu partira hum monte :
 Sente das almas nova, e grande carga
 Em seu barco o tristissimo Cheronte,
 Que nos dous campos Marte á vencedora
 Morte de tantas vidas fez senhora.

CXVIII.

Gorgoris entre tanto valeroso
 Duas lanças fortissimas brandindo,
 Se faz temer, seguindo-o vay Lanoso
 De homens a terra exanimes cobrindo,
 No ondado cabello, que ao formoso
 Lucilo té os hombros encobrindo
 Decoramente desce, a ensanguentada
 Maõ esquerda revolve, erguendo a espada.

Do

CXIX.

Do alto desce o golpe, que defata
 A bella alma, ficando defunida
 Da testa o ouro, do alvo collo a prata,
 Na cabeça dos hombros dividida:
 Era de Amintas filho, a quem a ingrata
 Parca cortou do mesmo golpe a vida,
 Estimado de todos geralmente,
 Que era do rio Minio descendente.

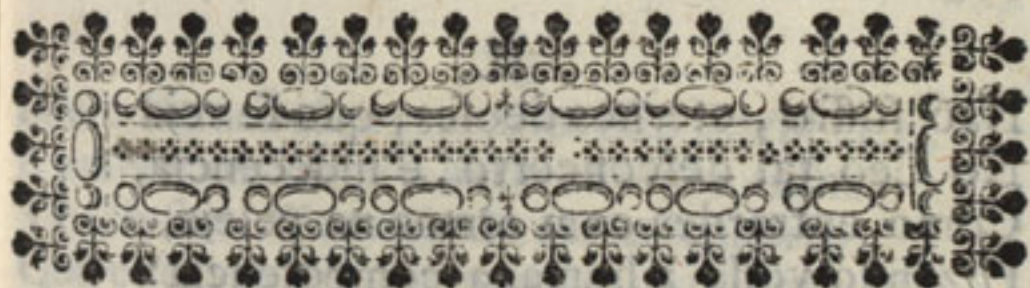
CXX.

Aqui com nova força, e novo brio
 Correr se via n'huma, e n'outra fonte
 A purpura, que junta fórma hum rio,
 E erguer de mortos sobre a porta hum monte:
 Maronio bravo ao novo delafio
 De dentro sahe, sobre a arrugada fronte
 Mertilo fere, a que a pezada massa
 Nas armas até os ossos despedassa.

CXXI.

Aqui provas estranhas de seu braço
 Faz o bravo Leostenes, que investindo
 O inimigo, se aparta hum largo espaço,
 Por entre as armas graõ caminho abrindo:
 Aqui Philarco em vagaroso paço,
 Indose retirando, e resistindo,
 Os seus recolhe, que comfigo encerra,
 E a pezar do inimigo as portas ferra.

ARGU-



ARGUMENTO

DO DECIMO CANTO.

R Eprende Jove aos deoses, e querendo
 Ver a batalha, desce ao monte *Almata*,
 As esquadras do monte estava vendo
 Que o Tejo cerca com lasciva prata:
 Gorgoris com Ulysses combatendo,
 O Grego vence, e de partir se trata,
 A Pallas tendo o templo edificado,
 Entrega a vella, e o pinho ao mar salgado.

I.

N A parte mais sublime, e levantada
 Do estellifero Olympo omnipotente,
 De assentos de crystal, e de ouro ornada,
 Falla: c'os deoses Jupiter potente:
 Com grande aspeito, e fronte carregada
 Enojado os reprende asperamente,
 Todos escutaõ, e elle o que sentia,
 (Tremendo o Ceo de ouvillo) lhe dizia.

Naõ

II.

Naõ soffro , eternos deoses, que se veja
 No Ceo tal delconcerto , e indecencia,
 Como entrardes com armas na peleja,
 Fazendo vossa a humana competencia:
 Deixay a emulaçaõ , e a baixa inveja,
 Nos Ceos exercitay vossa potencia,
 Ser forte hum Deos com homens he fraqueza,
 Indigna acçaõ de altiva fortaleza.

III.

Esta ordem no Olympto se publique,
 E quando alguns dos deoses soberanos
 A quebrar , do alto Ceo privado fique
 Com pena eterna por eternos annos:
 Que porque aos deoses mais naõ cõmunique,
 Do baratro abrazado os graves danos
 Farey que sinta para ser neste erro
 Exemplo o desterrado , e o desterro.

IV.

Ouvenno os deoses, e nenhum responde,
 Levantase ; e do Olympto consagrado
 Na dourada carroça sahe, por onde
 Das rodas d'ouro estava o Ceo trilhado:
 Botaõ fogo os cavallo, e se esconde
 Entre as nuvens o carro arrebatado,
 Até a fronte ferir do monte Almata,
 Que do Tejo rodea a crespa prata.

IV.

Entre hum bosque no alto está encuberto,
 E ambos os campos ante os olhos tinha,
 Vê Ulysses discorrer de armas cuberto,
 Que entre os seus animando-os se detinha:
 Vê Gorgoris, que armado em campo aberto
 Entre as esquadras Lusitanas vinha,
 N'hum campo, e n'outro os olhos apascenta,
 Que alegre, e fera vista representa.

VI.

Já a noite escura, que confusamente
 Nos bosques, e nos montes, que occupava
 A fera, e ave livre, e docemente
 Na cova, e brando ninho agasalhava,
 Fugindo vem do Sol, que do Oriente
 Lanças de ardente luz arremessava,
 E entre os bosquejos das suaves cores
 Vem nascendo os primeiros resplandores;

VII.

Com mayor luz a Aurora o luminoso
 Oriente com justo passo abria,
 E o Sol claro mais puro, e mais formoso
 Do que nunca nascera entãõ sahia:
 Rasgando a noite o manto tenebroso,
 Com nova luz os arez acendia,
 Que por Jupiter ver esta peleja,
 Novos rayos vestir o Sol deseja.

VIII.

Os estendidos campos vão cubrindo
 Os esquadroens belligeros armados,
 Embracção escudos, lanças vão brandindo,
 Scintillaõ puros ferros amolados:
 Huns hiaõ feras massas esgrimindo,
 Outros dos bravos arcos encurvados
 Settas despedem, e c'o rumor da gente
 Se rompe o Ceo, e abysslo juntamente.

IX.

Anima a fera tuba o grave alento,
 Cuias vozes horrifonas soaraõ,
 E sobre as pennas do ligeiro vento
 Nas escuras cavernas se dobraraõ:
 Arma, arma repetia o som violento,
 Arma, arma logo os esquadroens gritaraõ,
 Discordia semeava em toda a parte
 A fera Previcacia irmã de Marte.

X.

Já com as infestas armas pelejando,
 A lança á lança oppoem, o peito ao peito,
 Sobre as forças os animos provando,
 Que aos olhos fazem bello, e duro objeito:
 A hum a lança voa atravessando,
 Outro c'o escudo em muitas partes feito
 Naõ muda hum passo, e para o imigo corre,
 Sobre seu sangue, e sobre as armas morre.

XI.

Affim de ambas as partes igualmente,
 Sem o ardor declinar, se pelejava,
 Depois que a Aurora abrira o Oriente,
 E o claro Sol de seu zenit olhava:
 E Juno, que do Grego os males sente,
 Vendo que o chaõ de corpos inundava,
 Porque não passe o dano mais avante,
 Determina fallar ao graõ Tonante.

XII.

Gorgoris vê de novo foccorrido,
 Via as mortes, que daõ Geres, e Arga,
 O chaõ de tantas armas opprimido,
 Chea de mortos a campanha larga:
 Desce do Ceo no carro esclarecido,
 Que aos seus pavoens era ligeira a carga,
 Para ir ver o marido, e por movello
 Compoem o bello rosto, e corpo bello.

XIII.

E no retrete mais secreto entrando,
 Sobre o quicio gemia o pezo grave:
 Das portas de ouro, e de marfim voltando
 A crystallina maõ com aurea chave,
 Onde a formosa deosa entra, e cerrando
 O aposento, de hum oleo mais suave,
 Tetyameno, odorifero, e divino,
 Unge o cabello, e o corpo peregrino.

XIV.

Já pelas ondas de ouro do cabello
 Sulcava o barco de marfim brunido,
 Diante quem sem cor fica amarello
 O ouro de enfiado, e de corrido :
 Hum delgado sendal, que o corpo bello
 Por mais belleza esconde, traz vestido,
 Que de hum grande carbunculo pendia,
 De que o cothurno só fóra sahia.

XV.

Das lagrimas da Aurora o congelado
 Orvalho a Juno dá graça infinita,
 E postas a descuido no toucado
 Outras pedras, que o Sol cada huma imita!
 De prata hum véo por cima poz delgado
 De belleza taõ rara, e exquisita,
 Que no ar do pasleyo, e graça pura
 Faz de novo formosa a formolura.

XVI.

De parte a Venus falla, e amorosa
 Lhe diz: Agora, ó Acidalia, espero,
 Que ainda que contra mim te vejo irosa,
 Has de fazer o que pedirte quero :
 O' Hera, torna Venus, taõ formosa
 Mulher, e irmã de Jupiter severo,
 Todo o mandado teu sendo mais grave
 Me será além do gosto ley suave.

XVII.

Torna Juno com animo enganoso:
 Emprestate, formosa, e doce amiga,
 Aquelle ardor, que acendes, amoroso,
 Que os proprios deoses a quererse obriga,
 Que Thetis, e o Oceano famoso
 Quero tornar á sua paz antiga,
 Acabando o divorcio prolongado,
 Que tanto tempo entre elles tem durado.

XVIII.

Devolhe grande amor, porque expellido
 Das estrellas Saturno furibundo,
 Da undosa Thetis o humido marido,
 Nas ondas me creou do mar profundo,
 Se esse divorcio duro, e taõ comprido
 Vir acabar por tua industria o mundo,
 Restituindo os dous á graça antiga,
 Obrigada te fico além de amiga.

XIX.

Contra o respeito, e obrigaçãõ feria,
 He torna Venus, se isto te negara,
 Que gozando de Amon a companhia,
 Dormes nos braços seus esposa cara:
 Desata entãõ a cinta, onde trazia
 Prezos por obra peregrina, e rara
 Desejos, veneficios, e os ardores,
 Lenocinios, e blandicias, e os amores.

Dalhe

XX.

Dalhe o Ceston, dizendo: Aqui escondido
 Está o poder mayor, de que me arreyo,
 As forças invenciveis de Cupido,
 Que Juno guarda no divino seyo:
 Delce logo do Olympo esclarecido,
 Os ares fende, e sobre Almata veyo,
 Monte, que igual ás nuvens se levanta,
 Dando a beijar ao Tejo a nobre planta.

XXI.

Do monte vay tomando huma subida
 Entre o bosque, que impede o Sol ardente,
 Fazendo d'agua espelho, que impellida
 Alli humilhava a tumida corrente:
 Como o marido a vê, huma escondida
 Flamma atear pelas medulas sente,
 A causa lhe pergunta, porque vinha
 Do alto Olympo á terra, onde caminha.

XXII.

A quem Juno responde com engano:
 Delci por visitar a ultima terra,
 Aonde mora Thetis, e o Oceano
 Pay dos deoses, que o grande Olympo encerra:
 Soube que estavas, Jove soberano,
 Logrando os brandos ares desta ferra,
 Venho a pedir licença confiada,
 Que permittas, que faça esta jornada.

XXIII.

Como a darey, replica o graõ Tonante,
 (E isto dizendo, a casta Juno abraça)
 Se arder me sinto, como tento amante
 No fogo, que me acende a tua graça?
 Nunca a setta de amor taõ penetrante
 Senti, qual esta o peito me traspça,
 Nem quando o mar fulquey mudado em touro;
 Ou me fiz chuva, e brando orvalho de ouro.

XXIV.

Nem de Agenor a filha soberana,
 Que Minos me creou, e Radamanto,
 Nem Alcmena, nem Sebeles Thcbana,
 Nem Leda, ou Ceres me abrazaraõ tanto:
 Nem Antyopa bella, e mais que humana,
 Nem Calisto, de sua idade espanto,
 Nem de ti finalmente, que já outra hora
 Gozey, me vi taõ prezo, como agora.

XXV.

Nos ares huma nuvem se dilata,
 Que a vista ao claro Sol está impedindo,
 Crescendo engrossa em circulos de prata,
 Cheiro pelo ar suave despedindo:
 Logo em puros chuveiros se desfata,
 Que em gotas suavissimas cahindo,
 Deixa as hervas, e plantas levantadas,
 De molle ambar, e ambrosia rociadas,

E por

XXVI.

E porque a bella Juno agora via
 Lugar, e hora a tudo accommodada,
 Para alcançar de Jove o que queria
 Lhe falla mais mimosa, e confiada:
 Por esta nossa alegre companhia
 Se de mim cousa alguma hoje te agrada,
 Huma quero pedirte, e tudo espero,
 Se igualas o que podes c'o que quero.

XXVII.

Vejo Ulysses, senhor, andar vagando
 Por mares nunca de outrem navegados,
 Do Egeo nas ondas, e Oceano errando,
 Vencendo o vento, e mares empolados:
 Agora pelo doce Tejo entrando,
 Tem com a Cidade os muros levantados,
 Padecendo trabalhos infinitos,
 Que em papel devem ser de bronze escritos.

XXVIII.

Gorgoris com prolixa, e dura guerra
 O tem cercado, e com mortal estrago,
 O valle humilde, e levantada ferra
 Se vem feitos de sangue hum negro lago:
 Negalhe o fado o mar, negalhe a terra,
 E eu, que os meus Gregos nestes olhos trago,
 Com as lagrimas, que em vaõ delles derramo,
 Mostro o pouco, que posso, o muito, que amo.

Ven:

XXIX.

Venceo os climas varios desta esfera;
 Os casos da fortuna, a natureza,
 Que de tanta importancia aos fados era
 Fundar a altiva gente Portugueza:
 E quando erguer a graõ Lisboa espera,
 Das Cidades de Europa alta Princeza,
 Por mar, que nunca de outrem foy cortado;
 D'hum clima n'outro vay, d'hum n'outro fado.

XXX.

Peçote agora, se contigo valho,
 Que se acabe taõ aspera peleja,
 Tantas mortes crueis, tanto trabalho,
 A males taõ sem fim seu fim se veja:
 He bem que dês a tudo honesto atalho,
 E por ti defendido Ulysses seja:
 Movate, grande Anxuro, ao que te peço,
 Que o merece a razaõ, se o naõ mereço.

XXXI.

Isto dizendo, com suave affronta
 Com a maõ cobria a vista magoada,
 Nadando em agua, que a fahir aponta
 Para seu rogo achar facil entrada:
 Quem naõ fará de taes extremos conta?
 Lhe diz, tendo-a nos braços apertada,
 Que huma lagrima tua a alma me rende,
 Que saõ faiscas, com que amor me açende.

Para

XXXII.

Para que possa verte hoje contente,
 Cesse a contenda taõ ferida, e brava,
 Vejamos o que o fado nos consente,
 E o que por elle decretado estava:
 Logo toma na maõ omnipotente
 Huma aurea balança, onde pezava
 De ambos a vida, e fado assim reparte
 Igual o pezo n'humã, e n'outra parte.

XXXIII.

Na maõ se vê a balança levantada,
 Onde os fados, e as mortes suspendia,
 De Gorgoris a forte mais pezada
 (Subindo a outra ao alto) ao chaõ descia:
 Vendo alli sua morte declarada,
 Toa hum trovaõ no Ceo, donde sahia
 Sobre o estendido campo hum grande rayo,
 Que aos Lusitanos deo mortal desmayo.

XXXIV.

Os cavallos dos rayos offendidos,
 Amedrontados para traz correrãõ,
 Arga, e Geres da grave luz feridos,
 Já com as armas os olhos suspenderaõ:
 De pavor atalhados, e impedidos
 Os soldados com a vista naõ poderaõ
 Soffrer a luz medonha, que mostrava
 O Ceo, que sobre os campos fuzilava.

XXXV.

Tremem todos do caso inopinado,
 Eriçase o cabello ao mais valente,
 O coração tremendo bate o lado,
 E os extremos occupa o frio urgente:
 Foge do rosto a cor, e o congelado
 Sangue se faz de neve, sendo ardente,
 Todos perdem valor, todos o brio,
 A que segue hum suor mortal, e frio.

XXXVI.

Juno alegre os joelhos poem por terra,
 Do marido o favor alto agradece,
 Hoje, diz elle, a prolongada guerra
 Em tuas bellas mãos, deosa, fenece:
 Cresça a nova Lisboa, em quem se encerra
 A esperança do Ceo, que nella cresce:
 Deixaõ do monte o cume levantado,
 Que o nome antigo em pouco tem mudado.

XXXVII.

No graõ carro de Jupiter subiaõ,
 Que do senhor o grave pezo sente,
 Do Olympo se abre a porta, onde se viaõ
 As horas assistir perpetuamente:
 Na grande sala entrando, onde luziaõ,
 Varios assentos, Jupiter potente
 No mais alto lugar do Ceo subia,
 Que com seu grande pezo estremecia.

Estan-

XXXVIII.

Estando os Lusitanos temerosos,
 Na apertada Cidade recolhidos,
 Alli os Gregos instavaõ victoriosos
 Com rebates, com gritos, e alaridos:
 Ulysses chega ao muro, e dos nervosos
 Braços os fortes dardos despedidos,
 Por cima voaõ dos guardados muros,
 Aonde elles se tem por mal seguros.

XXXIX.

A Gorgoris Ulysses desafia,
 Que a singular batalha a campo faya,
 Ou corpo a corpo, ou traga companhia,
 Qual na eleição, ou qual, na sorte caya:
 Elle aceitava, e já se apercebia,
 Por lança empunha o tronco de huma faya,
 Lanoso de armas fortes se guarnece,
 Com elle ao risco, e morte se offerece.

XLXX.

Pallas, que assiste a Ulysses soberano,
 Para que armas fortissimas levasse,
 Ao centro desce, e alcança de Vulcano,
 Que o elmo, peito, e escudo lhe forjasse:
 Onde do novo Imperio Lusitano
 O nascimento illustre declarasse,
 Dando com muda, e eloquente historia
 Breves sinaes da Portugueza gloria.

XLI.

Obedecendo a seu divino rogo,
 Vulcano a obra ordena, e na abrazada
 Officina desperta as chammas logo,
 E os valentes Cyclopes chama, e brada:
 A massa, com a tenaz volve no fogo,
 A mão já do martello calejada,
 Ferruginea he a cor, rosto tostado,
 De sulcos profundissimos lavrado.

XLII.

Já Brontes, e Pyragmon revolviaõ
 Huma grande bigorna, que diante
 Assentaõ, e sobre ella se estendiaõ
 As veas de ouro fino, e de diamante:
 As cavernas altissimas mugiaõ,
 Ao som de hum golpe, e d'outro penetrante;
 Elle os metaes no fogo intenso acende,
 Que na bigorna em laminas estende.

XLIII.

Com graõ furor os braços levantados
 Na incude sonora hiaõ batendo,
 Que em horrenda harmonia concertados
 Vaõ huns golpes a outros succedendo:
 Das faiscas os ares abrazados
 Em roda estavaõ, ao metal ardendo
 No caos do fogo, onde se inflammava,
 Éspritos infundia, e fórmas dava.

XLIV.

Pallas a vista estava apascentando
 Nas obras do alto tecto penduradas,
 Nos peitos, que Vulcano hia lavrando,
 Armas a heroes divinos fabricadas:
 Humas pullindo vay, outras forjando,
 N'outra parte com azas inflammadas
 Os rayos via, com que o soberano
 Jove abrazara os filhos de Tytano.

XLV.

Via da bella Cynthia o dardo agudo,
 Do bravo Alcides o basteão pezado,
 De Perseo o elmo, e rutilante escudo,
 De venenosas serpes coroado:
 A fouce de Saturno aspero, e rudo,
 Da verde Ceres o fecundo arado,
 De Neptuno, e Plutaão via pendente
 Junto ao Tridente azul ferreo bidente.

XLVI.

De ouro, e de bronze as trompas eminentes,
 Com que em remotos mares, e Cidades
 A fama sobre as azas diligentes
 Ora incertezas leva, ora verdades:
 Os grilhoens, e fortissimas correntes,
 Onde Eolo prende as feras tempestades,
 E n'outra parte pendurada estava
 Do amor, e morte a ardente, e fria aljava.

XLVII.

Forja Vulcano as armas, e com ellas
 O fortissimo escudo, onde se viaõ
 De ouro varias figuras, que de vellas
 Cegava a clara luz, que despediaõ:
 O elmo, a gola, os braçaes, as escarcellas
 Entre si nos labores respondiaõ,
 E o que nellas de Lemno o fabro imprime,
 Com alma viva o metal mudo exprime.

XLVIII.

No mais alto do escudo torreada
 Lisboa estava, aos seculos futuros
 Dando leys, sobre as margens assentada
 Do Tejo, que a rodeya em crystaes puros:
 Onde na vea clara, e socegada
 Fôrma immortal traslado de seus muros,
 E em cujos campos pasce o verde feno
 O cavallo do perfido Agareno.

XLIX.

Logo estava em figuras relevadas
 O grande Affonso, em quem o Ceo encerra
 O valor grande, as forças estremadas,
 Com que prolegue a sanguinosa guerra:
 Que com fortes esquadras ordenadas
 Vem conquistar a Lusitana terra,
 Dando por preço o sangue, que derrama
 Para estender a vida pela fama.

L.

Vestido o arnez dourado, e rutilante,
 Só o formoso rosto desfarmado,
 Aprazivel, e grave no semblante
 As suas hostes animava armado:
 Ao muro punha escadas, e diante
 De todos com esforço não domado
 Subia a ver o Mouro, que o recebe
 C'o alfange nú, que tanto sangue bebe.

LI.

Noutra parte c'o ariete tentavaõ
 As fortes portas, noutra victoriosos
 Pelas torres bandeiras arvoravaõ
 Por trofeos de victoria gloriosos:
 N'outra do muro abaixo despenhavaõ
 Os que tentaõ subir mais animosos,
 E as figuras, que o escudo guarneciaõ,
 Parece que fallavaõ, e que sentiaõ.

LII.

Via-se o grande Affonso, que cingia
 De louro a testa, e entre seus soldados
 Da batalha os despojos repartia,
 Com seu sangue adquiridos, e comprados:
 Justas leys dava aos povos, que regia,
 Com temor não, mas com amor domados,
 Que são as leys o mayor bem da terra,
 Armando a branda paz, ornando a guerra.

LIII.

Viafe n'outra parte debuxada
 Com singular affecto da escultura.
 Afrontando a Lisboa a grande armada,
 Prenhe de armas, de fogo, e guerra dura:
 Aonde os muros seus com maõ armada
 A Castelhana gente entrar procura,
 E Dom Nuno Alvares só forte, e constante
 Resiste a tudo, a tudo está diante.

LIV.

Entre muitos vibrava a generosa
 Espada, onde cortava muitas vidas,
 Purpureando a praya sanguinosa
 De graõ copia do sangue das feridas:
 Turbado está, porém na perigosa
 Peleja, e das espadas homicidas
 Descem os graves golpes, que as pezadas
 Armas tem por mil partes aboladas.

LV.

N'outra parre a escultura representa
 Huma grande batalha, onde se via
 Que a gente Portugueza se apresenta
 Contra a que em grande numero excedia:
 Com desigual partido se sustenta,
 Té que trocando em medo a ousadia
 O Castelhana foge profligado
 Do inimigo a vencello acostumado.

LVI.

Alli o Mestre de Aviz está abraçando
 Ao soldado, que a facha lhe tomava,
 E a affronta recebida compensando,
 A mesma affronta com seu sangue lava:
 E por vingarle o campo atravessando,
 Té render o inimigo não parava,
 Entregando por mais honrosa preza
 A bandeira Hespanhola á Portugueza.

LVII.

Pallas ao Grego as armas offerece,
 Que de Lemnos o insigne fabro obrara;
 Elle vendo-as se admira, e lhe parece
 Alta fadiga, e de labores rara:
 Vestese, e armado nellas resplandece,
 Cercado de huma luz ardente, e clara,
 Fazendo assim temerse, que não parte
 Da quinta esfera mais armado Marte.

LVIII.

Ulysses, e Creonte ao campo vinhaõ
 Vestidos ambos de armas excellentes,
 Tremolaõ as bandeiras, com que tinhaõ
 Cuberto o campo os Capitaens valentes:
 Fazem os juramentos, que convinhaõ,
 Descobre o frio os animos ardentes,
 Gorgoris n'hum altar, que a Jove erguia,
 Tres vezes beija a terra, e lhe dizia.

Eter-

LIX.

Eterno Amon, que sendo acometido
 Da humana infania o crystallino muro
 Vibraste os rayos, com que foy ferido
 Briareo em seus braços mal seguro:
 Deste fero inimigo perseguido
 Defenderme offendido só procuro,
 De ti aprendo a defender na guerra,
 Qual tu o proprio Ceo, a propria terra:

LX.

Ulysses neste tempo está prostrado
 A Jupiter dizendo: O' soberano
 Senhor, por quem nos mares arrojado
 Venci soberbas ondas do Oceano:
 Por ti tenho Lisboa levantado,
 A obra he tua só, que braço humano
 Não póde tanto, espero que se veja
 Que tudo acaba quem por ti peleja.

LXI.

Apercebidos ao combate duro,
 A dividida praça ambos tomavaõ,
 Do campo armado, e do soberbo muro
 Com grande suspenção todos olhavaõ:
 Calypso, e a cara mãy, que o mal seguro
 Duello afflige, tristes lamentavaõ:
 Já promessas a Jupiter faziaõ,
 Com que a vida, que amavaõ, lhe pediaõ.

LXII.

Com a máy triste Calypso triste estava;
 Que o que sente guardava só consigo,
 O perigo do pay a acobardava,
 E igualmente temia o do inimigo:
 A razão de huma parte a obrigava,
 O amor a obriga, e mete em mór perigo,
 E entre as forças do amor, e do receyo
 Menos sente seu mal, que o mal alheyo

LXIII.

Que dura condiçãõ a em que me vejo,
 Calypso diz cansada, e affligida,
 Pois amo a femrazaõ de meu desejo,
 Porque em perder a vida tenho a vida:
 Que vença o grande Gorgoris desejo,
 E das armas do Grego estou rendida,
 Aonde a vida posso ter segura,
 Se eu contra mim dou armas á ventura?

LXIV.

Se vence Ulysses, vejo desta sorte
 Sem a vida o pay, sem Rey a propria terra;
 Se elle venceffe, vejo minha morte,
 Acho esta guerra paz, esta paz guerra:
 Hum fraco coraçãõ em mal taõ forte
 Que poderá seguir, pois em tudo erra,
 Em que incerta balança a vida tenho,
 Pois onde a viver vou, a morrer venho.

LVXI

Se a Gorgoris victoria a sorte d'esse,
 Este erro, ou este amor, que está encuberto,
 Se por alguma via se rompesse,
 Que me custasse a vida era muy certo:
 Remedio amor, que a alma desfalese,
 Que não sey onde erro, ou onde acerto,
 Guiay, fados, o caso, e vós prestantes
 Deidades, que ajudais tristes amantes.

LXVI

Vem neste tempo a praça atravessando
 O grande Ulysses, no hombro vay movendo
 A lança, que brandia scintillando,
 Da planta o chaõ batido está tremendo,
 Com graõ rumor das armas excitando,
 Nos que de fóra o vem, pavor horrendo,
 O escudo Leostenes lhe trazia,
 E em continente airoso elle o seguia,

LXVII

Gorgoris d'outra parte alto, e membrudo,
 Que na estatuta ignala a hum graõ gigante,
 De laminas cuberto, a quem o escudo
 O soberbo Alcion leva diante:
 Por lança hum grande tronco, que o agudo
 Ferro largo guarnece rutilante,
 No elmo ardente fobe a pluma toda,
 Que açouta o ar com a peregrina roda.

LXVIII.

Lanoso com Creonte em igual paço
 As lanças empunhavaõ como antenas,
 Em cujas forças, e robusto braço
 Ficaõ taõ leves, como leves penas:
 Lançaõ rayos de fogo os peitos de aço,
 Entre as plumagens grandes, e pequenas
 Scintilla o elmo a espaços bem lavrado,
 Cahelhe do hombro o curvo alfange ao lado.

LXIX.

As bandeiras no ar suave, e puro
 Vaõ ondeando, as roucas tubas soaõ,
 As almas suspendia hum bravo, e duro
 Horror das armas, com que o campo atroaõ:
 Já com braço com animo seguro
 Lanças arrojaõ, que apressadas voaõ,
 A receber o ferro, que caminha,
 Cada qual prompta a vista, e escudo tinha.

LXX.

Já Gorgoris c'o braço levantado
 A lança despedia, e naõ podendo
 Ir avante, do ferro atravessado
 Se vê o escudo, e d'elle está pendendo:
 Quando a lança de Ulysses o delgado
 Ar com azas ligeiras fahe rompendo,
 O escudo morde, e resvalando toca
 A plumagem, que a serpente tem na boca.

Deraõ

LXXI.

Deraõ no campo os Gregos grande grita,
 E com applauso o golpe alto seguiraõ,
 As espadas nas mãos com infinita
 Colera hum contra o outro a hum tempo giraõ:
 Lanoso, e o graõ Creonte, a quem incita
 Grande furor, as lanças já se atiraõ,
 Erraõ o golpe as hastes carregadas,
 E as mãos punhaõ nas férvidas espadas.

LXXII.

Aos feros combatentes a ferida
 Batalha tinha posto em grande aperto,
 Botadas as espadas, e a temida
 Fortuna de ambos n'hum estado incerto:
 A armadura fortissima partida
 Por mil partes, o forte escudo aberto,
 Mostraõ o armado corpo defarmado,
 E o chaõ de plumas, e armas semcado.

LXXIII.

Talhos, revezes tiraõ taõ pezados,
 Que acertando no corpo, ou alta fronte,
 Naõ bastaõ armas, e elmos temperados,
 Que fender cada qual podéra hum monte:
 Venise juntos agora, e já apartados,
 Sem que o esforço, ou a destreza monte
 Para naõ serem as armas esparzidas
 Do sangue alheyo, e proprio das feridas.

Naõ

LXXIV.

Naõ faz taõ grande estrondo o carregado
 Ariete com a testa alta batendo,
 Nem o soberbo vento quando irado
 Os matos, e arvoredos vay rompendo,
 Nem o mar em seu leito levantado
 Contra o penhasco o collo azul erguendo,
 Como a graõ tempestade, que cahia,
 Que os escudos fortissimos batia.

LXXV.

Gorgoris no alto a espada levantando,
 Mete Ulysses o corpo, o braço estende,
 Ao fero golpe o braço, e escudo dando,
 O do inimigo pelo pulso prende:
 Gorgoris por soltarle trabalhando
 Faz grande força, a tudo o Grego attende,
 N'hum a illarga, que está menos armada,
 Mete com todo o braço toda a espada.

LXXVI.

Deixando as armas Gorgoris afferra
 Nos braços a Ulysses duro, e forte,
 Começaõ ambos outra nova guerra,
 Onde procuraõ melhorar a forte:
 Quando Alcides o filho ergueo da terra
 Nos braços, onde teve honrada morte,
 Naõ fez tal força, porque nestas lides
 Ambos desejaõ parecer Alcides.

LXXVII.

Assim apertados nestes duros laços,
 O negro sangue, e o suor vertendo,
 C'os pés se fazem forças, e nos braços
 Hum do outro cahio com golpe horrendo:
 Qual do alto cahe fazendo se pedaços
 Antiga, e dura enzina, não podendo
 A' furia resistir, e movimento,
 Com que lutando está c'o bravo vento.

LXXVIII.

Gorgoris mal ferido está banhando
 Com espumoso sangue a terra fria,
 Alli as forças ultimas provando,
 Por melhorar-se o corpo revolviam:
 Astrea, que com a morte o vê lutando,
 Calypso, que esta dor melhor soffria,
 Sustentava nos braços desmayada,
 Que onde ha dor, póde escusarse espada.

LXXIX.

Prova de novo a erguer-se, e não podendo,
 Com a graõ força, que faz, abre a ferida,
 Sangue, e alento cada hora vay perdendo,
 Tendo chegado ao ultimo da vida:
 Ulyses, que o vê tal, não lho soffrendo
 A alma de feu mal enternecida,
 Lhe roga, que se renda, e se retira,
 Ao que elle respondia ardendo em ira.

O' ini-

LXXX.

O inimigo, agora só inimigo,
 Pois pedes, que me renda a tua fortuna,
 Usa da sorte, que ella usou contigo,
 Que achaste favoravel, e opportuna,
 Que eu não tetemo a ti, nem o perigo
 Da vida, que me aggrava, e me importuna:
 E entãõ com novo ardor se ergue da terra,
 E com ambas as mãos a espada afferra.

LXXXI.

Posto que fraco, e debil se animava,
 Sobre a cabeça a alta espada erguia,
 E dando o ultimo golpe se prostrava,
 E sobre as armas sem vigor cahia:
 As feridas abertas dilatava,
 Donde o sangue com mór furor corria,
 Qual na vella se vê, que o debil fogo
 Para viver esforça, e morre logo.

LXXXII.

Cahio, e junto delle a propria espada,
 Debil, exangue, os olhos occupando
 A eterna sombra, a vista carregada
 Em agua, e morte sem vigor nadando:
 Té que a alma ferida, e desatada
 Os membros, que animou, desamparando,
 Foge, apar delle o Grego taõ ferido
 Fica, que he vencedor quasi vencido.

Assim

LXXXIII.

Affim do alto cahe o rayo adusto
 No antigo roble, ou pinho, que provado
 Tem de Boreas, e de Euro o fopro injusto,
 E os cabellos mil vezes renovado,
 Cahe o tronco no chaõ grave, e robusto,
 E morto fuma exanime prostrado,
 Tal Gorgoris se vê, que da cahida
 Deitando a alma está pela ferida.

LXXXIV.

Creonte neste tempo, e o graõ Lanoso
 As pezadas espadas levantando,
 Hum estrondo excitavaõ temeroso,
 As fortes armas, e elmos abolando:
 Naõ póde acharse peito taõ nervoso,
 Nem forte escudo, que naõ seja brando
 Aos fortissimos golpes das espadas,
 Feitas nos fios terras de embotadas.

LXXXV.

Quando Creonte, que ferido andava
 No rosto, e da ferida lhe corria
 Grande copia de sangue, ajoelhava,
 E sem poder fosterse, o chaõ media:
 Vay sobre elle Lanoso, a quem gritava
 Uyffes: Temte, ó barbaro, dizia,
 Porém por mais que a defendello corre,
 Quando os braços lhe dá, nelles lhe morre.

Espe-

LXXXVI.

Espera, lhe diz, barbaro insolente,
 Que nesta espada levo o teu castigo,
 Não te matou Creonte, porque lente,
 Que a seu lado me tinha aqui comfigo:
 Tu, que me buscas taõ infanamente,
 Aqui tens, diz Lanoso, o mór perigo,
 Que nesta espada, perfido homicida,
 Me pagarás de Gorgoris a vida.

LXXXVII.

Começaõ os dous mestres da batalha
 Outra nova peleja inda mais dura,
 De ponta hum mete a espada, outra trabalha
 Por desfazer a debil armadura:
 Hum rompe o escudo, o outro abre a malha,
 Senhora está das vidas a ventura,
 A Ulysses causa affronta, e move a espanto
 Como Lanoso em pé lhe dura tanto.

LXXXVIII.

De honroso fogo, e de vergonha acezo
 Lançando atraz o escudo, nas maõs toma
 A forte espada, que c'o grave pezo
 O orgulhoso inimigo abate, e doma:
 Elle, que a morte trata com desprezo,
 Vendo, que hum golpe cahe, e q' outro assoma,
 Pelos fios corria, que despreza
 O inimigo, a vida, e a defeza.

Porém

LXXXIX.

Porém o Grego astuto, vendo a preça,
 Com que Lanoso a elle se arrojava,
 Retirandose vay, sem que pareça,
 Que provarse em seus braços receava:
 E neste mesmo tempo lhe atraveça
 Com mortal ponta a testa, que banhava
 De cerebros, e sangue, que fervente
 A boca occupa, e lingua balbuciente.

XC.

Sobre as armas cahio, sobre elle o escudo,
 Que com o golpe altissimo soaraõ,
 E ao robusto tronco, alto, e membrudo
 Os vencedores Gregos despojaraõ:
 Os Lusitanos com silencio mudo
 O corpo de seu Rey morto cercaraõ,
 Alli choraõ com elle, e desta forte
 Sentem sua curta vida, e triste morte.

XCI.

Triste, porque o amigo morto via,
 Estava o Grego, e em tanto se tocavaõ
 As trompas, cuja voz se repetia
 Nos montes, que á victoria applauso davaõ:
 Entra a nova Lisboa, onde crescia
 A esperança, que os fados levantavaõ,
 A quem Ulysses, por quem foy fundada,
 Primeiro de seu sangue vio regada.

XCII.

Prodigio certo, que inda o fado espera,
 Que nesta terra, e neste immortal ninho
 Nascerá gente bellicosa, e fera,
 Que rompa todo o mar com alado pinho:
 E passando os limites da alta esfera,
 Além donde tem Febo seu caminho,
 Verá seu grande imperio dilatado,
 C'o sangue de suas veas derramado.

XCIII.

Os Lusitanos a seu Rey em tanto
 Hum triste andor, chorando, apercebiaõ,
 Elles detraz com faudofo pranto
 Enchendo o ar de magoas o seguiaõ:
 Logo de hum negro, e enlutado manto
 No andor funesto a Gorgoris cubriaõ,
 Para a triste Cidade o vaõ levando,
 Com lagrimas o morto corpo honrando.

XCIV.

Levavaõlhe diante o estoque agudo,
 F. as proprias armas, com que andava armado,
 O elmo forte, e rutilante escudo,
 Ainda de fresco sangue rociado:
 Hum trofeo erguem, que era exemplo mudo
 De obras de suas maõs vivo traslado,
 A longa ordem dos lumes o comprido
 Caminho abraza, em partes dividido.

Astrea

XCV.

Astrea alli com a vista mal segura,
 Em faudoso pranto desfalece,
 Cresceo c'o pranto a dor, e em dor taõ dura
 Falta o sentido, e o sentimento crece:
 E quando vê eclipsada a formosura,
 Que com a eterna sombra se escurece,
 C'hum suspirar, que d'alma lhe sahia,
 Cega de amor, e lagrimas dizia.

XCVI.

Querido esposo, com razaõ querido,
 Primeiro amor desta alma, ultimo della,
 Pois n'alma por amor viveste unido,
 Morto agora terás sepulchro nella:
 A dor de contemplarte assim ferido
 Já me matou, entrando a padecella,
 Pois vivo em vivo fogo, e pranto vivo,
 Que a dor só vive em mim, que eu já naõ vivo.

XCVII.

Cobre o Ceo de teu rosto sombra escura,
 E he tal sua belleza, que inda agora
 O ar daquella antiga formosura,
 Que morou em teu rosto, nelle mora:
 Oh corpo triste, oh amavel sepultura,
 Cuja vista offendendo assim namora,
 Vivo autor desta vida, a quem a sorte
 Morto fez novo autor de minha morte!

XCVIII.

Voas á paz segura, e nesta guerra
 Me deixas, taõ amado, e doce amigo,
 Minhas faudades lá contigo encerra,
 E o meu primeiro amor guarda contigo:
 Contigo me ferá mais leve a terra,
 Suave a morte, e gloria o mór perigo,
 E se vivo a pezar da Parca dura,
 Viva entrarey na meisma sepultura.

CXIX.

Calypso em tanto a Ulysses victorioso
 Com seu filho nos braços se offrecia,
 Qual depois da tormenta o Sol formoso
 Traz nos braços da Aurora o novo dia:
 Nelles a espera Ulysses amoroso,
 E hum retrato da mãy no filho via,
 Menos graça que os dous alli tivera
 C'o bello filho a deosa de Cithera.

C.

Da Cidade a muralha levantada
 Vayse aperfeiçãoando, e vay crescendo,
 A que o Tejo com vea socegada
 Obedece, mais brando alli correndo:
 Sobre huma, e outra porta torreada
 Vaõ ameas ás nùvens excedendo,
 Quer Ulysses partiirse, e se recrea
 Em trabalhar nos muros de Ulyssæa.

Caly-

CI.

Calypso, que o suspeita tristemente,
 De visões, e de sonhos perseguida,
 Em lagrimas distilla a dor, que sente,
 Qual cahe da ferra a neve derretida:
 Huma criada sua tem presente,
 Que procurando vella divertida,
 Sendolhe em suas penas companheira,
 Lhe diz, pela abrandar, desta maneira.

CII.

Naõ permittirá o Ceo, alta Princeza,
 Que seja verdadeiro o teu cuidado,
 Que os sonhos são effeitos da tristeza,
 Nuvens, de que o ceo d'alma anda toldado:
 Naõ offendas, senhora, essa belleza,
 Affrontando teu rosto delicado,
 Que desla vista he a luz taõ poderosa,
 Que até a mesma tristeza faz formosa.

CIII.

Como do Sol os rayos transparentes,
 Quando entraõ no mar de luz escaços,
 Formaõ nas nuvens corpos differentes,
 Castellos, e gigantes de cem braços:
 Onde aquellas imagens apparentes
 O Sol c'os rayos atravessa a espaços,
 As forças muda, e com eterno lume
 Humas de si aparta, outras consume.

CIV.

Affim o cuidado triste, a que te entregas,
 Esses castellos vaõs ergue no vento,
 Credo as leves visoens, tristes, e cegas,
 Que saõ filhas do ar sem fundamento:
 Se saber a certeza agora chegas,
 Com socegado, e livre pensamento
 Verás, que tudo quanto te entristece
 Como huma sombra ao Sol desapparece.

CV.

Vendo Ulysses, que o muro se acabava,
 E o tempo de partir se vem chegando,
 As saudades c'os olhos lhe contava,
 De sua grave dor effeito brando:
 Qual Vesuvio seu peito se abrazava,
 Com suspiros os ares inflammando,
 Falla a Calypso, e mal fallar podia,
 Que as palavras com as lagrimas rompia.

CVI.

Quem poderá em taõ duro apartamento,
 Obedecendo ás forças do destino,
 Esconder dentro n'alma o sentimento,
 Que em furor se converte, e desatino:
 Se me partir, cá fica o pensamento,
 Que eu estimo, e adoro por divino,
 Dura partida he esta, onde a vida
 Para acabarme ha de acabar partida.

CVII.

A fortuna cruel, que me desterra,
 Em canfarme não faz nunca mudança,
 No mar os ventos me fizeraõ guerra,
 Sem nunca achar alivio, ou ter bonança:
 Os perigos do mar achey na terra,
 D'outra tormenta nova semelhança,
 Aberta a alma ao pezo dos pezares,
 Vento os suspiros, os meus olhos mares.

CVIII.

Levarey na minha alma a tua idea,
 Cuja vista suave a dor me abranda,
 Que me faz parecer a morte fea,
 Sendo feya, e cruel, alegre, e branda:
 Nestes affectos a saudosa vea
 Brandos sinaes de amor aos olhos manda
 Nas lagrimas do fogo, que derramo,
 Onde sempre arderey, como sempre amo.

CIX.

De ouvillo está Calypso amortecida,
 Maltratando seu rosto, e sua belleza,
 Chorando diz: Porque me deixa vida
 Quem leva o gosto della, e me despreza?
 Bem suspeitada foy, mal merecida
 Esta pezada dor, que tanto peza,
 O' morte, onde estás, tu me foccorre,
 Que quem ama, só acerta quando morre.

CX.

Arrancava huma mão, outra feria,
 Os cabellos, e rosto, e a brandura
 Do alvo peito aos golpes offrecia
 A maltratada, e rara formosura:
 Quer fallar, mas a pena lho impedia,
 Pegandose nas fauces a voz pura,
 Queixavase, e do justo sentimento
 Amor o pranto leva, a queixa o vento.

CXI.

Chorando diz: O' ingrato, que nas trevas
 Desta ausencia me deixas sepultada,
 Deixame a melhor parte, que me levas,
 Ou leva esta, que deixas apartada:
 Não te obrigo c' o amor, porque mo devas,
 Que de quem me deixou, não fui amada,
 Por mulher só, que te amo, e assim deixas,
 Podem ser admittidas minhas queixas.

CXII.

Fogesme quando tanto amor te tive,
 E destes filhos, que te iraõ seguindo,
 Elles morraõ por ti, tu Ulysses vive,
 Olha de que inimigos vás fugindo:
 Quaõ enganada n' outro tempo estive,
 Que me amavas (ah triste) presumindo,
 Tua partida agora me declara
 O engano, em que vivi, que não passara.

Aqui

CXIII.

Aqui parou chorando amargamente,
 E mostrando na vista mil affeitos
 Dizia: Que me deixas finalmente!
 Nisto saõ fortes os valentes peitos:
 Deixame, porque chore estando ausente,
 Noites viuyas, dias imperfeitos,
 Vieste, amigo Ulysses, a esta terra
 Fazerme troya de amorosa guerra.

CXIV.

A's torres de minha alma assaltos deraõ
 Desejos invenciveis, a que o fado
 Dobrou a força, com que me venceraõ,
 E o Ilion desta alma vi abrazado:
 Novos incendios em meu peito arderaõ,
 Quando da liberdade vi prostrado
 O nobre muro, e apoz a ardente chãma
 Vi a faco metida a propria fama.

CXV.

Com que honra has de deixarme rodeada
 Destes filhos, que tu quizeste tanto,
 Triste mãy, que com elles abraçada
 Enxugará o seu pranto c'o seu pranto:
 Deixandome entre os meus taõ desprezada,
 Que na esperança do hymineo santo
 Meus erros desculpava a rude gente,
 Quem me desculpará vendote ausente?

Per-

CXVI.

Permitte, ingrato amigo, que te siga,
 Irtehey fervindo em toda a adversidade,
 Se como amiga não, como inimiga
 Triunfarás de minha liberdade:
 Quando vistas o peito, e a loriga
 Para a batalha com mayor vontade,
 Verás que de diante me não mudo,
 Levandote o escudo, e sendo escudo.

CXVII.

Tomalhe-entaõ a maõ para beijalla,
 Sem mais dizer, que sua doce magoa
 Lhe interrompe as palavras quando falla,
 Enchendo a alma de fogo, e os olhos d'agoa:
 Diz muito mais Ulysses no que calla,
 Mais acendem suas lagrimas a fragoa
 De amor, Calypso chora, e tem nos braços
 Os filhos seus, que d'alma são pedaços.

CXVIII.

Entaõ lhe torna: O' minha doce amiga,
 Que a dor fazes mortal desta partida,
 Não me esquece a afeição suave antiga
 Para folgar de verte assim offendida:
 Que tu não podes ser minha inimiga,
 Nem serva, merecendo ser servida
 Desta alma, onde vives, e onde agora
 Como em templo de amor a fé te adora.

Tuas

CIX.

Tuas lembranças dentro n'alma levo,
 Se alma leva comigo quem se parte!
 Irme Jupiter manda, e não me atrevo
 Determe, que o meu gosto era agradarte:
 Não me póde esquecer o que te devo,
 No mar, na terra, e no furor de Marte
 Tua memoria doce, e namorada
 Em minha alma faudosa irá cravada.

CXX.

Descendo á praya, o lenho fugitivo
 Calypso vendo, alli suspira, e chora,
 Segue a morta esperança hum pranto vivo,
 Que a mesma causa de seu mal adora:
 Mas os suspiros leva o vento esquivo,
 As lagrimas, que sahem dos olhos fóra,
 O mar surdo bebia, em cujo estremo
 Se apresta a ingrata vella, e ingrato remo.

CXXI.

Eclipsada da vista a formosura,
 Seu proprio rosto fere impaciente,
 Esparse o ouro da madeixa pura,
 E o peito bate com furor vehemente,
 A voz solta gritando, que procura,
 Que mova a quem amava, a dor, que sente,
 F. o mar, quando nas prayas se quebrava,
 Parece, que do caso murmurava.

Vai-

CXXII.

Vayte, dizia, Grego , e com mais pēnas
 Euro veloz o ar , e o mar abrindo ,
 Dê favoravel curso a essas antenas,
 E prospero te vá sempre seguindo:
 Eu entre a dor , e males , que me ordenas,
 Teu nome , e minhas magoas repetindo ,
 Queixandome estarey ao Ceo, e estrellas,
 Contando os males meus , que são mais q̃ ellas.

CXXIII.

Deixame , ingrato Grego , a crua espada
 Do meu paternal sangue já tingida ,
 Para que morra ao menos consolada ,
 Se em seus fios cortar o desta vida :
 Devias de entender , que era escusada,
 Pois bastava esta dor para homicida,
 Procuraste matarme desta sorte ,
 Fazendo eterna , e immortal a morte.

CXXIV.

O' mar , ó Ceo , que as glorias fugitivas
 Vistes do meu primeiro pensamento ,
 A vós com a voz de lagrimas esquivas
 Se queixa dando vozes meu tormento:
 Vós, penedos , que testimunhas vivas
 Sois das horas de meu contentamento ,
 Montes , onde espalhey saudades tristes ,
 Bosques , que meus segredos encubristes.

A vós

CXXV.

A vós em vão me queixo, e o mar irado,
 E irado vento em vão mover procuro,
 Mar furdo, e furdo vento, que alterado
 Açouta este rochedo aspero, e duro:
 Aqui do debil laço desatado
 Meu espirito este mar, e este ar mais puro
 Ha de turbar, ó ingrato, lhe dizia,
 E o echo, ó ingrato, ó ingrato, repetia.

CXXVI.

Huma montanha, e ferra inhabitada
 Se erguia ao ar, em cuja corpulenta
 Espalda a cerviz dura de encurvada
 Mostra, que o crystallino Ceo sustenta:
 De pungentes espinhos coroadada
 A fereza das pedras se accrescenta,
 Que pendentes do alto estaõ mostrando,
 Que sobre o mar se vão precipitando.

CXXVII.

Abaixo ferve o mar, em cuja boca
 Se ouvem disformes brados, e gemidos,
 Com que batendo a levantada roca,
 Vay gastando os penedos corcomidos:
 Grutas escuras abre, onde troca
 Em noite o dia, e nellas escondidos
 Marinheiros monstros, e nocturnas aves
 Sahem meneando o ar com azas graves.

Por

CXXVIII.

Por se arrojjar Calypso está subida
 Onde a terra mais livre ao ar se estende,
 Cobardemente oufada, e atrevida
 Duvêda, e já a si mesma se reprende:
 Que temo, diz, pois he castigo a vida
 A hum triste, e já no ar c'os filhos pende,
 O Tejo a recebellos vay sahindo,
 Os puros braços de crystal abrindo.

CXXIX.

Hum dos filhos, que leva, lhe tomaraõ,
 Com dous cahio do precipicio horrendo,
 Que no fundo do pego, onde pararaõ,
 Se vaõ em duras pedras convertendo:
 Já de penedos firmes levantarãõ
 A negra frente, onde o mar batendo
 Sobre o rolo das ondas, que quebranta,
 Espumoso nos ares se levanta.

CXXX.

Com largos braços seus de branca area
 Calypso abraça os filhos transformados,
 Que nas ondas do Tejo, que os rodea,
 Mostraõ seus duros corpos levantados:
 E misturando o sal com a doce vea
 Do rio, os bravos mares empolados
 Alteraõ com mór força, e mayor furia,
 Como em lembrança da passada injuria.

Tem

CXXXI.

Tem nas portas do Tejo levantada
 A testa altiva, e fera, ameaçando
 As naos, que buscaõ porto, e doce entrada,
 De branca escuma as ondas coroando:
 Alli o mar com roucas ondas brada,
 Nos penedos altissimos quebrando,
 Que ruinas maritimas preparaõ,
 E o nome de cachopos conservaõ.

CXXXII.

Já tem da Real purpura vestido
 Ulysses a seu filho, a que o dourado
 Cabello da coroa vê opprimido,
 E a lactea maõ do scetro carregado:
 Quando desce do Olympo esclarecido
 A reprehello o mensageiro alado,
 Que na velocidade parecia
 Lucida estrella, que do Ceo cahia.

CXXXII.

Dizlhe como partia, se deixava
 Por acabar a obra illustre, e rara
 Do graõ templo, que a Pallas fabricava;
 Que os muros de Lisboa sempre honrara:
 Que a vingativa deosa se enojava,
 E que em quanto a partirse se prepara,
 Acabe o templo, disse, e n'hum momento
 Nas leves azas se escondeo do vento

CXXXIV.

A' luz, que pelos ares resplandece,
 Os joelhos por terra o Grego inclina,
 O templo illustre por momentos crece,
 Que acabado com as nuvens se termina:
 Já nelle sacrificios offerece,
 Por melhor applacar Pallas divina,
 Alli pendura as armas, cuja liga
 Foy de Vulcano altissima fadiga.

CXXXV.

Do templo sahe, e solta ao vento o pano
 Da negra antena, deixa a alta Lisboa,
 Onde nasce do Imperio Lusitano
 De tantos Reynos a immortal coroa:
 Cortando os largos campos do Oceano
 No leve pinho, pelas ondas voa,
 Deixando edificada a graõ Cidade
 Emula ao tempo, e á mesma eternidade.

CXXXVI.

Aqui, Senhor, a quem o Cancro ardente
 Té a Urfa Boreal, e o congelado
 Polo obedece, e o lucido Oriente
 Forma hum docel de pérolas ornado:
 A quem terras, e mares do Occidente
 Fazem de seus crystaes soberbo estrado,
 E inda parece a quem vos considera,
 Que he esta a taõ graõ sol pequena esfera.

Aqui

CXXXVII.

Aqui, filho de Jupiter de Hespanha,
 Tendes hum mundo n'huma só Cidade,
 A quem de prata, e de ouro o Tejo banha
 Em sinal de sua eterna magestade:
 Para tamanho Rey coufa tamanha
 Em seus feyos guardou a eternidade,
 Que para se igualar vossa grandeza
 Novos mundos vos busca a natureza.

CXXXVIII.

Prole das móres aves, as gravadas
 Armas vesti, e o vosso esclarecido
 Leaõ levem bandeiras despregadas,
 Onde espante toda a Asia o seu bramido:
 Occupem o todo o mar bosques de armadas,
 Té rebentar Neptuno de opprimido,
 Preparem para imagens de Filippo
 Lenços Apelles, marmores Lysippo

CXXXIX.

O fim de vosso Imperio he o Oceano,
 E o Ceo nos termos, que prescreve ao dia,
 Da segunda coluna do Thebano,
 Atlante, pondo a vista em vós, se enfia:
 Treme o Inglez, o Belga, o Ottomano,
 E partindo com vosco a Monarquia,
 Lhe ficará no Olympo, onde se encerra,
 A Jupiter o Ceo, a vós a terra.

LAUS DEO.

CXXVII

Apoi, filho de Japhet de Hespanha pp. 201.
 Tendes hum mundo n'humas de Ghabde
 A quem de p'ra de de ouro o Teo d'hum
 Em final de sua eterna magallha
 Para tamanho Rey, eolla tamanha
 Em seus lecos guardou a eternidade
 Que para se iguallar vossa grandez
 Novos mundos vos buca a natureza.

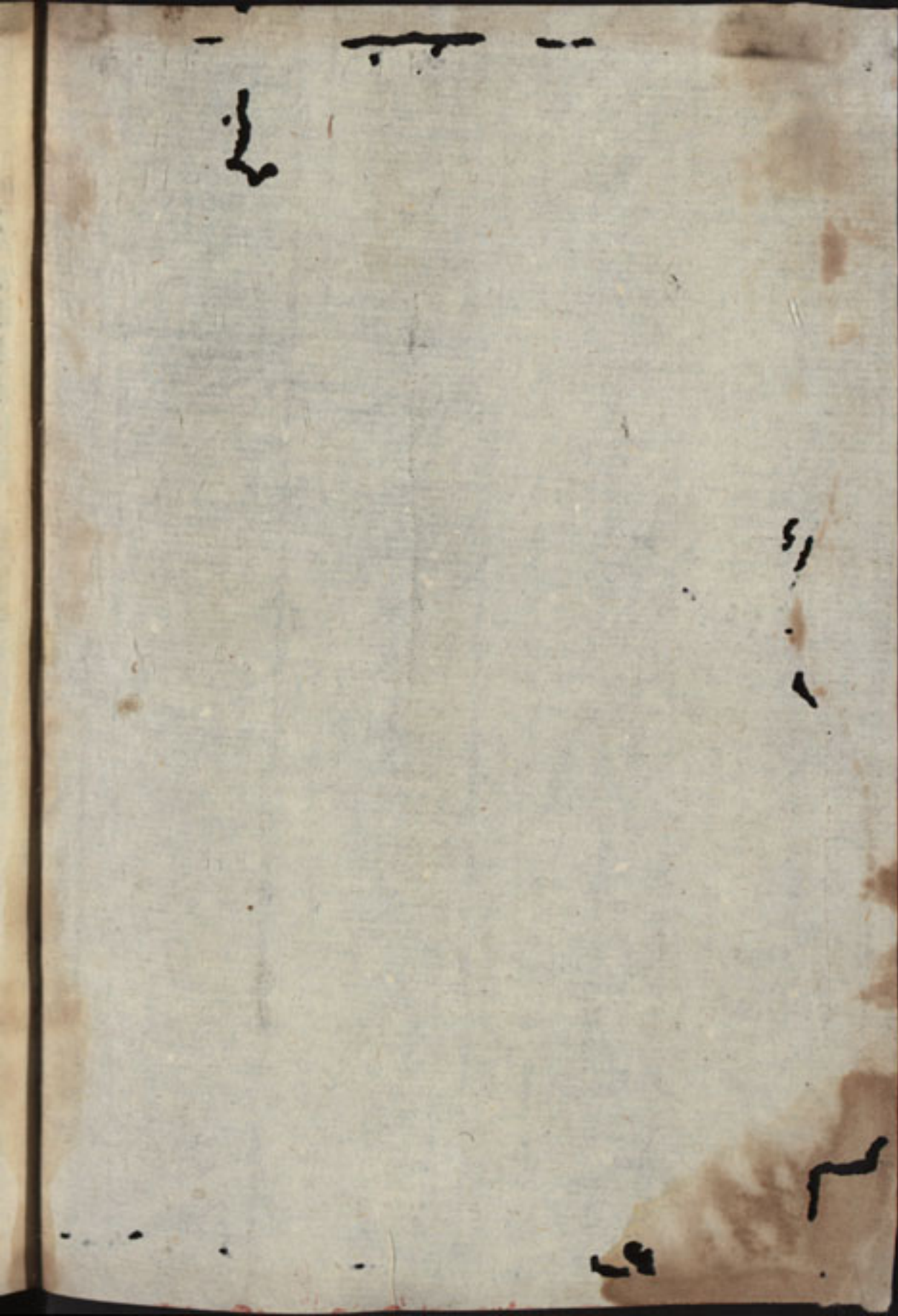
CXXVIII

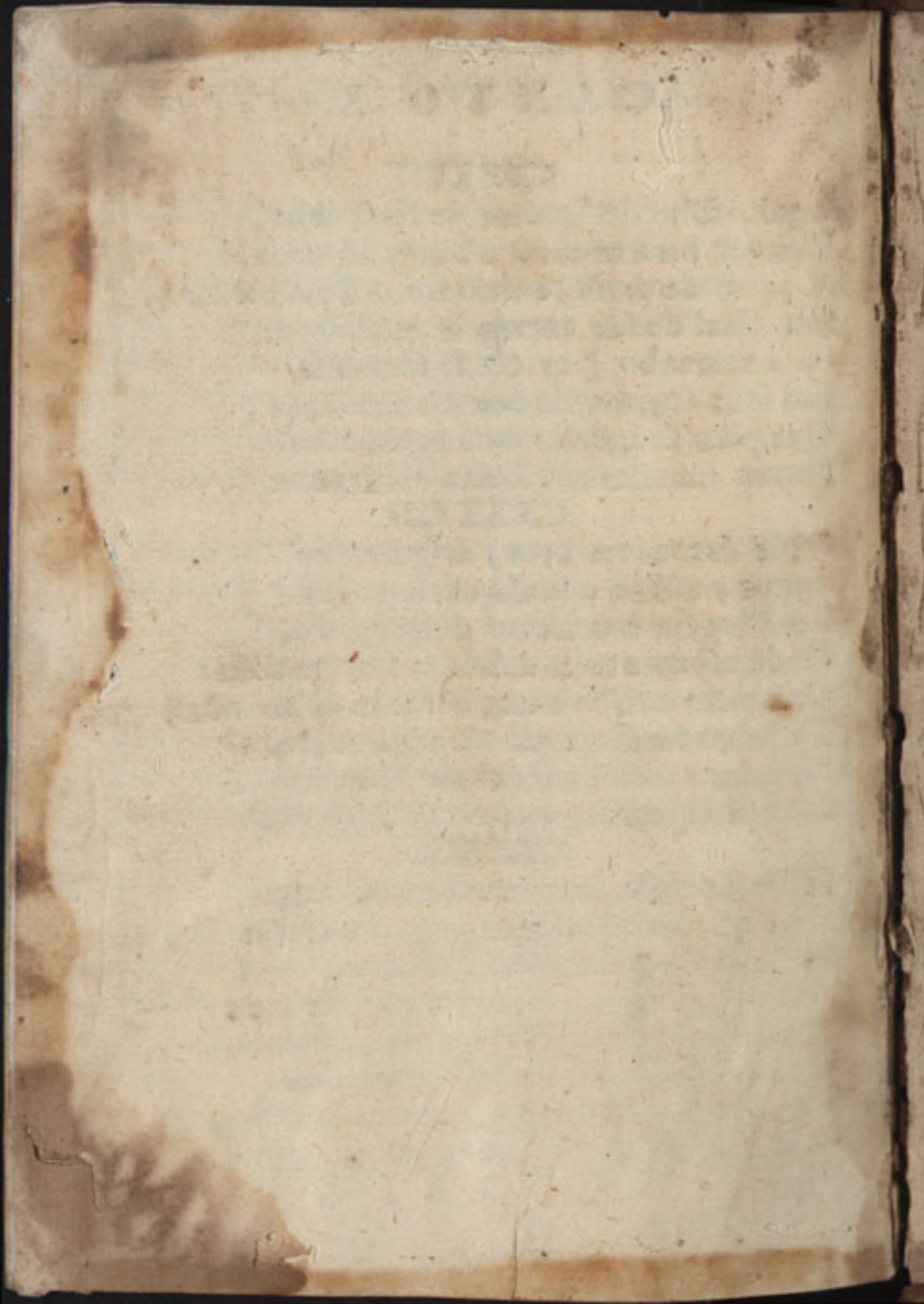
Prole das mores aves, as gravadas
 Amas vestis e o vello estacione
 Leas levem bandeiras de pregadas
 Onde espante toda a Asta o seu
 Ocupem o todo o mar de ondas
 Te rebenar Neptune de op'rimido
 Preparim para magens de Hippo
 Lencos Apelles e marmores I. Hippo.

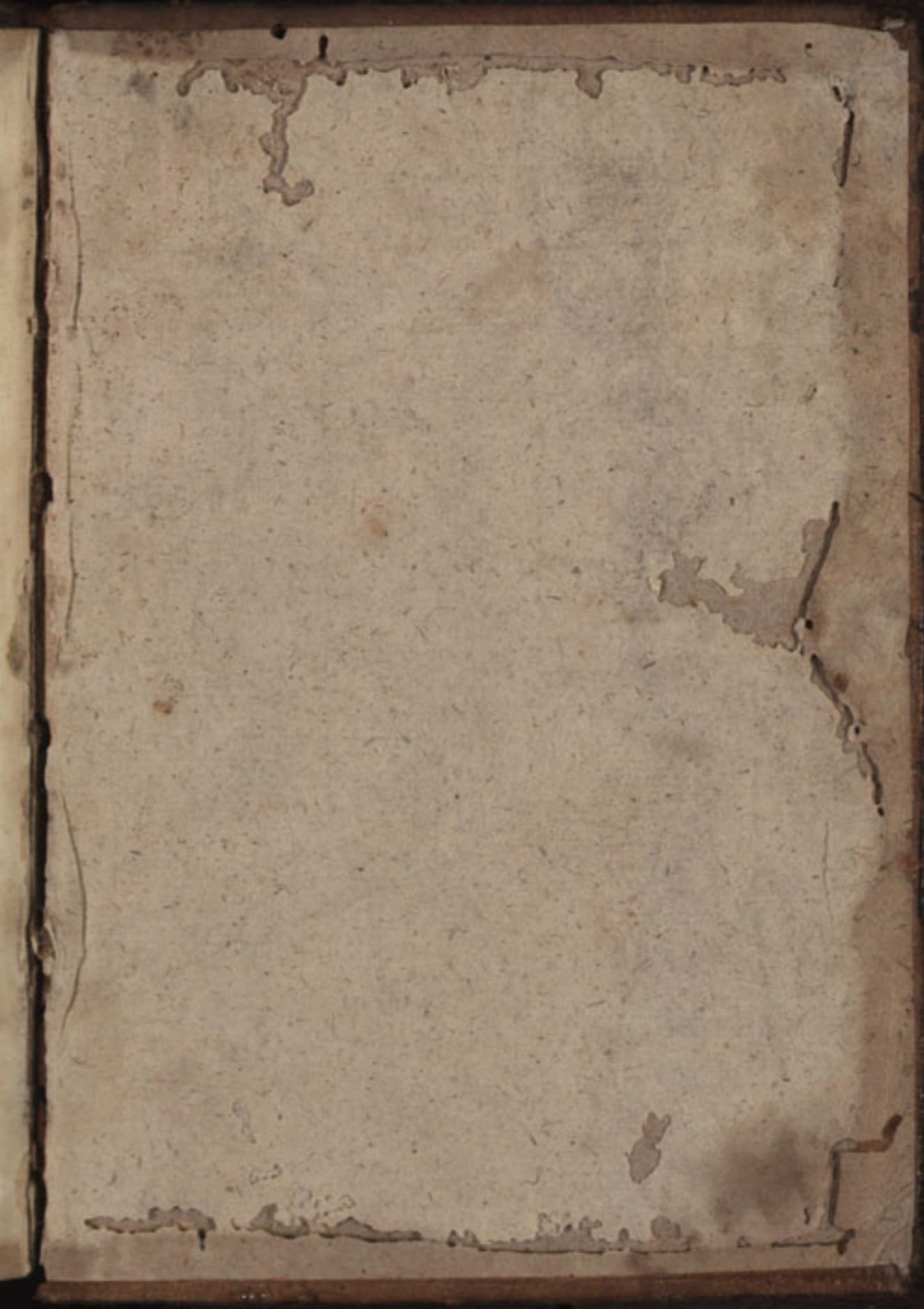
CXXIX

O mundo vello impio the o cenno
 E o Coo nos termos que preceve no dia
 De segunda parte de Thabano
 Alamo, p'ra a villa em vos se esta
 Tem o logar o heiz o Q'zanno
 Partes de comelco a m'nduina
 E o mundo vello, onde se crea
 A parte de v'ra v'ra de

L A U S D E O.









LESLIE B.
DIEIC

Sal
Es
No

DF
E
8
2